

44.2  
IGRH/APP  
IEL/c.c.

Pertence ao Processode Vida Funcional nº 21-P-13217/  
2001. de Anna Christina Bentes da Silva do Departa-  
mento de Linguística do Instituto de Estudos da Lin-  
guagem.

COMPROVANTES DO CURRICULUM VITAE

PUBLICAÇÕES

São Paulo, 25 de maio de 2000.

**Às Professoras**  
**Fernanda Mussalim**  
**Anna Christina Bentes**  
Rua Marechal Deodoro, 1338  
13416-580 – Piracicaba – SP

Prezadas Senhoras,

O projeto “Introdução à Linguística: domínios e fronteiras”, sob vossa organização, foi examinado com atenção pelo Conselho Orientador da Cortez Editora.

Sem dúvida, a proposta constitui valiosa contribuição aos estudos sobre a linguagem e, pela amplitude das disciplinas envolvidas, poderá atender uma demanda nos cursos de Letras, Filosofia e Comunicações, para alunos de graduação e mesmo de pós-graduação.

No entanto, a Diretoria observou alguma dificuldade na publicação de um volume compacto, que teria preço elevado para esse público-alvo. Por isso, os Conselheiros recomendam o redimensionamento dos artigos (capítulos), sugerindo fossem agrupados em dois volumes. É claro que ambos volumes poderiam ser lançados conjuntamente.

Em caso de aceitação de nossas recomendações, deveríamos também decidir sobre os direitos autorais, pois envolve a responsabilidade das Organizadoras. A praxe é que os co-autores fizessem um termo de cessão de direitos para as Organizadoras, as quais assinarão o Contrato de Edição com a Editora. Do mesmo modo, temos o procedimento de que a edição inicial da obra seja negociada em base percentual extensiva a todos (15%), que entretanto seria paga em exemplares, exclusivamente sobre a tiragem da 1ª edição.

**Proposta da seqüência dos volumes:**

*Volume 1*

- incluiria os textos de Apresentação, seguida dos elementos fundamentais para se entender o movimento da Língua:

1. Sociolinguística (2 partes)

2. Ling. Histórica
3. Fonética
4. Fonologia
5. Morfologia
6. Sintaxe
7. Linguística textual

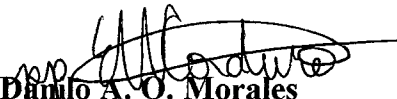
*Volume 2*

- incluiria os outros textos, com ordenação seguinte:

1. Semântica
2. Pragmática
3. Análise da Conversação
4. Análise do Discurso
5. Psicolinguística
6. Neurolinguística
7. Aquisição de linguagem
8. Linguagem e Ensino

A seu dispor, para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

  
**Daniilo A. Q. Morales**  
Depto. Editorial

DIR 063/2000 EN

Descrição da obra

Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras

Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.)

A obra, composta de dois volumes, apresenta as principais áreas da Lingüística no Brasil. No volume I, são contempladas as áreas de Sociolingüística, Lingüística Histórica, Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Lingüística Textual. No volume II, são apresentadas as áreas de Semântica, Pragmática, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Neurolingüística, Psicolingüística, Aquisição da Linguagem e Língua e Ensino. O principal objetivo desta obra é tornar acessível, a leitores iniciantes ou não-especializados, as diferentes abordagens sobre o fenômeno da linguagem no campo da Lingüística, um campo vasto, heterogêneo e multidisciplinar.

# LINGÜÍSTICA TEXTUAL<sup>1</sup>

Anna Christina BENTES

## 1. Um breve percurso histórico

Atualmente, tomar-se o texto como unidade de análise no campo dos estudos da linguagem pode parecer pouco questionável ou, mais ainda, constituir-se em uma verdadeira necessidade. No entanto, esta idéia nem sempre foi bem aceita: houve um percurso de mais de 30 anos desde que o termo "Lingüística de Texto" foi empregado pela primeira vez por Harald Weinrich, autor alemão que postula toda a lingüística ser necessariamente lingüística de texto.

Sem dúvida, o surgimento dos estudos sobre o texto faz parte de um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, de constituição de um outro campo (em oposição ao campo construído pela lingüística estrutural), que procura ir além dos limites da frase, que procura reintroduzir, em seu escopo teórico, o sujeito e a situação da comunicação, excluídos das pesquisas sobre a linguagem pelos postulados dessa mesma lingüística estrutural - que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informativa.

Ingedore Koch (1994), em seu texto *Lingüística Textual: retrospecto e perspectivas* e Luiz Antônio Marcuschi (1998a) em sua conferência intitulada *Rumos Atuais da Lingüística Textual*, pronunciada no LXVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, em junho de 1998, enumeram os estudos de diversos autores<sup>2</sup>, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, como aqueles que constituíram a primeira geração que propunha o texto como uma unidade legítima dos estudos lingüísticos e dava uma guinada no tratamento da língua. Denise Maldidier, Claudine Norman e Régine Robin, em texto da década de 70, intitulado *Discurso e Ideologia: bases para uma pesquisa*, apresentam um breve histórico da constituição do campo dos estudos do discurso na França, discutindo

---

<sup>1</sup> Agradeço a Ingedore Koch pela inspiração teórica, comentários e revisão do texto, a Ivana Lima Regis, pelas sugestões das músicas e pelo interesse nas discussões sobre as análises feitas e a Jaqueline Brandão pelas observações acerca da estrutura dialógica da música E.C.T. Agradeço ainda a Helena H. Nagamine Brandão pela atenciosa leitura do texto e pelos valiosos comentários.

<sup>2</sup> Os estudos enumerados são os que se seguem: P. HARTMAN (1964), R. HARWEG (1968), E. GULICH (1968), W. KOCH (1971), H. WEINREICH (1964, 1976), J. PETŐFI (1978) na Alemanha; VAN DIJK (1972), na Holanda; FIRTH (1957) e HALLIDAY, HASAN (1973, 1976), na Inglaterra; MATHESIUS (1961), FIRBAS (1971) e DANES (1970), em Praga; Z. HARRIS (1952) e K. PIKE (1967), nos Estados Unidos. Todos estes estudos estão citados em FÁVERO, KOCH (1983/1988), em KOCH (1994) e em MARCUSCHI (1998a).

resumidamente os interesses e os problemas das abordagens semiológicas (Roland Barthes, Greimas), das pesquisas sobre as pressuposições (Oswald Ducrot) e da elaboração do conceito de enunciação (Émile Benveniste), para então apresentarem os interesses da chamada de Análise do Discurso de linha francesa. Todas estas abordagens podem ser vistas como fazendo parte deste esforço teórico, iniciado na década de 60, de construir uma lingüística para além dos limites da frase, a chamada "lingüística do discurso". Ao longo desta apresentação, tentaremos apontar algumas diferenças importantes entre as tradições anglo-saxônica e francesa de estudos sobre o discurso/texto.<sup>3</sup>

Na história da constituição do campo da Lingüística de Texto, podemos afirmar que não houve um desenvolvimento homogêneo. Segundo Marcuschi (1998a), "seu surgimento deu-se de forma independente, em vários países de dentro e de fora da Europa Continental, simultaneamente, e com propostas teóricas diversas."<sup>4</sup> Mas, de uma forma geral, é possível distinguir três momentos que abrangeram preocupações teóricas bastante diversas entre si.

Não há consenso entre os autores de que houve uma certa cronologia na passagem de um momento para outro. Podemos afirmar, no entanto, que houve não só uma gradual ampliação do objeto de análise da Lingüística Textual, mas também um progressivo afastamento da influência teórico-metodológica da lingüística estrutural saussureana: em um primeiro momento, o interesse predominante voltava-se para a *análise transfrástica*, ou seja, para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase; em um segundo momento, com a euforia provocada pelo sucesso da gramática gerativa, postulou-se a descrição da competência textual do falante, ou seja, a *construção de gramáticas textuais*; em um terceiro momento, o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos lingüísticos em situações sócio-comunicativas; parte-se, assim, para a elaboração de uma *teoria do texto*. Façamos agora um pouco mais detalhadamente de cada um destes momentos.

---

<sup>3</sup> Sugerimos ao leitor, para que possa ter uma visão mais nítida sobre as diferentes tradições, que faça uma leitura comparativa entre este capítulo e o capítulo *Análise do Discurso* no volume II desta obra.

<sup>4</sup> MARCUSCHI, L. A. . *Rumos atuais da lingüística textual*. Conferência pronunciada no LXVI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL), UNESP – S. José do Rio Preto, junho de 1998.

Na *análise transfrástica*, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma a construir uma unidade de sentido, os estudiosos perceberam a existência de fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas: o fenômeno da co-referenciação<sup>5</sup>, por exemplo, ultrapassa a fronteira da frase e só pode ser melhor compreendido no interior do texto. Antes de passarmos à análise do exemplo abaixo, faz-se necessário observar que neste primeiro momento de constituição da Linguística Textual, um dos principais conceitos de texto era o de Harweg (1968), afirmando que um texto era “uma seqüência pronominal ininterrupta”<sup>6</sup> e que uma de suas principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento<sup>7</sup>. Um outro conceito de texto importante era o de Isenberg (1970): um texto era definido como uma “seqüência coerente de enunciados”.<sup>8</sup>

(1) “Pedro foi ao cinema. Ele não gostou do filme”.

Observar este trecho, adotando uma perspectiva textual significa olhar o emprego do pronome pessoal de 3<sup>a</sup>. pessoa de uma forma diferente. Aqui, a relação entre nome e pronome não é uma de simples substituição, no sentido mais corriqueiro do termo. O uso do pronome está fornecendo ao ouvinte/leitor instruções de conexão entre a predicação que se faz do pronome (“não gostou do filme”) e o próprio SN em questão (considerado como aquele sobre o qual também já se disse algo). Este movimento contribui para a construção da imagem do referente (“Pedro”) por parte do ouvinte. Será a congruência entre as predicações feitas sobre o pronome e o próprio SN (“Pedro”), e não só a concordância de gênero e número, que permite afirmar que o pronome *ele* é co-referente de *Pedro*. Em outras palavras, é por conta desta congruência que sabemos que o pronome *ele* se refere a *Pedro*. No entanto, apenas a presença do mecanismo de co-referenciação, ao longo de

<sup>5</sup> Para um maior aprofundamento nos estudos sobre referenciação, ver KOCH (1989), KOCH (1997,1999), MARCUSCHI, KOCH (1998a), MARCUSCHI, KOCH (1998b), MARCUSCHI (1998b, 1999c).

<sup>6</sup> HARWEG (1968) é citado em FÁVERO, L.L., KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo, Cortez, 1988, p. 13. (Título original, 1983).

<sup>7</sup> O fenômeno do múltiplo referenciamento diz respeito ao fato de que o referente textual (aquilo sobre o que se fala) encontra-se retomado, ao longo do texto, de diferentes formas. Trataremos um pouco mais aplicadamente desse fenômeno, mais adiante, no item sobre coesão textual.

<sup>8</sup> ISENBERG (1970) é citado em FÁVERO, L., KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*, p. 13.

uma seqüência, não garante que esta se constitua em um texto. Mais adiante, trataremos especificamente deste fenômeno, que se convencionou chamar de “coesão referencial”.

Foram justamente estudos sobre o fenômeno acima citado além de outros estudos, como por exemplo, aqueles em que, para se dar conta de pares ou seqüências maiores de frases, foi tentada a ampliação de classificações já existentes dos tipos de relações passíveis de serem estabelecidas, entre as orações, através de determinados conectivos<sup>9</sup>, que fizeram com que se desenvolvesse a linha de pesquisa denominada “análise transfrástica”. Esta linha de pesquisa também se interessou por investigar vários outros fenômenos “transfrásticos”: a pronominalização, a seleção dos artigos (definido e indefinido), a concordância dos tempos verbais, a relação tópico-comentário e outros. No entanto, os estudos sobre a conexão entre enunciados também levou os pesquisadores a indagarem sobre como se estabelecia a relação entre uma seqüência e outra *sem* a presença de um conector. Vejamos os exemplos<sup>10</sup> abaixo:

(2) Não fui à festa de seu aniversário: passei-lhe um telegrama.

(3) Não fui à festa de seu aniversário: estive doente.

(4) Não fui à festa de seu aniversário: não posso dizer quem estava lá.

Em (2), sabemos que é a relação adversativa, implicada pelo conector ‘mas’, a que se estabelece entre o primeiro e o segundo enunciado. Em (3), sabemos que é a relação explicativa, implicada pelo conector ‘porque’, a que se estabelece entre o primeiro e o segundo enunciado. Em (4), sabemos que é a relação conclusiva, implicada pelo conector ‘portanto’, a que se estabelece entre o primeiro e o segundo enunciado.

No entanto, os conectores mencionados (ou ainda outros que pudessem substituí-los) não estão presentes. Nesse caso, caberia ao ouvinte/leitor construir o sentido global da seqüência, estabelecendo mentalmente as relações argumentativas adequadas entre os enunciados. O fato de ter sido necessário considerar, na construção do sentido global do enunciado, o conhecimento intuitivo do falante acerca das relações a serem estabelecidas entre sentenças, e o fato de nem todo texto apresentar o fenômeno da co-referenciação, constituíram-se em fortes motivos para a construção de uma outra linha de pesquisa, que

---

<sup>9</sup> Para um maior aprofundamento nos estudos sobre os tipos de relações que se estabelecem entre os enunciados, ver GUIMARÃES (1987), KOCH (1987) e VOGT (1980). No entanto, é importante ressaltar que os trabalhos de GUIMARÃES e VOGT inserem-se mais na perspectiva da semântica enunciativa, do que em uma perspectiva textual propriamente dita.

<sup>10</sup> Os exemplos em questão foram retirados de GARCIA (1978).

não considerasse o texto apenas como uma simples soma ou lista dos significados das frases que o constituem. Passou-se então ao objetivo de elaborar gramáticas textuais.

Nas primeiras propostas de elaboração de *gramáticas textuais*, nas palavras de Marcuschi (1998a), tentou-se construir *o texto como objeto da Lingüística*. Apesar da ampliação do objeto dos estudos da ciência da linguagem, ainda se acreditava ser possível mostrar que o texto possuía propriedades que diziam respeito ao próprio sistema abstrato da língua. Dizendo de outra forma, as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o *texto* como unidade teórica formalmente construída, em oposição ao *discurso*, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída.

Como foi dito anteriormente, não é possível afirmar que houve uma ordem cronológica entre o primeiro momento (análise transfrástica) e as propostas de elaboração de gramáticas textuais. Pode-se afirmar, no entanto, que as propostas de elaboração de gramáticas textuais de diferentes autores<sup>11</sup>, tais como Lang (1971, 1972), Dressler (1972, 1977) Dijk (1972, 1973) e Petöfi (1972, 1973, 1976), surgiram com a finalidade de refletir sobre fenômenos lingüísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado.

Estes autores possuem alguns postulados em comum. Em primeiro lugar, consideram que *não há uma continuidade entre frase e texto* porque há, entre eles, uma diferença de ordem qualitativa e não quantitativa, já que a significação de um texto, segundo Lang (1972), constitui um todo que é diferente da soma das partes.<sup>12</sup> Além disso, consideram que *o texto é a unidade lingüística mais elevada*, a partir da qual seria possível chegar, por meio de segmentação, a unidades menores a serem classificadas. A segmentação e a classificação de um texto em unidades menores deveria, no entanto, sempre considerar a função textual dos elementos individuais, ou seja, que tipo de papel cada elemento desempenha em uma dada configuração textual. Por último, consideram que *todo falante nativo possui um conhecimento acerca do que seja um texto*, conhecimento este que não é redutível a uma análise frasal, já que o falante conhece não só as regras subjacentes às relações interfrásticas (a utilização de pronomes, de tempos verbais, da estratégia de definitivização, etc.), como também sabe reconhecer quando um conjunto de enunciados constitui um texto ou quando se constitui em apenas um conjunto aleatório de palavras ou sentenças. Um falante nativo também é capaz de resumir e/ou

---

<sup>11</sup> Todos os autores a seguir foram citados em FÁVERO, KOCH (1983/1988).

parafrapear um texto, perceber se ele está completo ou incompleto, atribuir-lhe um título ou produzir um texto a partir de um texto dado, estabelecer relações interfrásticas, etc... Assim, todo falante possuiria, segundo Charolles (1979), três capacidades textuais básicas, a saber:

- a) *capacidade formativa*, que lhe permite produzir e compreender um número potencialmente elevado e ilimitado de textos inéditos e que também lhe possibilita a avaliação, com convergência, da boa ou má-formação de um texto dado;
- b) *capacidade transformativa*, que o torna capaz de reformular, parafrapear e resumir um texto dado, bem como avaliar, com convergência, a adequação do produto destas atividades em relação ao texto a partir do qual a atividade foi executada;
- c) *capacidade qualificativa*, que lhe confere a possibilidade de tipificar, com convergência, um texto dado, isto é, dizer se ele é uma descrição, narração, argumentação, etc., e também a possibilidade de produzir um texto de um tipo particular.<sup>13</sup>

Segundo Fávero e Koch (1983), se todos os usuários da língua possuem estas habilidades, que podem ser nomeadas genericamente como *competência textual*, poderia justificar-se, então, a elaboração de uma gramática textual<sup>14</sup> que deveria ter basicamente as seguintes tarefas:

- a) verificação do que faz com que um texto seja um texto, ou seja, a busca da determinação de seus princípios de constituição, dos fatores responsáveis por sua coerência, das condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantamento de critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciação de várias espécies de textos.<sup>15</sup>

É interessante ressaltar aqui que o projeto de elaboração de gramáticas textuais foi bastante influenciado, em sua gênese, pela perspectiva gerativista. Essa gramática seria, semelhante à gramática de frases proposta por Chomsky, um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, de forma coincidente, se

---

<sup>12</sup> LANG (1972) é citado em FÁVERO, L., KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*, p. 63.

<sup>13</sup> CHARROLES (1979) é citado em KOCH, I.G.V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989, p. 42-43.

<sup>14</sup> Para um maior aprofundamento sobre as diferentes gramáticas propostas, ver FÁVERO, KOCH (1983/1988).

<sup>15</sup> FÁVERO, L., KOCH, I.G.V. *Linguística textual: introdução*, p. 14.

uma seqüência lingüística é ou não, um texto, é ou não, um texto bem formado. Este conjunto de regras internalizadas pelo falante constitui, então, a sua competência textual.

No entanto, as tarefas acima enumeradas não conseguiram ser executadas a contento, apesar de todos os esforços de vários lingüistas, como os acima citados<sup>16</sup>.

Se, por um lado, o projeto revelou-se demais ambicioso e pouco produtivo, já que muitas questões não conseguiram ser contempladas (por exemplo, como estabelecer as regras capazes de descrever *todos e apenas todos* os textos possíveis em uma determinada língua natural?) e já que não se conseguiu construir um modelo teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos pesquisados, por outro lado, isto significou um deslocamento da questão: ao invés de dispensarem um tratamento formal e exaustivo ao objeto "texto", os estudiosos começaram a elaborar uma *teoria do texto*, que, ao contrário das gramáticas textuais, preocupadas em descrever a competência textual de falantes/ouvintes idealizados, propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso.

Nesse terceiro momento, adquire particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático<sup>17</sup>, isto é, o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos. Segundo Marcuschi (1998a), no final da década de 70, a palavra de ordem não era mais a gramática de texto, mas a noção de textualidade<sup>18</sup>, compreendida por Beaugrande como um "modo múltiplo de conexão ativado toda vez que ocorrem eventos comunicativos."<sup>19</sup> As mudanças ocorridas em relação às concepções de língua (não mais vista como um sistema virtual, mas como um sistema atual, em uso efetivo em contextos comunicativos), às concepções de texto (não mais visto como um produto, mas como um processo), e em relação aos objetivos a serem alcançados (a análise e explicação da unidade texto em funcionamento ao invés da análise e explicação da unidade texto formal, abstrata), fizeram com que se passasse a compreender

---

<sup>16</sup> Harald Weinrich publicou, em 1993, a sua *Gramática Textual da Língua Alemã*, um trabalho desenvolvido durante um longo período pelo autor, onde ele põe em prática a idéia de finalmente elaborar uma gramática textual.

<sup>17</sup> Para uma melhor compreensão dos estudos da Pragmática, ver capítulo referente a este campo no volume II desta obra.

<sup>18</sup> A noção de textualidade foi introduzida por Beaugrande e Dressler (1981), que propuseram sete princípios gerais de textualidade, a saber: a) coesividade; b) coerência; c) intencionalidade; d) aceitabilidade; e) informatividade; f) situacionalidade; g) intertextualidade. Trataremos, no item 3.1 dos princípios de b) a g) e, no item 3.2, do princípio da coesividade.

<sup>19</sup> MARCUSCHI, L. A. *Rumos atuais da lingüística textual*. 1998a.

a Lingüística de Texto como uma disciplina essencialmente interdisciplinar, em função das diferentes perspectivas que abrange e dos interesses que a movem. Ou ainda, mais atualmente, segundo Marcuschi (1998a), pode-se desenhar a LT como “uma disciplina de caráter multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não-autônoma nem sob seu aspecto formal”<sup>20</sup>. Passemos agora, então, a considerar os diversos conceitos de textos que predominaram em diferentes períodos.

## 2. Conceito de texto

Poderíamos iniciar esta parte, apresentando uma definição de texto, de preferência a mais atual e/ou a mais reconhecida no campo dos estudos sobre texto no Brasil, indo, digamos assim, direto ao ponto. Entretanto, se assim o fizéssemos, estaríamos apagando o fato de que os conceitos, por mais interessantes e explicativos que sejam em um determinado contexto histórico, são resultado de um longo processo de reflexões, de idas e vindas, de disputas de/entre diferentes sujeitos sobre um certo objeto em um determinado campo do conhecimento. Preferimos então, mesmo sacrificando um pouco o didatismo, tentar revelar aqueles que acreditamos serem os pontos mais importantes desta história<sup>21</sup> da construção do conceito de texto.

A partir daqui, passaremos a uma reordenação dos momentos anteriormente apresentados, considerando não a constituição do campo e seus objetivos, mas sim, a definição de texto predominante. Podemos afirmar que, em uma primeira fase dos estudos sobre textos, fase esta que engloba os trabalhos dos períodos da “análise transfrástica” e da “elaboração de gramáticas textuais”, acreditava-se que as propriedades definidoras de um texto estariam expressas principalmente na forma de organização do material lingüístico. Em outras palavras, existiriam então textos (seqüências lingüísticas coerentes em si) e não-textos (seqüências lingüísticas incoerentes em si). Segundo Koch (1997), nesta primeira fase, os conceitos de texto variaram desde “unidade lingüística (do sistema) superior à frase” até “complexo de proposições semânticas”.<sup>22</sup> A concepção que subjazia a todas estas definições era a de texto como uma estrutura acabada e pronta, como “produto

---

<sup>20</sup> Para um aprofundamento sobre a relativa autonomia do sistema lingüístico, ver FRANCHI (1992).

<sup>21</sup> Para um aprofundamento sobre a constituição do campo da Lingüística Textual e sobre a evolução do conceito de texto, ver FÁVERO, KOCH (1983/1988).

<sup>22</sup> KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 1997, p. 21.

de uma competência lingüística social e idealizada”.<sup>23</sup> Um conceito de texto que pode representar este período é o de Stammerjohann (1975):

”o termo texto abrange tanto textos orais, como textos escritos que tenham como extensão mínima dois signos lingüísticos, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como “Socorro!”, sendo sua extensão máxima indeterminada”.<sup>24</sup>

É possível perceber, na definição acima, uma ênfase no aspecto material e/ou formal do texto: sua extensão, seus constituintes. Neste sentido, o texto é encarado como uma unidade que, apesar de teoricamente poder ser de tamanho indeterminado, é, em geral, delimitada, com um início e um final mais ou menos explícito. Ainda fazendo parte da fase em que o texto é visto como um produto acabado, como uma unidade formal a ser necessariamente circunscrita, há definições que priorizam o fato de o texto apresentar um determinado conjunto de conteúdos. Como exemplo, podemos citar aquela em que o texto é considerado como “um complexo de proposições semânticas”. Weinrich (1971) ressalta que os textos podem ser definidos a partir de aspectos diversos: “a) a seqüência coerente e consistente de signos lingüísticos; b) a delimitação por interrupções significativas na comunicação; c) o *status* do texto como maior unidade lingüística”.<sup>25</sup> Esta definição, apesar de considerar, ao mesmo tempo, vários aspectos (o da delimitação, o do sentido e do *status* no interior de uma teoria lingüística da unidade “texto”), ainda pode ser vista como pertencente à primeira fase, quando o texto é visto como o elemento primeiro de pesquisa, sem que se considere o que Leont’ev (1969) afirma ser essencial: o fato de que “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”.<sup>26</sup>

Considerar as condições de produção e de recepção dos textos significa, então, passar a encarar o texto não mais como uma estrutura acabada (produto), mas como parte de atividades mais globais de comunicação. Neste sentido, nas palavras de Koch (1997), trata-se de tentar compreender o texto no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.<sup>27</sup> Sendo assim, em uma segunda fase, aquela que abrange a elaboração de uma teoria do texto, a definição de texto deve levar em conta que:

---

<sup>23</sup> GARrafa, L. Coerência e literatura infantil: introdução à análise textual de produções literárias. São Paulo, PUC, 1987. (Dissertação de Mestrado)

<sup>24</sup> STAMMERJOHANN (1975) é citado em FÁVERO, L., KOCH, I.G.V. *Lingüística textual*: introdução, p.18.

<sup>25</sup> WEINREICH (1971) é citado em FÁVERO, L., KOCH, I.G.V. *Lingüística textual*: introdução, p. 22.

<sup>26</sup> LEONTÉV (1969) é citado em FÁVERO, L., KOCH, I.G.V. *Lingüística textual*: introdução, p. 22.

<sup>27</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 21.

- a) a produção textual é uma *atividade verbal*, isto é, os falantes ao produzirem um texto, estão praticando ações<sup>28</sup>, atos de fala. Sempre que se interage através da língua, ocorre a produção de enunciados dotados de certa força, que irão produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não sejam aqueles que o locutor tinha em mira. Van Dijk (1972) afirma que, em um texto, apesar de se realizarem diversos tipos de atos (em uma carta, por exemplo, podem realizar-se atos de saudação, pergunta, asserção, solicitação, convite, despedida, entre outros), há sempre um objetivo principal a ser atingido, para o qual concorrem todos os demais. O autor propõe, então, a noção de “macroato” de fala, aquele que estaria ordenando os demais. Além disso, não se pode esquecer que estas ações ou estes “macroatos” estão inseridos em contextos situacionais, socio-cognitivos e culturais, assim como a serviço de certos fins sociais;
- b) a produção textual é uma *atividade verbal consciente*<sup>29</sup>, isto é, trata-se de uma atividade intencional, através da qual o falante dará a entender seus propósitos, sempre levando em conta as condições em que tal atividade é produzida; considera-se, dentro desta concepção, que o sujeito falante possui um papel ativo na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos lingüísticos, de fatores *pragmáticos e interacionais*, ao produzir um texto. Em outras palavras, o sujeito *sabe* o que faz, como faz e com que propósitos faz (se entendemos que dizer é fazer);
- c) a produção textual é uma *atividade interacional*, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente, e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto. Sobre este aspecto, nada nos parece mais claro para explicar a noção de interação verbal do que o trecho que se segue:

“Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Sobre a concepção de que “dizer é fazer”, ver o capítulo *Pragmática* no volume II desta obra.

<sup>29</sup> Esta concepção, é, a nosso ver, aquela que constitui a principal diferença entre os estudos sobre o texto/discurso de base anglo-saxã e a chamada análise do discurso de linha francesa. O quadro teórico da análise do discurso de linha francesa não permite que se atribua à noção de sujeito qualquer intencionalidade. Para um maior aprofundamento, ver o capítulo *Análise do Discurso* no volume II desta obra.

<sup>30</sup> BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986, p.113.

Não poderíamos deixar de seguir a forma como Koch (1997), em seu último livro, finaliza o problema da conceituação da unidade "texto". A autora não só apresenta a sua própria formulação sobre o que é um texto, mas também a formulação de mais outros dois autores. Ao fazer isto, sinaliza para o fato de que sempre teremos à nossa disposição mais de uma definição de texto ou daquilo que se postula ser o objeto da Lingüística Textual, importando, então, escolher aquelas que compartilhem pressupostos teóricos e que sejam passíveis de serem reconhecidas como estabelecendo relações de proximidade e complementariedade. Para concluirmos esta seção, apresentaremos duas das definições de texto mobilizadas pela autora, sendo que, em uma delas, além da definição de texto, são apresentados os objetivos da disciplina:

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.<sup>31</sup>

Proponho que se veja a Lingüística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes lingüísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Lingüística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente lingüístico, abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, dos níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.<sup>32</sup>

### 3. A construção dos sentidos no texto

Nesta seção, trataremos dos fenômenos da coerência e da coesão textuais. A coerência, segundo Koch (1997), "diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos".<sup>33</sup> A coesão, ainda segundo a autora, pode ser descrita como "o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados, por meio de recursos também lingüísticos, formando

---

<sup>31</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 22.

<sup>32</sup> MARCUSCHI, L. A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife, UFPE, 1983, p.12-13.

seqüências veiculadoras de sentido”.<sup>34</sup> Neste artigo, também por razões de espaço, daremos uma maior ênfase aos aspectos relativos à coerência textual, do que aqueles relativos à coesão. Uma principal motivação para organizarmos o trabalho dessa maneira foi a própria natureza dos textos escolhidos como objetos de análise. Os dados, no entanto, não foram escolhidos apenas porque se constituíam em bons exemplos para a teoria a ser apresentada. Ao contrário, procuramos trazer textos diversos, que circulam em nossa sociedade e com os quais estamos em contato cotidianamente, de uma forma ou de outra. Letras de músicas, manchetes e/ou títulos de matérias jornalísticas, propagandas, artigos de opinião, trechos de colunas de jornal, entre outros, são, a nosso ver, o material lingüístico que devemos tomar para a análise e compreensão dos processos de construção dos sentidos e do funcionamento da linguagem. Exatamente por reconhecer a complexidade dos processos de produção e compreensão dos textos nas diferentes situações comunicativas, priorizamos uma espécie de leitura *top-down* dos textos analisados, ou seja, uma leitura que considere primeiramente, os elementos subjacentes ao texto para uma primeira aproximação, para depois, então, tendo considerado os condicionamentos mais amplos a que os textos estão submetidos, passarmos a tentar compreender mais especificamente os recursos lingüísticos mobilizados na superfície textual.

### 3.1 A coerência textual

Buscaremos, a partir de agora, apresentar os principais pontos de uma discussão central na Lingüística de Texto, a saber, aquela sobre as relações entre texto e coerência. Esta discussão começa a ocorrer a partir do momento em que se percebe que o(s) sentido(s) do texto não está/estão no texto em si, mas depende (m) de fatores de diversas ordens: lingüísticos, cognitivos, sócio-culturais, interacionais. Isto se constitui em uma postulação legítima, já que os estudos sobre o texto não estavam mais centrados na construção de uma gramática textual, mas sim, na busca do que chamaram de “critérios de textualidade”. Para Koch e Travaglia (1989), “a textualidade ou a textura é aquilo que faz de uma seqüência lingüística um texto e não um amontoado aleatório de palavras. A

---

<sup>33</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p.41.

<sup>34</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 35.

seqüência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.<sup>35</sup>

A partir do estabelecimento destas premissas, acontece o debate: existe o não-texto? Alguns autores responderam que sim. Para Beaugrande e Dressler (1981), “texto incoerente é aquele em que o receptor (leitor ou ouvinte) não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre conhecimentos e o seu universo cognitivo”.<sup>36</sup> Marcuschi (1983) também defende a existência de textos incoerentes.

Michel Charolles (1987a *apud* Fávero, Koch, 1983) afirma que, a partir de meados da década de 70, houve uma revisão das gramáticas de texto porque se verificou que as seqüências de frases não eram coerentes ou incoerentes em si, mas que tudo dependia muito da situação em que estas seqüências eram enunciadas e da capacidade do receptor de calcular o seu sentido. Charolles (1978), em seu clássico artigo *Introdução aos problemas da coerência dos textos*, afirma que não há textos incoerentes em si, porque não há regras de boa formação de textos (como há para as frases) que se apliquem a todas as circunstâncias e cuja violação, como na sintaxe das frases, levasse ao mesmo veredicto: é um texto, não é um texto. Segundo o autor, tudo vai depender muito dos usuários (do produtor e, principalmente, do receptor) do texto e da situação. Para o autor, quando estamos diante de um texto, nossa primeira atitude é a de sermos cooperativos para com ele, ou seja, sempre agimos como se este fosse coerente, fazendo tudo para compreendê-lo.

Charolles, a partir da década de 80, defende que a coerência de um texto é um “princípio de interpretabilidade”, ou seja, todos os textos seriam, em princípio, aceitáveis. No entanto, admite-se que o texto pode ser incoerente em/para determinada situação comunicativa. Em outras palavras: “o texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta intenção comunicativa, objetivos, destinatário, regras sócio-culturais, outros elementos da situação, uso dos recursos lingüísticos, etc. Caso contrário, será coerente” (Koch, 1990, p.50).

No entanto, nem todos são destinatários ou leitores cooperativos. Em uma matéria da revista VEJA, de 6 de janeiro de 1999, intitulada *Qualquer Nota* e com o subtítulo

---

<sup>35</sup> KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*, p. 26.

<sup>36</sup> BEAUGRANDE, DRESSLER (1981) são citados em KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*, p. 32.

*Pretensiosas ou ingênuas, as letras sem sentido dão o tom na MPB*, o jornalista Celso Masson, na seção de música da revista semanal, emite julgamentos bastante categóricos a respeito do que ele chama de “falta de idéias para uma boa letra”. Olhando o título e o subtítulo, já podemos antecipar que o jornalista irá fazer uma pesada crítica à falta de conteúdos das letras da MPB de hoje. Um dos recursos que o autor utiliza para qualificar o referente textual “as letras da MPB” são as adjetivações bastante pejorativas em relação a este referente: “letras sem sentido”, “letras mais esquisitas”, “versos estapafúrdios”, “letras estranhas”, “letras que são apenas associações de palavras, encaixadas umas nas outras por sua sonoridade”, “versos misteriosos”, “pérolas”, “refrões pegajosos”. Sua crítica abrange tanto compositores mais consagrados como Caetano Veloso e Gilberto Gil, como outros compositores mais recentemente lançados como Chico César, Carlinhos Brown e Claudinho & Buchecha. Não continuaremos a mostrar os outros recursos que o autor do texto utiliza para sustentar sua argumentação. Nem tampouco pretendemos avaliar a análise feita pelo autor. Nossa intenção ao trazer este exemplo é o de mostrar que:

- a) os leitores e/ou destinatários podem emitir julgamentos sobre a coerência (sentido global) ou incoerência (falta de sentido global) das produções textuais que a eles são destinadas;
- b) os leitores e/ou destinatários podem chegar à conclusão de que nem todos os textos são, em princípio, aceitáveis; neste sentido, para eles, existem textos “sem sentido”, ou ainda, “incoerentes”;
- c) os leitores e/ou destinatários podem fazer julgamentos sobre a coerência ou incoerência de uma certa produção textual, levando em consideração apenas os esquemas textuais a partir dos quais esta produção encontra-se estruturada; na matéria da revista VEJA, por exemplo, é possível perceber, em um certo trecho, que o autor revela a sua preocupação com uma ausência da “estrutura narrativa da canção”; em outras palavras, este leitor possui uma determinada imagem do que seria o “verdadeiro” esquema textual ao qual as letras de música deveriam corresponder; seu julgamento está baseado em um certo descompasso que existe entre a imagem deste esquema textual que ele gostaria de ver atualizado ou expresso e aquilo que de fato é elaborado pelos compositores;
- d) os leitores e/ou destinatários podem emitir julgamentos de coerência ou incoerência sobre uma determinada produção textual, considerando apenas partes do texto com o qual tiveram contato; mais uma vez a matéria da revista VEJA é um bom exemplo disto,

- já que o autor mostra apenas os trechos de algumas músicas, omitindo o resto das letras; este foi o caso da letra da música do compositor MC Bucheca (da dupla Claudinho & Bucheca): se o jornalista não tivesse recortado apenas o trecho “Venero demais o meu prazer / Controlo o calendário sem utilizar as mãos”, mas tivesse reproduzido o texto inteiro<sup>37</sup>, provavelmente seria mais difícil emitir julgamentos tão severos; a expressão “versos misteriosos” talvez não se aplicasse aos versos em questão, caso o jornalista não emitisse seu julgamento baseado, principalmente, no recorte<sup>38</sup> feito por ele próprio da letra da música; de qualquer maneira, o importante é que o leitor ou o destinatário pode emitir julgamentos mais generalizantes sobre uma determinada produção textual, mesmo considerando apenas algumas partes do texto, que prejudicariam, segundo a ótica do leitor ou destinatário, a compreensão global do texto;
- e) a atribuição da qualidade de “coerência” ou “incoerência” a uma determinada produção textual não é unânime; um mesmo texto pode ser qualificado por alguns leitores e/ou destinatários como incoerente, e, por outros, como coerente; mais uma vez, a matéria referida acima é um exemplo disto: comentando o trecho da letra da música “Só Love”, “Venero demais o meu prazer / Controlo o calendário sem utilizar as mãos”, o jornalista relata que o compositor MC Bucheca, ao ser indagado sobre o significado dos versos em questão, respondeu que se tratava de um manifesto antionanista (aqui considerando-se que o produtor do texto também é seu leitor); já o jornalista refere-se ao trecho acima como “perólas” e “versos misteriosos”;
- f) como dissemos acima, no início desta análise, a atitude do leitor ou destinatário frente a uma determinada produção textual pode ser mais ou menos cooperativa; isto dependerá de uma série de fatores, entre eles, o próprio papel social do leitor ou do destinatário: um crítico de arte (seja ele especificamente crítico de música, de obras literárias, de artes plásticas, etc.), um professor de língua e/ou de literatura, um editor chefe de uma

---

<sup>37</sup> O texto completo da letra da música “Só Love”, é o que se segue: “Só Love, Só Love/ Só Love, Só Love/ Só Love, Só Love/ Só Love, Só Love/ Quero de novo com você/ Me atracar com gosto/ Corpo, alma e coração/Venero demais o meu prazer/ Controlo o calendário sem utilizar as mãos/ Amor, vou esperar pra ter o seu prazer/ Seu corpo é mais quente que o sol/ Eu vivo a sonhar, pensando em você/ Delírios de jogar futebol/ E mesmo que arriscasse alguém/ Não seria tão bom quanto é/ Eu não vou confiar em ninguém/ E nem vou me envolver com qualquer/ Pra despir toda essa razão/ E a emoção transparecer/ Deixarei que os momentos se vão/ Pra amar, tem que ser você.”( MC Bucheca)

<sup>38</sup> Se este recorte apontasse o mau uso de elementos lingüísticos e estruturais, com um alto grau de violação do código lingüístico, poderíamos afirmar que estariam criadas as condições para o surgimento de uma incoerência local. No entanto, este não parece ser o caso dos versos em questão.

redação de jornal, um assessor de editoras, etc., até porque suas atividades profissionais dizem respeito à compreensão analítica das diferentes linguagens, deverão ler e/ou ouvir os textos de maneira diferente daquela de outros leitores e/ou destinatários das mesmas produções textuais;

- g) finalmente, ao emitirem o julgamento sobre a coerência ou a incoerência de um determinado texto, os leitores ou destinatários das produções textuais podem não levar em consideração vários outros fatores, que podem contribuir para a construção de um sentido mais global.

Se atentarmos para as considerações feitas a partir da matéria da revista VEJA, podemos confirmar a postulação de que a coerência é um princípio de interpretabilidade, ou seja, podemos perceber que a coerência de um texto não depende somente de uma correta decodificação dos sentidos presentes no texto, decodificação esta feita através da detalhada observação dos elementos lingüísticos.

Em nossa vida cotidiana, imersos em nossa cultura ocidentalizada e letrada, quase desde sempre em contato com as mais diversas formas textuais, estamos, a toda hora, processando listas (telefônicas, de nomes de alunos com suas respectivas notas, de produtos com preços, entre outras), extratos bancários, prestação de contas do condomínio, notificações de excessos no trânsito, ordens de serviço, dicionários, enciclopédias, editais de concursos, anúncios publicitários, etc..., como textos, porque atribuímos a estas seqüências significados globais. No entanto, para cada um destes gêneros textuais, devem ser observadas certas condições: não os lemos da mesma maneira, e os princípios gerais aplicados, necessários para que o(s) sentido(s) global(is) sejam estabelecidos, não vêm especificamente de nossa capacidade de decodificação do sistema lingüístico, mas, de nossa inserção na sociedade como um todo. Em outras palavras, a coerência de uma determinada produção textual depende de uma série de fatores, entre os quais, alguns já apontados, tais como recursos lingüísticos, conhecimento de mundo, papel social do leitor ou destinatário, etc., e de outros, que serão apresentados logo a seguir, quando estivermos examinando textos, ou partes deles, tomadas como legítimas unidades de análise. Vejamos o exemplo abaixo:

(5) Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
(Roberto Carlos/Erasmus Carlos)

1. Um dia a areia branca
2. Seus pés irão tocar
3. E vai molhar seus cabelos
4. A água azul do mar
5. Janelas e portas vão se abrir
6. Pra ver você chegar
7. E irão se sentir em casa
8. Sorrindo vai chorar
9. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
10. Uma estória pra contar
11. De um mundo tão distante
12. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
13. Um soluço e a vontade
14. De ficar mais um instante
15. Você anda pela tarde
16. E o seu olhar tristonho
17. Deixa sangrar no peito
18. Uma saudade um sonho
19. Um dia vou ver você
20. Chegando num sorriso
21. Pisando a areia branca
22. Que é seu paraíso
23. As luzes e o colorido
24. Que você vê agora
25. Nas ruas por onde anda
26. Na casa onde mora
27. Você olha tudo e nada
28. Lhe faz ficar contente
29. Você só deseja agora
30. Voltar pra sua gente
31. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
32. Uma estória pra contar
33. De um mundo tão distante
34. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
35. Um soluço e a vontade
36. De ficar mais um instante

O exemplo acima pode nos ajudar a compreender, em primeiro lugar, como a *situação comunicativa* interfere na produção/recepção do texto. Segundo Koch e Travaglia (1990), a situação comunicativa tanto pode ser entendida em seu sentido estrito - contexto imediato da interação -, como pode ser entendida em seu sentido mais amplo, ou seja, o contexto sócio-político-cultural. Sobre a letra acima, poderíamos dizer, somente a partir dos conteúdos nela expressos, que ela fala sobre uma pessoa que se encontra em um lugar distante, que não está feliz e que tem como sonho voltar para o seu lugar de origem. Os motivos pelos quais esta pessoa encontra-se distante e triste não estão explicitados. No entanto, se tivermos conhecimento de alguns elementos relevantes do contexto sócio-cultural em que a letra foi produzida, como por exemplo, o fato de que ela foi produzida quando vários intelectuais e artistas tiveram que sair do Brasil e viver no exílio em outros países, seria possível fazer uma outra leitura, ou seja, seria possível dizer que o poeta/locutor não fala simplesmente de uma pessoa triste em um lugar distante, mas dos sentimentos de tristeza e de vazio de uma pessoa quando esta se encontra no exílio, obrigada a ficar longe da sua gente, de sua cultura, do seu lugar: "Você anda pela tarde/ E o seu olhar tristonho/ Deixa sangrar no peito/ Uma saudade um sonho..."; ou ainda "As luzes e o colorido/ Que você vê agora/ Nas ruas por onde anda/ Na casa onde mora/ Você olha tudo e nada/ Lhe faz ficar contente/ Você só deseja agora/ Voltar pra sua gente...".

O conhecimento da *situação comunicativa* mais ampla contribui para a focalização, que pode ser entendida como a(s) perspectiva(s) ou ponto(s) de vista pelo(s) qual(is) as entidades evocadas no texto passam a ser vistas, perspectivas estas que, com certeza, afetam não só aquilo que o produtor diz, mas também o que o leitor ou destinatário interpreta. Continuando a análise do texto acima, podemos afirmar que o conhecimento de um outro elemento da situação comunicativa pode contribuir para uma releitura do texto em questão. Por exemplo, se soubéssemos que o poeta/locutor do texto em questão tinha em mente uma pessoa específica, a qual procura homenagear com esta música, e se soubéssemos que a pessoa a quem o texto se refere é o poeta e compositor baiano Caetano Veloso, os versos a seguir significariam diferentemente para nós: “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos/ Uma estória pra contar/ De um mundo tão distante/ ...”; “Um dia a areia branca/ Seus pés irão tocar/ E vai molhar seus cabelos/ A água azul do mar/...”; “Um dia vou ver você/ Chegando num sorriso/ Pisando a areia branca/ Que é seu paraíso...”.

O fato de sabermos quem é o sujeito de quem estes versos falam, o fato de sabermos que ele é baiano, de sabermos que a Bahia é um dos estados litorâneos do Brasil, o fato de termos contato com a imagem do artista naquela época, com cabelos compridos e encaracolados, o fato de sabermos que ele passou um tempo morando em Londres, durante alguns anos do regime militar, o fato de termos tomado contato com um conhecimento mais específico sobre o referente textual nos faz olhar a letra da música com outros olhos e, a partir de então, a nossa interpretação não será mais a mesma. Temos aqui uma situação comunicativa reconstruída, de um tempo em que a liberdade era um valor apenas cultivado nos corações e mentes, sem poder ser experienciado plenamente, situação esta que podemos apenas vislumbrar, quando entramos em contato com a letra da música de Roberto e Erasmo.

Não estamos advogando que esta letra não é possível de ser interpretada sem o conhecimento de determinados elementos da situação comunicativa em que ela foi produzida. Isto seria negar a existência de sua poesia, da polissemia, da própria noção de coerência como um princípio de interpretabilidade. Seria negar o fato de que ela pode muito bem se ajustar a situações outras de distanciamento, de solidão, de tristeza. O que estamos simplesmente dizendo é que a situação comunicativa pode contribuir fortemente para a construção de um ou de mais de um sentido global para o texto. Uma boa análise textual deve levar em consideração este fator, sob pena de deixar de enxergar/mostrar as

possibilidades das relações entre a linguagem e o mundo. Vejamos um outro exemplo em que podemos melhor discutir outros fatores de coerência:

(6) E.C.T.

(Nando Reis/ Marisa Monte/CarlinhosBrown)

- |   |   |
|---|---|
| 1. Tava com cara que carimba postais                | 14. Levo o mundo e não vou lá                           |
| 2. Que por descuido abriu uma carta que voltou      | 15. Mas esse cara tem a língua solta                    |
| 3. Tomou um susto que lhe abriu a boca              | 16. A minha carta ele musicou                           |
| 4. Esse recado veio pra mim, não pro senhor         | 17. Tava em casa, a vitamina pronta                     |
| 5. Recebo craque colante, dinheiro parco embrulhado | 18. Ouvindo no rádio a minha carta de amor              |
| 6. Em papel carbono e barbante                      | 19. Dizendo: eu caso contente, papel passado e presente |
| 7. E até cabelo cortado, retrato de 3x4             | 20. Desembrulhado o vestido                             |
| 8. Pra batizado distante                            | 21. Eu volto logo, me espera                            |
| 9. Mas, isso aqui, meu senhor,                      | 22. Não brigue nunca comigo                             |
| 10. É uma carta de amor                             | 23. Eu quero ver nosso filho                            |
| 11. Levo o mundo e não vou lá                       | 24. O professor me ensinou fazer uma carta de amor      |
| 12. Levo o mundo e não vou lá                       | 25. Leve o mundo que eu vou já                          |
| 13. Levo o mundo e não vou lá                       |   |

Esse é um texto que se constitui um excelente exemplo para análise de vários aspectos, tanto aqueles relativos à coerência, como os relativos à coesão textual. Em nossa análise, entretanto, daremos prioridade para alguns fatores de coerência, a saber, o *conhecimento de mundo*, o *conhecimento partilhado* e as *inferências*. Começaremos por aquilo que, a nosso ver, pode ser o maior responsável por uma certa dificuldade de compreensão do texto: o jogo de vozes, ou seja, a mudança não marcada textualmente de enunciador<sup>39</sup>, que contribui para que o texto apresente internamente diferentes perspectivas. Caso o leitor ou o destinatário não percebam a troca de enunciadores, a mudança no foco/na perspectiva, a compreensão do sentido global do texto pode ficar prejudicada. Vejamos como podemos proceder a esta análise:

- da linha 1 à linha 3, quem fala é o locutor (ou narrador) do texto; narrativa em 3ª pessoa;
- na linha 4, quem fala é o narrador do texto, mas como personagem da história; discurso direto da personagem, em um diálogo com a outra personagem;

<sup>39</sup> Segundo KOCH (1987), a noção de enunciador é primeiramente proposta por DUCROT (1987), quando discute a questão da polifonia. A polifonia, ou melhor dizendo, o jogo de vozes no discurso, caracteriza-se pelo fato de o locutor de um texto incorporar em seu discurso asserções atribuídas a outros enunciadores (personagens do discurso), aos interlocutores, a terceiros, a pontos de vista diferentes ou até mesmo à opinião pública em geral. A autora ainda lembra que este termo é emprestado de BAKHTIN (1970/1981) quando de sua análise do romance de Dostoiévski. Para um aprofundamento da noção de polifonia, ver DUCROT (1987) e KOCH (1987 e 1997).

- c) da linha 5 até a linha 8, quem fala é o “cara que carimba postais”, ou seja, um funcionário dos correios, respondendo a interpelação feita pelo outro personagem;
- d) nas linhas 9 e 10, volta a falar o narrador, como personagem da estória, dando continuidade ao diálogo com o funcionário dos correios;
- e) da linha 11 à linha 14, quem fala é o “eu poético” do funcionário do correios;
- f) da linha 15 à linha 18, volta a aparecer a voz do narrador;
- g) da linha 19 à linha 24, quem fala é o enunciador da carta;
- h) na linha 25, quem fala é o “eu poético” do narrador, em resposta ao “eu poético” do funcionário dos correios.

Como podemos perceber, este texto é construído a partir de um emaranhado de pontos de vista. Não pretendemos esgotar aqui todas as configurações de vozes ou perspectivas enunciativas nele presentes, mas tentaremos apresentar aquela que nos parece possível de ser sustentada pela teoria do texto aqui postulada. Temos, no mínimo, quatro vozes: a voz do narrador, a voz das duas personagens (o narrador como personagem e o funcionário do correios) e a voz do enunciador da carta. Além destas vozes, podemos dizer que tanto o narrador, como o funcionário dos correios sustentam cada um uma outra voz, a saber, os “eus poéticos”. Ambos são personagens complexos, heterogêneos, que dão voz, na mesma estória, a diferentes sujeitos: de um lado, temos o funcionário dos correios que também se apresenta como poeta; de outro, temos o narrador, que é também personagem da estória, destinatário da carta que aparece no interior da estória e ainda parodiador da fala do funcionário/poeta<sup>40</sup>.

Estas mudanças de perspectivas, em sua maioria, não encontram-se marcadas, como é mais usual, nem por uma pontuação especial, nem por verbos *dicendi*. Apenas a introdução do esquema textual<sup>41</sup> “carta pessoal”, dentro do esquema textual “letra de música” é marcada por um verbo *dicendi* (linha 19). Apresentar um esquema textual dentro

---

<sup>40</sup> Para compreender o diálogo no interior do texto entre estes “eus poéticos”, comparar os versos 11-14 com o verso 25; para tanto é preciso observar a mudança da 1ª. pessoa do presente do indicativo, nos versos 11-14, para 3ª pessoa do imperativo, no verso 25; além disso, observar também a mudança de perspectiva que ocorre com os diferentes encadeamentos posteriores: “e não vou lá”, nos versos 11-14, e “que eu vou já”, no verso 25.

<sup>41</sup> À medida que vivemos, tomando contato com o mundo que nos cerca e experienciando uma série de fatos e situações, adquirimos um certo conhecimento de mundo. Este conhecimento encontra-se armazenado em nossa memória em forma de blocos (modelos cognitivos). Um destes blocos é o que se chama de esquemas textuais ou superestruturas textuais, que são os nossos conhecimentos sobre os diversos tipos de texto.

de outro é um movimento bastante complexo. Provavelmente, por isso foi marcado de modo mais explícito.

Algumas marcas lingüísticas, como os dêiticos (“Esse recado veio pra *mim*, não pro *senhor...*”; “Mas isso *aqui*, meu senhor, é uma carta de amor...” ) podem nos oferecer pistas sobre quem está falando. Já as mudanças nas pessoas do discurso (de 3ª. pessoa para 1ª., de 1ª pessoa para 3ª, de 1ª para 2ª) podem contribuir para que tenhamos a sensação de que o texto apresenta as chamadas incoerências locais.

No entanto, os diferentes enunciadores vão se seguindo e, é a partir do estabelecimento de uma série de inferências por parte do leitor/destinatário e da ativação de seu conhecimento de mundo, que é possível reconstruir as situações narradas no texto e atribuir-lhe um sentido global. Além disso, devemos lembrar ainda que o leitor ou destinatário de uma determinada produção textual depende do conhecimento partilhado sobre o que está sendo focalizado para interpretar as palavras e/ou enunciados num sentido apropriado.

Começando pelo título da música, a partir do seu conhecimento sobre o que significa a sigla “E.C.T.” em nosso país, a saber, a Empresa de Correios e Telégrafos, o leitor já ativa um determinado *frame* (conhecimento de senso comum sobre um conceito central, sendo que seus componentes podem ser trazidos à memória sem uma ordem ou seqüência), a partir do qual irá situar o texto. No caso, o *frame* é “correios” e o leitor então poderá situar o contexto institucional tematizado pelo texto.

Para compreender o texto, no entanto, o leitor terá que mobilizar uma outra forma de organização do conhecimento na memória, a saber, os *esquemas* (conjunto de conhecimentos ordenados numa progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será feito ou mencionado no universo textual). Ao entrar em contato com o texto, precisamos partilhar um certo tipo de conhecimento sobre o funcionamento dos correios, funcionamento este que obedece a uma determinada ordem. Por exemplo, sabemos que caso uma correspondência deixe de ser entregue ao seu destinatário, seja por que motivo for, ela volta para os Correios, para que seja devolvida ao seu remetente e, neste percurso de volta, deve ficar por um período na instituição. Um outro exemplo é o seguinte: sabemos que a correspondência de uma pessoa é inviolável; por isso, faz sentido o encadeamento construído pelo narrador para a sua estória: o funcionário “tomou um susto

que lhe abriu a boca” (linha 3) provavelmente por ter sido descoberto em ato de violação da lei ou porque não esperava ser descoberto, etc.

Se a pessoa que está aguardando a correspondência percebe a demora na entrega, ela irá encaminhar-se aos correios com o objetivo de tentar encontrá-la. Isto já se constitui em um *plano*, outra forma de conhecimento que consiste em saber como agir em uma determinada situação para alcançar um determinado objetivo.

Estas formas de conhecimento de mundo (esquemas, planos) são fundamentais para que possamos atribuir sentido aos versos “*Tava com cara que carimba postais/ Que por descuido abriu uma carta que voltou/ Tomou um susto que lhe abriu a boca...*”.

Um outro elemento muito importante para que possamos entender este texto é o estabelecimento de *inferências*. Os diversos tipos de conhecimento de mundo (ou modelos cognitivos, a saber, os *frames*, os *esquemas*, os *planos*) que precisamos partilhar com o produtor do texto estão implícitos e foram inferidos por nós. Não se encontra explícito no texto o fato de que alguém se dirigiu ao correio porque estava esperando uma carta. Vejamos como Koch e Travaglia (1990) se referem ao papel desempenhado pelas inferências na compreensão global do texto:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-lo integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam que ser excessivamente longos para poderem explicitar tudo o que queremos comunicar. Na verdade é assim: todo texto assemelha-se a um *iceberg* - o que fica à tona, isto é, o que é explicitado no texto é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê.<sup>42</sup>

As ações relatadas pelo narrador (a pessoa ir aos correios com o objetivo de recuperar uma carta, plano este que não se encontra referido no texto) fazem-nos inferir que a personagem estava aguardando uma correspondência. Esta inferência só é possível ser feita porque partilhamos com o produtor do texto um conhecimento sobre o funcionamento dos correios: o remetente, caso sua correspondência não seja entregue, recebe-a de volta. O remetente não precisa ir aos correios para recuperar a correspondência que enviou. Quem precisa ficar atento, se está esperando alguma correspondência, é o destinatário. Considerando estes conhecimentos, podemos afirmar que a personagem que narra a estória é o destinatário da carta que voltou. Isto pode ser

---

<sup>42</sup> KOCH, I. G. V. , TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*, p. 65.

confirmado pelo verso “Este recado veio pra mim, não pro senhor” (linha 4), fala da personagem, destinatário da carta, em diálogo com o funcionário dos correios, ao reclamar do fato de ele (o funcionário) ter lido a sua carta.

Podemos ainda estabelecer outras inferências, a partir do conteúdo da carta enviada à personagem. Podemos inferir, por exemplo, a partir de nosso conhecimento sobre determinados modos de agir altamente estereotipados em uma dada cultura, chamados *scripts*<sup>43</sup>, que o narrador é uma mulher, já que o enunciador da carta que ela recebe lhe diz que já volta e lhe pede que ela espere por ele. Podemos chegar a esta conclusão por sabermos que em nossa cultura, em geral, quem se ausenta é o homem, que parte em busca de emprego, em outra cidade. Esta inferência pode ser estabelecida a partir do verso “Eu volto logo, me espera” (linha 21). Para reforçar nossa hipótese, ainda contamos com uma outra informação presente na carta: “Eu quero ver nosso filho” (linha 23). A pessoa que escreve para o narrador não está com o filho; logo, inferimos que quem está com o filho é o destinatário da carta, ou seja, a mãe, considerando que normalmente é a mulher quem fica com os filhos quando o pai se ausenta. Além disso, a presença do pronome possessivo “nosso” no verso “Eu quero ver nosso filho” permite-nos inferir que se trata de uma comunicação entre os pais de uma criança.

Por último, gostaríamos de comentar as inferências que podem ser estabelecidas a partir do verso “Eu caso contente, papel passado e presente” (linha 19). Podemos afirmar que este verso inicial faz parte de uma carta-resposta (dentro da estória relatada pela narradora). Esta hipótese pode ser confirmada caso consideremos que a própria estrutura dialógica da letra pressupõe, para o aparecimento do verso da linha 19, o que Sanford e Garrod (1981) denominam de “cenário interpretativo de um texto”<sup>44</sup>: uma mulher pergunta a um homem, “Você casa comigo?”, então, ele responde, “eu caso contente, papel passado, presente”. Dado este cenário interpretativo, ficariam justificados tanto o caráter de carta-resposta (considerando aqui não só o seu enunciado inicial, como também todo o conteúdo que se segue), como também a própria expectativa da narradora/personagem em

---

<sup>43</sup> “*Scripts* são planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas. Diferem dos planos por conterem uma rotina preestabelecida. Trata-se de um todo seqüenciado de maneira estereotipada, inclusive em termos de linguagem, ou seja, como se age verbalmente numa situação”. KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*, p. 65. Para um maior aprofundamento sobre os modelos cognitivos, ver DIJK (1992).

<sup>44</sup> SANFORD, GARROD (1981) são citados KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*, p. 65.

receber esta resposta, o que a levou a colocar em funcionamento o plano de ir aos correios reclamar pela carta que lhe seria endereçada. Que maior prova de amor do que aceitar um pedido de casamento?

Neste momento, os leitores poderiam nos perguntar sobre qual poderia ser a nossa hipótese a respeito dos motivos que levaram a narradora/personagem a escrever um pedido de casamento, já que, em nossa sociedade, este é um papel tradicionalmente reservado ao homem. Há alguns indícios na própria carta, mas deixaremos ao leitor a possibilidade de construir a sua hipótese de leitura.

Como dissemos no início da análise desta letra de música, não pretendemos esgotar aqui todas as estratégias de processamento, mobilizadas na produção e recepção desse texto. Com base nas postulações de Koch (1997), podemos afirmar que estivemos centrados até aqui na análise das estratégias cognitivas efetuadas pelos interlocutores, compreendidas como aquelas que dizem respeito ao uso do conhecimento (conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, conhecimento do contexto sócio-cultural). Em outras palavras, segundo a autora, “as estratégias cognitivas, em sentido restrito, são aquelas que consistem na execução de algum cálculo mental por parte dos interlocutores”.<sup>45</sup>

Não foi possível discutir os outros tipos de estratégias de processamento textual<sup>46</sup>, a saber, as estratégias sociointeracionais ou algumas outras estratégias textuais. Não tratamos, por exemplo, do caráter oral do texto, não fizemos uma discussão mais aprofundada sobre a sua estrutura dialógica, sobre a presença de alguns elementos de coesão, etc. Nosso objetivo foi o de tentar exemplificar como se pode proceder a uma análise considerando o texto como resultado de uma atividade verbal, que revela determinadas operações lingüísticas e cognitivas, efetuadas tanto no campo de sua produção, como no de sua recepção.

Há outros fatores também importantes para a compreensão do sentido global de um texto. A *intertextualidade* é um destes outros fatores. Koch (1990) afirma que a intertextualidade é um fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos.

---

<sup>45</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 29.

<sup>46</sup> Para um maior aprofundamento sobre os tipos de estratégias de processamento textual, ver KOCH (1997).

Para Barthes (1974), "(...) todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis".<sup>47</sup> Isto significa que

todo texto é um objeto heterogêneo que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude ou a que se opõe. (...) Essas formas de relacionamento entre textos são, como se verá, bastante variadas.<sup>48</sup>

Em nossas práticas cotidianas de linguagem, não percebemos o quanto os produtores utilizam-se desta rede de relações entre os textos, ao elaborarem os seus próprios textos, e o quanto nós, leitores ou destinatários, não percebemos que, ao processarmos o que lemos ou ouvimos, muitas vezes nos utilizamos de nosso conhecimento sobre outros textos, para atribuir sentido global às diversas formas textuais com as quais estamos em contato. Vejamos os exemplos abaixo:

(7) *Ligações Perigosas de Frankie*. (subtítulo: máfia, presidentes, mulheres e jornalistas). Título de uma matéria publicada no Caderno B do Jornal do Brasil, de 16/05/98, sobre Frank Sinatra.

(8) *Algum poder ao povo*. Título de uma matéria publicada no Caderno Internacional do Jornal do Brasil, de 16/05/98, sobre os conflitos na Indonésia.

(9) *Entre beijos e tapas*. Título de um texto de crítica de teatro, publicado no Caderno B do Jornal do Brasil, de 16/05/98.

(10) *Dizem que a primeira copa a gente nunca esquece. Essa, então, ficará na memória para sempre. É a última do século e tem que dar Brasil*. Fala de Roberto Carlos, lateral da Seleção Brasileira convocado para a Copa 98, no Correio Popular, jornal de Campinas, São Paulo, de 15/08/98.

(11) *Quem não fizer o PIC Carnaval é ruim da cabeça. Ou doente do pé*. (Propaganda do Banco Itaú de um tipo de poupança que dá prêmios).

(12) *De volta para o futuro*. Título da matéria de capa do Caderno Ilustrada da Folha de São Paulo, de 02/01/99, sobre o escritor paulistano Jerônimo Monteiro, pai da ficção científica brasileira.

Todos os exemplos acima podem ser classificados como o tipo de intertextualidade que Sant'anna (1985) chama de *intertextualidade de semelhanças*. Antes de passarmos a uma análise do que significa esta expressão, vejamos a que textos remetem os textos acima: o título (7) retoma o título do filme "Ligações Perigosas", do diretor Stephen Frears; o título (8) remete ao dito "Todo poder ao povo"; o título (9) remete à música "Entre tapas e

<sup>47</sup> BARTHES (1974) é citado por KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 46.

beijos”, de Leandro e Leonardo; o título (10) remete ao dito “o primeiro beijo, a gente nunca esquece; o título (11) remete ao verso “quem não gosta de samba, bom sujeito não é, é ruim da cabeça, ou doente do pé”, da música “Samba da minha terra”, de Dorival Caymmi; o título (12) retoma o título do filme “De volta para o futuro”, do diretor Robert Zemeckis.

Dizemos que todos exemplos acima incorporam o intertexto, para seguir-lhe a orientação argumentativa<sup>49</sup>. Em outras palavras, todos os textos acima reafirmam os intertextos retomados, reafirmam os seus conteúdos proposicionais e ainda orientam o leitor para concluir de forma semelhante àquela do texto-fonte. Sendo assim, podemos dizer que os exemplos acima propõem uma adesão ao que é dito no texto original. É neste sentido que Maingueneau (1976) postula para este tipo de fenômeno um valor de captação de um texto por outro. Há uma pequena modalização no exemplo (8), pelo uso do pronome indefinido “algum”, mas o enunciado tenta orientar o leitor para a mesma direção da argumentação “o povo é quem deve decidir, o povo é quem deve mandar.”

Os exemplos acima retomam outros textos por motivos diferentes. Por exemplo, os objetivos de uma propaganda (11) são diferentes dos objetivos de matérias jornalísticas (7, 8 e 12), de um artigo de opinião (9), de uma opinião pessoal de alguém sobre determinado assunto (10). Mas não se pode negar que todos eles, ao serem elaborados a partir de um outro texto, de domínio mais ou menos público, revelam um pouco dessa nossa habilidade de brincar com a linguagem, de nos utilizarmos dela com grande desenvoltura para conseguirmos os efeitos desejados. Isto no campo da produção. Já no campo da recepção, pode-se dizer que conhecer o texto-fonte permite ao leitor justamente perceber este jogo, mas isto não significa dizer que ele não será capaz de compreendê-lo, caso não conheça o texto retomado. Se o leitor não fizer o reconhecimento do texto-fonte e/ou não conseguir perceber os motivos de sua re-apresentação, provavelmente vai encará-lo como um evento novo, atribuindo-lhe assim, o sentido global possível de ser produzido.

Um exemplo dessa possibilidade de leitura é o desenho *Os Simpsons*. Nos desenhos da série, acontecem remessas a outros textos, principalmente a filmes, quase

---

<sup>48</sup> KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*, p. 46.

<sup>49</sup> O conceito de orientação argumentativa somente pode ser compreendido se considerarmos que ao estabelecermos relações através da linguagem, pretendemos, de fato, atuar sobre os outros de determinada maneira, obter deles determinadas reações; é nesse sentido que o uso da linguagem é dito como essencialmente argumentativo, ou seja, ao enunciarmos o que enunciamos, pretendemos orientar os sentidos dos enunciados na direção de determinadas conclusões e não de outras. Para uma melhor compreensão da dimensão argumentativa da linguagem, ver DUCROT (1977 e 1984), VOGT (1980), GUIMARÃES (1987) e KOCH (1987).

sempre no sentido de parodiá-los, ironizá-los. Neste caso, teríamos o que Sant'anna (1985) chama de *intertextualidade das diferenças*, que consiste em representar o que foi dito para propor uma leitura diferente e/ou contrária. Maingueneau (1976) postula para este tipo de fenômeno um valor de subversão de um texto por outro texto.

Em um dos episódios do desenho acima mencionado, a família toda, ao mudar-se para uma casa assombrada, passa a agir e a falar como vários personagens de filmes de suspense ou de terror. Uma das cenas retomadas é a clássica cena do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, em que o assassino mata com uma faca uma outra pessoa. Uma criança que assista o desenho, provavelmente, não deverá estabelecer as relações intertextuais ali mobilizadas, já que os textos retomados não são de seu conhecimento. Mas muito dificilmente deixará de atribuir um sentido global ao episódio. Podemos concluir, então, que o estabelecimento de relações intertextuais depende do conhecimento prévio e consciente dos textos-fonte por parte do leitor.

Koch e Travaglia (1990) afirmam que o fenômeno da intertextualidade é muito comum entre as matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana, na música popular, em nossas apropriações de provérbios e ditos populares, em textos literários, publicitários, etc. A autora afirma ainda que as relações entre textos podem ser explícitas ou implícitas. Todos os exemplos acima são exemplos de intertextualidade implícita porque neles não se encontra a indicação da fonte. Nesse caso, o receptor, como já dissemos anteriormente, deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la. Vejamos alguns exemplos de intertextualidade explícita:

(13) *Eu demito, diz FHC sobre aliado que votar contra*. Título de uma matéria da Folha de São Paulo, de 24/12/98, sobre as conseqüências das possíveis infidelidades partidárias da base governista.

(14) *Eucaristia não é show*, diz Bispo de MT. Título de uma matéria da Folha de São Paulo, de 13/12/98, onde o D. Pedro Casaldália comenta o estilo de celebração do padre Marcelo Rossi.

(15) *Não sou gerente da crise*, diz FHC. Título da manchete de capa da Folha de São Paulo, de 02/01/99, a respeito do discurso de posse do Presidente da República, no Congresso Nacional.

Segundo Koch e Travaglia (1990), o discurso relatado (exemplos 13, 14 e 15), as citações e referências no texto científico, resumos, resenhas, traduções, retomadas da fala do parceiro na conversação face-a-face, etc., constituem-se em exemplos de intertextualidade explícita, porque neles ocorre a indicação da fonte do texto primeiro. O que é interessante notar em todos os exemplos citados anteriormente retirados de jornais é

que o recurso à intertextualidade (explícita e implícita) é bastante utilizado pelos produtores deste gênero textual, principalmente nos títulos.

Uma hipótese explicativa possível para a presença maciça deste recurso em títulos de matéria jornalística, seja ela de jornal ou de revista, é a tentativa de chamar a atenção do leitor, através de um uso diferenciado dos recursos lingüísticos (no caso dos exemplos de intertextualidade implícita). Além disso, pode também ocorrer a pressuposição de que o leitor, ao acionar seus conhecimentos prévios sobre o texto-fonte ao qual o título remete, produza uma imagem positiva sobre a instituição jornalística e/ou sobre o produtor do texto, pelo fato de perceber a presença de uma certa criatividade na produção do gênero textual em questão (vide julgamentos do tipo "puxa, que inteligente este título, ou esta publicidade, etc.").

Já o fenômeno da citação é considerado, por vários estudiosos do texto e do discurso, como fundamentalmente ambíguo. Se por um lado, como diz Maingueneau (1989), o locutor do texto jornalístico se distancia daquilo que é dito, ao atribuir aqueles conteúdos explicitamente a outrem, por outro lado, ele pode estar concordando com aquilo que é dito, sem necessariamente responsabilizar-se por isto.<sup>50</sup> Considerando que as falas escolhidas para servirem de títulos para matérias jornalísticas não são de qualquer um, ou seja, que esta escolha, em geral, tem a ver com a autoridade de quem fala, com a importância atribuída ao que é dito, com o interesse que a fala poderá despertar nos leitores, etc., podemos afirmar que o recurso à intertextualidade explícita está estreitamente ligado as suas condições de possibilidade: ou seja, as citações nos títulos de matérias jornalísticas ou mesmo em manchetes não são feitas da mesma maneira, não possuem a mesma força e não estão funcionando da mesma forma que as citações feitas em um texto científico ou em um romance. A nosso ver, o recurso à citação em títulos está estritamente ligado ao contexto institucional de produção, a saber, a instituição jornalística. Os locutores nela inseridos, ao produzirem seus textos, são levados a explorar ao máximo os recursos de linguagem que lhes ofereçam a possibilidade de se constituírem como simples "mediadores" entre o público e a informação. Assim, estaria reforçada a ideologia da "objetividade" e da "neutralidade", tão cara a determinados tipos de texto e/ou discursos, entre eles, o jornalístico. Não pretendemos esgotar aqui a discussão sobre o funcionamento

---

<sup>50</sup> O conceito de intertextualidade é também discutido por MAINGUENEAU (1976 e 1989) a partir do quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa. O autor postula ainda o conceito de

deste fenômeno, mas apenas apontar algumas possíveis explicações para o aparecimento de determinados recursos nos textos escolhidos para serem analisados.

Por último, gostaríamos de discutir mais especificamente os dois exemplos abaixo:

(16) *Vendas de veículos caem 45% no varejo* (comparação entre outubro do ano passado e outubro deste ano). Título de uma matéria de 1ª página da Folha de São Paulo, de 28/10/98.

(17) *Melhora a venda de carro popular* (naquela semana, houve um crescimento de 10 pontos em comparação com a semana anterior). Título de uma matéria de 1ª página do Correio Popular, jornal de Campinas, de 28/10/98.

O que mais nos chama a atenção nos exemplos acima é o fato de que as duas informações, aparentemente contraditórias entre si, aparecem com o mesmo destaque em dois jornais de São Paulo, no mesmo dia. Em uma, afirma-se que houve uma queda na venda de carros. Na outra, afirma-se que houve um aumento na venda de carros. Quem estaria dizendo a verdade? Qual seria a informação mais correta? Apesar de muito correntes e de aparente interesse geral, estas são perguntas que uma análise textual não se propõe a responder, dado que admitimos que um texto sempre será constituído de uma multiplicidade de significações, tudo dependendo de diversos fatores, entre eles, a intenção de quem produz e, da parte do leitor ou destinatário, a disponibilidade de aceitar aquilo que é dito.

Lendo os conteúdos das matérias, podemos perceber que os índices de comparação são muito diferentes. No exemplo (16), o índice é a comparação do número de vendas de carros no espaço de um ano; no exemplo (17), o índice é a comparação do número de vendas de carros no espaço de uma semana. Há ainda uma outra diferença a ser considerada: no exemplo (16), fala-se das vendas de carros em geral; já no exemplo (17), fala-se apenas das vendas de carros populares.

Um dos fatores de coerência que nos pode ajudar a compreender o fenômeno acima é a *intencionalidade*. Segundo Koch e Travaglia (1990), “a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados.”<sup>51</sup> Para a autora, a intencionalidade tem uma relação estreita com a argumentatividade<sup>52</sup>. Não

---

*interdiscursividade*, conceito este que é discutido no capítulo *Análise do Discurso* no volume II desta obra.

<sup>51</sup> KOCH, I.G.V., TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*, p.79.

<sup>52</sup> KOCH (1987) nos esclarece sobre a argumentatividade na linguagem: “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por

devemos entender aqui a noção de intencionalidade de uma forma simplista. Segundo Vogt (1980), a noção de intencionalidade é lingüisticamente constituída. Ela se deixaria representar, de uma certa forma, no enunciado, por meio do qual se estabelece um jogo de representações, que pode ou não corresponder a uma realidade psicológica ou social. Isto significa dizer que não há uma necessária consciência, no momento da produção textual, desta argumentatividade, constitutiva de toda a atividade verbal. No entanto, as formas lingüísticas utilizadas revelam certas intenções.

No caso dos exemplos acima, a argumentatividade, ou seja, a existência de uma determinada intenção ou objetivo por parte de quem produz um texto, pode ser percebida através da presença de uma determinada informação em detrimento de outra e através da forma de apresentação desta informação. Estes dois elementos constituiriam, enfim, o sentido do enunciado. No exemplo (16), a queda na venda de veículos é a informação apresentada. A forma de apresentação desta informação é feita com o uso do tempo verbal no presente do indicativo (o que denota a certeza do locutor sobre o que fala) e de um recurso argumentativo clássico: a apresentação de dados numéricos (o que constrói um efeito de verdade, já que "os números não mentem").

No exemplo (17), a informação é o contrário daquela apresentada no exemplo anterior: melhoria na venda de veículos populares. Esta seria a principal diferença. Mas não é só isto: a forma de apresentação da informação também é diferente. A utilização do verbo "melhorar" produz um efeito menos definido do que aquele apresentado pelo verbo "cair" do enunciado anterior, já que "melhorar" exprime um conceito subjetivo, apresentado em escalas graduadas, escalas estas que dependem, principalmente, da conclusão a que se pretende levar o interlocutor: aumentar em 10% o número de vendas dos carros pode significar uma melhoria, em uma determinada escala de valores; pode significar um estacionamento, em outra escala de valores, e pode até significar um decréscimo em outra. Não estamos querendo dizer aqui que um exemplo é mais exato ou verdadeiro do que outro. O que estamos tentando mostrar é que a intencionalidade é construída

---

outro lado, por meio do discurso - ação verbal dotada de intencionalidade - tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "neutro", ingênuo, contém também uma ideologia - a de sua própria objetividade." KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987, p. 19.

lingüísticamente, que esta construção pode ser observada através das formas do dizer e não só pelos conteúdos expressos nos textos.

Daremos agora um outro exemplo, para finalizar a discussão sobre intencionalidade e sua relação com um outro fator, a *informatividade*:

(18) "Quem ganha, quem perde. Pesquisa Datafolha mostra que Ciro Gomes (PPS) é, até agora, quem mais ganhou com o desgaste do Presidente. No cenário da eleição sem FHC, fica pouco atrás do petista Lula (22% a 27%), mas abocanha a maior parte do eleitorado tucano em 98: 21%." (Texto retirado da coluna "Painel", da Folha de São Paulo, de 16/02/98)

O fator *informatividade* diz respeito ao grau de previsibilidade das informações que estarão presentes no texto, se estas são esperadas ou não, se são previsíveis ou não. Além disso, é a informatividade que vai determinar a seleção e o arranjo da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade (Koch, Travaglia, 1990). Não pretendemos fazer uma discussão muito longa sobre o exemplo acima. Só pretendemos mostrar como o arranjo das informações presentes no texto está condicionado pelas intenções de seu locutor e como estas intenções são reguladas pelo contexto situacional mais amplo de produção do texto.

No exemplo (18), a informação tematizada é quem seria o possível candidato "vencedor" na próxima eleição presidencial. Podemos dizer que esta nota possui um grau médio de informatividade, já que os candidatos listados na pesquisa continuam sendo os mesmos das eleições anteriores.

A nota inicia com um enunciado que se propõe a revelar "quem mais ganha". No primeiro enunciado, o candidato apontado como o "vencedor" é Ciro Gomes, do PPS. No entanto, no enunciado seguinte, começa a se esboçar como se deu o arranjo da informação nesta nota. Em primeiro lugar, o predicado "ganhar" não diz respeito ao conjunto total dos eleitores, mas se refere ao conjunto de eleitores que votaram em FHC. Contudo, isto só é revelado na construção "A mas B", que vem logo a seguir, onde sabemos que o argumento mais forte ("abocanha a maior parte do eleitorado tucano em 98: 21%) vem após o *mas*. Sendo assim, o universo no qual o verbo "ganhar" faz sentido somente é revelado na última oração do texto.

Além disso, os números que revelam o candidato Lula vencendo o próprio candidato Ciro Gomes, construído como "o vencedor" pelo locutor da nota, aparecem entre parênteses, numa ordem que também pode causar alguma imprecisão no cálculo de

sentido a ser produzido pelo leitor. Para minimizar a informação de que Lula é o candidato apontado como vencedor pela própria pesquisa mobilizada pelo locutor, este utiliza-se do advérbio “pouco” e do arranjo sintático em que o referente textual (Ciro Gomes), apesar de não ser o vencedor na pesquisa, ainda é sujeito da ação, mesmo subentendido: *“Fica pouco atrás do petista Lula”*.

Nos exemplos (16), (17) e (18), podemos perceber que as informações presentes nos noticiários<sup>53</sup> não são neutras. Elas podem ser arranjadas de forma a produzir efeitos muito específicos: no caso do exemplo (16), uma notícia que afirma uma queda em 45% nas vendas de carros, muito provavelmente nos aponta para a construção de uma imagem pouco positiva da situação econômica do país; no mesmo dia, uma outra notícia (17) que relata uma melhora na venda de carros populares, muito provavelmente nos aponta para a construção de uma imagem um pouco mais positiva da situação econômica do país; uma nota (18) sobre uma possível vitória de um determinado candidato nas próximas eleições presidenciais nos aponta para a construção de uma imagem bastante positiva do candidato em questão.

Não foi possível discutir todos os fatores de coerência que contribuem para a construção do sentido global do texto. Também não foi nosso objetivo, como já dissemos anteriormente, esgotar as leituras possíveis dos exemplos apresentados. Tivemos apenas o intuito de apresentar textos com os quais temos contato cotidianamente e fazer análises que pudessem contribuir para uma melhor observação, como profissionais da linguagem, dos processos sócio-cognitivos envolvidos na construção dos sentidos. Nas análises dos últimos exemplos, já começamos a mobilizar os nossos conhecimentos sobre a forma de organização dos recursos lingüísticos na superfície textual, ou seja, sobre alguns mecanismos de coesão. Passemos agora a discutir mais especificamente alguns aspectos relativos a estes mecanismos.

### 3.2 A coesão textual

Para fazer uma análise de alguns aspectos da coesão textual, escolhemos o trecho a seguir:

---

<sup>53</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre as notícias como discurso, ver DIJK (1992).

(19) Quem são eles

<p>1. Nas mãos deles, 169 milhões de vidas, o destino de um país gigante e uma crise brutal, com risco até de congestões capazes de ferimentos profundos no regime constitucional e na tranquilidade relativa dos brasileiros.</p> <p>2. Tudo foi dado a eles: o sacrifício de direitos, o sacrifício de milhões de empregos, o sacrifício de incontáveis empresas brasileiras, o sacrifício da legitimidade do Congresso, o sacrifício do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição. E eles quebraram o país.</p> <p>3. Quem são eles? Um presidente abúlico, alheio a todas as realidades desprovidas de pompas e reverências e que só reconhece um ser humano, por acaso ele próprio; avesso a administrar, por desconhecimento agravado pela indecisão, e que se ocupa tanto de bater papo quanto não se ocupa de trabalhar.</p> <p>4. Como complemento, um ministério apenas pró-forma, desautorizado pela evidência de que não foi montado para ser competente, mas por negócio político.</p>	<p>E nele uma equipe econômica dividida entre inseguros eternos, como Pedro Malan, e a audácia dos imaturos no saber e na mentalidade, como Gustavo Franco e Francisco Lopes.</p> <p>5. Em 36 horas, entre quarta e sexta-feira, o presidente e seus orientadores econômicos submeteram o Brasil a três sistemas cambiais. O dos últimos anos; o da repentina desvalorização do real, na quarta-feira; e o recomendado na noite de quinta pelo governo americano e o FMI (como relatou o "The New York Times"), liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real. Nem no Haiti isso aconteceu alguma vez.</p> <p>6. Não é necessário, portanto, considerar o que eles fizeram em quatro anos para saber do que são capazes contra a crise perigosa. Bastam as 36 horas de obtusidade e de leviandade, com o presidente insistindo duas vezes em sair de férias a meio do turbilhão que angustiava o país. (...) (Jânio de Freitas, Folha de São Paulo, 17/02/98)</p>
---	--

A partir de agora, principalmente por questões de espaço, tentaremos fazer a análise do texto acima, considerando alguns mecanismos de coesão utilizados pelo locutor do texto, para conseguir construir sua avaliação sobre os fatos econômicos e políticos acontecidos na semana que precedeu a publicação do artigo.

Em primeiro lugar, o locutor inicia seu texto com uma certa "estratégia de suspense". Ele anuncia que vai falar sobre algumas pessoas (vide o título do artigo), mas não as identifica de pronto. No título, o locutor mobiliza o pronome "eles" para iniciar a construção do referente textual.

Em geral, os textos vão ser iniciados de outra maneira, introduzindo o referente textual através de um nome, de um sintagma, de um fragmento de oração, uma oração, ou todo um enunciado, que, "além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralingüístico".<sup>54</sup>

No entanto, o locutor deste texto prefere continuar com a "estratégia de suspense". No primeiro parágrafo, as pessoas que serão tematizadas pelo texto são designadas pelo pronome "deles", na expressão "*Nas mãos deles (...)*". No início do segundo parágrafo, o

locutor se refere às pessoas sobre quem vai falar através do pronome “eles”, no enunciado “*Tudo foi dado a eles*”. E finaliza este parágrafo com o enunciado “*E eles quebraram o país.*”

Até aqui, portanto, o locutor utilizou-se do recurso a *pronominalização* para atribuir ações às pessoas de quem fala. Será apenas a partir do terceiro parágrafo que o locutor vai nos desvendar o mistério sobre a identidade do referente textual. O locutor faz então a pergunta “*Quem são eles?*” e responde: “*um presidente abúlico*” (terceiro parágrafo); “*um ministério apenas pró-forma*” e “*(...) e, nele, uma equipe econômica dividida entre os inseguros eternos, como Pedro Malan, e a audácia dos imaturos no saber e na mentalidade, como Gustavo Franco e Francisco Lopes*” (quarto parágrafo).

Este mecanismo é o que Koch (1989) chamará de coesão referencial: “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) do universo textual”.<sup>55</sup> No nosso exemplo, os pronomes utilizados nos dois primeiros parágrafos fazem remissão aos sintagmas e às orações dos terceiro e quarto parágrafos do texto. Como esta remissão foi feita para frente no texto, é denominada *catafórica*. Podemos dizer que este texto teve um início catafórico.

A partir do quarto parágrafo, as remissões serão anafóricas: as expressões “*o presidente e seus orientadores econômicos*” remetem para trás, para as expressões “*um presidente*” e “*uma equipe econômica*” respectivamente. A anáfora, em geral, é um movimento de remissão mais comum, mais utilizado na construção da referência. Iniciar um texto cataforicamente é menos comum, apesar de ser um recurso argumentativo que começa a se fazer mais presente nos textos jornalísticos, como é o caso do nosso exemplo.

Do ponto de vista argumentativo, ficou bastante interessante a combinação da estratégia de suspense na construção dos referentes textuais com a atribuição de um imenso poder a este mesmo referente, através do mecanismo sintático de *apassivação*, nos dois primeiros parágrafos do texto: “*nas mãos deles*”, *estávamos todos nós* e o destino de nosso país; “*tudo foi dado a eles*”; e a enumeração bastante enfática (pela repetição do sintagma) dos diferentes “sacrifícios” impostos por “*eles*”. Por último, o enunciado na voz ativa, atribuindo aos referentes uma ação da maior gravidade: “*E eles quebraram o país*”.

---

<sup>54</sup> KOCH, I.G.V. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989, p. 34.

<sup>55</sup> KOCH, I.G.V. *A coesão textual*, p. 30.

Esta combinação fez com que a revelação da identidade dos referentes textuais fosse mais marcante do ponto de vista argumentativo, já que antes de esta identidade ser revelada, a ela foram acrescentadas as imagens de um poder imenso que não foi utilizado em benefício daqueles que a “eles” se entregaram.

Um outro importante mecanismo de coesão referencial presente neste texto é a definitivização. Segundo Koch (1997), uma das regras para o emprego dos artigos como formas remissivas é aquela em que um referente, ao ser introduzido por um artigo indefinido, somente pode ser retomado por um artigo definido. Coerente com a estratégia de suspense, o locutor utiliza-se ao máximo do expediente de iniciar os parágrafos com referentes introduzidos por artigos indefinidos, como por exemplo, “(...) *Um presidente...*” (parágrafo 3), “(...) *um ministério...*” (parágrafo 4), “(...) *uma equipe econômica...*” (parágrafo 4), para somente, então, a partir do quinto parágrafo, começar a desvendar o “eles” : “o *presidente*” (parágrafos 5 e 6) e “*seus orientadores econômicos*” (parágrafo 5).

Poderíamos continuar falando de outros mecanismos de coesão referencial utilizados pelo locutor nos quatro primeiros parágrafos do texto: a elipse, no terceiro parágrafo: “(*um presidente*) *alheio a todas as realidades (...)*”, “(*um presidente*) *que só reconhece um ser humano, por acaso, ele próprio (...)*”, “(*um presidente*) *avesso a administrar (...)*”; a remissão catafórica (para frente) do pronome indefinido “*tudo*” aos diferentes “*sacrifícios*”, no segundo parágrafo; a remissão anafórica do pronome indefinido “*isso*” aos enunciados anteriores, no quinto parágrafo; a repetição do sintagma “*o sacrifício*”, no segundo parágrafo, a repetição da expressão nominal definida “*o presidente*”, entre outros. Não seguiremos adiante na enumeração dos mecanismos utilizados. O que nos interessa dizer, finalmente, sobre o mecanismo da coesão referencial é que este não é utilizado ingenuamente, estando, na maioria dos casos, a serviço dos objetivos do locutor no momento da produção de seu texto. No exemplo acima, vimos que este mecanismo apoiou fortemente a argumentação empreendida pelo locutor.

Passemos agora à análise dos mecanismos de seqüênciação<sup>56</sup> utilizados para a progressão do texto acima. A progressão do texto pode ser percebida através da forma

---

<sup>56</sup> Segundo Koch (1997), a progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes. Temos, assim, a seqüênciação frástica, quando não há procedimentos de recorrência estrita, e a seqüênciação parafrástica, quando há procedimentos de recorrência. Segundo a autora, os principais mecanismos de seqüênciação frástica são os que garantem a manutenção do tema, os que estabelecem relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e a articulação de seqüências textuais.

como o tema é, ao mesmo tempo, mantido e renovado. Este procedimento de manutenção temática diz respeito à articulação entre informação dada (tema) e a informação nova (rema). No caso do exemplo (19), a seqüenciação predominante é a chamada seqüenciação parafrástica, ou seja, aquela com procedimentos de recorrência.

Um primeiro exemplo desta forma de seqüenciação é a recorrência de estruturas sintáticas ou o chamado "paralelismo sintático": "*(...) o sacrifício de direitos, o sacrifício de milhões de empregos, o sacrifício de incontáveis empresas brasileiras, o sacrifício da legitimidade do Congresso, o sacrifício do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição (...)*" (segundo parágrafo). Um outro exemplo deste mesmo recurso: "*(um presidente) alheio à todas as realidades (...), (um presidente) avesso a administrar*" (terceiro parágrafo). A reiteração dos termos desempenha um papel fortemente argumentativo, como se a repetição das estruturas funcionasse de forma a registrar, de maneira definitiva, na memória do leitor, as críticas feitas aos referentes textuais.

Um outro exemplo de seqüenciação parafrástica é a recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrase. No texto de Jânio de Freitas, a paráfrase é feita no final do quinto parágrafo, introduzida pela expressão "ou seja": "*(...) e o recomendado na noite de quinta-feira pelo governo americano e o FMI (como relatou "The New York Times), liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real"*. A paráfrase aqui presente serve para reforçar o encadeamento discursivo que o locutor do texto vai estabelecer logo a seguir, introduzido pelo operador "nem": "*Nem no Haiti isso aconteceu alguma vez*".

O encadeamento discursivo estabelecido é o de conjunção, efetuado por operadores, como é, *também, não só ... mas também, tanto ... como, além de, além disso, ainda, nem*, que ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão. No caso de nosso exemplo, o relato feito pelo locutor, ao longo do quinto parágrafo, só servirá de reforço para o argumento de incompetência e má-gestão dos governantes frente à crise que se abateu sobre o país naquela semana. Além disso, implicitamente, coloca esta gestão em comparação com o governo do Haiti, país famoso por suas injustiças sociais, violências e instabilidade econômica.

Não tivemos a pretensão de esgotar a análise dos recursos coesivos presentes neste texto. Apenas estivemos fazendo um exercício de observação de alguns recursos coesivos importantes, mobilizados pelo locutor na construção de sua argumentação.

#### 4. Conclusão

Este texto pretendeu apresentar resumidamente o que a área de Lingüística Textual, no Brasil, conseguiu desenvolver teoricamente de forma a propiciar análises sistemáticas de produções textuais socio-cognitivamente contextualizadas. Além disso, o texto pretendeu oferecer uma breve revisão dos conceitos e categorias que foram sendo elaborados ao longo da história de construção desse campo. Estivemos explorando até aqui basicamente os conceitos de coerência e coesão textuais, conceitos estes que são considerados imprescindíveis para aqueles que pretendem trabalhar com níveis textuais e/ou discursivos de realização da língua.

Nesta conclusão, pretendemos apontar alguns aspectos que não foram problematizados e/ou discutidos, mas que também fazem parte dos interesses dos analistas do texto/discurso. Por exemplo, não tratamos aqui das atividades de produção do texto falado. Já há, sobre o Português brasileiro, uma vasta produção acadêmica que discute as principais estratégias de processamento textual nesta modalidade<sup>57</sup>. Também têm sido publicados estudos voltados para as relações entre análise do texto/discurso e o desenvolvimento da competência textual e/ou discursiva na escola<sup>58</sup>.

Em 1997, Teun A van Dijk publicou dois volumes que refletem mais atualmente os diversos interesses que estão sob o guarda-chuva da tradição anglo-saxã de estudos sobre texto/discurso. O primeiro volume intitula-se *Discourse as Structure and Process* e o segundo volume chama-se *Discourse as Social Interaction*. Este conjunto, intitulado *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction*, é composto por artigos de vários autores europeus e norte-americanos sobre uma ampla gama de tópicos e áreas, indo das abordagens mais retóricas, estilísticas e lingüísticas, até direções psicológicas e especialmente mais sociológicas de pesquisa. Alguns artigos trabalham com textos escritos, outros com conversação informal ou institucional em múltiplos contextos sociais. Alguns trabalhos enfocam as estruturas abstratas do discurso, outros a organização ordenada da fala, assim como outros discutem as implicações sociais, políticas e culturais do discurso. Diferentes perspectivas teóricas estão contempladas neste conjunto de trabalhos. O autor

---

<sup>57</sup> Ver os trabalhos sobre a organização textual-interativa, presentes nos seis volumes da *Gramática do Português Falado*, publicados pela Editora da Unicamp. Além disso, ver o capítulo *Análise da Conversação* no volume II desta obra.

<sup>58</sup> Ver os trabalhos de GERALDI (1984), COSTA VAL (1991), GERALDI (1991), MATTOS (1986), BASTOS (1994), RAMOS (1997), CASTILHO (1998).

afirma que os dois volumes constituem a mais ampla e completa introdução aos estudos do discurso até os dias de hoje.

Podemos dizer ainda que os estudos sobre texto/discurso têm se aproximado bastante do que costumamos chamar de estudos cognitivos, principalmente daqueles ligados a uma concepção de cognição que pressupõe uma visão integrada das faculdades cognitivas do ser humano, onde linguagem, percepção, afeto, atenção, memória, estrutura cultural e outros componentes do sistema cognitivo encontram-se definitivamente interrelacionados.<sup>59</sup> Por último, pode-se dizer também que recentemente houve uma retomada do interesse pela questão da/dos tipologia textual/gêneros textuais. Para tanto, remeto o leitor para o recente trabalho de Marcuschi (2000), sobre gêneros textuais.

Esperamos que o leitor possa, a partir da leitura deste texto, ter vislumbrado o amplo leque de interesses e perspectivas teóricas que constitui a área e possa interessar-se pelos tantos e tantos caminhos dos estudos sobre texto/discurso.

---

<sup>59</sup> Sobre este tema, ver os trabalhos de MARCUSCHI (1999a), (1999b), (1999c).

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1986. (Título original, 1929).
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense-Universitária, 1981. (Título original, 1970)
- BASTOS, L. K., MATTOS, M. L. *A produção escrita e a gramática*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- BASTOS, L. K. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BEAUGRANDE, R. A. de, DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London, New York: Longman, 1981.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVEZ, C. (Org.). *O Texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1989.
- CORREIO POPULAR, 1<sup>o</sup> caderno. Campinas, SP, 28.out. 1998.
- COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- DIJK, T. A. van. *Some aspects of text grammars*. Paris: Mouton: The Hague, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Discourse as structure and process*. Discourse studies: a multidisiplinary introduction. v. 1. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Discourse as social interaction*. Discourse studies: a multidisiplinary introduction. v. 2. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 1997.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977. (Título original, 1972).
- \_\_\_\_\_. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987 (Título original, 1984).

FÁVERO, L.L., KOCH, I.G.V. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez Editora, 1988. (Título original, 1983)

FOLHA DE SÃO PAULO. *Caderno Ilustrada*. São Paulo, 02. Jan. 1999.

\_\_\_\_\_. *1º Caderno*. São Paulo, 28.out. 1998.

\_\_\_\_\_. *Coluna Painel*. São Paulo, 28.out. 1998.

FRANCHI, C. Linguagem - atividade constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22, Unicamp, p. 9-39, 1992.

FREITAS, Jânio de. Quem são eles. *Folha de São Paulo*. 1º Caderno. São Paulo, 17 fev. 1998.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

GARRAFA, L. *Coerência e literatura infantil: introdução à análise textual de produções literárias para a infância*. São Paulo: PUC/SP, (Dissertação de Mestrado), 1987.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996. (Título original, 1984)

\_\_\_\_\_. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUIMARÃES, E. R. J. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

JORNAL DO BRASIL. *Caderno B*. Rio de Janeiro, 16 mai. 1998.

\_\_\_\_\_. *Caderno Internacional*. Rio de Janeiro, 16 mai. 1998.

KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, I.G.V., TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional. In: *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, RN: Editora da UFRN, p. 69- 80, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Linguística textual: retrospecto e perspectivas*. In: *Revista Alfa*, v. 42, 1999b. (Título original, 1994).

\_\_\_\_\_. Formas referenciais e sua função textual. In: *Scripta*. PUC-MG, 1999b, no prelo.

KOCH, I.G.V. , BARROS, K. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: Editora da UFRN, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Introduction aux méthodes de l'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1976.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do Discurso*. Campinas: Pontes / UNICAMP, 1989.

MALDIDIER, D. , NORMAND, CL. , ROBIN, R. *Discurso e Ideologia: bases para uma pesquisa*. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: UNICAMP, 1994.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística textual: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983. (Série Debates)

\_\_\_\_\_. *Rumos atuais da lingüística textual*. Texto da conferência pronunciada no LXVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL) , UNESP - S. José do Rio Preto, jun., 1998a.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro*. Texto apresentado no COLÓQUIO INTERNACIONAL – A INVESTIGAÇÃO OBRE O PROTUGUÊS EM ÁFRICA, ÁSIA, AMÉRICA E EUROPA: BALANÇOS E PERSPECTIVAS – Berlim, 23-25 de março de 1998.

\_\_\_\_\_. *Cognição e produção textual: processos de referenciação*. Texto apresentado durante o II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN. Santa Catarina, UFSC, 25 a 27 de fevereiro de 1999 (a). (mimeo)

\_\_\_\_\_. *Cognição, explicitude e autonomia no texto falado e escrito*. Conferência pronunciada no III ELFE – III ENCONTRO DE LÍNGUA FALADA E ENSINO. Maceió, UFAL, 12 a 16 de abril de 1999 (b). (mimeo)

\_\_\_\_\_. *Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais*. Texto apresentado durante o GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE (GELNE). Fortaleza, setembro de 1999 (c). (mimeo)

\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife, 2000. (mimeo)

MARCUSCHI, L. A., KOCH, I.G.V. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* 14, n. especial, pp. 169-190, 1988a.

\_\_\_\_\_. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (Org). *Gramática do português falado*. v. VIII, 1988b, no prelo.

MASSON, Celso. Qualquer nota: pretensiosas ou ingênuas, as letras sem sentido dão o tom na MPB. *VEJA*, Editora Abril, 06 jan.1999. Seção Música.

RAMOS, J. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1985.

VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec / Funcamp, 1980.

A descoberta do Brasil pela Amazônia:  
o relato de viagem de Gaspar de Carvajal\*

Ingedore Grunfeld Villaça Koch\*\*  
Anna Christina Bentes\*\*\*  
Aldrin Moura de Figueiredo\*\*\*\*

1. O feito de Orellana e o rastro de Carvajal.

Era o ano cristão de 1539. Da cidade de Quito, saía uma expedição espanhola, com cerca de trezentos e quarenta soldados e mais quatro mil índios. No comando dessa verdadeira “cidade em marcha” estava Gonzalo Pizarro, embevecido com as promessas de riquezas logo à frente<sup>1</sup>. Não tardou, no entanto, para que a diligência fosse assaltada por dificuldades de toda ordem. Mais do que tudo, a fome parecia condenar a empresa a um fim implacável. Já haviam se passado três anos e o desânimo tomava conta de muitos, tantas foram as deserções e mortes pelo caminho.

Em inícios de 1542, o loco-tenente Francisco de Orellana ofereceu-se a seu comandante Gonzalo Pizarro para baixar pelo grande rio em busca de socorro e alimentos para a campanha – que, a essa altura, estava na confluência entre o rio Coca e o Napo. Gonzalo Pizarro entregou a Orellana grande parte da tecnologia móbil e de defesa: um bergantim<sup>2</sup>, algumas canoas, 57 homens, arcabuzes e balestras. No entanto, tudo aconteceu ao contrário do que havia sido acertado. Devido à forte correnteza, o grupo de Orellana não conseguiu retornar, iniciando assim uma aventura de oito meses e 6.000 km de navegação por todo o rio Amazonas e depois pelo Atlântico até a ilha Margarita.

Ficamos sabendo um pouco dessa história, por causa de um frei dominicano que, em sua *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco Orellana desde su nacimiento hasta subir a la mar*, relatou muitos dos percalços e vicissitudes que tornariam célebre a trilha de Orellana. Carvajal acompanhou toda essa

---

\* Agradecemos a professora Edwiges Maria Morato por sua leitura atenta e por seus comentários ao longo da elaboração deste artigo.

\*\* Professora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

\*\*\* Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal do Pará.

\*\*\*\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup> Arthur Cezar Ferreira Reis, *Síntese de história do Pará*. 2ª ed. Belém: Amada, 1972, p.6.

<sup>2</sup> Antiga embarcação a vela e remo, esguia e veloz. O mesmo que brigue, barco à vela.

expedição, descendo o rio Amazonas, desde o Equador até o oceano Atlântico, e seus escritos são os testemunhos mais importantes daquela empreitada de 1542.

O relato de Carvajal nos diz que, seguindo o curso, em março já haviam atingido o Marañon. A cada dia a aventura ganhava proporções inimagináveis. Descendo o Marañon, o Solimões e o Amazonas, a viagem abria caminho no mesmo curso d'água, reconhecendo outros afluentes e registrando paisagens e cenas inéditas ao viso europeu. Tudo parecia uma grande novidade, e de fato o era: da imensidão de água doce às inúmeras tribos contatadas, o mundo à vista não era mais o mesmo.

Apesar de Carvajal deixar aparecer, ao longo da crônica, a existência de estórias envolvendo mulheres guerreiras<sup>3</sup>, seria apenas no final de junho que os aventureiros viveriam uma situação a ser transformada em um relato fundador por Carvajal. Quase na foz do rio Trombetas, sofreriam a violenta acometida de um grupo de índios, que parecia obedecer ao comando de mulheres também guerreiras. O combate foi rápido, mas certamente deixou uma forte impressão nas memórias futuras. De onde teriam vindo aquelas mulheres? Seriam elas as governantes dali? A estranheza da imagem deixou em dúvida os forasteiros, e redimensionou, mundo afora, o velho mito das Amazonas que teriam habitado a antiga Capadócia. O fato tanto repercutiu que Orellana passou a chamar o grande curso d'água de rio das Amazonas, deixando de lado o seu próprio, como vinha nomeando o rio desde a boca do Trombetas.

Em pouco mais de um mês, a expedição alcançou o Atlântico e, em novo bergantim, partiu para Europa, aportando em Valladolid, na Espanha, onde Carlos V tomou conhecimento da proeza. Antes, porém, Orellana teve que se defender de várias acusações que sobre ele pesavam, por não ter regressado ao encontro de Pizarro. Mas, acabou desvencilhando-se, chegando mesmo a receber o título de *adelantado*, que significava ser governador das terras que colonizasse para a Coroa espanhola. Nascia, assim, no mapa dos descobrimentos, a *Nueva Andaluçjá*<sup>4</sup>. Mas a história não acabava por aqui. Orellana voltou à

---

<sup>3</sup> “(...) Dizia também este índio que de terra longínquas, de províncias onde guerreiam, essas mulheres trazem pela força os índios à sua terra, especialmente os de um grande senhor que se chama o Rei Branco, para com eles gozarem, em suas carnalidades, para o fim de sua multiplicação; e os tem consigo algum tempo até engravidarem, e depois que sentem haver concebido, os enviam de volta à sua terra; e se depois elas parem filhos homens, ou os matam ou os enviam à terra dos pais; mas se o que parem é filha a criam no seu seio e a ensinam nas coisas da guerra. Dessas mulheres sempre trouxemos mui grande notícias durante toda essa viagem, e antes que saíssemos do arraial de Gonzalo Pizarro se tinha por certo que havia esse senhorio de mulheres (...).” Gaspar de Carvajal. “A Relação do Descobrimento do Rio Amazonas, versão de Oviedo e Valdés. In: Antônio Porro. *As crônicas do rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.61.

<sup>4</sup> Arthur C. F. Reis, *Síntese de história do Pará*, p.6-7; María Teresa Pérez, *El descubrimiento del Amazonas: historia y mito*. Sevilla: Alfar, 1989.

Amazônia. Veio no encalço das conquistas que o imperador lhe atribuíra, pelo brasão de 1544. Não teve sucesso, todavia: naufragou e morreu bem perto das terras que nem chegara a conquistar.

A façanha de Francisco de Orellana e seus homens, relatada pelo religioso dominicano Gaspar de Carvajal, no entanto, já corria o mundo, em várias versões de crônicas que a romancearam, enfatizando algumas passagens e obscurecendo outras tantas. Uma, senão a principal matriz, das várias versões do caso, só veio a ser publicada há pouco mais cem anos, em 1894<sup>5</sup>. No entanto, a tradição oral construiu novas versões para o texto escrito – isto, sem nenhuma dúvida – num tempo em que os sentidos eram profundamente diversos dos atuais. Assim, não foi à toa que o *ouvir dizer* converteu-se em um campo fértil para que as notícias de Carvajal reavivassem antigas crenças sobre lugares, monstros e cidades fantásticas.

Antônio Porro, especialista em etno-história, que traduziu uma série de crônicas sobre os antigos habitantes do rio Amazonas, conta que, na miragem dessas histórias, várias expedições foram organizadas nos anos seguintes. Buscava-se, além do reencontro com as Amazonas, tudo aquilo que se acreditava existir – o *El Dorado*, o *Lago Paititi*, a *Gran Omagua*, o imenso *País das Esmeraldas*<sup>6</sup>. Apesar da oficialidade lusitana, o marco legendário da descoberta da terra das Amazonas já havia conquistado o beneplácito do tempo, transformando o relato de Carvajal numa das principais versões do descobrimento do Brasil. Mal comparando, o sucesso das histórias do frei espanhol parece ter sido infinitamente maior do que a carta do escrivão Caminha, escrita meio século antes.

Enquanto os viajantes redesejavam o mapa do mundo, em suas pegadas, os literatos realizavam uma das maiores proezas intelectuais de todos os tempos – a da tradução cultural desse universo geográfico e mitológico. John H. Elliot tinha razão ao insistir que a descoberta da América também representou a descoberta do próprio homem<sup>7</sup>. Para tentar dar conta de tão radical experiência, o europeu foi buscar, muitas vezes, nas imagens da mitologia, formas de apreensão do “outro” – do diferente dele. Outras vezes, os habitantes do velho mundo enxergaram a alteridade apenas como a parte desconhecida da criação divina<sup>8</sup>. Na cabeça de uns surgia o purgatório, na de outros o paraíso, e na da maioria dos cristãos, as imagens de

---

<sup>5</sup> Gaspar de Carvajal, *Relación del río de las Amazonas... com una introducción histórica por José Toribio Medina*. Sevilla: E. Rasco, 1894.

<sup>6</sup> Antônio Porro, 1992, p.11.

<sup>7</sup> John H. Elliott, *The discovery of America and the discovery of man*. London: British Academy; Oxford University Press, 1972.

ambos alternadamente<sup>9</sup>. Nem sempre houve monstros e espíritos perversos no Novo Mundo, como grande parte da bibliografia ainda ressalta, pois essa demonização da América, do Brasil e da Amazônia cumpre apenas uma das inúmeras versões dessa história. Na guerra das imagens, a própria historiografia escolheu as suas – e certamente as mais tocantes<sup>10</sup>. E nesse pressuposto subsiste, ainda firme, o velho apego ao registro folclórico, como expressão de uma tradição popular advinda do passado mais remoto, tal como foram descritas amiúde em escritores que fizeram fama na Amazônia, na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX<sup>11</sup>.

Está claro, portanto, que estamos diante de um campo polissêmico, com múltiplas imagens e versões sobre cada um dos vários descobrimentos do Brasil – cada qual tentando, na medida do possível e do confronto com as chancelas oficiais, conquistar seu espaço na literatura das conquistas do ultramar. Se aceitarmos que estamos lidando com os embates da memória, talvez consigamos nos desligar da profecia euclidiana de que a Amazônia foi, é e ainda será por muito tempo, uma terra à margem da história, da mesma forma que seus vagos e sombrios labirintos fluviais: “Tal é o rio; tal, a sua história: revolta, desordenada, incompleta”<sup>12</sup>.

Não parece convincente encontrar nos registros de Carvajal a busca da alteridade contemporânea. O relato vale, antes de mais nada, pelos significados que seu autor procurou construir à época de sua feitura, manipulando conhecimentos, conceitos e vernáculo bastante distintos dos nossos. Tudo que o religioso viu, viveu e anotou foi, em suas próprias palavras, por única graça do Onipotente: “E quis Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia vissemos adiante da margem uns povoados grandes, de onde saíram em direção a nós alguns índios em canoas”<sup>13</sup>. O tempo do clérigo não era um tempo matematizado, mas antes religioso,

---

<sup>8</sup> Tzvetan Todorov, *La conquête de l'Amérique: la question de l'autre*. Paris: Seuil, 1982.

<sup>9</sup> Ver, a respeito, Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1969; Jacques Le Goff, *La naissance du Purgatoire*. Paris: Gallimard, 1981, Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

<sup>10</sup> Uma análise desse processo está em Serge Gruzinski, “A guerra das imagens e ocidentalização da América”. In: Ronaldo Vainfas (org.), *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, pp.33-57.

<sup>11</sup> Ver especialmente Frederico José de Santa-Anna Nery, *Le pays des Amazones*. Paris: Librairie Guillaumin, 1899; Alfredo Ladislau, *Terra immatura*. 2ª ed. Belém: Livraria Clássica, 1925; Raymundo Moraes, *Amphieatro amazonico*. São Paulo: Melhoramentos, 1936; Gastão Cruis, *A Amazônia misteriosa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

<sup>12</sup> Euclides da Cunha, *A margem da história*. 4ª ed. Porto: Chardron, 1926, p.17.

<sup>13</sup> Gaspar de Carvajal, *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco Orellana*. Transcripciones de Fernández de Oviedo y Dn. Toribio Medina y estudio

seguindo o calendário cristocêntrico. O velho Lucien Febvre ficaria tocado com a experiência do viajante nas ribeiras do Amazonas, pois a presença da religião foi marca indelével em seus escritos<sup>14</sup>.

A crônica de Gaspar de Carvajal é uma peça que nos chama a atenção, dentro desse universo de embates pelo consolidação dos sentidos construídos nos textos quinhentistas, por inúmeras razões. Uma delas está relacionada ao fato de esta crônica ter caído em desgraça, para uma determinada visão da historiografia, por trazer informações sobre as sociedades indígenas que, à época, não puderam ser confirmadas, e por dar voz aos mitos que circulavam sobre as mulheres guerreiras. Estes dois fatores conjugados instauraram a polêmica, da qual tentaremos fazer uma breve apresentação na próxima sessão. Além disso, uma leitura mais atenta da crônica imediatamente nos coloca questões sobre sua configuração discursiva. Trata-se, sem dúvida nenhuma, de um relato de viagem, e sua inscrição neste gênero será discutida na sessão 3. Mas, ao mesmo tempo, o contato com o que está sendo relatado nos causa alguns estranhamentos.

Na crônica de Carvajal, produz-se uma hierarquização de determinadas ações discursivas: o relato de estratégias de sobrevivência se sobrepõe à descrição de ilusões de riquezas. Os rituais de tomada de posse quase não se encontram presentes e são privilegiadas as narrações de infortúnios. A nosso ver, este fenômeno remete às contingências, às condições externas de produção desse discurso, das quais falaremos mais adiante. Por fim, percebemos que o percurso discursivo de Carvajal é instável em relação ao horizonte de verdade da época também pela encenação de um jogo de posições enunciativas, que ora constrói os objetos do discurso de um determinado modo, ora de outro, sem que, no entanto, sejam abandonadas as molduras culturais através das quais as sociedades do Novo Mundo são apreendidas. Estas duas últimas questões estarão sendo discutidas na última parte do artigo. Sendo assim, é hora de revisitar a crônica, com suas ênfases e suas versões do descobrimento de um sítio que ainda nem fazia parte do Brasil.

## 2. Redescobrimo a crônica de Gaspar de Carvajal.

---

crítico del descubrimiento. Publicación dirigida por Raul Reyes y Reyes. Quito, 1942. In: Antônio Porro, *As crônicas do rio Amazonas*, p.58.

<sup>14</sup> Lucien Febvre, "Prises de la religion sur la vie". In: *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel, 1947, pp.361-82.

A obra do frei dominicano Gaspar de Carvajal é considerada pelos historiadores como um clássico da literatura dos descobrimentos. De acordo com Antônio Porro, “se Diogo Nunes e seus companheiros foram os primeiros europeus a navegar, em 1538, o alto Amazonas, quatro anos mais tarde, o grande rio seria percorrido em toda sua extensão pela expedição de Francisco de Orelana. A crônica dessa viagem, escrita por frei Gaspar de Carvajal, tornou-se uma das peças mais famosas, e também mais polêmicas das historiografia dos descobrimentos.”<sup>15</sup>

Um dos principais motivos da polêmica que envolve esta crônica é o fato de nela o frei dominicano ter dado voz às estórias que circulavam sobre o mito das amazonas. Mais adiante, seguiremos de perto o percurso discursivo de Carvajal. Por ora, apenas nos interessa dizer que a presença de relatos sobre o mito em seus escritos relegou seu diário à categoria do desvario, principalmente se levarmos em conta que as próprias crônicas de viagem eram consideradas, naquela época, descrições fantasiosas ou até mesmo falsas dos viajantes.<sup>16</sup>

Assim, o relato detalhado sobre o grande e contínuo povoamento e sobre as formas de organização das províncias ribeirinhas da Amazônia, a saber, a evidência de comércio de longa distância e de culto religioso elaborado e as alusões a chefias políticas centralizadas e poderosas, acabou desconsiderado, já que, como foi dito acima, autores mais tardios se incubiram de ampliar e florear a passagem sobre o mito, impondo a Carvajal o estigma de ter inventado as amazonas americanas, o que acabou por prejudicar a credibilidade de sua obra como um todo.

Além de ser um dos mais importantes textos do conjunto de crônicas quinhentistas, a obra de Carvajal está agora sendo redescoberta. Recentes pesquisas na área de arqueologia, desenvolvidas na Universidade de São Paulo, começam a dar comprovação ao principal fato

---

<sup>15</sup> Antônio Porro, 1992, p.36.

<sup>16</sup> Luiz Costa Lima discute os transtornos produzidos pelos relatos de viagem na ordem discursiva européia com duas citações, uma de Johann Eichmann, prefaciador das viagens do marinheiro Hans Staden, e outra de Montaigne, ambas reproduzidas abaixo e a partir das quais podemos ter uma idéia sobre a pouca ou nenhuma confiança por parte dos intelectuais da época em relação ao gênero em questão: “(...) Os aventureiros, com suas mentiras disparatadas, suas falsidades e narrações fantasiosas contribuíram para que se dê pouca consideração às pessoas honestas e amantes da verdade, que vêm de terras estranhas e também vulgarmente se diga: quem quiser mentir, discursar sobre coisas distantes, pois ninguém vai lá verificá-las”. (J. Eichmann, 1557). “(...) As pessoas cultivadas observam mais curiosamente e mais coisas, porém, as glosam, e, para que façam valer sua interpretação e persuadam, não podem deixar de alterar um pouco a história: jamais mostram as coisas puras, as inclinam e as mascaram segundo os modos que as viram. (...) Gostaria que cada um escrevesse o que sabe e na medida em que o saiba.”(Montaigne, 1588). Cf. Luiz C. Lima, “O transtorno da viagem”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p.41-42.

apontado na crônica: que a sociedade indígena, antes da chegada dos exploradores europeus, era complexamente organizada.

Porro afirma que, já desde os meados da década de sessenta, estudos de demografia histórica da América indígena e resultados de escavações e prospecções arqueológicas apontavam para o fato de que a várzea amazônica tinha uma população muitas vezes mais concentrada do que a terra firme. Estima-se que a população para a área de várzea do território brasileiro, com aproximadamente 65.000 km<sup>2</sup>, era de quase um milhão de habitantes<sup>17</sup>.

Em recente matéria publicada na revista *Veja*, de 10 de novembro de 1999, divulgou-se que, em apenas um dos sítios arqueológicos, na região de Indaiatuba, a cerca de 30 quilômetros de Manaus, foram encontrados indícios de uma aldeia de três quilômetros de extensão, espremida entre o Rio Negro e a floresta, que provavelmente possuía uma população de 5.000 a 10.000 índios. A matéria nos diz que “um cenário impressionante foi desenhado pelos arqueólogos”: uma aldeia cercada de valetas com 300 metros de extensão e 3 de profundidade, onde eram colocadas estacasafiadas; uma praça retangular de 300 metros de comprimento, cercada por aterros de dois metros de altura, que provavelmente constituía-se no cemitério da aldeia, reservado à nobreza, local de reuniões e até de sacrifícios; cerâmica ornamentada, semelhante à vista na Ilha do Marajó. Para o pesquisador Eduardo Neves, em fala à revista *Veja*, “é impossível juntar tanta gente num único lugar, realizando obras como essas, sem que haja uma estrutura social hierarquizada”. Na matéria, estas informações são diretamente relacionadas às informações presentes na crônica de Carvajal. Voltemos, então, ao frei dominicano e deixemos que ele nos dê seu testemunho:

- (1) “(...) Dessa forma foram nos seguindo esses índios de Machiparo por dois dias e duas noites, caçando-nos com gritos e vozes, com uma frota ou armada de mais de cem canoas, e não pararam de nos seguir, até nos expulsar de suas povoações, que a nosso juízo eram mais de 60 léguas de território habitado (“de poblado”); e nos povoados em terra, via-se muita gente.”<sup>18</sup>
- (2) “Num povoado que estava num alto, onde quisemos pegar comida para a páscoa do Espírito Santo, encontramos muita louça muito bem trabalhada com diversas pinturas e vidrada, (*constituída*) tanto de tinajas (“*tinajas*”) como de muitas outras vasilhas. Este povoado o chamamos de Louça, porque em verdade havia dela muita e mui formosa.”<sup>19</sup>
- (3) “(...) E nesse dia, aportamos um outro povoado onde encontrou-se, numa praça, um oratório do sol desenhado em relevo em um pranchão grande de dez pés em redondo e de uma peça inteiriça, do que o leitor pode imaginar que grande árvore devia ser aquela de onde se tirou tal peça. O lavor que havia naquele pranchão era, como dito, em relevo e mostrava uma torre de cubo (?) redonda, com duas portas, e em cada porta duas colunas, e aos lados da torre havia dois leões de aspecto feroz que olhavam para trás como que se

<sup>17</sup> Antônio Porro, 1992, p.14.

<sup>18</sup> Gaspar de Carvajal *apud* Porro, 1992, p.49

<sup>19</sup> Gaspar de Carvajal *apud* Porro, 1992, pp.50-51.

acautelando. Os quais (*leões*) seguravam com as garras toda a obra que lá estava esculpida em meio relevo, no centro da qual havia uma roda com um furo onde despejavam oferecida ao sol, a *chicha*, que é o vinho que aquela gente bebe, e o sol é quem adoram como seu deus; a *chicha* corria por debaixo da prancha e se absorvia no solo. Enfim, o edifício (?) era notável e indício das grandes cidades que há terra adentro; assim o davam a entender os índios. Nessa mesma praça havia uma casa isolada e grande do (*dedicada ao*) sol, onde os índios fazem suas cerimônias e ritos. Encontram-se ali muitos trajes de plumas de diversas cores, aplicadas e tecidas sobre algodão e mui elegantes, os quais vestem os índios para celebrar suas festas e dançar quando se juntam ali diante de seus ídolos para alguma festividade ou regozijo. Ao redor do dito pranchão ofereciam os índios seus sacrifícios com sua condenada devoção”.<sup>20</sup>

- (4) “(...) Os índios davam gritos e as mulheres e meninos feriam o vento com uns abanos à maneira de mosquiteiros, e saltavam e dançavam, fazendo muitos ademanes e meneios com os corpos, mostrando muita alegria e júbilo como gente que estava vitoriosa em nos expulsar de sua terra. Estavam postados sobre a barranca do rio mais de 5.000 homens de guerra daquele barbaríssimo exército, e até mais do que menos, repartidos aqui e lá em seus esquadrões.”<sup>21</sup>

Considerando o questionamento feito em relação à descrição do altar (exemplo 3), muito mais inspirada em motivos heráldicos europeus do que os viajantes podem ter acreditado identificar naquelas peças<sup>22</sup>, podemos dizer que fica confirmada a hipótese de Jorge Fernandes da Silveira de que a “paisagem” do Novo Mundo (aqui entendida em um sentido mais amplo do que o cenário natural) demandava uma nova linguagem, linguagem esta que estava ainda por ser inventada pelos habitantes do Velho Mundo.<sup>23</sup> Mais adiante, estaremos tematizando as instabilidades<sup>24</sup> de perspectiva e de significados que vão sendo formadas ao longo da crônica.

Apesar de, como nos diz Stephen Greenblatt, “em face do desconhecido”, os europeus terem utilizado “suas estruturas intelectuais e organizacionais convencionais, moldadas durante séculos de contatos indiretos com outras culturas”, e apesar de que “essas estruturas impediam em grande parte uma percepção clara da radical alteridade das terras e dos povos americanos”<sup>25</sup>, principalmente no que dizia respeito às manifestações culturais dos índios, não podemos deixar de reconhecer que a percepção de Gaspar de Carvajal, em relação aos aspectos

<sup>20</sup> Gaspar de Carvajal *apud* Porro, 1992, p.53. É interessante ressaltar aqui que, segundo Porro, a versão de Medina sobre a descrição do altar é substancialmente a mesma, embora com maior profusão de detalhes, trazendo, no entanto, a seguinte conclusão: “...e o Capitão, estupefato como todos nós de tão grande coisa, perguntou a um índio que aqui se tomou o que era aquilo ou em memória do que tinham aquilo na praça, e o índio disse que eles eram sujeitos e tributários das amazonas (...) e que adoravam aquilo como coisa que era insígnia de sua senhora, que é a que manda em toda a terra dita das mulheres”. A. Porro, *Crônicas do rio Amazonas*, 1992, p.70.

<sup>21</sup> Gaspar de Carvajal *apud* Porro, 1992, p.63.

<sup>22</sup> Antônio Porro, 1992, p.70.

<sup>23</sup> Jorge Fernandes da Silveira. “Fernão Lopes e José Saramago. Viagem - paisagem - linguagem. Causa de veer”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, pp.25-39.

<sup>24</sup> Clifford Geertz. “Descoberto na tradução: a história social da imaginação moral.” In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997, p.66.

<sup>25</sup> Stephen Greenblatt. “Possessões maravilhosas” In: *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p.78.

que envolviam a organização social e a densidade demográfica da região que, “impensadamente”, como diz ele próprio, ao final de sua crônica, tiveram a oportunidade de explorar e conhecer, foi uma percepção arguta e detalhada, possibilitando a construção de algumas verdades históricas que somente agora, neste final de século, começam a ser reconhecidas como tais.

No entanto, não nos cabe discutir a veracidade dos fatos narrados. Até agora, tivemos apenas o interesse de justificar a importância do relato de Carvajal para este momento em que se comemora um de nossos pontos de referência, os 500 anos de descobrimento do Brasil, ponto este que cumpre a função de, nas palavras de Émile Benveniste, “nos informar no sentido próprio onde estamos na vastidão da história, qual o nosso lugar na sucessão infinita dos homens que viveram e das coisas que aconteceram.”<sup>26</sup> A seguir, tentaremos caracterizar brevemente o gênero “crônica de viagem”, para, finalmente, seguirmos mais de perto o percurso discursivo de Gaspar de Carvajal.

### 3. Breve caracterização do gênero “crônica de viagem”.

Luiz Costa Lima, em seu artigo “Transtorno de Viagem”, nos diz que, a partir da Segunda metade do século XVI, o transtorno produzido pelos relatos de viagem na ordem discursiva vigente, transtorno este que diz respeito ao fato de “estes enunciados escaparem e/ou não poderem ser exauridos através da escala verdade-falsidade”, criando “uma perplexidade quanto à sua veracidade”,<sup>27</sup> não pode ser entendido se não o articularmos a dois fatores decisivos: a emergência do sujeito individual enquanto instância fundamental no processo de conhecimento e a propagação da imprensa. Ainda segundo o autor, o primeiro fator está relacionado “à decadência de uma cosmovisão que se sustentara no caráter imanente da verdade (próximo ao mundo criado, Deus manifestaria a verdade própria das coisas do mundo, sem a necessidade de testemunhos individuais ou de factuaisidades humanamente produzidas).”<sup>28</sup>

Em relação à difusão da palavra escrita, o autor, com base na reflexão de Hans Gumbrecht, afirma que esta difusão é de importância básica na configuração dos tempos

<sup>26</sup> Émile Benveniste. “A linguagem e a experiência humana”. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p.73.

<sup>27</sup> Luiz Costa Lima, “Transtorno de viagem”, 1992, pp.41-69.

<sup>28</sup> Idem, p.43.

modernos, porque a imprensa afetará a própria noção de corpo. Nas palavras de Costa Lima, “o corpo enunciava e se integrava à ordem das coisas. A imprensa ao invés exila a corporalidade do circuito de comunicação. Em seu lugar, ressaltará a intencionalidade da consciência-do-que-escrevera...”<sup>29</sup>

Na ordem discursiva advinda dos tempos medievais, ordem esta então em crise, ainda seguindo a reflexão de Costa Lima, não havia um problema concernente ao ficcional, porque os sinais de Deus se mostravam nas coisas e a verdade era facilmente reconhecida. Já na Segunda metade do século XVI, as disputas religiosas entre protestantes e contra-reformistas, com cada um dos grupos tentando defender a sua verdade, e os testemunhos dos viajantes sobre a diversidade das práticas humanas formavam um quadro em que se colocava de imediato a questão de como conhecer a verdade. De fato, “a própria ampliação do mundo europeu, pelas viagens e explorações de outros continentes, decisivamente contribuía para a crise dos critérios de conhecimento.”<sup>30</sup>

Na parte final de seu artigo, o autor vai descortinando o que ele chama de “camadas discursivas” da obra *Peregrinação* (de Fernão Mendes Pinto, 1614), considerada pelo autor, junto com a primeira parte de *Quijote* (de Cervantes, publicada em 1611) e com *The Tempest* (de Sheakspeare, publicada em 1614), como obras que têm em comum “uma recusa em acatar o horizonte de verdade da época”<sup>31</sup>. Para o autor, a comparação entre as três obras se justifica pelo fato de todas responderem, de maneira diferente, à crise discursiva da época, que incidia diretamente sobre o critério de verdade então vigente. Na verdade, Costa Lima nos diz que as obras em questão, apesar de estarem no campo do ficcional, possuem um caráter histórico inegável e o interesse nelas deve justificar-se justamente pelo reconhecimento deste caráter histórico, sem que, com isto, sejam desconsideradas suas virtudes literárias. Além disso, as obras analisadas estão baseadas, ainda segundo o autor, nos relatos de viagens da época.

A análise acima mencionada nos interessa mais de perto porque as chamadas “camadas discursivas” percebidas pelo autor também podem ser observadas em grande número nas crônicas de viagem. Trataremos aqui de duas camadas: aquela que diz respeito à presença no texto de uma “justificação da expansão ultramarina e de sua cobertura religiosa” e a que diz respeito à presença de uma “dimensão exótica”. A primeira camada, por exemplo, refere-se ao fato de o narrador descrever minuciosamente o que viu, para que as autoridades do lugar se convençam

---

<sup>29</sup> Idem, ibidem.

<sup>30</sup> Idem, p.46.

da importância de explorar o lugar, de saber as riquezas que as aguardam, etc.”<sup>32</sup> Por exemplo, na carta de Diogo Nunes a D. João III de Portugal, datada de 1538, que relata a primeira expedição pelo rio Amazonas, vejamos como o narrador, logo no primeiro parágrafo, nos apresenta a chegada de seu grupo, a mando do capitão Mercadilho, a um determinado povoado:

- (5) (...) “Então mandou 25 homens de (a) cavalo nos quais fui eu por mandado do dito capitão e chegamos a uma província ao cabo de 25 dias (onde) achamos boa terra e bem povoada de índios e rica de ouro segundo o que vi e no que os índios traziam, que bem parecia a terra abundosa de ouro, porque os índios traziam armas de ouro e braceletes nos braços.”<sup>33</sup>

No caso desta outra crônica de viagem, também traduzida por Antônio Porro, há uma destacada presença de enunciados, como os acima, que tentam justificar a empresa colonialista: “(...) vimos a terra ser tão boa ...”, “(...) nesta província de Machifaro que eu vi se podem povoar cinco ou seis vilas mui ricas, porque sem dúvida há nela muito ouro. E ao que me pareceu é tão bondosa de mantimentos e sã como a do Peru”.<sup>34</sup> Este tipo de descrição da terra presente nesta e em outras tantas crônicas quinhentistas (podemos também nos lembrar da famosa fala de Caminha, “nesta terra em se plantando tudo dá...”) parece sim corroborar a hipótese de Costa Lima para a presença da primeira camada discursiva na obra analisada, baseada em relatos de viagem.

A outra camada, que diz respeito à “dimensão exótica” na obra, seria responsável pelas “formas do excesso”, que, segundo Costa Lima, também “caracterizam os relatos das e as iconografias inspiradas nas viagens”. O autor nos diz que “a exploração do excesso é a mais cabal maneira de criar o interesse do leitor da época e, sobretudo, de legitimar aquela forma de relato.”<sup>35</sup> Tal legitimação poderá se dar ou por meio da crítica da moralidade ou pela justificação das vantagens pragmáticas de contato com o excessivo. No entanto, sejam quais forem as formas pelas quais “o descrito e o não verificável” eram legitimados, o autor nos alerta para o dado mais geral: que “a exploração do exótico é a maneira encontrada pelos autores de relatos de viagem de assegurar o direito de passagem de experiências cuja veracidade era, *a priori*, duvidosa.”<sup>36</sup>

---

<sup>31</sup> Idem, p.25.

<sup>32</sup> Idem, p.62

<sup>33</sup> Diogo Nunes *apud* Porro, 1992, p.33.

<sup>34</sup> Idem, pp.33-34.

<sup>35</sup> Idem, p.66.

<sup>36</sup> Idem, p.67.

Se, por um lado, o apelo ao “exótico” ou ao “maravilhoso”, poderia chamar a atenção dos leitores para o que estava sendo dito, por outro lado, alguns cronistas também tinham clareza sobre o fato de que determinados conteúdos presentes em seus relatos poderiam sofrer severas críticas, dada a possibilidade de a natureza dos eventos reportados entrar em choque com os critérios de verdade da época. Assim, é possível que muitos cronistas tenham adotado a atitude de Diego de Aguilar y Córdoba, que em sua crônica sobre “a jornada que os naturais dela fizeram pelo grande e famoso rio do Marañón”, em 1578, justifica a não presença de passagens curiosas em sua narrativa :

- (6) “(...) Começaram essa viagem com muito orgulho, e nela passaram por tantos e tão estranhos acontecimentos e sofreram tantas desventuras e perigos que seria demorado narrá-los; (...) Queria eu, nesse lugar, satisfazer o desejo dos curiosos narrando essa viagem com particularidades; mas por Ter o crédito dela tão fraco fundamento, qual seja o simples relato desses bárbaros, não quis entremear coisas duvidosas nas certas que nessa história hão de se narrar.”<sup>37</sup>

No entanto, antes de passarmos à análise propriamente dita, gostaríamos de chamar a atenção para um outro aspecto, levantado por Stephen Greenblatt, aspecto este que deverá ser relacionado às duas dimensões acima referidas ao longo da análise. Greenblatt, em seu artigo “Possessões Maravilhosas”, ao analisar as cartas de Colombo sobre o descobrimento da América, chama nossa atenção para a presença de uma série de ações discursivas no célebre relato de sua primeira viagem, segundo o autor, caracterizadas por um formalismo fechado<sup>38</sup>, típico de rituais de ordem legal e religiosa. Este formalismo seria responsável pela presença de enunciados que narram rituais de posse e rituais religiosos. Tendo em vista as características do gênero acima mobilizadas, passemos agora à análise da crônica propriamente dita.

### 3. Uma proposta de análise.

Para levar adiante a proposta de analisar o relato do descobrimento do rio Amazonas, estaremos recorrendo aos trechos selecionados por Antônio Porro<sup>39</sup>, e também a tradução do

---

<sup>37</sup> Diego de Aguilar y Córdoba *apud* Porro, 1992, p. 79.

<sup>38</sup> Stephen Greenblatt afirma que nos textos de Colombo, “as cerimônias de posse tomam o lugar dos contatos culturais; os rituais de posse fazem as vezes dos contratos negociados. Colombo age inteiramente dentro do que Michel de Certeau denominou “operação escritural” de sua própria cultura, operação que o leva não simplesmente a proferir certas palavras ou registrá-las, mas antes a proferi-las na presença do escrivão da frota, nomeado e oficialmente sancionado. O escrito fixa aqui um conjunto de atos públicos linguísticos, infunde-lhes caráter oficial, converte-os em eventos “históricos”. Cf. S. Greenblatt, *Possessões maravilhosas*, 1996, p. 82.

<sup>39</sup> Antônio Porro, 1992, pp. 36-73.

texto do frei Gaspar de Carvajal feita por Guillermo Giucci.<sup>40</sup> A análise a ser feita estará, dessa forma, baseada tanto na leitura de trechos da crônica, selecionados por um determinado autor com um determinado objetivo, como também na leitura da crônica inteira, numa edição bilíngüe. A crônica de Gaspar de Carvajal é um relato de viagem que não se acomoda muito facilmente ao papel de construir as justificativas encontradas em tantos outros textos do mesmo gênero. Ao observarmos mais detalhadamente a crônica do frei dominicano, descobriremos que ela se diferencia, do ponto de vista de sua construção discursiva, da maioria dos relatos de viagem da época: a crônica relata bem menos rituais de posse, dá menos vazão a descrições que justifiquem a empresa colonialista, descreve, com uma espécie de curiosidade etnográfica, se é que se pode dizer assim, as manifestações culturais, e o tom de maravilhamento, presente, por exemplo, nas cartas de Colombo, quase não é notado.

Uma das discussões feitas ao longo deste trabalho diz respeito ao fato de a configuração discursiva da crônica nos revelar as contingências históricas<sup>41</sup> em que foi produzida: a expedição de que fazia parte Carvajal não tinha o objetivo de conquista, mas integrava a expedição maior de Gonzalo Pizarro, estando apenas incumbida de ir buscar mantimentos, enquanto o resto da tropa exploraria a região. Como as adversidades naturais impediram o grupo de cumprir a missão inicial, o capitão Orellana foi obrigado a reelaborar seus planos e a seguir viagem em busca de sua sobrevivência e de seus homens, sem saber ao certo o que o destino lhe reservava. Isto pode ser evidenciado pela pouquíssima presença de enunciados que relatam os rituais de tomada de posse e pela alta frequência de enunciados que tentam reconstituir as formas de negociação entre os espanhóis e os índios.

Nossa leitura do texto nos permite dizer que um dos principais sentidos produzidos na crônica de Gaspar de Carvajal é a apresentação das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelo capitão Orellana e seus homens para saírem vivos daquela jornada tão inesperada e perigosa. Carvajal está preocupado em descrever detalhadamente os passos dados pelo grupo, os motivos, as razões pelas quais o grupo aportava ou não em determinado lugar, as formas de comunicação estabelecidas entre os espanhóis e os índios. Como veremos adiante, a grande

---

<sup>40</sup> Guillermo Giucci. *Frei Gaspar de Carvajal*. Tradução de Adja Balbino Barbieri Durão e Maria Salette Cicaroni. São Paulo: Scritta; Brasília, DF: Consejería de Educación de la Embajada de Espanha, 1992.

<sup>41</sup> Michel Foucault, ao especificar certas exigências de método que devem estar na base de uma análise do discurso, nos diz que um destes princípios é o da exterioridade. Vejamos sua formulação: “não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas partir do próprio discurso, de sua aparição, de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras”. Cf. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 53.

maioria dos enunciados ocorre no sentido de construir discursivamente um espaço para que se desenrolem as estratégias de sobrevivência efetuadas pelo grupo.

É como se, a todo o momento, o cronista estivesse primordialmente chamando a nossa atenção para a esperteza, a coragem, a inteligência, a força de vontade, e, ao mesmo tempo, para as fraquezas, as desventuras, os medos daqueles homens frente a uma situação sem precedentes. É nesse sentido que não se pode dizer que o narrador aqui possibilita explicitamente a construção de uma justificativa para que a coroa espanhola se interessasse pela exploração daquele lugar. Não havia lugar para a persuasão. Era mais urgente relatar uma saga.

Como dissemos anteriormente, a crônica do frei dominicano não se acomoda facilmente a inscrições rígidas. Mas, mesmo apresentando uma configuração discursiva diferenciada, o texto é, sem sombra de dúvida, um relato de viagem. É um relato de viagem porque a perspectiva do narrador não está nem aquém, nem além do horizonte discursivo de sua época. Ele se situa em um determinado contexto sócio-histórico que prescreve aquilo que, nas palavras de Foucault, “ele escreve e o que não escreve”, recebendo de seu tempo uma determinada “função de autor”; ainda nas palavras de Foucault, ao mesmo tempo em que o sujeito recebe esta função, ele a modifica.<sup>42</sup> Sendo assim, Carvajal, por exemplo, tendo-se instituído ou tendo sido instituído relator daquela viagem, não poderia deixar de trazer à tona, ainda que de um modo diferenciado, certos conteúdos que faziam parte das formas de dizer o Novo Mundo: ele nos fala sobre a fartura de comida, sobre a presença de ouro e prata nas terras, possível de ser atestada nos adornos usados pelos nativos, sobre os rituais estranhos à religião católica (cf. exemplo 3), sobre as tecnologias militares utilizadas pelos índios. Isto tudo deve ser entendido como um ponto de vista que se encontra intimamente ligado tanto às práticas sociais (a empresa de colonização e a de catequese), como às práticas discursivas da época (os relatos de viagem). Vejamos um trecho que pode revelar esta perspectiva do narrador:

---

<sup>42</sup> Michel Foucault, tratando do autor como um dos princípios de rarefação do discurso, entende esta noção “não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (1996, p.26) Ao mesmo tempo, Foucault nos diz que “seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que - ao menos desde uma certa época - o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual para uma obra possível retoma por sua conta a função do autor: aquilo que ele escreve e o que não escreve, aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas. Todo este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como a recebe de sua época, ou tal como ele, por sua vez, a modifica” (1996, p.29)

(7) No dia seguinte, o da Trindade, fez o capitão descansar a todos nuns pesqueiros dos índios de um povoado que estava num alto. Encontramos muito peixe, que foi sustento e grande recreação para os espanhóis, porque havia dias que não topávamos com tal pousada. Esse povoado estava num alto, afastado do rio, como na fronteira de outra gente que lhe desse guerra, porque estava mui fortificado e fechado por uma paliçada de paus grossos, e quando se tomou esse povoado, os índios o quiseram defender; fizeram-se fortes dentro daquela cerca e começaram a pelejar, e como era grande a necessidade que tínhamos de tomar comida, os espanhóis se prepararam e arremeteram como ousados leões a buscar o alimento e superar a cerca e tomou-se o povoado abastecendo-se de comida para suprir as necessidades.<sup>43</sup>

Se, por um lado, podemos perceber, em uma parte deste trecho, o ponto de vista que constrói uma descrição sobre o aparato de defesa do povoado tomado (“Esse povoado estava num alto, afastado do rio (...), fortificado por uma paliçada de paus grossos...”), ou ainda a perspectiva que ressalta a fartura de comida do lugar (“Encontramos muito peixe, que foi sustento e grande recreação para os espanhóis...”), por outro lado, este trecho é exemplar porque justifica a tomada do povoado apenas em função da “grande necessidade que tínhamos de tomar comida.” Aqui podemos compreender como nesta crônica podem conviver, ao mesmo tempo, um olhar condicionado a ver aquilo que o horizonte discursivo da época incentivava que fosse visto e tematizado (as formas de tecnologia militar dos índios, a fartura das terras), e uma outra perspectiva, que produz “uma espécie de crônica alimentícia, na qual a categoria da impossibilidade (de remontar o rio para regressar) triunfa sobre a vontade humana”,<sup>44</sup> olhar este que nos mostra as condições externas de produção deste discurso.

Ao mesmo tempo em que podemos perceber a complexidade discursiva da crônica quinhentista escrita pelo frei dominicano (a sua inscrição em um determinado horizonte de verdade, mas ao mesmo tempo, a construção de um ponto de vista heterogêneo sobre o novo e sobre si mesmo, criando zonas de instabilidade, em relação a este mesmo horizonte de verdade), não podemos deixar de concordar com Greenblatt, que nos diz que “no Novo Mundo, as palavras parecem sempre estar na esteira de eventos que encerram uma lógica terrível, muito diferente dos frágeis sentidos que elas constroem.”<sup>45</sup>

Passemos, agora, à discussão do outro aspecto, a saber, a dimensão do exótico, que pode ser vista como uma das formas de construção de objetos do discurso. Para tanto, mobilizaremos as recentes discussões que vêm sendo feitas por Ingedore Koch sobre a referência como construção discursiva.<sup>46</sup> Conforme nos diz Koch, baseada em Mondada &

<sup>43</sup> Gaspar de Carvajal *apud* Porro, 1992, p.53.

<sup>44</sup> Guillermo Gucci, 1992, p.25.

<sup>45</sup> Stephen Grenblatt, 1996, p.89.

<sup>46</sup> Ingedore Koch. “Referenciação: construção discursiva”. Campinas, 1999, mimeo. Para um maior aprofundamento na discussão sobre a referência como construção discursiva. Ver também Luis Antônio Marcuschi & Ingedore Koch. “Processos de referenciação na produção discursiva”. In: *Delta* 14, número especial,

Dubois (1995), “no discurso, quer se trate de objetos sociais, quer de objetos “naturais”, aquilo que é considerado habitualmente como um ponto estável de referência para as categorias, pode ser de-categorizado, tornado instável, evoluir sobre o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista”<sup>47</sup>.

Como dissemos anteriormente, entendemos que “as formas do excesso” dizem respeito à maneira como o europeu enxerga o outro e como o constrói discursivamente. Esta forma de construir os objetos do discurso funcionava como um chamariz para os leitores e assegurava o direito de passagem de experiências cuja veracidade poderia ser questionada. Greenblatt, por exemplo, nos diz que, na carta de 1500, Caminha queria que os leitores imaginassem os índios belicosos; na carta de 1492, pretendia que fossem julgados “amigos”.<sup>48</sup> Na crônica de Carvajal, não há a predominância de uma ou outra imagem. Elas se alternam, constituem-se em “instabilidades”, em posições enunciativas diferenciadas, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (8) “(...) E assim, em boa ordem, tomamos sem mais perigo o porto do povoado, e o capitão e os nossos saltaram à terra; e os índios, vendo maravilhados a nossa audácia, aproximaram-se mais e o capitão começou a falar em sua língua e lhes disse que viessem à terra e (que) não tivessem temor algum, e eles assim fizeram mostrando em seu semblante que lhes agradava nossa vinda. E tiraram logo de suas canoas grande quantidade de comida, tanto de tartarugas como de muitos outros pescados e algumas perdizes e macacos assados. (...) O capitão, vendo o comedimento dos índios, lhes fez um arrazoado dando-lhes a entender que éramos cristãos e adorávamos e acreditávamos num Deus único e verdadeiro (...) Tudo isso parecia que (os índios) escutavam e guardavam na mente com muita atenção, e depois que o capitão se calou parecia que os ouvintes estavam contentes (...)”<sup>49</sup>
- (9) “Aqui (nos) esperava a gente da terra, tanto as mulheres como os filhos, que não fugiram nem defenderam o porto como haviam feito os do povoado da louça; nesse sítio, tomaram-se algumas índias para que fizessem pão para os companheiros, e alguns rapazes para as línguas; e por ser a gente desse povoado tão doméstica, chamou-se-lhes o povoado dos Bobos.”<sup>50</sup>
- (10) “E quis Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia, vissemos adiante na margem, uns povoados grandes, de onde saíram em direção a nós alguns índios em canoas; e assim que estiveram próximos a um tiro de besta dos bergantins, o capitão começou a chamá-los com sinais de paz os quais eles, entendidos ou não, não responderam, antes começaram a dar gritos e faziam sinais ameaçando-nos com seus arcos e flechas. Vista sua soberba, mandou o capitão que lhes atirassem com as bestas e arcabuzes, e assim fugiram para os seus povoados. Na mesma ocasião, saíram do meio das árvores, pelas margem do rio, muitos flecheiros, falando alto como que irritados, fazendo movimentos com o corpo a significar que nos tinham em pouco (apreço); e pensamos que deviam estar bêbados, porque essa gente mui a miúde se entregam ao vinho e a beberagens, no

---

1998, pp.169-190. Ver ainda Luis Antônio Marcuschi & Ingedore Koch. “Estratégias de referência e Progressão Referencial na Língua Falada” In: Bernadete Abaurte (org.). *Gramática do português falado*. vol. VIII, no prelo.

<sup>47</sup> Ingedore Koch. “Referência: construção discursiva”, p.6.

<sup>48</sup> Stephen Greenblatt, 1996, p.99.

<sup>49</sup> Gaspar de Carvajal, *apud* Porro, 1992, pp.46-47.

<sup>50</sup> *Idem*, p.51.

que se acostumam e o têm por elegância; e assim, como bêbados exaltados, esperavam repartidos em grupos ao longo da margem, como leões sem temor dos arcabuzes e bestas.”<sup>51</sup>

(11) “(...) Aqui viram-se índias com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios para que pelejassem; e quando queiriam batiam com arcos e flechas aos que fugiam e faziam ofício de capitães ordenando àquela gente que guerreasse, colocando-se na frente e segurando os outros para que estivessem firmes na batalha, a qual travou-se com muito rigor. E sendo esse exercício tão estranho às mulheres, como o sexo feminino o requer, e poderá parecer grande novidade ao leitor que vir essa minha relação, digo para meu desencargo que falo do que vi; e o que pudemos entender e se teve por certo é que aquelas mulheres que lá pelejavam como amazonas são aquelas de quem, em muitas e distintas relações nessas Índias ou partes, corre há muito tempo larga fama, decantada de muitas maneiras, da existência dessas belicosas mulheres.”<sup>52</sup>

(12) “(...) É coisa digna de se ver as pinturas que todos os índios desse rio fazem nas vasilhas que têm para seu uso, tanto as de barro, como as de pau, e nas cabeças com que bebem, de ricas (“estremados”) e lindas folhagens e figuras tão bem compassadas como na boa arte e ordem convém haver nelas; e lhes põem cores e as fixam muito bem e são muito boas e finas, cada uma em seu tipo e maneira. (...) Enfim, todas as suas obras manuais mostram que é gente muito sutil e engenhosa, e as coisas que fazem ficariam muito bem entre os mui esmerados oficiais de tal arte na Europa e onde quer que sejam vistas.”<sup>53</sup>

Ao entrarmos em contato com a crônica de Carvajal, podemos, pois, perceber “uma série de instabilidades - instabilidades de perspectiva, de significado, de julgamento,”<sup>54</sup> que vão sendo formadas. O conceito de instabilidade proposto por Geertz talvez possa ser aproximado ao que, em análise do discurso, chamamos de heterogeneidades enunciativas<sup>55</sup>. Estas posições ou lugares não se referem a um exterior discursivo, mas a deslocamentos do sujeito em relação ao seu próprio dizer.

Na crônica de Carvajal, temos o objeto de discurso sendo construído de maneiras diferentes. Assim, foi possível observar algumas posições enunciativas diferenciadas quando da elaboração da imagem dos índios: uma primeira posição, que os constitui como “comedidos”; “contentes” e “maravilhados” com a presença dos espanhóis; outra posição, os constitui como

---

<sup>51</sup> Idem, p.58.

<sup>52</sup> Idem, p.59.

<sup>53</sup> Idem, p.64.

<sup>54</sup> Clifford Geertz, ao comentar um relato sobre uma das tradições mais famosas e conhecidas de Bali, a saber, o enterro de um rajá importante e o sacrifício de suas esposas, nos fala que o relato está de tal modo atravessado por uma constante ambigüidade, denominada por ele como “uma série de instabilidades”, que, ao termos contato com ele, “ficamos sem saber qual a nossa opinião ou que posição devemos adotar frente àquilo que nos está sendo relatado, e ficamos até mesmo inseguros quanto ao conteúdo exato do que está sendo dito”. Mais adiante, Geertz afirma que estas “instabilidades” constituem-se em uma descentralização da percepção, própria da construção imaginativa. Ainda para o autor, escrever uma história da imaginação moral “é tentar penetrar de alguma maneira neste emaranhado de implicações hemenêuticas, localizar com alguma precisão as instabilidades de pensamento e de sentimento que ele produz, e colocá-las em uma moldura social”. Cf. C. Geertz, “Descoberto na tradução: a história social da imaginação moral”. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 66 e 71.

<sup>55</sup> Para um maior aprofundamento da noção de heterogeneidade, remetemos as seguintes obras: Mikail Bakhtin, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986; Jaqueline Authier-Révus, “Hétérogénéité montrée et

“domésticos” e “bobos”, quando demandados pelos colonizadores; uma outra, que os mostra como “sutis” e “engenhosos” em suas artes; e uma quarta, que coloca em cena os índios como “bárbaros”, “soberbos”, “hostis” (“nos tinham muito pouco apreço”), “bêbados”, “selvagens” (“como leões sem temor dos arcabuzes e bestas”), e as índias, como mulheres guerreiras e “belicosas” (“índias com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios (...); aquelas mulheres que lá pelejavam como amazonas...”), ao resistirem ao contato.

Colocar em cena essas posições significa estabelecer relações de identificação com o discurso colonizador.<sup>56</sup> Na crônica de Carvajal, percebe-se a tentativa de se fazer uma descrição naturalista do Novo Mundo, descrição esta que pressupõe uma relação de mera representação entre os objetos e a língua. O recurso freqüente ao verbo “ver”, ao longo da crônica, tenta construir a ilusão de que os objetos estão sendo descritos tal como são: “(...) e os índios, vendo maravilhados a nossa audácia... ; (...) O capitão, vendo o comedimento dos índios... ; (...) E quis Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia, víssemos adiante na margem, uns povoados grandes...; (...) Aqui viram-se índias com arco e flecha... ; (...) digo para meu desengano que falo do que vi... ; É coisa digna de se ver as pinturas...”.

No entanto, esta empreitada naturalista não alcança o sucesso pretendido se compreendemos que ela se constitui na tentativa de um enquadre dos sujeitos, dos corpos e da linguagem do Novo Mundo na moldura cultural européia. Ou seja, o outro sempre é apreendido a partir das próprias categorias da cultura que o diz. Desse modo, não podemos apreender os sentidos colocados em jogo pela encenação das imagens a não ser considerando que Carvajal torna instáveis seus objetos de discurso, sem, no entanto, abandonar as suas molduras culturais e o horizonte discursivo de sua época. Nesse contexto é que faz sentido o fato de os índios serem considerados engenhosos ao produzirem artefatos comparáveis aqueles produzidos e expostos nos museus europeus.

Se o exótico pode ser considerado como um deslocamento daquilo que se considera aceitável ou provável em uma determinada cultura, curiosamente, os índios, em todas as imagens que deles são construídas, aparecem como exóticos, dado o exagero que marca as

---

hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours”. *DRLAV*, 26, Paris, 1982, pp.91-151; Dominique Maingueneau, *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

<sup>56</sup> Sara Mills assim define o discurso colonizador: “Colonial discourse does not simply refer to a body of texts with similar subject-matter, but rather refers to a set of practices and rules which produced those texts and the methodological organisation of the thinking underlying those texts”. Cf. S. Mills, “Colonial and post-colonial discourse theory”. In: *Discourse*. New York: Routledge, 1997, p. 107.

descrições de seus atributos: quando são amistosos, podem chegar a ser bobos; quando se defendem, constituem-se em um “*barbaríssimo exército*”. As formas heterogêneas de construção dos objetos do discurso, ainda que aparentemente contraditórias (ora os índios são dóceis, ora são rebeldes), não conseguem deixar de trazer julgamentos sempre depreciativos em relação ao inesperado, ao radicalmente diferente.

Quando os índios se relacionam com os espanhóis sem uma resistência mais explícita, suas atitudes são imediatamente entendidas como demonstrações de submissão: a docilidade, a domesticidade de alguns grupos indígenas não são atributos que lhes são inerentes, como nos quer fazer acreditar Carvajal, mas “qualidades” a eles designadas pelo olhar colonizador. Na maneira de Carvajal apreender o outro, não há espaço para a compreensão de gestos, por parte dos habitantes do Novo Mundo, através dos quais fosse possível vislumbrar possibilidades de interação que não aquelas do confronto ou da submissão. As heterogeneidades enunciativas não impedem que o discurso tenha uma determinada direção; em outras palavras, que seja ideologicamente comprometido com a visão de dominação do Velho Mundo.

As instabilidades de que falamos anteriormente decorrem de uma tensão existente entre o desejo do colonizador de dominar este discurso, de acreditar que possui palavras para dizê-lo, e a impossibilidade de realizar este projeto. O outro lhe escapa, resiste em ser dominado. Quando isto acontece, as sociedades indígenas são colocadas no lugar da ameaça, do dano para o civilizador, situação que possibilita a construção de justificativas para o seu extermínio (no domínio das relações sociais) e para o seu apagamento (no domínio das práticas discursivas).

Ao final, esperamos ter sido bem sucedidos na proposta de acompanhar, mesmo que de uma maneira bastante breve e pontual, o percurso discursivo de Carvajal. Ao longo de nosso próprio percurso, procuramos mostrar que a crônica de Gaspar de Carvajal possui uma configuração discursiva complexa, porque não produz as justificativas presentes nas outras crônicas de maneira explícita, mas através de uma sutil encenação de posições enunciativas, que, ao mesmo tempo, nos dizem dos infortúnios destes homens e nos colocam questões sobre as formas de articulação dos saberes da época frente ao novo, ao inesperado, aquilo/aqueles sobre os quais ainda estavam por impor os seus domínios. Poderíamos ainda percorrer outros caminhos. No entanto, acreditamos que ainda há muito por descobrir na trilha aberta por Carvajal. Outros olhares, novas descobertas.

# INTRODUÇÃO

Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.)

A Lingüística, nos dias de hoje, conta com uma vasta bibliografia de estudos no campo, desde textos mais introdutórios até textos de grande especificidade e aprofundamento. Os textos introdutórios já existentes são, sem dúvida alguma, bastante esclarecedores. O que justificaria, então, a organização de uma obra com esta, que se propõe a introduzir o leitor nos estudos da Lingüística?

Nosso propósito na organização desta obra é o de preparar o terreno conceitual para contatos posteriores com materiais que analisem o fenômeno da linguagem com um maior grau de detalhe e aprofundamento, além de tornar acessível, para leitores iniciantes ou não-especializados em Lingüística, as relevantes abordagens sobre o fenômeno da linguagem. No intuito de realizarmos tal propósito, concebemos os dois volumes de *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*, buscando aliar os seguintes aspectos:

- a) uma apresentação geral e gradual das principais áreas da Lingüística no Brasil;
- b) uma amostra de como as diversas áreas abordam os fatos de linguagem;
- c) uma linguagem acessível.

Com base nestes três aspectos, procuramos organizar os capítulos de forma a conferir uma certa unidade à obra. Assim, de um modo geral, os capítulos estão constituídos da seguinte maneira: (i) histórico da área; (ii) bases epistemológicas da área; (iii) diferentes vertentes da área; (iv) análise de dados. No entanto, em função da especificidade de cada área e do próprio estilo e visão de cada autor com relação ao campo apresentado, os capítulos conferem um peso diferenciado aos aspectos acima citados.

Com relação à ordem dos capítulos, não optamos pela apresentação das

disciplinas seguindo a perspectiva clássica, que perscruta o fenômeno da linguagem partindo dos níveis mínimos de análise em direção aos níveis superiores. Optamos por oferecer ao leitor a possibilidade de inicialmente enxergar o fenômeno lingüístico como um fenômeno socio-cultural, fundamentalmente heterogêneo e em constante processo de mudança. Entendemos que, assim, podemos lhe promover uma entrada mais significativa no terreno das necessárias e esclarecedoras orientações teóricas formais sobre a linguagem humana.

Iniciamos o volume I desta obra com o capítulo de *Sociolingüística* (partes I e II) porque esta área, na tentativa de compreender a questão da relação entre linguagem e sociedade, postula o princípio da diversidade lingüística. Este postulado inscreve a Sociolingüística na corrente das orientações teóricas contextuais sobre o fenômeno lingüístico, que se contrapõe a uma visão imanente da língua.

O capítulo de *Lingüística Histórica* é apresentado na seqüência, enfocando os processos de mudança das línguas no tempo. Esta seqüência se justifica porque mudança e variação lingüística encontram-se estreitamente relacionadas: se há mudança lingüística, é porque, em algum momento anterior, ocorreu o fenômeno da variação. Sendo assim, esperamos que estes primeiros textos possam esclarecer para o leitor dois dos mais importantes pressupostos da Lingüística moderna: que todas as línguas variam e que todas as línguas mudam.

Em seguida, começamos a explorar as áreas que fazem parte daquilo que é tradicionalmente concebido como a descrição gramatical das línguas naturais. Os capítulos de *Fonética*, *Fonologia*, *Morfologia* e *Sintaxe* possuem a tarefa de introduzir as perspectivas teóricas e metodológicas que constituíram a Lingüística como uma ciência autônoma e com um objeto de estudo próprio, ao longo do século XX. Em contato com estes capítulos, o leitor terá a oportunidade de escrutinar o fenômeno lingüístico em seus diferentes níveis e, também, de ter acesso a um olhar predominantemente formalista em relação às línguas naturais. Em outras palavras, nestes capítulos, o leitor estará entrando em contato com

abordagens que propõem um número restrito de princípios firmes e seguros que são utilizados na construção positiva do conhecimento das línguas e da faculdade de linguagem.

Finalizamos o primeiro volume com o capítulo de *Linguística Textual*. Esta área, que tem como principal interesse o estudo dos processos de produção, recepção e interpretação dos textos, reintegra o sujeito e a situação de comunicação em seu escopo teórico. Este movimento faz parte de um esforço mais amplo de construção de uma Linguística para além dos limites da frase.

Iniciamos o volume II apresentando a área da *Semântica*, que tem como objeto de estudo a questão do significado e/ou dos processos de significação. Este foi um tema sempre presente em outros lugares de construção do conhecimento, tais como a Lógica, a Retórica, a Filosofia e, mais recentemente, a Semiótica, a História, a Antropologia e as Ciências Cognitivas, o que nos sinaliza para o fato de que este objeto “transborda as próprias fronteiras da Linguística” e nos coloca na posição de ter de enfrentar as discussões sobre as relações entre linguagem e mundo, linguagem e conhecimento.

Os capítulos de *Pragmática*, *Análise da Conversação* e *Análise do Discurso*, que são apresentados na seqüência, podem ser definidos, de uma maneira geral, como aqueles que, a partir de pressupostos teóricos diferenciados, estabelecem relações com a exterioridade da linguagem, problematizando a separação entre a materialidade da língua e seus contextos de produção. Para tanto, essas áreas também mobilizam saberes advindos de outros campos, tais como a Filosofia da Linguagem, a Antropologia, a História, a Sociologia, a Psicanálise, e as Ciências Cognitivas, proporcionando ao leitor diferentes olhares em relação às formas de construção dos sentidos, de nossa subjetividade/alteridade e de nossa historicidade.

Com o capítulo de *Neurolinguística*, continuamos o nosso percurso pelas áreas que, pela natureza das indagações que fazem, são constituídas fundamentalmente por teorias lingüísticas e por teorias advindas de outros campos do saber. Em outras palavras, “as fronteiras que delimitam os objetos de

estudo destas áreas são instáveis, movediças”. Os capítulos de *Neurolingüística*, *Psicolingüística* e *Aquisição da Linguagem* se distinguem dos outros e se aproximam entre si por necessitarem da articulação de saberes produzidos, principalmente, na Lingüística, na Psicologia e na área de Neurociências, para que sejam respondidas as questões elaboradas em seus respectivos campos sobre as relações entre linguagem e cognição, linguagem e cérebro, enfim, sobre os diferentes modos pelos quais os sujeitos adquirem, organizam e reelaboram o conhecimento.

O último capítulo deste volume, *Língua e Ensino: políticas de fechamento*, tematiza as contribuições que alguns importantes pressupostos teóricos construídos pela ciência da linguagem ao longo do século podem dar para o ensino. O capítulo apresenta as diferentes concepções de gramática que norteiam as práticas pedagógicas, além de problematizar as atuais práticas de leitura e de produção de textos na escola, proporcionando ao leitor um olhar crítico em relação aos processos de “homogeneização e silenciamento dos sujeitos”, tão em curso nas instituições escolares.

Esta explicação sobre a disposição dos capítulos na obra não tem o objetivo de impor uma leitura linear. Dependendo dos seus interesses e de suas questões, o leitor poderá elaborar a sua própria ordem de leitura.

*Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras* é fruto de um trabalho coletivo, resultante de uma verdadeira cooperação entre nós, organizadoras, entre as organizadoras e os autores, entre os autores e seus diversos interlocutores, entre nós e as pessoas que acompanharam mais de perto o projeto ao longo destes três anos, entre nós e os editores. Esta experiência de constante diálogo nos foi extremamente valiosa e prazerosa. Esperamos que nossos leitores também se beneficiem da estimulante “atmosfera” de reflexão sobre a linguagem propiciada pelo trabalho de cada um dos autores desta obra.

Aos autores e autoras, agradecemos o entusiasmo com que se engajaram neste projeto intelectual, a tolerância às longas conversas teóricas por telefone e às propostas de intervenção em seus estilos pessoais de escrita, e pelos textos

em si, que se constituem em brilhantes contribuições para o entendimento da ciência da linguagem e de seus tão diversos e fascinantes objetos.

Agradecemos a Sírío Possenti pela gentileza em prefaciá-la esta obra, colaborando, com seu conhecimento sobre a linguagem e sua experiência como pesquisador e professor, para que este projeto alcançasse o bom nível que alcançou. Agradecemos também à Ingedore Koch que, com sua reconhecida autoridade e competência, nos presenteou com um texto de apresentação para a capa desta obra.

Gostaríamos de deixar público o nosso reconhecimento aos professores Aryon Rodrigues, Edwiges Morato, Erotilde Pezatti, Ester Scarpa, Helena Brandão, Ingedore Koch, Jairo M. Nunes, João Wanderley Geraldi, Kanavillil Rajagopalan, Luis Antônio T. Marcuschi e Sírío Possenti e à pesquisadora Helena Brito, por suas leituras atenciosas, que contribuíram de forma decisiva para a concepção e organização de alguns capítulos deste volume.

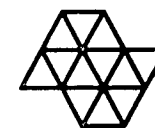
Temos também o prazer de reconhecer que, nestes tempos difíceis para a universidade brasileira, ainda existem espaços institucionais que proporcionam as condições para que um projeto desta natureza seja passível de ser executado. Assim, agradecemos ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, por ser uma espécie de confortável "lar" acadêmico, onde tivemos a oportunidade de aprender que uma formação sólida pode e deve estar aliada a compromissos políticos mais amplos.

A evolução deste livro tem um débito especial para com Edwiges Maria Morato, nossa companheira nesta jornada intelectual, por ter participado das inúmeras discussões sobre a organização dos capítulos, pelas leituras perspicazes e construtivas de alguns deles e por nos ter sempre incentivado, com sua amizade sólida, com seu brilhantismo e com seu compromisso com níveis elevados de instigação, a acreditar que valia a pena. Gostaríamos ainda de agradecer a Ivana Lima Regis, por sua amizade e por ter sido uma interlocutora especial em todos os estágios deste trabalho, e a Marcelo Lemos Silveira, pelo apoio e companheirismo.

Esperamos que este livro possibilite ao leitor vislumbrar a ciência da linguagem. Evidentemente, não tivemos a pretensão de esgotar as discussões que são feitas atualmente nas diferentes áreas apresentadas. Ao contrário, *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras* propõe-se a ser uma porta de entrada para o campo da Lingüística, um campo vasto, heterogêneo, multidisciplinar, que consolida seus domínios e constrói seus objetos de estudo a partir de influências intradisciplinares e de uma complexa, mas muito produtiva, rede de relações com outros lugares de construção do conhecimento.

ARTIGOS EM REVISTAS ESPECIALIZADAS E  
TRABALHOS COMPLETOS EM ANAIS

ISSN 1413-0939



**unesp**  
IBILCE



## **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**XXVII**

**Anais de Seminários do GEL**

(Trabalhos apresentados no XLV Seminário/1997 - Unicamp - Campinas - SP)

**São José do Rio Preto (SP)**  
**1998**

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DO METADISCURSO DO LOCUTOR NAS  
NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Anna Christina BENTES (Universidade Federal do Pará - PG/Universidade Estadual Paulista)

**ABSTRACT:** *Based on the french perspective of discourse analysis, this paper has as main objective to present how the metadiscourse produced inside the oral narratives constructs a certain image of the narrator of these narratives and also which linguistic resources are mobilized in order to construct this metadiscourse.*

**KEY WORDS:** *oral narratives, discourse, metadiscourse*

O presente trabalho pretende apontar algumas manifestações do metadiscorso do locutor em narrativas orais da Amazônia Paraense que fazem parte do corpus do programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará desde 1993. O programa foi criado com o objetivo de recolher e analisar as estórias que circulam entre o povo, lendas, anedotas, contos, etc... e também preservar e difundir o acervo constituído. Atualmente, o corpus do programa é formado por mais de 2.500 narrativas.

É importante ressaltar que este *corpus* é construído em uma situação comunicativa que apresenta um forte caráter institucional: um estudante universitário (que foi submetido a um determinado treinamento para executar tal tarefa), falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor (já previamente avaliado por membros do grupo social ao qual pertence como um bom contador de estórias e/ou como uma espécie de "memória viva" dos acontecimentos) que lhe conte uma estória para fins de registro e análise. Estou aqui descrevendo um pouco mais detalhadamente o contexto em que estas estórias são contadas porque acredito que isto nos ajudará a compreender melhor os mecanismos utilizados pelo locutor para inscrever-se no discurso requerido.

Em sua dissertação de mestrado sobre narrativas orais de Rondônia, Miotello (1996) apresenta algumas pistas, baseado em Bakhtin, de como se pode encontrar a visão do narrador (tais como a situação imediata de enunciação, o fenômeno da interação, a relação entre a enunciação em questão e as enunciações anteriores), pistas estas que remetem sempre à heterogeneidade do discurso. Por exemplo, quando o locutor explicita que aquela estória alguém lhe contou ("outra vez foi um rapaz ... é nos contou que vinha andando lá..."; "o meu tio, os meus tios eram... irmãos do meu avô pai do meu pai sempre eles contava causos eu era rapazola e ... cansei de ouvir que aquelas pessoas .."), ele acaba por nos oferecer um indício para a compreensão do fato de que toda e qualquer enunciação "é uma corrente verbal ininterrupta, que se constitui em

apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções de um grupo social determinado". (Bakhtin, 1986:123). Segundo Maingueneau (1989:93),

"a heterogeneidade enunciativa não está ligada unicamente à presença de sujeitos diversos em um mesmo enunciado; ela também pode resultar da *construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso*. (...) Com efeito, em um enunciado, nem tudo é produzido sobre a mesma seqüência de onda: o que é dito é constantemente atravessável por um **metadiscorso**, mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referências."

Tratarei aqui deste fenômeno enunciativo do ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente baseando-me em Maingueneau (1989:93-95), para quem o **metadiscorso** não pode ser visto de um ponto de vista ingênuo, ou seja, apenas como um "conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor", mas, principalmente, conforme foi dito anteriormente, como "um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referências", que permite "descobrir os pontos sensíveis no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscurso". As narrativas orais apresentam quase sempre enunciados do seguinte tipo:

1) "Essa é verdade, aliás todas são verdade que eu vou contar, né?"

2) "Existe. Isso, eu não sei agora como é que é, mas antes, quando eu me entendi, eu via tudo isso."

3) "É, isso aconteceu."<sup>2</sup>

Para Maingueneau, uma das rubricas ou possíveis classificações operatórias dessas glosas que acompanham o locutor é a de confirmação, ou seja, o locutor quer reafirmar a verdade do que está dizendo ("o que estou dizendo é exatamente o que estou dizendo") ou do que acabou de dizer.

Acredito que através destas falas, o locutor tenta delimitar um território próprio em relação ao discurso enunciado, ou, como melhor diria Maingueneau (1989:95): "em lugar de receber sua identidade deste discurso, ele parece construí-la, ao tomar distância, instaurando ele mesmo as fronteiras pertinentes".

Em outras palavras, o locutor das narrativas, ao enunciá-las, sabe que o seu interlocutor não compartilha do mesmo conjunto de crenças e de valores. O aluno/entrevistador pertence a um outro grupo social, possui uma formação escolar bastante diferenciada e se constitui para o locutor das narrativas como alguém que não interpretará suas estórias como inscritas no campo dos fatos, da verdade, dos acontecimentos verídicos, e sim no campo da ficção, do imaginário, do insólito. Miotello (1996) afirma em seu trabalho que uma de suas alunas que participava com ele da coleta de dados, duvidava das estórias contadas e fazia a recepção dos conteúdos a partir de suas categorias de análise, ou seja, acreditava apenas nas partes que se encaixavam no seu universo de referências. "Era conversa de surdo e mudo" (1996:107).

Desse modo, o locutor, através dessas glosas, tenta conferir uma identidade a seu discurso, inscrevendo-o no campo da verdade, negando a possível (e mais provável)

interpretação de que este estaria inscrito no campo dos relatos sem compromisso com a realidade, delimitando assim um território para seu discurso: o território da verdade dos fatos.

Além dessas falas mais marcadas, acredito que o locutor também delimita seu território quando se utiliza de outros recursos lingüísticos para se fazer acreditar, ou melhor dizendo, para que seu discurso possua credibilidade. Por exemplo, quando ele remete a outros sujeitos que, de uma forma ou de outra, podem confirmar a veracidade dos eventos presentes em sua narrativa:

4) "Cê deve saber que tem em Óbidos a estória da cobra grande embaixo da padroeira ... viu ... é meu fio... isso aí eu lhe conto pro sinhô né... eu num vi... mas minha mãe viu .... (Informante: Ester de Jesus Carvalho; Pesquisadora: Maria de Nazaré Monteiro e Silva)

5) "Outra coisa que eu também ouvi falar né do fogo né ... do fogo é::: que aparece né em vários lugares da praia né inclu/se alguém não mexer com ele ele não avança são bolas de fogo que passam ... na praia de um lado para o outro né o pescador já viu é ... senhoras já viram né também ... (Informante: Graça Santana; Pesquisadora: Lúcia Santana)

6) "... ele não sabia o que era aquele FOgo... ele passou tudo por isso isto é uma estória .... vou lhe contar ... que eu não vi mas esse viu é mesmo que se eu né? ... o homem ... meu marido (Informante: Ester de Jesus Carvalho; Pesquisadora: Maria de Nazaré Monteiro e Silva)

7) "...ficou mais forte... teve mais coragem pra trabalhar... que ele já num tinha mais coragem de sair da casa dele já... como se aquilo tivesse sugando o ... corpo dele aquilo.... daí ele ficou mais... mais forte pra trabalhar então se/o pessoal sabe que era essa bota<sup>3</sup> que dormia com ele na casa dele." (Informante: Valdomiro da Silva Vicira; Pesquisadora: Maria de Nazaré Monteiro e Silva)

Sobre os exemplos acima, o locutor apela para o **argumento de autoridade**, ao invocar os atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova em favor de uma tese. Segundo Koch (1987:148),

"seu lugar na argumentação é, porém considerável, embora não se deva perder de vista que, como todo argumento, ele se insere em outros tipos de acordo. Se por um lado, quando a ele se recorre, é porque o acordo sobre aquilo que se está discutindo está arriscado a ser posto em questão, por outro lado ele mesmo pode, também ser contestado".

Apesar de ser facilmente contestável, já que pode se considerar que a simples palavra de alguém não prova nada, ou sustenta-se que X pode ter se enganado sobre tal fato particular, não podemos negar que o que ocorre com frequência nas narrativas orais é um movimento, por parte do locutor, de inscrição de seu discurso, como dissemos anteriormente, no campo da verdade dos fatos. Se por um lado, como afirmou Koch (1987) anteriormente, a utilização do argumento de autoridade já abre em si e por si a possibilidade de questionamento do que está sendo enunciado, por outro lado, a utilização do verbo "saber" permite ao locutor manifestar um saber explícito e obriga o

interlocutor a aderir ao seu discurso, aceitando-o como verdadeiro, apresentando seus argumentos como incontestáveis.

Interessante aqui termos deslocado o eixo daquilo que se chamou ao longo desse texto de "o que foi narrado" para o domínio da argumentação. É que o trabalho do metadiscorso me parece ser justamente este: o de estar, o tempo todo, como diz Maingueneau (1989), tentando não só circunscrever o que não pode ser circunscrito (o erro, a indeterminação do discurso, o deslizamento, como no caso das glosas de confirmação, primeiros exemplos neste trabalho), como também o de estar tentando marcar seu território próprio, ao "significar seus pontos de divergência com o exterior".

O que seria o exterior ao que foi narrado? Seria a possibilidade de aquilo que se fez constituir enquanto "fato" ao longo da narração, não ser possível de ser afirmado, comprovado, e logo, simplesmente não ter existido, a não ser na imaginação de quem está enunciando. Nesse sentido, se faz mais do que legítimo o movimento do locutor de trazer para dentro de seu discurso verbos como "ver", atribuídos a outros sujeitos, para construir este lugar da comprovação, do atestar, da experiência sensorial de um determinado evento.

Apesar dessa tentativa do locutor em construir um discurso fechado, incontestável, pelo apelo que faz aos diferentes recursos lingüísticos acima mencionados (uso do argumento de autoridade, inscrição do discurso na modalidade do saber, etc...), isto não necessariamente fará seu interlocutor aderir a esse discurso em bloco. Ainda como diz Maingueneau (1989:94), "o sujeito cuja imagem é construída pelas glosas é um sujeito que domina um discurso e *que oferece este domínio em espetáculo*." Ao contrário, o interlocutor pode (e certamente o fará, como a aluna anteriormente referida) apesar de toda a imagem de domínio do discurso construída pelo locutor, construir um certo afastamento, um distanciamento sobre aquilo que foi enunciado, já que não compartilha com o locutor do mesmo conjunto de crenças e das mesmas formas de conhecimento.

A meu ver, a tentativa de inscrição do discurso no campo da verdade se dá justamente porque, através de seu poder metadiscursivo, o locutor tenta negar a formação discursiva na qual está previamente inserido o seu discurso: a do imaginário, da ficção, construindo para si e para seu discurso, uma outra identidade.

## NOTAS

1. Algumas narrativas do acervo constituído foram publicadas em dois volumes: GOLDER, C. & SIMÕES, M.S. (1995) *Santarém Conta*. Belém: Cejup/Gráfica da UFPA. e GOLDER, C. & SIMÕES, M.S. (1995) *Belém Conta*. Belém: Cejup/Gráfica da UFPA. Outros volumes estão no prelo.
2. Neste trabalho estou utilizando as normas para transcrição de acordo com a proposta de Castilho e Preti (1986).
3. Bota é o feminino de Boto, entidade folclórica da Amazônia.

RESUMO: Baseado na perspectiva francesa de análise do discurso, o presente trabalho tem por objetivo apresentar como o metadiscorso produzido nas narrativas

*orais constrói uma determinada imagem do locutor dessas narrativas e que recursos lingüísticos são mobilizados na construção deste metadiscurso.*

PALAVRAS-CHAVE: *narrativa oral, discurso, metadiscurso.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1986), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec.
- BENTES, A. C. (1996), *Analisando Narrativas Oraís da Amazônia Paraense*. Projeto de Doutorado, Unicamp.
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (1987), *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, Vol. I: Elocuções Formais*, São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP.
- KOCH, I. G. V. (1987), *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez.
- MAINGUENEAU, D. (1989), *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp.
- MIOTELLO, W. (1996), *Um Mito Amazônico em Narrativas de Roda: repetição e mudança nos processos enunciativos*. Dissertação de Mestrado, Unicamp.

#### A DIFUSÃO LEXICAL NO ÂMBITO DAS CAUSATIVAS

Vanda de Oliveira BITTENCOURT (Pontifícia Universidade Católica - MG)

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the possibility of application of the Lexical Diffusion model to syntactic changes involving analytical causative clauses in Brazilian Portuguese. This phenomenon originates from Latin and affects differently the Romance languages.*

KEY WORDS: *Syntactic change; diffusionist model; triggers.*

Aficionada pelo *modus operandi* das línguas no que concerne à expressão do fenômeno da **causatividade**, tenho podido corroborar as razões do espaço que lhe tem sido conferido na literatura lingüística e reforçar o convite ao estudioso para um debruçar investigatório sobre a sua multiplicidade sintática, **semântica**, discursiva e pragmática.

Depois de seguir, em trabalho datado de 1995, o fluxo **evolutivo** das causativas românicas - particularmente das utilizadas no português do **Brasil** -, no presente trabalho, retorno a esse tema, buscando focar certos pontos não **abordados**, ou pouco desenvolvidos, no acompanhamento que me coube fazer anteriormente, desde o seu estado originário latino.

No percurso então rastreado, detectaram-se, no que tange às direções tomadas pelas línguas envolvidas, encontros e desencontros entre as duas **modalidades** latinas, oral e escrita, entre o latim e suas descendentes e, ainda, entre as **próprias** línguas-irmãs. Restringindo-me às **convergências** detectadas, ressalte-se, aqui, a tendência ao **enfraquecimento** das causativas analíticas de conformação **subjuntiva**, em prol da expansão das formas de **infinitivo**, ambas abaixo ilustradas com dados do português oral espontâneo:

- (1) Jô fez (com) que o Derico passasse a maior vergonha. (Analítica)
- (2) Jô fez o Derico passar a maior vergonha. (Semi-analítica)

Registrado no latim, depois de uma trajetória em curvas e dissonâncias, esse tipo de mudança quantitativa apresenta hoje, no universo românico, em termos percentuais, um **continuum** escalar, em cujo topo figuram línguas como o italiano e o francês, nas quais a expressão subjuntiva foi praticamente sufocada pela infinitiva, sobretudo nas construções com o causativo **factitivo** (*fare e faire*). No lado oposto, embora não extremo, estariam localizados o espanhol e o português (lusitano e

ISSN 1413-0939



UNICAMP



# ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

XXVI

Anais de Seminários do GEL

(Trabalhos apresentados no XLIV Seminário/1996 - UNITAU - Taubaté - SP)

Campinas (SP)  
1997

**RESUMO:** Entre as línguas românicas, o gascão é citado algumas vezes como sendo uma delas. Conhecido e reconhecido, porém, como uma língua e não um simples dialeto desde a Idade Média, o gascão vem sendo o instrumento de expressão literária de poetas e escritores no decurso de séculos. Houve períodos de decadência e de ressurgimento em sua história, com reflexos em sua literatura. Atualmente, assiste-se a um vigoroso ressurgimento nos estudos da língua, acompanhados por considerável produção literária, sobretudo de jovens escritores, nessa autêntica língua românica do sul da França, lingüísticamente bem diferenciada dos falares occitanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filologia Românica; línguas românicas; galo-romance; gascão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEC, P. (1986) *La langue occitane*. Paris, Presses Universitaires de France, 5e.éd.
- DARRIGRAND, R. et GROSCLAUDE M. (1976) *Grammaire abrégée du Gascon*. Pau, I.G. Harrimpouey, Per Noste.
- DARRIGRAND, R. (1985) *Comment écrire le Gascon*. Pau, Gaves-Dengun, Per Noste.
- JORDAN, I. e MANOLIU, M. (1972) *Manual de lingüística românica*. Madrid, Edit. Gredos.
- PIDAL, R.M. (1968) *Manual de gramática histórica española*. Madrid, Espasa-Calpe, 3a. ed.
- ROHLFS, G. (1935) *Le Gascon. Études de Philologie Pyrénéenne*. Halle, Max Niemeyer Verlag.
- TAGLIAVINI, C. (1972) *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna, Editrice Pàtron, 6a. ed.
- VIDOS, B. E. (1968) *Manual de lingüística românica*. Madrid, Aguilar, 2a.ed.

#### ANALISANDO NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Anna Christina BENTES  
(Universidade Federal do Pará)

**ABSTRACT:** In this paper, I will analyse oral narratives collected by a research program developed at the Federal University of Pará. I will try to discuss how a more symmetrical interaction and the shared knowledge between the interlocutors can better regulate the form, the style and the function of the narratives.

**KEY WORDS:** oral narratives, verbal interaction.

Neste trabalho, analisarei narrativas orais da Amazônia Paraense coletadas pelo Programa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará. A perspectiva que aqui adotarei será aquela que considera a linguagem como um espaço privilegiado para o estabelecimento de relações entre os interlocutores<sup>1</sup>. Considerando que a estrutura da enunciação é totalmente determinada tanto pela situação social mais imediata, como pelo meio social mais amplo (Bakhtin, 1986:113), pretendo, numa abordagem inicial, ao analisar as narrativas, "compreender sua significação em uma enunciação particular" (Bakhtin, 1986:93) e tentar perceber como os elementos que constituem tanto a situação social mais imediata, como o meio social mais amplo, de fato, "monitoram" o processo de produção dos textos (Gulich & Quasthoff, 1985:172-173).

Do ponto de vista lingüístico, mais especificamente, do ponto de vista da Lingüística Textual, há tradicionalmente duas grandes linhas de interesse na abordagem de textos narrativos: de um lado, os estudos de fenômenos lingüísticos pontuais, tais como tempo verbal, conectivos e marcadores de discurso ou sentenças iniciadoras de textos; de um outro lado, os estudos direcionados para teorias e metodologias que incluem modelos estruturais designados para analisar narrativas inteiras dentro do quadro teórico dos estudos da gramática textual. Nos textos de 1985 e 1986, Gulich & Quasthoff reforçam a necessidade na mudança do objeto da análise da narrativa: ao invés de estudar as narrativas como um produto acabado, formulam a proposta de tomar como objeto de análise o próprio processo de produção da narrativa, já que esta passa a ser considerada parte integral do processo interacional. Para as autoras, descrever a

<sup>1</sup> Ver Bakhtin (1986), Gerald (1991), Koch (1987, 1992).

narrativa como um processo interacional significa, em primeiro lugar, tentar analisá-la como uma atividade para a qual, tanto narrador como ouvinte contribuem. Em segundo lugar, uma abordagem interativa vê a narrativa no seu contexto interacional mais amplo; isto é, se faz necessário perguntar qual a função da narrativa em uma determinada situação.

Isto significa levar em conta (i) que a narrativa não tem uma função intrínseca baseada em informações semânticas, ao contrário, na situação interacional, o narrador e o ouvinte atribuem uma ou mais funções à narrativa; (ii) que estrutura e função não devem ser vistas como categorias mutuamente excludentes; ao contrário, a interrelação entre estrutura e função deve ser explicitada. Finalmente, as autoras afirmam que as postulações feitas estão baseadas em uma orientação interacional, em uma perspectiva lingüístico-discursiva que, no entanto, também leva em consideração aspectos cognitivos tais como o planejamento e o processamento de uma narrativa.

As narrativas a serem analisadas neste trabalho, que fazem parte do corpus acima referido, apresentam um forte caráter institucional: um estudante universitário, falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor que lhe conte uma estória para fins de registro e análise. Apesar de toda a tentativa de fazer com que as narrativas ocorram da maneira mais espontânea possível, não se pode deixar de levar em conta que não se trata aqui, pelo menos na grande maioria das situações, de uma interação simétrica, onde todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas sim de uma interação assimétrica, onde apenas um dos interlocutores detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade (Koch, 1992:70-71). Transcreverei agora um exemplo de uma interação assimétrica entre os interlocutores.

- (1) A - Seu nome?  
B - Dona Esther ... de Jesus Carvalho ... pode?  
A - Sua idade?  
B - Óbidos.  
A - Não ... a senhora nasceu em Óbidos né? ... não ... nasceu em Flexal.  
B - Em Flexal.  
A - A senhora mora atualmente em Óbidos?  
B - Óbidos  
A - Sua idade ... a senhora está com quantos anos?  
B - 83.  
A - 83? ... a senhora num ... cursou algum ... alguma escola?  
B - Cursei ... mas não formei.  
A - Não?  
B - Seu Francisco.  
A - Chegou até que série? 1a. ? 2a. ?  
B - 1o.  
A - 1a. série? ... Ah tá ... e::: ... a senhora tá em Óbidos desde que ano? ... desde ( )  
B - Hum ... num tem data.

A - Há muito tempo?

B - Ichi, meu filho ... todos meus filho nasceru em Óbidos ... todos ... todos... todos ... nasceu o mais velho ... o mais criança ... são três filho tudo nascido em Óbidos ... (já estou anos e anos em Óbidos) ... agora num me lembro das data.

A - E a profissão?

B - Doméstico.

A - Doméstica ... né?

B - Doméstico ... sempre ... positivo

A - A senhora tem alguma estória pra me contar?

B - Não me lembro meu fio deixa eu vê eu preciso pensar ... eu ando esquecida ... meu fio ... muito esquecida ... meu fio desse ( )

(Pesquisadora: Maria de Nazaré M. Silva Informante: Ester de Jesus Carvalho)<sup>2</sup>

Depois da negativa inicial, a informante enuncia a estória abaixo:

- (2) B - Era um ... um grande pescador ... do Amazona (3.0) ele ( ) ele pescava ...noite e dia ... mas quando foi uma noite ... a onça saiu no meio do Amazona correu atrás dele ... MEtros e metros ... chegou na/beira do lago Amazonas ... subiu numa árvore ... ficou lá até/até o amanhecer ... que a bicha foi embora ... isso aí ... daí esse é o resto ... da primeira vez nós escapou porque Deus quis ... que a bicha é fera perigosa ... isso aí.

(Pesquisadora: Maria de Nazaré M. Silva - Informante: Esther de Jesus Carvalho)

Um primeiro aspecto a ser observado é a passagem de um tipo de evento discursivo para outro, ou seja, de um diálogo assimétrico para um monólogo, nem sempre se dá de uma maneira tranqüila. Quando o entrevistador faz a pergunta "a senhora tem alguma estória pra me contar?", logo depois de perguntas de caráter mais informacional, ocorre uma mudança não só do sistema de participação na interação, mas também, no tipo de processamento de discurso que é exigido do entrevistado. Contar uma estória também resulta da capacidade de lembrar os eventos ocorridos em um tempo passado e de transformar esta experiência (pessoal ou não) em uma forma narrativa. No exemplo acima, a informante enuncia o motivo de ordem cognitiva (o de não se lembrar dos acontecimentos) que a leva a não desempenhar, pelo menos momentaneamente, o papel de narrador que lhe fora determinado pela situação.

Segundo Grice (1967, apud. Dascal, 1982), os participantes de uma interação vão ter basicamente a atitude de cooperar, ou seja, de levar a interação a um bom termo. Além disso, no caso deste tipo de interação, os participantes parecem também entender o ato de contar estórias como parte de uma atitude social mais geral, onde os participantes da interação, além de um objetivo informacional, parecem também desejar reforçar as situações comunicativas em que o ritual de narrar estórias oralmente seja cumprido e repetido. Assim, o ato de narrar, mesmo em situações altamente

<sup>2</sup> Adotamos as normas para transcrição extraídas de Castilho e Preti (1986).

institucionalizadas, faria parte de uma atitude de valorização da tradição oral por parte dos interlocutores.

Com relação as atividades de composição de textos, ou formulação "latu sensu", Hilgert (1993:107) afirma que estas devem ser vistas como uma "proposta de compreensão" ao interlocutor, "onde os fenômenos específicos como interrupções, reinícios correções paráfrases e outros" são compreendidos como "atividades de formulação a que recorrem os interlocutores para resolver, contornar, ultrapassar ou impedir problemas, obstáculos ou barreiras com que se deparam no desenvolvimento da construção enunciativa". É nessa perspectiva que se devem entender as atitudes comunicativas de D. Esther.

Observando o exemplo (2), que foi a estória enunciada pela informante após sua negativa inicial e, comparando com a interação<sup>3</sup> que se segue, percebe-se que a informante, ao longo do processo de produção textual, empreende um esforço para alcançar os objetivos comunicativos que lhe foram propostos e que ela assume como legítimo. Koch (1995) propõe cinco tipos de atividades de construção textual: três de formulação fluente, e dois de disfluente. No caso das atividades de formulação textual empreendidas por D. Esther, estas podem ser classificadas, de uma maneira geral, como disfluente. Enquanto o exemplo (2) pode ser classificado como um formação disfluente que apresenta problemas que são resolvidos pelo falante "on line", ou seja, no momento mesmo da verbalização, como o fenômeno da hesitação, revelado pela repetição de vocábulos de pequeno porte ("na/na beira do lago até/até o amanhecer), na continuidade do processo de formulação textual, D. Esther já começa a apresentar as chamadas reformulações sancionadoras, que são derivadas da percepção de problemas após a verbalização de um segmento textual. É de meu interesse discutir como o tipo de interação pode monitorar tanto as mudanças de um evento discursivo para outro, como os procedimentos de formulação de textos. Vejamos agora uma outra narrativa:

- (3) D - (...) agora ... a gente quer melhor ... né ... quer uma de terror né  
A - [aquela seu Zé  
B - [olha  
A - da senhora do do do cemitério  
B - é:: (2.10) quando eu morava no interior ... a minha mãe (1.60) sempre via negócio de de de ... de visage (1.60) e ... morreu uma senhora lá próximo ... o nome da senhora era (1.60)  
C - mãe d'água  
B - mãe d'água (1.70) e:: depois que ela morreu ... apareceu depois de um mês ou dois mês apareceu um gritadô ... que gritava a NOite ... (deixa eu vê) ... e:: uma das noite ele passou gritando prum lugar ... chamado Taperinha ... passava por dentro de Quatipuru ... ia até Taperinha ... na volta (1.80) ele veio gritando quando chegou bem próximo da nossa casa ... ela tava acordada umas duas horas da

<sup>3</sup> Após a estória da onça, o que ocorre depois entre a informante e a entrevistada, sem nenhum tipo de interrupção, é o seguinte: novo diálogo assimétrico, seguido de uma nova estória, outro diálogo assimétrico e, por último, uma nova estória.

madrugada (1.70) ela ... ouviu bem quando aquele tropé vinha ... fazendo ... assim como quem vem pisando ... forte (1.60) quando chegou bem

D - [ plôc plôc plôc plôc

B - [ do lado da nossa casa... ele ... aquele .... aquela visage (1.60) assim (parece que) trazia um PEso ... e arrou ... bem na porta da nossa casa que a rua passa bem próxima ... ela tava acordada ... ela espi/espiou pelo buraco da chave ... ( ) o cachorro começou a latir ... no quintal ... aí aquele aquela visage pegou novamente aquele caixão ... botou no ombro ... e saiu direto pro cemitério ... nós moramos bem próximo do cemitério ... e deu mais um grito (1.70) aí niguém nu/ela não viu mais nada ... depois disso

(Pesquisador: Ana Francisca Informante: José Lisboa de Avis)

Neste exemplo, onde há a presença de outros participantes além do pesquisador e do informante, o que é interessante observar é que apesar de todo o contexto institucional em que as narrativas são produzidas, com todos os condicionamentos que dele são derivados, este mesmo contexto, em um certo nível, pode ser redefinido e chegar a apresentar um maior grau de informalidade, proporcionado pela participação do que Bublitz (1988:197) denomina de *falante secundário*. Para o autor, o falante secundário é aquele que se manifesta reagindo positivamente ao que lhe é dito através de contribuições menores para o tópico em questão. Estas contribuições do falante secundário ocorrem com o objetivo de dar apoio ao falante primário. No exemplo (3), o falante (C), que não é o entrevistador, constitui-se no falante quando *completa* com a expressão mãe d'água, aquilo que o falante primário, no caso aqui, o narrador, estava dizendo. O falante secundário *completa* o padrão, tanto sintático, quanto semântico, que iria ser enunciado e que foi interrompido pela pausa mais longa feita pelo narrador.

Também é interessante observar que o falante primário, logo em seguida, repete a expressão que foi enunciada pelo falante secundário, tanto para ratificar os conteúdos expressos no preenchimento feito pelo falante secundário, como também para retomar o turno. A onomatopéia executada pelo falante (D), como um "back vocal", superpondo-se à fala de (B), pode ser compreendida, segundo Bublitz (1988), como uma *complementação* ao que está sendo dito pelo narrador. Em ambos os casos, os dois interlocutores, com suas falas, contribuem decisivamente para o sucesso do objetivo comunicacional que foi proposto ao falante primário, narrar uma estória, e confirmam a posição do narrador como falante principal. Nossa hipótese aqui é a de que dependendo da situação, os interlocutores não irão apenas dar apoio ao falante principal, reforçando o seu lugar; irão também co-construir a narrativa, enunciando uma (ou mais de uma) das partes dela constitutivas propostas por Labov e Waletzky (1967). Assim, um tipo de interação mais simétrica e o conhecimento partilhado pelos interlocutores regularia, por assim dizer, a forma e o estilo da narrativa.

**RESUMO:** Neste trabalho, analisarei narrativas orais coletadas pelo Programa "O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense", desenvolvido na UFPA. Tentarei apresentar algumas evidências de como uma interação mais simétrica e o conhecimento partilhado pelos interlocutores pode regular a forma, o estilo e a função da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa oral, interação verbal.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1986), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Tradução Brasileira, São Paulo, Hucitec.
- BUBLITZ, W. (1988), *Supportive Fellow-Speakers and Cooperative Conversations*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Publishing
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (1987), *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. 1: *Elocuções Formais*, São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP.
- GERALDI, J. W. (1991), *Portos de Passagem*, São Paulo, Martins Fontes.
- GRICE, H.P. (1967), "Lógica e Conversação", *Fundamentos Metodológicos da Linguística: problemas, críticas e perspectivas*, vol IV, Campinas, 1982.
- GÜLICH, E. & QUASTHOFF, U. M. (1986), "Story-telling in Conversation: Cognitive and Interactive Aspects", *Poetics*, vol 15: 217-241, North-Holland, Elsevier Science Publishers B V.
- GÜLICH, E. & QUASTHOFF U. M. (1985), "Narrative Analysis", *Handbook of Discourse Analysis*, vol. 2: 169-197, London, Academic Press.
- HILGERT, J. G. (1993), "Esboço de uma Fundamentação Teórica para o Estudo das Atividades de Formulação Textual", *Gramática do Português Falado*, vol. III, Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp/FAPESP.
- KOCH, I. G. V. (1987), *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez Editora  
\_\_\_\_\_. (1992), *A Interação pela Linguagem*, São Paulo, Contexto.
- KOCH, I. G. V. et al. *Proposta Teórica para o Projeto "Gramática do Português Falado: Subgrupo "Descrição Textual-Interativa"*, mimeo.
- KOCH, I. G. V. & M.C.P. de SOUZA e SILVA, "Atividades de Composição do Texto Falado: a elocução formal", *Gramática do Português Falado*, vol IV, I.G.V. KOCH (org.), no prelo.
- LABOV, W. & WALETZKY, J. (1967), "Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience", *Essays on the verbal and visual arts*, 12-44, Seattle/London, University of Washington Press.
- QUASTHOFF, U. M. & NIKOLAUS (1982), "What Makes a Good Story? Towards the Production of Conversational Narratives", *Discourse Processes*, pp. 16-28, Amsterdam, North Holland Publishing Company.

#### SEMIÓTICA DA MAGIA NO FOLCLORE INFANTIL BRASILEIRO

Luci Mendes de Melo BONINI  
(PUC-UBC-UMC)

**ABSTRACT:** Based on Nöth "Semiotics of Magic in children folklore", in this work we study some communicative acts (verbal and non-verbal acts) that can bring cure, luck and that seal bargains, or even foresee the future. This acts wait an action from the non-semiotic world, that does not occurs, showing certain anomalies.

**KEY WORDS:** Semiotics, magic, speech acts, folklore

#### 0 - INTRODUÇÃO

Ao compararmos as mágicas infantis apontadas por Nöth em "Semiotics of Magic in children's folklore" às das crianças brasileiras, encontramos algumas semelhanças, o que nos permite tecer algumas considerações. Essas formas de magia serão atos comunicativos (verbais e não verbais) que possam trazer sorte, cura, prever futuro, selar barganhas ou fazer promessas.

Conforme coloca Nöth (1985:391) esses exemplos se constituem exemplos de 'magia branca', já que o objetivo do emissor é obter um evento positivo, no entanto o ato comunicativo ele mesmo é constituído de anomalias, pois busca a obtenção de um efeito imediato no mundo não semiótico' (ibid.:391).

#### 1 - A COMUNICAÇÃO MÁGICA

Duas categorias podem ser detectadas na comunicação mágica, a primeira delas são os signos mágicos não-verbais que podem ser gestos ou ações que produzem efeitos mágicos. Ex.:

- 1 - Fazer cruz em formigueiro traz dia ensolarado.
- 2 - Deixar sapo morto de barriga para cima traz chuva.
- 3 - Deixar sapatos virados traz a morte da mãe.
- 4 - Pular por cima do amigo impede que ele cresça.
- 5 - Apontar estrela com o dedo faz nascer verruga.

## OS GÊNEROS DO DISCURSO E A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

Ingedore G. Villaça Koch (Unicamp - Brasil)  
Anna Christina Bentes (UFPA/Unicamp - Brasil)

1999

### 1. Introdução

A concepção de linguagem como prática social e, portanto, lugar de interação entre sujeitos sociais, não tem chegado, da forma como seria desejável, à escola. É a adoção dessa postura que propomos como forma de discurso para o câmbio.

Para que se possa considerar a linguagem como uma prática social, precisamos ter em mente que as interpretações feitas pelos agentes da situação são essenciais. Estas interpretações dependem:

- a) da identidade social dos atores;
- b) das representações que eles têm dos usos possíveis da linguagem e das funções que os atores privilegiam de acordo com sua trajetória.

Estudar o funcionamento lingüístico como práticas sociais significa, então, analisar as diferenças e variações em função de sistemas de categorizações sociais à disposição dos sujeitos observados.

Bakhtin (1979:279) escreve: "Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada dentre os recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - mas também, e sobretudo, por sua construção/composicional."

Assim sendo, todos os nossos enunciados baseiam-se em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo. Tais formas constituem os gêneros, "tipos relativamente estáveis de enunciados", marcados sócio-historicamente, visto que estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. É cada uma dessas situações que determina, pois, um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas /? próprias. Sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo cotidiano até a tese científica. Por esta razão, Bakhtin distingue os gêneros primários dos secundários. Enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face-a-face) são constituídos em situações de comunicação ligadas às esferas sociais cotidianas das relações humanas, os segundos são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada, absorvendo, pois, e transmutando os gêneros primários.

## 2. Os gêneros do discurso

Em termos bakhtinianos, os gêneros podem, pois, ser caracterizados da seguinte forma:

- a) são tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca;
- b) são entidades caracterizadas por três elementos: plano composicional, conteúdo temático e estilo;
- c) trata-se de entidades escolhidas nas interações sociais tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.

Os locutores reconhecem sempre um evento comunicativo, uma prática de linguagem, como instância de um gênero. Este funciona como um modelo comum, uma representação integrante, que determina um horizonte de expectativa para os membros de uma comunidade confrontados às mesmas práticas de linguagem.

Para definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, três dimensões parecem essenciais:

- a) os conteúdos e conhecimentos que se tornam dizíveis por meio dele;
- b) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos/? reconhecidos como pertencentes ao gênero;
- c) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição comunicativa do enunciador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e tipos discursivos que formam suas estruturas.

Schneuwly (1994) aponta que, nessa concepção, encontram-se os elementos centrais caracterizadores de uma atividade humana: o sujeito, a ação, o instrumento. Segundo ele, o gênero pode ser considerado como instrumento, na medida em que um sujeito - o enunciador - age discursivamente em uma situação definida - a ação - por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico - o gênero.

A escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim, que é a estrutura básica de uma atividade mediada.

É importante assinalar, contudo, que a concepção de gênero em Bakhtin não é estática, como poderia parecer à primeira vista. Pelo contrário, como qualquer outro produto social, os gêneros estão sujeitos a mudanças decorrentes não só das transformações sociais, como oriundas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como ainda de modificações do lugar atribuído ao interlocutor.

O autor desenvolve a metáfora do gênero como "mega-instrumento", constituído de vários subsistemas semióticos, para agir em situações de linguagem. A construção de esquemas de utilização dos gêneros levaria à possibilidade de adaptá-los a cada situação particular, ao mesmo tempo que prefiguraria as ações lingüísticas possíveis. Entende o domínio (maestria) do gênero como o próprio domínio da situação comunicativa, domínio este que se pode dar através do ensino das capacidades de linguagem, isto é, pelo

ensino das aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado. O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos seus educandos. Isto porque a maestria textual requer - muito mais que outros tipos de maestria - a intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica.

Segundo Bronckart (1996), uma ação exige do agente produtor uma série de decisões, que ele necessita ter competência para executar. Tais decisões referem-se, em primeiro lugar, à escolha do gênero mais adequado, além de outras relativas à constituição dos mundos discursivos, à organização seqüencial ou linear do conteúdo temático, à seleção dos mecanismos de textualização e de mecanismos enunciativos.

O agente produtor escolhe no intertexto o gênero que lhe parece adequado. O intertexto é constituído pelo conjunto de gêneros de texto elaborados por gerações anteriores e que podem ser utilizados em uma situação específica, com eventuais transformações. Esses gêneros, formados por conjuntos bem definidos de textos, a partir de outros mais "nebulosos", constituem uma espécie de "reservatório de modelos textuais", portadores de valores de uso determinados em uma certa formação social. A escolha do gênero é, pois, uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros da situação (mundos físico e sócio-subjetivo) e os usos atribuídos ao gênero do intertexto. A escolha do gênero deverá, como foi dito, levar em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Além disso, o agente deverá adaptar o modelo do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para a constante transformação dos modelos.

### 3. Os gêneros na escola

Schneuwly e Dolz (s/d) desenvolvem a idéia de que o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, particularmente no que diz respeito ao ensino de produção e compreensão dos textos, escritos ou orais. Definindo-se atividade como um sistema de ações, uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e /ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos, isto é, um texto. A par disso, toda ação linguageira implica diferentes capacidades da parte do sujeito: de adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), de mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e de dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas).

O problema, portanto, é saber como se articulam as diversas práticas de linguagem com a atividade do aprendiz. Schneuwly e Dolz hipotetizam que é através dos gêneros - vistos como formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem - que essas práticas se "encarnam" nas atividades de aprendizagem, justamente em virtude de seu caráter intermediário para a aprendizagem,

uma "mega-ferramenta", que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes.

De acordo com as postulações de Adam (especialmente 1992), Schneuwly, Dolz e Bronckart defendem que todo texto é formado de seqüências, esquemas lingüísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros e variam menos em função das circunstâncias sociais. Cabe ao produtor escolher, dentre as seqüências disponíveis - descritiva, narrativa, injuntiva, explicativa, argumentativa, dialogal - a que lhe parecer mais adequada, tendo em vista os parâmetros da situação.

A situação escolar apresenta uma particularidade: nela se opera uma espécie de desdobramento que faz com que o gênero deixe de ser apenas ferramenta de comunicação, passando a ser, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem. Podem-se distinguir, na escola, segundo Schneuwly e Dolz, três maneiras principais de proceder ao ensino da produção textual, que, evidentemente, não aparecem em estado puro, sendo classificáveis apenas em termos de dominância:

1. O desaparecimento da comunicação na escola. Nesta forma de se ensinar a produção textual, o gênero torna-se uma pura forma lingüística e o objetivo é o seu domínio. O fato de o gênero continuar sendo uma forma particular de comunicação entre professores e alunos não é absolutamente tematizado e os gêneros são estudados totalmente isolados dos parâmetros da situação de comunicação. Seqüências estereotipadas balizam o avanço através das séries escolares, em geral "descrição/narração/dissertação", às quais por vezes se acrescentam outros tipos como o resumo, a resenha, o diálogo. A produção de textos, nesta forma de conduzir o ensino, é concebida como representação do real, exatamente como ele é, ou do pensamento, tal como é produzido. Por isso, os gêneros devem-se ordenar segundo uma seqüência que vai daqueles que descrevem as realidades mais simples (descrições de objetos ou de eventos) até as mais complexas, que descrevem o pensamento (dissertação, etc.). Os gêneros são "naturalizados": sua forma não depende das práticas sociais, mas são vistos como modelos socialmente valorizados de representação do real ou do pensamento.

2. A escola tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Nesta outra forma de ensino da produção textual, as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre classes, entre escolas: texto livre, correspondência escolar, jornal da classe, da escola, murais, etc. Os gêneros são, portanto, resultado do próprio funcionamento da situação escolar e sua especificidade é o resultado desse funcionamento. Há também uma naturalização, mas de outra ordem: a situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito ou ensinado, mas aprendido pela prática escolar. Aprende-se a escrever, escrevendo, numa progressão que se constitui segundo uma lógica que depende tão somente do processo interno de desenvolvimento.

3. A negação da escola como lugar particular de comunicação. Nesta última forma de ensino, age-se como se houvesse continuidade absoluta entre o exterior da escola e o seu

interior. A preocupação predominante é a de diversificar a escrita, de criar situações autênticas de comunicação, de levar o aluno ao domínio do gênero exatamente da forma como funciona nas práticas de linguagem de referência. Neste caso torna-se impossível pensar numa progressão, pois é a necessidade de dominar situações dadas que está no centro da concepção, já que o ensino visa, quase que imediatamente, ao domínio de ferramentas necessárias para funcionar nestas práticas.

A reavaliação destas três abordagens, segundo os autores mencionados, pode ser feita por meio de uma tomada de consciência do papel central dos gêneros como objeto e ferramenta de trabalho para o desenvolvimento da linguagem, isto é, o gênero pode ser utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares. Em outras palavras, é através dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes. Toda introdução de um gênero na escola é, assim, o resultado de uma decisão didática que visa objetivos de aprendizagem. Estes objetivos são de dois tipos:

- a) levar o aluno a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Para realizar tais objetivos, torna-se necessária uma transformação, ao menos parcial, do gênero: simplificação, ênfase em determinadas dimensões, etc.
- b) colocar os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação o mais próximas possível das verdadeiras, que tenham para eles um sentido, para que possam dominá-las como realmente são. Isto porque, como foi dito, o gênero, ao funcionar em um lugar social diferente daquele que está em sua origem, sofre necessariamente uma transformação, passando a gênero a aprender, ainda que permaneça gênero para comunicar. Trata-se do desdobramento acima referido, que constitui o principal fator de complexificação dos gêneros na escola e de sua relação particular com as práticas de linguagem: o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, construído na dinâmica do ensino/aprendizagem, para funcionar numa instituição que o tem por objetivo primeiro.

#### 4. Dois tipos de gêneros escolares?

Há ainda uma questão interessante a levantar aqui, apontada por Schneuwly e desenvolvida por Rojo (1998), sobre a existência de dois tipos de gêneros escolares.

Diz Schneuwly que há gêneros escolares e gêneros escolares. Há gêneros escolares que funcionam na escola para ensinar: trata-se do gênero escolar como instrumento de comunicação na instituição escolar, dos quais a instituição necessita para poder funcionar. Ela, então, cria uma série destes gêneros (regras, explicações, exposições, instruções, etc.), que devem funcionar porque, sem eles, a instituição não teria condições de funcionar. Seriam os gêneros escolares<sup>1</sup>, que Rojo vai chamar de gêneros escolares (propriamente ditos); e há os gêneros escolares<sup>2</sup>, a que Rojo denomina gêneros

6.

escolarizados, que são objeto de ensino/aprendizagem (gêneros secundários do discurso, transpostos para a sala de aula): narração escolar, descrição escolar, dissertação). Esta última seria o protótipo por excelência desse tipo de gêneros, visto que é feito para a escrita, para toda a escolaridade, e não existe, evidentemente, fora da escola.

Os gêneros do primeiro tipo são assimilados espontânea e inconscientemente pelo aprendiz, pela exposição a essas práticas de linguagem na situação de comunicação escolar. Somente os segundos serão objetos de ensino e aprendizagem sistemática.

### 5. Os modelos didáticos

Os pesquisadores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, entre os quais os acima citados, propõem, para o ensino/aprendizagem dos gêneros na escola, a elaboração de métodos ou seqüências didáticas de aprendizagem de gêneros. Uma seqüência é constituída por uma série de módulos de ensino organizados conjuntamente para melhorar determinada prática de linguagem. Ela instaura uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática e os instrumentos que facilitam esta apropriação, buscando confrontar os alunos com as práticas de linguagem historicamente construídas - os gêneros - para permitir-lhes reconstruí-las e se apropriar delas. Nestas seqüências, procura-se explicitar o conhecimento implícito do gênero, levando em consideração três princípios:

- a) princípio da legitimidade: por referência aos conhecimentos de especialistas sobre as especificidades das diversas práticas que são objeto de aprendizagem;
- b) princípio da pertinência: por referência às capacidades dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino/aprendizagem;
- c) princípio da solidarização: por uma junção coerente desses conhecimentos em função do objetivo visado;

Desta forma, um modelo didático apresenta duas grandes características: além de constituir uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores, evidencia as dimensões possíveis de serem ensinadas a partir das quais as diversas seqüências didáticas podem ser concebidas;

Assim, quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais a seqüência didática facilitará sua apropriação como (mega)instrumento e possibilitará o desenvolvimento de diversas capacidades de linguagem a ele relacionada. Na medida em que o objeto de trabalho é descrito e explicado, ele se torna acessível a todos nas práticas linguageiras de aprendizagem.

A partir da elaboração e experimentação das seqüências didáticas, esses pesquisadores passaram a refletir sobre o problema da progressão, com o objetivo de organizar uma seqüência de atividades e exercícios que permitissem a transformação gradual das capacidades dos alunos para dominar um gênero. Em Dolz e Scheneuwly (1996) são

apresentadas uma série de estratégias, dentre as quais destacamos as seguintes: a adaptação da escolha dos gêneros à situação de comunicação e às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos, a antecipação das transformações possíveis e das etapas que poderiam ser transpostas, o esclarecimento dos objetivos visados e do itinerário a ser perseguido para atingi-los, a ordenação das intervenções de maneira a permitir transformações e a avaliação das transformações produzidas.

Um instrumento importante para construir a progressão são os agrupamentos de gêneros que devem (i) corresponder às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade (inclusive a escola), (ii) retomar, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figuram em numerosos manuais e propostas curriculares e (iii) ser relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem dominantes implicadas na maestria dos gêneros agrupados.

A seguir, apresentamos o quadro de agrupamento de gêneros propostos pelos autores:

Domínios Sociais da Comunicação Aspectos Tipológicos Capacidades de Linguagem Dominantes	Exemplos de Gêneros Oraís e Escritos
Cultura Literária Ficcional <u>Narrar</u> Mimesis da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil	Conto maravilhoso / conto de fadas / fábula lenda / narrativa de aventura / narrativa de ficção científica / narrativa de enigma / narrativa mítica / sketch ou história engraçada - / biografia romanceada / romance romance histórico / novela fantástica / conto paródia / adivinha / piada
Documentação e memorização das ações humanas <u>Relatar</u> Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relatos de-experiência vivida- / relatos de viagem / diário íntimo / testemunho/ anedota autobiografia / curriculum vitae / notícia / reportagem / crônica mundana / crônica esportiva / históricos / relatos históricos / ensaio ou perfil biográfico / biografia

Discussão de problemas sociais controversos Argumentar Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Textos de opinião / diálogo argumentativo carta do leitor / carta de reclamação / carta de solicitação / deliberação informal debate regrado / editorial / discurso de defesa (advogados) / requerimento / ensaio resenhas críticas
Transmissão e construção de saberes Expor Apresentação textual de diferentes formas de saberes	Texto expositivo / conferência / artigo enciclopédico / entrevista de especialista / texto explicativo / tomada de notas / resumo de textos expositivos e explicativos / resenhas / relatos científicos / relato de experiência (científicas)
Instruções e prescrições Descrever Regulação mútua de comportamentos	Instruções de uso / instruções de montagem / receita / regulamento / regras de jogo / consignas diversas / textos preditivos

O quadro acima nos mostra apenas um possível agrupamento de gêneros, com o objetivo de propor uma maior visibilidade e proximidade de/entre certos gêneros do discurso. Além disso, considera-se ainda que nenhuma classificação é estanque, como podemos observar pela própria presença de alguns gêneros em um e outro quadro (como é o caso do ensaio, da resenha, etc.) e pela possibilidade de entrecruzamento dos diferentes domínios sociais da comunicação em que ocorrem, de seus aspectos tipológicos e das capacidades de linguagem possíveis de serem por eles desenvolvidas.

#### 6. Algumas sugestões metodológicas em torno do eixo "narrar-relatar"

Assumindo que a escola é o lugar da mediação entre as práticas sociais e os objetos de ensino, é possível propor como uma de suas principais funções aquela de aproximar universos, universos culturais, universos linguístico-discursivos, entendendo "aproximar" tanto colocar em contato, como também mostrar os vários tipos de relacionamento que podem ser estabelecidos entre estes universos expressos por diferentes manifestações de linguagem.

Uma das propostas de produção textual mais usuais na escola é aquela em que o professor pede ao aluno que produza um texto narrativo ficcional. Nas várias séries, esta é uma

atividade que está sempre presente porque a situação de comunicação (para quem se escreve, por que se escreve) pode ser, em tese, suspensa, já que a principal capacidade a ser desenvolvida é a de criação, por parte do aluno, de um mundo imaginário que possua alguma coerência interna. Aqui, pode-se perceber que esta forma de se propor a produção textual centra-se fundamentalmente no desenvolvimento da capacidade de produzir modelos socialmente valorizados de representação do pensamento.

Em geral, o contato com o que Schneuwly e Dolz chamam de "cultura literária ficcional" caracteriza-se, nas séries iniciais das escolas brasileiras, pela leitura de textos curtos (contos de fadas, lendas, trechos de textos de literatura infanto-juvenil de autores nacionais, etc.), atividade de leitura esta seguida de perguntas sobre o texto lido que em quase nada ajudam o aluno a construir um sentido global para o texto, nem tampouco exploram as suas características formais.

Neste caso, observa-se que não há aqui um trabalho em que o aluno seja levado a conhecer melhor o texto ficcional, a compreender os mecanismos nele presentes que possibilitam a construção de um universo verossímil e a produção de determinados efeitos de sentido. As diferentes estratégias textuais mobilizadas pelo autor na construção da intriga não são analisadas com o devido cuidado e o processo de leitura de um texto dessa natureza (seja ele em prosa ou poesia, curto ou longo), na maioria das vezes, se reduz a considerar o texto como um pretexto para exercícios gramaticais ou a considerá-lo como uma fonte de informações a serem decodificadas pelo aluno. Mesmo quando ocorrem exercícios sobre um ou outro aspecto mais literário, estas atividades são pontuais e descontextualizadas, sem que se conduza o aluno a perceber as relações entre aquilo que se diz e as formas como se diz o que se diz. É nesse contexto que as propostas de produção de texto acontecem: como se, num passe de mágica, a partir do contato breve e superficial com um mundo imaginário, o aluno, então, estivesse em condições de produzir, ele mesmo, um texto ficcional.

A tentativa de se configurar um lugar mais significativo para este tipo de produção textual levou ao desenvolvimento de um trabalho de premiação e/ou de "publicação" dos melhores textos da classe e/ou da escola, ou seja, uma forma de mostrar como os textos ficcionais são valorizados na sociedade. Aqui, percebe-se que o que predomina é a concepção de escola como um lugar de comunicação, como uma espécie de "laboratório" onde as situações escolares constituem-se em ocasiões de produção/recepção de textos, reproduzindo as formas de circulação e de valorização dos textos na/pela sociedade.

A construção de um lugar significativo para a produção de textos ficcionais, em geral, não consegue ser muito bem sucedida justamente porque (i) os textos ficcionais não apresentam o mesmo grau de aplicabilidade que podem ser conferidos aos outros gêneros e (ii) há uma dificuldade muito maior de se reproduzir, de maneira mais fidedigna, as condições de produção e de circulação de um texto ficcional, considerando que é difícil constituir um lugar significativo para a escrita em geral em nossa sociedade.

Sendo assim, poderíamos dizer que uma estratégia interessante deveria ser aquela de tentar fazer com que o universo ficcional fosse valorizado através da observação de sua presença no cotidiano dos grupos sociais, nas formas de explicação das realidades vivenciadas por estes grupos. Na escola, uma forma de nos aproximarmos e de nos familiarizarmos com os universos construídos pelos textos ficcionais escritos poderia ser uma observação e uma escuta mais detalhada de narrativas orais de experiência do cotidiano e/ou de narrativas populares. Por exemplo, observando experiências cotidianas narradas por diferentes sujeitos, pudemos constatar que algumas delas apresentam uma estruturação bastante interessante: ao mesmo tempo em que relatam um fato que poderia ser objeto de uma crônica policial (um homem que assassina a esposa por sentir-se traído), inserem este fato na ordem do imaginário (a mulher assassinada pelo marido volta para agradecer a amiga pelas providências tomadas para o seu enterro).

Considerando que todo gênero, quando trabalhado dentro da instituição escolar, se modifica e passa a ser não mais apenas o gênero para comunicar, mas aquele sobre o qual nos debruçamos para melhor compreendê-lo e, quando necessário, para melhor reproduzi-lo, uma forma de construir um espaço mais significativo para a produção de textos ficcionais seria a de tentar levar em conta, em nossas práticas de ensino/aprendizagem, a possibilidade de nos acercarmos dos mecanismos que constituem os textos ficcionais escritos a partir da observação dos mecanismos presentes em nossos textos orais e/ou em nossas narrativas populares.

Se assim o fizéssemos, estaríamos, em primeiro lugar, adaptando a escolha do gênero à situação de comunicação e à capacidade de linguagem dos alunos, já que faz parte de nossas práticas sociais cotidianas ouvir e contar histórias desta natureza, utilizando-nos de uma linguagem mais informal, coloquial. Além disso, estaríamos possibilitando a percepção, por parte dos alunos, da presença de estratégias textuais (como a da inserção de fatos do cotidiano na ordem do imaginário, como a produção de um certo clima de suspense, etc.) nas histórias que contamos ou que nos são contadas cotidianamente e não só nos textos ficcionais escritos. Ao possibilitarmos a emergência desta consciência sobre as formas do dizer, estaríamos criando condições para a antecipação de habilidades narrativas por parte dos educandos, levando-os a atingir a zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky). Por último, estaríamos valorizando e dando voz a certos setores da sociedade que nunca vêm presentes na escola suas próprias histórias e sua própria linguagem.

De toda a forma, a discussão sobre os gêneros está posta e poderá trazer relevantes contribuições para a mudança - o câmbio - da forma de tratamento da produção textual na escola.

## 7. Bibliografia

ADAM, J. M. (1992). *Les Textes: types e prototypes*. Paris, Nathan.

BAKHTIN, M. (1979). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BRONCKART, J.-P. (1996). "Units of Analysis in Psychology and their Interpretation." In: A. TRYPHON et J. VONÈCHE (Eds.), *Piaget-Vygotsky; the social genesis of thought* (pp. 85-106). New York, Erlbaum.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. "Gêneros e Progressão em Expressão Oral e Escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)". (mimeo). Tradução de Roxane Helena Rodrigues Rojo.

ROJO, R.H.R. "Interação em Sala de Aula e Gêneros Escolares do Discurso: um enfoque enunciativo" (mimeo).

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. "Os Gêneros Escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. (mimeo)

SCHNEUWLY, B. (1994). Genres et Types de Discours: considerations psychologiques et ontogénétique. In: Y. REUTER (Ed.), ACTES DU COLLOQUE DE L'UNIVERSITÉ CHARLES DE GAULLE III. Les Interactions lecture-écriture. Neuchâtel: Peter Lang, pp. 155-73.

## ESTUDOS SOBRE NARRATIVA: TRADIÇÃO ORAL E INSTITUCIONALIZAÇÃO

Coordenadora: Tânia Maria ALKMIN (UNICAMP)

Participantes: Anna Christina BENTES (PG - UNICAMP)

Fernanda MUSSALIM (PG – UNICAMP)

Sandoval GOMES SANTOS (PG – UNICAMP)

Os trabalhos reunidos nesta comunicação coordenada pretendem discutir os modos pelos quais eventos narrativos em diferentes culturas incorporam e reelaboram a tradição oral, sendo estes eventos reconfigurados de acordo com as situações particulares de enunciação em que são produzidos. Nas análises a serem feitas, compreende-se que na idéia de tradicionalidade, identidade e diferença encontram-se inextricavelmente mescladas. No entanto, como cada situação particular de enunciação pressupõe também a emergência de uma instituição (compreendida aqui como um conjunto de práticas) que regula o evento narrativo, o jogo entre a identidade e a diferença deverá funcionar de forma diferente a depender da instituição que o regule. Nos trabalhos a serem apresentados nesta comunicação, serão descritos eventos de narrar que encontram-se regulados pela instituição literária, pela escola, pela escrita e por rituais em culturas não-ocidentais. O trabalho de Anna Christina Bentes procura demonstrar como narrativas orais da Amazônia paraense encontram-se reguladas pela instituição literária a partir da análise de um conjunto de recursos temáticos, enunciativos e textuais utilizados pelos narradores, sendo um destes recursos a incorporação e a reelaboração da tradição oral. O trabalho de Fernanda Mussalim pretende analisar, a partir da polêmica gerada com a publicação, em 1938, de *Macunaíma*, como Mário de Andrade incorpora a tradição oral na narrativa literária moderna, rompendo, no interior de um espaço autorizado, com noções como a de propriedade literária. O trabalho de Sandoval Gomes Santos consiste em detectar indícios da circulação de escreventes-alunos da 2ª série do ensino fundamental por dois planos de relação dialógica: a) a tradição oral e b) a institucionalização desta tradição por meio da escrita e da escola. A partir da

consideração de algumas sociedades de tradição oral africanas, o trabalho de Tânia Alkmim procura mostrar a narrativa como uma prática social regulada tanto do ponto de vista de sua organização interna, quanto do ponto de vista de sua constituição como evento narrativo (o local, o momento adequado, a relação com o público, a inserção na tradição).

# **III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso**

**Programas/Resumos**

# Resumo das Comunicações

Adenil Alfeu Domingos (UNESP - Bauru SP)

## *UMA LEITURA SEMIÓTICA DO NÃO-VERBAL: CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO DO TEXTO DA IMAGEM*

Considerando a imagem como uma construção textual, podemos apreender, em sua plasticidade, um meio de encontrar sua significação, tanto quanto o fazemos com um texto verbal. A imagem não deixa de ser um produto de comunicação construído paradigmática e sintaxicamente, podendo, então, ser desconstruída para ser e analisada, em uma interpretação semiótica. Esse processo figurativizador e desfigurativizador encontrou no discurso publicitário um meio de produção de efeitos de sentido persuasivo dos mais fecundos. Agindo tanto de modo poético, mostrando significados em seu material significante, como mítico, já que busca em seus meandros a neutralização de contrários, sua trama envolve seu enunciatário de modo subliminar, trazendo-o para dentro do enunciado e tornando-o parte integrante do discurso. Para a semiótica greimasiana, base teórica dos nossos estudos, o contexto também é texto e os elementos da enunciação encontram-se inseridos como marcas no enunciado que produz. Observamos assim, em processos de embreagem/debreagem discursivas, marcas do enunciador no enunciado que mostram como esses elementos se projetam reciprocamente, de modo contundente. Assim, desmontar a imagem é sair da figurativização em busca do seu sentido mais profundo e abstrato, gerador do texto enunciado.

Adrián Pablo Fanjul (UNESP - Araraquara)

## *INTERDISCURSIVIDADE NO CONTATO PORTUGUÊS-ESPANHOL*

A comunicação é parte de uma pesquisa em desenvolvimento, para minha tese de doutorado, sobre as práticas discursivas de reformulação de estudantes brasileiros de espanhol e estudantes argentinos de português. Seu objetivo é demonstrar a necessidade de localizar o conceito de "línguas próximas" como alteridades linguístico-culturais em uma aproximação historicamente determinada.

A metodologia adotada é confrontar práticas de reformulação realizadas por duas amostras (uma em cada país) sobre textos do país vizinho, para observar regularidades na produção de sentido ao redor de determinados itens. Os resultados obtidos têm mostrado que tanto as divergências quanto as concordâncias de posicionamento resultam da remissão a arqui-tipos que constituem as tensões de identidade de ambos os espaços culturais.

Conclui-se a necessidade de uma sensibilização à interdiscursividade na formação do professor das línguas-culturas do Cone Sul.

Águeda Aparecida da Cruz Borges (UNICAMP/ UNEMAT/ CAPES)

## *NAS VEIAS DO JORNAL: A TERRA*

A partir da repercussão e polêmica criadas pela divulgação da Carta pastoral: "Uma Igreja da Amazônia em conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social", do Bispo D. Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Félix do Araguaia, M.T., no ano de 1971, este trabalho explorará como tema: a questão da terra.

O movimento de sentidos produzidos pelos jornais na dispersão de designações sobre a terra e quem a ocupa será a base para o procedimento de análise.

As análises se sustentarão sob a Teoria da Análise do Discurso francesa, que tem como fundador, Michel Pêcheux.

O eixo de eixo para as observações é a sentença de ordem dos movimentos populares da década de 70: TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA.

Aldo Luís Bellagamba Colesanti (UFB)

## *MACHADO DE ASSIS: MORTE E VIDA DE UMA CENOGRAFIA ESPECULAR (O ESPELHO E A CHINELA TURCA)*

Este ensaio consiste num estudo comparativo entre dois contos machadianos de Papéis Avulsos (1882), visando à caracterização da análise dos discursos que compõem a linguagem poética de *O Espelho* e *A Chinela Turca*. Gira em torno da verificação, nesses textos, dos conceitos de enunciado e enunciação, de cenografia discursiva e de outros conceitos afins provenientes da teoria geral da literatura. Seu centro de interesse é a interação verbal, sociocultural e estética, de enunciadores e enunciatários presentes na retórica machadiana de ambigüidades.

**Almir Correia (Cefet- Ponta Grossa – Paraná)**

*ONOME - DE ARNALDO ANTUNES*

Em 1993, o músico e poeta Arnaldo Antunes realiza o vídeo experimental *Nome*. Palavras e letras que formam palavras ganham vida, cor, forma, movimento. Tudo se transforma. Antunes mostra uma necessidade de tornar tudo coisa, tudo matéria. Até a letra passa a ser algo "palpável". Não existe lugar para a abstração. Ao mesmo tempo que ele quer diminuir a importância dada as palavras ao dizer que elas não são as coisas, redefini-as com estranhos significados poéticos. A todo momento ocorre a desconstrução das palavras e das idéias. O que era já não é, torna-se outra coisa. TUDO PODE TORNAR-SE OUTRA COISA.

**Amarilis Gallo Coelho (UFRJ)**

*LÍNGUA ITALIANA: DIDÁTICA E MÍDIA*

Não podemos, certamente, compreender em profundidade as diversas linguagens envolvidas na comunicação oral e escrita, sem uma análise atenta da história da língua e dos grupos sociais, com seus costumes e relações recíprocas. A palavra se expande através dos artifícios da arte e dos recursos da mídia. O que já foi dito tantas vezes amplia-se em significados, com ressonâncias que ocorrem do passado no presente e do presente no passado. Se a versatilidade dos signos acompanha a velocidade da comunicação, a difusão do saber não consegue mais viver da realidade estática dos livros. E todo este processo, que envolve principalmente os atos da fala, não pode deixar de refletir-se nos métodos de ensino-aprendizagem de idiomas como um todo.

**André Luiz Joasilho e Mariângela Peccioli Galli Joasilho (Universidade Estadual de Londrina)**

*DISCURSO E IDENTIDADE (BRASIL - 1870-1930)*

Este trabalho tem como objetivo verificar as instâncias de configuração de um discurso sobre o indivíduo e a sociedade no Brasil (1870-1930), pela via da linguagem em suas relações com a História, sendo que, e é assim que entendemos, um dos procedimentos da Análise do Discurso é colocar em relação um discurso com outro(s). Pode-se dizer que desse confronto emergem diferenças (ou regularidades), que, no caso particular desta pesquisa, permitiriam observar a fundação de um discurso sobre identidades brasileiras, a partir da compreensão do modo como se sustentam as posições enunciativas diante das formações discursivas em jogo, quando se fala sobre o brasileiro no período proposto.

**Anna Christina Bentes (UFPA/UNICAMP) e Fernanda Moreno Cardoso (LAEL-PUC-SP)**

*COMPREENDENDO O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE UMA SEQÜÊNCIA DIDÁTICA: DO CONTEXTO MAIS GERAL A UM CASO ESPECÍFICO*

Este trabalho tem como objetivos:

i) apresentar o contexto mais geral em que foi desenvolvido o trabalho de elaboração de Seqüências Didáticas (SD) na UMC;

ii) apresentar alguns aspectos da produção da SD sobre o gênero resenha crítica para o curso de Direito.

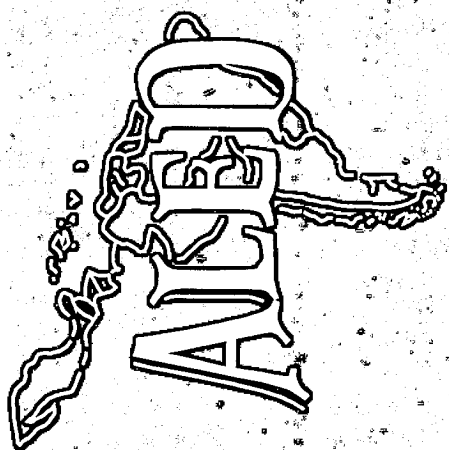
Para tanto, pretendemos discutir a dinâmica dos encontros preparatórios, o processo de escolha da resenha crítica como o gênero a ser trabalhado, além de explicitar algumas particularidades da elaboração da SD para o curso de Direito.

**Ana Maria do Prado Aquino de Aquino (UFRJ)**

*ARGUMENTAÇÃO E LÉXICO NA PUBLICIDADE ESCRITA*

Este trabalho propõe uma associação entre a escolha lexical e os *topoi* subjacentes aos textos publicitários. Com uma abordagem semiolinguística, investiga-se de que modo o sujeito comunicante é capaz de engendrar uma figura idealizada do público e, simultaneamente, criar uma representação simbólica da mercadoria.

ASOCIACION LATINOAMERICANA  
DE ESTUDIOS DEL DISCURSO

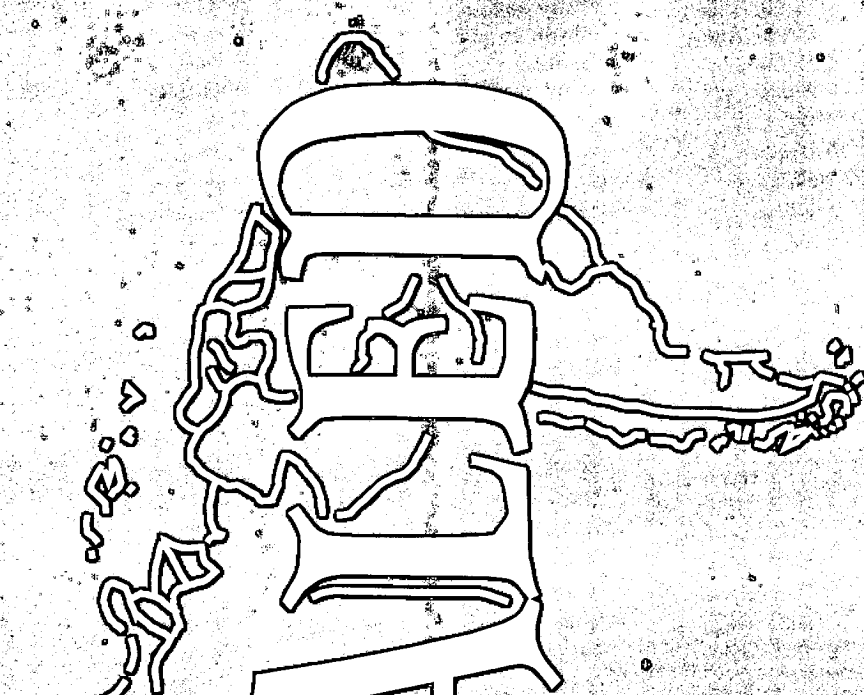


III COLOQUIO LATINOAMERICANO  
DE ESTUDIOS DEL DISCURSO

RESUMENES

SANTIAGO, CHILE  
5-9 de abril de 1999

ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA  
DOS ESTUDOS DO DISCURSO



**Leer en una Lengua Extranjera: Modelo de Situación o Representación  
Microproposicional?**

**Teresa A. Acuña**

**Universidad Nacional del Comahue - Argentina**

La comprensión de un texto en lengua extranjera (L.E.) es dificultada por un manejo insuficiente del código lingüístico de esa L.E., especialmente en el caso de los aprendientes cuyo único acceso al idioma es la lectura. Esa comprensión requiere que las proposiciones semánticas (P.S.) sean organizadas en un "modelo de situación" (van Dijk & Kintsch, 1983); por otra parte, la producción de inferencias sobre la información no explicitada – actividad basada en los conocimientos previos de los lectores- juega un rol importante en la comprensión. Estudiamos la comprensión de un texto en francés por los lectores hispanohablantes (G1) que comparamos a la de una versión de dicho texto en castellano, que fue leída por un grupo de lectores en lengua materna (G2) en una prueba de restitución inmediata y diferida. También contrastamos el número y el tipo de inferencias producidas por los dos grupos. Nuestros resultados muestran que aunque las medias de restitución de ambos grupos se aproximen, el G1 recuerda más P.S. en forma idéntica a las del texto que el G2. Además, los lectores de G1 activan menos conocimientos previos y elaboran menos inferencias que los del G2. En la restitución diferida (8 días después) el G1 recuerda menos P.S. que el G2. Interpretamos estos resultados en términos de un manejo insuficiente de la L.E. que lleva, por un lado, a la construcción de una representación micro-proposicional del sentido del texto y no a un modelo de situación y por otro, a un pronto olvido de la información.

**Processos de Referência em Narrativas Oraís : Discurso e Cognição**

**Anna Christina Bentes da Silva**

**Universidade Estadual de Campinas -Universidade Federal do Pará - Brasil**

Neste trabalho pretendo discutir a forma como alguns processos de referência encontram-se presentes em narrativas orais populares. Entendendo a narrativa como um espaço de atualização de vários movimentos do sentido, pretendo demonstrar como as diferentes estratégias de referência mobilizadas pelos locutores das narrativas apontam para uma certa opacidade na construção da imagem de referente.

Para tanto, analisarei dez narrativa do *corpus* coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Oraís Populares da Amazônia Paraense" e das seis estratégias de reativação de referentes no texto propostas por Koch (1998) e Marcuschi (1997), estarei discutindo três delas, a saber, as estratégias de descrição definida, de uso de expressões nominais indefinidas e de pronominalização na apresentação dos referentes textuais responsáveis pelo deflagramento da complicação das narrativas. Nesta análise, tomarei

o conceito de referencia proposto por Maruschi (1998), considerado tanto designação extensional, como uma simples relação de elementos gerados xto discursivo.

da análise das narrativas, foi possível observar que : a) a oscilação no uso das de referenciação podem tanto ser interpretada como uma tentativa do locutor uir para uma objetivação do referente, como também podem ilustrar/revelar a ) de uma “clima de suspense” para a trama apresentada; b) as diferentes de referenciação contribuem nao só para um efeito de opacidade na construção ntes textuais, como também para a compreensão de que o contexto sócio-em que as narrativas foram produzidas não está definido *a priori*, mas encontra-tínuo processo de construção/desconstrução/reelaboração.

### La Configuración Simbólica de Una Experiencia Migratoria:

Coreanos en Buenos Aires

Mirta Bialogorski

Universidad de Buenos Aires - Argentina

antropóloga con una orientación teórica en actuales lineamientos cognitivos del mi interés se centra en el proceso de inserción de un grupo migrante de origen io instalado recientemente en el contexto urbano de Buenos Aires, proceso que partir del discurso entendido como práctica social.

ente trabajo, resultado de una investigación en curso, se focaliza en la dimensión con que este grupo construye simbólicamente la convivencia e interrelación con tinos, permitiéndonos acceder a la configuración de un modelo vivencial de su cia migratoria.

propuesta se implementa una metodología basada en el análisis del discurso y la a, tomando asimismo en consideración, nociones provenientes de las ciencias as contemporáneas tales como “espacios mentales” (R. Langacker, 1987) y s dinámicas” (N. Mandelblit y O. Zachar, 1998).

no es posible hablar de resultados definitivos, podemos adelantar que, para el ano, el modelo de vinculación configurado aparece como un espacio de dispersión dades puntuales en determinados ámbitos que demarcan zonas de aproximación, umiento o ruptura con la sociedad argentina, lo cual nos permite repensar en el e esta problemática, el concepto de integración.

### La Coordinación: Relación Discursiva Ni Endocéntrica Ni Exocéntrica

Claudia Borzi

Universidad de Buenos Aires- Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) - Argentina

En Borzi 1997 presenté una definición discursiva de *coordinación* (según información vieja/nueva; topicalidad; iconicidad en el orden de cláusulas y hechos, identidad temporal, etc.), considerándola dentro de un continuum como relación intermedia entre la *subordinación de actante* y la *relación retórica*.

Con miras a integrar relaciones y construcciones sintácticas, propongo ahora que para no omitir propiedades de la Coordinación ni hacer un reduccionismo para mantener un modelo binario corresponde reformular las definiciones de Construcción Endocéntrica (Núcleo/Atributo) y Exocéntrica (Sujeto/Predicado) integrando un tercer tipo intermedio (la Construcción Coordinada) que comparte rasgos con ambas.

La Coordinada se asemeja a las Exocéntricas en que la relación de sus Constituyentes con el Constituto es igual en tanto todos sus Constituyentes se relacionan con el Constituto de la misma manera, mientras que en la Endocéntrica uno de los Constituyentes se relaciona de una manera con el Constituto (Núcleo y Constituto muestran igual distribución) en tanto el otro se relaciona de otra manera con el Constituto (Atributo y Constituto tienen distribución distinta). A su vez, la Coordinada se diferencia de la Exocéntrica en que el signo de la relación con el Constituto es contrario. En la Coordinada los Constituyentes tienen igual distribución que el Constituto, en la Exocéntrica la distribución de Constituyentes y Constituto es diferente.

La Coordinada se asemeja a la Endocéntrica porque en ambas uno de los Constituyentes tiene igual distribución que el Constituto. Se diferencia de esta en que todos sus Constituyentes (no solamente uno de ellos) tienen igual distribución que el Constituto.

### Repetições e a Mudança em Aquisição da Linguagem

Glória Carvalho Telma Avelar

Universidade Federal de Pernambuco - Brasil

Propõe-se estudar as repetições verbais da criança as quais vêm sendo destacadas em Aquisição da Linguagem. Assume-se que essas repetições constituem um movimento discursivo, em que fragmentos do discurso do outro (adulto) se fazem presentes na fala de criança. Segundo Cláudia Lemos, as produções iniciais da criança “espelham” a fala – tanto mediata quanto imediata- de seu interlocutor adulto privilegiado. Partindo de tal posição, pretendeu-se discutir algumas indicações sobre esse processo de “espelhamento”, seus aspectos diferenciais seus efeitos sobre a mudança em Aquisição da Linguagem, através de uma comparação entre produções verbais de crianças com desenvolvimento

Apoio:



Pontifícia  
Universidade  
Católica  
de São Paulo



CAPES



Martins Fontes



Sellbooks  
Comercial Ltda.

MERCADO  
LETRAS

Realização:

LAEL/PUC-SP

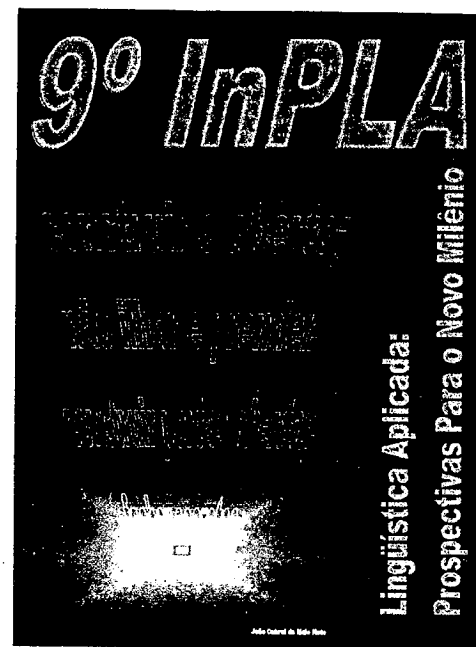
Rua Monte Alegre, 984

Perdizes, São Paulo

CEP: 05014-001

Tel: (011) 3670-8392 • Fax: 3862-5840

<http://cogae.pucsp.br/pos/inpla>



30/4 a 2/5 de 1999

caderno de  
resumos

LAEL-PUC-SP

### A reconstrução narrativa no discurso informativo em língua francesa: uma análise semiolinguística

MESSIAS, Ivanir Terezinha de Oliveira (UFMG/UFU)

Um exame da configuração discursiva de um gênero do discurso informativo, a entrevista escrita de uma revista de língua francesa, revela a existência de uma narrativa cujo projeto de escritura alterna efeitos de realidade e de ficção, aproximando-a do discurso literário. O estudo que proponho se apoia, sobretudo, nos princípios de construção dos modos de organização do discurso narrativo e descritivo que, segundo a Teoria Semiolinguística, propõem uma organização do mundo referencial e de uma encenação própria a cada modo.

### Os bastidores dos sentidos na formação do professor de línguas - a gênese epistemológica dos grupos acadêmicos de estudos interdisciplinares (gaesi)

SANTOS, João Bosco Cabral dos (UFU)

Os Grupos Acadêmicos Interdisciplinares (GAESI) têm por objetivo despertar, no aluno de graduação em Letras, interesse com relação aos engajamentos teórico-epistemológicos subjacentes às diversas disciplinas que compõem sua formação acadêmica. Esse despertar abrange uma instância cognitiva - a interação intrapessoal, uma instância política - o gerenciamento de interesses e uma instância filosófica - o "ser-fazer" no e pelo conhecimento. Os engajamentos teórico-epistemológicos dizem respeito à orientação científica, à aplicação do conhecimento formal e à influência desse conhecimento na *práxis* profissional do sujeito envolto pelas questões da linguagem.

### O GAESI e a criação de uma nova trajetória acadêmica

SCHINELLO, Rosimar de Fátima (UFU)

Acompanhando a trajetória da educação na história da humanidade é possível observar que a institucionalização do ensino gerou um distanciamento entre seus interlocutores e criou seu próprio discurso: o da fragmentação das formas de saber. O PROJETO GAESI, debatido no interior deste Simpósio, caracterizou-se como espaço acadêmico interdisciplinar de cursos universitários e revelou-se como um espaço enunciativo em que o texto se construía no acontecer de cada reunião. O saber desce o degrau da hierarquia institucional e se faz na partilha de conhecimentos trazidos pelos integrantes do grupo. São as vozes dos participantes do Grupo **Interdisciplinaridade e ensino** mescladas à todas as outras que acompanharam o Projeto que se farão presentes nesta apresentação polifônica.

### Grupos de Discussão Interdisciplinar e seus efeitos no ensino de Graduação

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio (UNIVAP)

Pretendemos discutir brevemente algumas implicações da criação e manutenção de Grupos Interdisciplinares de estudo e discussão na formação do aluno de graduação, principalmente no caso específico do Curso de Letras. Através de um levantamento de concepções de ensino e de universidade, serão discutidas, sob a perspectiva da Análise do Discurso, algumas condições do ensino de Graduação. Dessa forma, entende-se que a constituição de tais grupos possibilita um espaço acadêmico de heterogeneidade mostrada, no qual a alteridade se faz perceptível na interação.

### 11. OS GÊNEROS DO DISCURSO E A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA DIA 30/04/1999: 14h - 16h / 16h15min. - 18h15min. - Sala 319 - Prédio Novo Coord. Ingedore Koch (UNICAMP) e Helena Nagamine Brandão (USP)

Neste simpósio, discutiremos encaminhamentos didático-pedagógicos propiciadores do desenvolvimento do desenvolvimento de sua competência comunicativa, através da convivência com a diversidade dos gêneros discursivos e respectivos suportes, principalmente no que se refere à modalidade escrita do uso da língua.

#### Linguagem na Educação - Gêneros do Discurso na Educação

ADÃO, Sonia Maria (USP)

Analisa-se o discurso oficial da qualidade - documentos produzidos pela Secretaria Estadual de Minas Gerais - para capacitação docente no processo de mudança curricular, visando à implantação do ciclo básico de alfabetização industrial de Belo Horizonte. Esse discurso oficial da qualidade é confrontado com o discurso do professor, sujeito do processo de capacitação. Comparam-se, dessa forma, dois gêneros discursivos: o discurso de documentos oficiais e entrevistas.

#### Constituição de gênero e de sujeito na produção textual de alunos-trabalhadores

ALMEIDA, Paulo Roberto

Adotando como referencial teórico os conceitos bakhtinianos de dialogia e polifonia; conceitos básicos da Linguística Textual e, assumindo a noção de sujeito como ser sócio-histórico, este trabalho tem como objetivo investigar nos textos produzidos por alunos-trabalhadores de escola técnica: i) as marcas, estratégias e recursos expressivos manipulados por alunos-sujeitos em trabalho com a linguagem; ii) as marcas que apontem a dialogia com outros textos (intertextualidade) e com outros dizeres com que já tiveram contato (interdiscursividade); iii) a constituição de sujeitos e a constituição de gêneros que rompem com o estatuto tradicional instituído por uma concepção escolar.

#### Atividades de Produção de Textos Narrativos: algumas propostas de elaboração

BENTES, Anna Christina (UFPA/UNICAMP)

A partir de narrativas orais populares e de relatos de experiências, pretende-se discutir a forma como são construídos os referentes textuais nestes gêneros. Acreditamos que a descrição dos mecanismos de referenciação podem propiciar a elaboração de atividades textuais que levem à complexificação dos personagens narrativos e da estrutura textual, considerando a especificidade dos gêneros e as capacidades que gostaríamos de ver desenvolvidas nos educandos.

#### O texto narrativo na escola: estratégias cognitivo-discursivas e atividades de produção

FRANCISCHINI, Rosângela

Considerando: 1) o ser humano, apropria-se, progressivamente, de instrumentos sociais que lhe proporcionam formas de organização/estruturação cognitiva e possibilidades diferenciadas de ação; 2.) O ambiente escolar possibilita à criança a convivência com práticas sociais específicas - práticas institucionais formais de ensino, de ensino/aprendizagem da linguagem escrita; 3.) A atividade da escrita é marcada por certa ruptura em relação às práticas da linguagem na modalidade oral e exige novas práticas

XX Simpósio Nacional de História

# HISTÓRIAS ADJELIVAS



FLORIANÓPOLIS - SC  
25 a 30 de julho de 1999

**PROGRAMAS & RESUMOS**

HISTÓRIAS  
ADJELIVAS

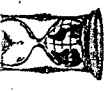
**PROGRAMAS  
&  
RESUMOS**



ANPUH



UFSC



ANPUH  
Associação  
Nacional de  
História



UFSC  
Universidade  
Federal de  
Santa Catarina

asileiros. Desse modo, Igreja e Estado interessaram-se mutuamente no estabelecimento de antigas alianças que, por um lado, alimentavam o desejo do Estado obter legitimação de seu poder com o aval da Igreja, e por outro, a Igreja esperava que o Estado se tornasse um instrumento que colaborasse no regresso de seu prestígio e de sua ação na sociedade brasileira. Assim, a Igreja traçou estratégias de convivência com o novo regime e formas de mútuo apoio que garantissem os interesses das duas instituições, sendo uma delas, o incentivo à comunidade católica por parte de importantes membros do episcopado às festas cívicas e campanhas nacionalistas patrocinadas pelo poder público nas primeiras décadas do século XX.

**ENEDUZZI, Luís Fernando.** *Façamos a capela: sublimação de uma "mancanza" dos emigrados italianos na serra gaúcha.* A experiência de abandonar um lugar, deslocar-se a outro, sem uma perspectiva de retorno, é portadora de angústias, ansiedades, ainda maiores se este lugar é algo exótico e desconhecido. A instalação em um novo contexto, a perda de antigos laços, de antigos pontos de referências, causam um sentimento de perda e de ausência, de "mancanza". Toda esta reestruturação do cotidiano foi experimentada pelos italianos emigrados. Contudo, aqueles que abandonando seus "paesi" no Norte da Itália recomeçaram suas vidas em uma serra distante no sul do Brasil, longe dos centros nativos e fechada em si pelas grandes estâncias, tiveram a possibilidade de manter em sua maior integridade os hábitos e costumes do "paese" originário. Neste sentido o trabalho objetiva perceber estes vestígios e uma nostalgia transportada ao Brasil, nos primórdios da imigração italiana (1884-1925), através dos símbolos e ícones portadores emblemáticos desta adaptação ao novo, ao estranho, ao novo. A história desta reconstrução de uma vida nova, será analisada através da experiência da capela, do "campanile", dos cantos, da manutenção do dialeto, dos sacerdotes capuchinhos, da ansiedade por notícias da terra pátria, enfim, por todos os traços que nos apresentam uma relação com esta pátria distante.

**ENEVIDES, Aletusya de Araújo.** *Presenças reais, vidas virtuais.* As novas tecnologias comunicacionais propõem uma transformação no espaço e na forma de sociabilidade, substituindo a geografia e o campo de relações, elegendo a imagem virtualizada como organismo de trocas pessoais. A sociabilização travada no espaço público ou nos espaços, eleitos privados, do nosso século, é substituída por uma sociabilização de redes que privilegia o distante em detrimento do próximo. Isto significa afirmar que o espaço físico da cidade – espaço privilegiado de trocas –, perde a sua funcionalidade ante um tipo de relacionamento que se desenvolve à distância, que secundariza ou mesmo elimina a circulação atual, e que se torna universalizante. A sociabilidade intermediada pelas comunicações em tempo real distancia-se muito da sociabilidade das ruas, mas uma não se opõe obrigatoriamente a outra; ao contrário, elas se misturam e formam um novo leque de relações, que permeiam as duas realidades" constituindo uma forma de conhecimento do mundo e do outro que só existe em função dessa nova prática social. É na atualização que a cidade aflora a

partir de seu caos, não como sinônimo de desordem, mas de emersão de tempos diferentes, tempos que se cruzam nas diversas acelerações de cada subjetividade contemporânea.

**BENTES, Anna Cristina (UFPA/UNICAMP).** *A construção narrativa: discurso e linguagem em histórias orais da Amazônia.* Pretendo discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social do contar histórias. Tomando como base uma pesquisa anterior, enfocarei dez narrativas, procurando entender a partir desse *corpus*, de que maneira os narradores explicitam suas histórias a partir de explicações contraditórias sobre a realidade, ao mesmo tempo em que essas lições competem entre si, misturando-se, em "happy-ends" ou qualquer tipo de moral no final. Neste sentido, estas histórias, como parte de uma identidade coletiva, mostram que os grupos sociais internalizam e compartilham interesses conflitantes. Em outras palavras, a identidade social dos grupos não necessariamente apresentada como homogênea e sempre coerente, resultando, pelo contrário, de um contínuo processo de construção e desconstrução de crenças e conteúdos.

**BENTIVOGLIO, Júlio César (Doutorando - USP).** *Modernidade esquecida: o Código Comercial e o controle da economia no Brasil Império.* O Código Comercial e seu regulamento, ao contrário de leis do mesmo período no Império, mais estudadas por suas implicações político-econômicas, implementadas em 1850, permanecem em obscuridade, deixando em aberto questões relevantes para a história econômica do Brasil. A adoção do Código é parte das grandes mudanças efetivadas durante o Segundo Reinado, como a reinstalação do Conselho do Estado, em 1841, as reformas alfandegárias, em 1844, a reforma do padrão monetário, em 1846; que delineiam uma política econômica centralizadora e que buscava aperfeiçoar os instrumentos de arrecadação e fiscalização. Ao regulamentar as atividades econômicas, vitais para a consolidação e o desenvolvimento da economia brasileira, ao lado de outras medidas de cunho administrativo, o Estado tinha como objetivo organizar as unidades produtoras e os diferentes setores da economia, a fim de promover o saneamento das finanças e cobrir contínuos déficits. O estudo do Código integra três questões fundamentais para a compreensão do dinamismo do governo Imperial no âmbito burocrático-legal: a organização da produção, do sistema financeiro e das atividades comerciais.

**BERBERT Jr, Carlos Oiti. (UFGO)** *O Ocidente como categoria historiográfica.* A presente comunicação tem por objetivo procurar delimitar o conceito de Ocidente dentro da História contemporânea, tendo por base as obras de David Landes, E. Gellner, Edward Said e Eric Hobsbawm. Nesse sentido, as referidas obras serão analisadas a partir da definição do que seja a atividade do Historiador, enquanto sujeito que estabelece a relação entre o presente e o passado, através de questões que são orientadas por determinados paradigmas. A análise da construção do conceito de Ocidente na Historiografia representa o ponto de partida onde retoma-se a questão sobre o que se entende por "verdade" e "conhecimento" na atividade do Historiador.

# ABRALIN

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE LINGÜÍSTICA

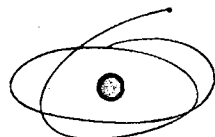
## CADERNO DE RESUMOS

II CONGRESSO NACIONAL

25/02 a 27/02/99

UFSC

### Apoio



CAPES



MINISTÉRIO  
DA CULTURA



FLORIANÓPOLIS  
CAPITAL DA GENTE



FUNDAÇÃO  
FRANKLIN CASCAES  
Prefeitura Municipal de Florianópolis

### Realização

ABRALIN - UFSC / DLLV  
Campus Universitário  
88 040 900 - Florianópolis - SC / Brasil  
e-mail: [abralin@cce.ufsc.br](mailto:abralin@cce.ufsc.br)  
fax: (048) 331 99 88 - fone: (048) 331 92 93 / 331 95 81  
home-page: <http://www.cce.ufsc.br/~abralin>

## MARCAS IDEOLÓGICAS E SOCIOCULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Maria Aparecida dos Santos - UFMT- G/UNICAMP  
ID27144C243

Considerando que se podem estudar as maneiras pelas quais as pessoas, de um modo geral, interpretam a realidade em que vivem, através da linguagem, pensa-se que, dentro de uma cultura, possa se buscar a compreensão de práticas discursivas que constituem o sujeito, considerando-o preso a uma identidade que lhe é atribuída como própria, mas em que se pode perceber a palavra do Outro – como o discurso legitimado pela instituição Escola. Desta forma, buscar-se-ão algumas especificidades que podem ser interpretadas no discurso de uma ex-professora, constituído pelo perpassar de outras vozes, baseando-se nas leituras das obras de Michel Foucault (1997) - “*A arqueologia do saber*” e Eni Pulcinelli Orlandi - “*As formas do silêncio*” (1997) e “*Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*” (1998), bem como a dissertação de doutorado de Carmem Zink Bolognini - “*O lugar de interlocução de brasileiros e alemães na história de suas relações de contato*” (1996), dentre outras. O trecho examinado pertence a uma coletânea de entrevistas do Projeto NURC/SP. Pode-se notar que ele é atravessado pelo discurso legitimado pela Escola; é um discurso produzido num contexto em que o sujeito é falado do lugar que pensa ocupar e, portanto, obedece a critérios legítimamente instituídos por sua posição ocupada.

### INGLÊS, “LÍNGUA UNIVERSAL”

Débora Cristina Mantelli Baghin – UNICAMP  
ID2715C243

Aprender uma língua estrangeira é uma tarefa em nada neutra. Implicações de ordem cultural, ideológica, social e política estão envolvidas (cf. Pennycook, 1994), implicações essas que agem diretamente na constituição do sujeito envolvido nesse empreendimento (cf. Revuz, 1998; Serrani, 1998; Coracini, 1998, entre outros). Pretendo discutir (e questionar) neste trabalho a tendência em se conceber a língua inglesa como língua universal, conseqüentemente, o aprendiz desse idioma como sujeito universal, globalizado, e as conseqüências culturais, sociais e ideológicas disso, principalmente para a formação de futuros professores da área. Essa discussão será possível a partir de uma análise feita de processos discursivos em um curso de formação de professores de língua inglesa, em uma universidade pública brasileira, durante um semestre letivo, onde se procurou compreender de maneira mais ampla a constituição dos sujeitos envolvidos (professor-orientador e alunos-professores). Essa análise parte de pressupostos teóricos da Análise do Discurso (Pêcheux, 1990, 1995, 1997) e de uma concepção psicanalítica de sujeito.

### O QUE É SER NEGRO. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM CONTEXTOS AFRO-BAIANOS

Iracema Luiza de Souza – UFBA  
ID27152C243

Este é um estudo de representações sobre *o que é ser negro*, construídas por atores sociais que integram uma comunidade afro-baiana de Salvador. São analisadas formulações sobre o tema extraídas da fala de dez sujeitos, e documentadas através de observação etnográfica e de registro de conversa entre pares. Os dados principais utilizados neste trabalho pertencem ao *corpus* DE SOUZA sobre o português afro-baiano<sup>1</sup>. Além desses dados, são consideradas, na análise, formulações sobre *o que é ser negro*, levantadas em materiais representativos de outras formações discursivas. A partir dos atos de fala

construídos pelos informantes em conversas entre pares, o pesquisador discute as estratégias por eles<sup>2</sup>acionadas para manifestarem suas representações da negritude, confronta-as com formulações oriundas de outras formações discursivas, procurando desvelar o discurso sobre o negro na sociedade brasileira, naquilo que ele apresenta de heterogeneidade de sentidos.

Embora reconhecendo que a comunicação verbal pressupõe um meio comum, que é a língua, o trabalho aqui resumido considera que ela só se concretiza suscitando e resuscitando experiências singulares, que são marcadas socialmente.<sup>2</sup> De fato, na construção da referência empreendida pelos sujeitos tomados para estudo, suas vozes são perpassadas por outras vozes características da formação discursiva a que pertencem, bem como da formação social de que participam.

<sup>1</sup> Este *corpus* pertence ao Programa Diversidade Linguística e Construção do Sentido, em andamento no Instituto de Letras da UFBA., o qual, por sua vez, integra o grupo de pesquisa do mesmo nome, cadastrado junto ao CNPq no final de 1997.

<sup>2</sup> BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire*. L'économie des échanges linguistiques. Paris, Fayard, 1982, p. 16.

## NARRATIVAS ORAIS E COGNIÇÃO SOCIAL: PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIOCULTURAL EM NARRATIVAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Anna Christina Bentes da Silva – UNICAMP/UFPA  
ID27154C243

Pretendo discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social através do contar estórias. As narrativas orais analisadas são parte do projeto de pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares Da Amazônia Paraense” desenvolvido na Universidade Federal do Pará, desde 1994. Dez narrativas já publicadas em livro serão analisadas.

Considerando a cognição social como parte do domínio público e o discurso como uma tarefa pública construída por muitas mãos, meu ponto é o de que os narradores constroem estórias com explicações contraditórias sobre a realidade sociocultural em que vivem. Estas explicações encontram-se misturadas e, em muitos casos, não há *happy-ends* ou qualquer tipo de moral no final.

Jerome Bruner (1990) propôs que a narrativa é basicamente um instrumento da *folk psychology*. Para ele, as estórias são ferramentas culturais por excelência, para entender condutas incomuns ou inesperadas. Ao contar estórias, os narradores estariam, segundo Bruner, interconectando dois domínios do comportamento, aos quais o autor chama de “territórios duais”: a) as circunstâncias situacionais e as ações dos protagonistas; b) os estados mentais dos protagonistas. Normalmente, os narradores estariam explicando ações não esperadas e incomuns em termos dos pensamentos e sentimentos dos protagonistas. Assim, a narrativa serviria para “fazer o excepcional compreensível”. Mas não são os estados mentais de algum personagem específico que me interessam aqui. O que pretendi apresentar nesta comunicação é como ocorre o contínuo processo de construção/desconstrução/reconstrução de crenças e de conteúdos presentes nas narrativas e como este processo é socialmente compartilhado pelos membros de uma determinada comunidade. Não é algo que acontece em uma estória particular, mas é um processo recorrente e sistemático. Nesse sentido, estas estórias, como parte de uma identidade coletiva, mostram como os grupos sociais têm internalizado e compartilhado interesses e necessidades conflitantes.

universidade estadual de campinas  
Instituto de estudos da linguagem

caderno de resumos

IV Seminário

*teses em andamento*

22 à 24 de setembro de 1998



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

*Hermano Tavares*

Pró-Reitor de Pós-Graduação

*José Cláudio Geromel*

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**Diretora**

Raquel Salek Fiad

**Coordenador da Comissão de Pós-Graduação**

Sírio Possenti

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Lingüística**

Tânia Maria Alkmim

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Letras na Área de**

**Teoria Literária**

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada**

Maria José Coracini

**Coordenadora do Setor de Publicações**

Lúcia Kopschitz X. Bastos

**Comissão Organizadora:**

Anna Christina Bentes da Silva

Cláudia Helena Cerqueira Mármora

Cláudia Marinho Wanderley

Lauro José Siqueira Baldini

Luciano Novaes Vidon

Maria Gracilélia Capponi

Sandoval Nonato Gomes Santos

Sheila Elias de Oliveira

Valdemir Miotello

ÍNDICE

<i>Nome</i>	<i>Sessão</i>	<i>pág.</i>
Adelaide Hercília Pescatori Silva	19 .....	87
Alyxandra Gomes Nunes	12 .....	56
Amauri Araujo Antunes	18 .....	84
Ana Cristina de Aguiar	15 .....	72
Ana Lúcia de Campos Almeida	16 .....	73
Ana Lucinda Tadei Laranjinha	22 .....	98
Ana Paula Santana Borges	10 .....	43
Ana Paula Scher	23 .....	100
Ana Stela de Almeida Cunha	2 .....	14
Ana Souto	7 .....	34
Andrés Pablo Salanova	20 .....	90
Anna Christina Bentes da Silva	8 .....	36
Antonio Carlos Santana de Souza	2 .....	13
Beatriz Raposo de Medeiros	19 .....	88
Camila Höfling	22 .....	100
Cármen Lúcia Hernandez Agustini	17 .....	77
Cilza Carla Bignotto	1 .....	9
Cláudia Helena Cerqueira Mármora	7 .....	33
Claudia Marinho Wanderley	17 .....	78
Daniela Dal Fabbro	16 .....	74
Daniela Marini	17 .....	80
Delaine Cafiero	15 .....	69
Dilzete da Silva Mota	15 .....	68
Edilaine Buin	3 .....	19
Eliana Maria Severino Donaio Ruiz	15 .....	70
Eliane Tejera Lisbôa	18 .....	85
Elizabeth Gonzaga de Lima	18 .....	83
Erika Maria Parlato	14 .....	65
Erika Rogéria Rola Corrêa	21 .....	92
Evanir Brunelli	16 .....	75
Fernando Gonçalves Ferreira Júnior	16 .....	76
Flávia de Castro Alves	20 .....	92
Flávio Galvão Pereira	13 .....	62
Gelza Matos Nunes-Pemberton	23 .....	102
Geraldo Tadeu Souza	13 .....	57
Geruza Ferreira de Lima Tanaka	14 .....	64

### A ILHA ENCANTADA: O SENTIDO DO ESPAÇO NA EXPERIÊNCIA DO NARRADOR ORAL DE MAIANDEUA-PA

Patrícia Inês Garcia de SOUZA (UNICAMP – Mestrado em Teoria Literária)

Orientador: Francisco Foot Hardman

e-mail: patgarc@iel.unicamp.br

A Ilha de Maiandeuá fica localizada ao norte do país, região amazônica do nordeste paraense. De acordo com pesquisa de campo realizada durante os anos de 1994-5, por conta do Programa de Pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, constatou-se a frequência de relatos maravilhosos e/ou fantásticos, entre as narrações de seus habitantes. Esses relatos guardam uma cor local, ao mesmo tempo que uma universalidade, sendo esta própria dos mitos, dos arquétipos e dos inúmeros *motivos*, que migram, segundo Paul Zumthor, através do *nomadismo da voz*. Mas a comunhão não exclui a originalidade. Esta pode ser conferida no momento da performance, no ato de narrar, que torna este momento singular. Neste trabalho, pretendemos enfatizar o espaço como um elemento apriorístico à experiência do fantástico, bem como o sentido que o próprio habitante possui de sua paisagem: este narrador não a percebe de modo objetivo, o espaço da Ilha desempenha um papel na sua imaginação. Há uma verdadeira “topografia da fantástica” (Durand) na Ilha, como se cada ponto nomeado pelos seus narradores funcionasse como uma porta de entrada para o imaginário.

### A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELOS NARRADORES DA AMAZÔNIA PARAENSE

Anna Christina BENTES DA SILVA (UNICAMP – Doutorado em Linguística)

Orientadora: Ingedore G. Villaça Koch

e-mail: anna@iel.unicamp.br

Pretendo discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social através do contar histórias. As narrativas oraís que serão analisadas são parte do projeto de pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, desenvolvido na Universidade Federal do Pará desde 1994. Dez narrativas já publicadas em três livros serão analisadas. Considerando a cognição social como parte do domínio público e o discurso como uma tarefa pública construída por muitas mãos, meu ponto é o de que os narradores frequentemente constroem histórias com explicações contraditórias sobre a realidade sócio-cultural em que vivem. Estas explicações

encontram-se misturadas e, em muitos casos, não há *happy-ends* ou qualquer de moral ao final.

Jerome Bruner (1990) propôs que a narrativa é basicamente um instrumento da *folk psychology*. Para eles, as histórias são ferramentas culturais por excelência para entender condutas incomuns e não-esperadas. Ao contar histórias, os narradores interconectam dois domínios de comportamento, o que Bruner chama de “territórios duais”: a) as circunstâncias situacionais e as ações dos protagonistas; b) os estados mentais dos protagonistas. Normalmente, por exemplo, os narradores explicam ações não-esperadas e incomuns em termos dos pensamentos e sentimentos dos protagonistas. Assim, a narrativa serve para “fazer o excepcional compreensível”. Mas não são os estados mentais de alguma personagem específica que me interessa aqui. O que eu gostaria de trabalhar é o contínuo e complexo processo de construção/desconstrução/reconstrução de crenças e de conteúdos e como este processo é socialmente compartilhado pelos membros de uma determinada comunidade. Não é algo que acontece em uma história particular, mas é um processo recorrente e sistemático. Nesse sentido, estas histórias, como parte de uma identidade coletiva, mostram como os grupos sociais têm internalizado e compartilhado interesses e necessidades conflitantes. construção/desconstrução/reconstrução de estruturas de crenças e de conteúdos.

### NARRADOR E REGISTRO DA SUBJETIVIDADE EM CONTOS DE SAGARANA

Gilca Machado SEIDINGER (UNESP/Ar. – Mestrado em Estudos Literários)

Orientadora: Maria Célia de Moraes Leonel

e-mail: seidinger@convex.com.br

No anteprojeto de pesquisa a que se refere o presente trabalho, propomo-nos a investigar a figura do “contador-de-histórias”, que jamais se ausenta da obra de Guimarães Rosa.

O embasamento da investigação é o referencial teórico desenvolvido por Gérard Genette no seu *Discurso da narrativa*, tradução de parte de *Figures III*. A teoria estruturalista genettiana alia-se a teoria semiótica do texto, de filiação greimasiana, nas três etapas que define para a análise do percurso gerativo do sentido – a das estruturas fundamentais, a das estruturas narrativas e a das estruturas discursivas. Pretendemos nos deter na sintaxe discursiva, a qual permite explicar, além das relações entre enunciador e enunciatário, as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado. A caracterização sócio-histórica do sujeito da enunciação, com base nas relações intertextuais, e a análise dos procedimentos narrativos e discursivos empregados pelo sujeito da enunciação fazem parte do objetivo que pretendemos atingir.

Selecionamos duas das narrativas de *Sagarana*, “Conversa de bois” e “Minha gente”. A opção por essas narrativas, especificamente, dentro do conjunto da obra, se deu tendo em vista as diferentes possibilidades de construção da situação narrativa, a



Editora da Universidade do Sagrado Coração

*Coordenação Editorial*  
Irmã Jacinta Turolo Garcia

*Assessoria Administrativa*  
Irmã Teresa Ana Sofiatti

*Assessoria Comercial*  
Irmã Áurea de Almeida Nascimento

*Assistente Editorial*  
Luiz Eugênio Vésio

*Assistente de Produção Gráfica*  
Luzia Bianchi

# ANPUH

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA  
NÚCLEO REGIONAL DE SÃO PAULO

## XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA

### Sujeito na História: Práticas e Representações

PROGRAMA E RESUMOS

08 A 11 DE SETEMBRO DE 1998  
PUC / SP

ciais militares e autoridades de saúde na Primeira República. Para setores influentes desses grupos, a conscrição ofereceria uma maneira eficaz para promover práticas destinadas a melhorar a saúde pública e a raça nacional. Médicos forneceram apoio importante para a realização de conscrição pela primeira vez em 1916. Dados sobre a saúde de recrutas inspecionados para o sorteio militar foram uma fonte importante de pesquisa. O conhecimento produzido sobre a saúde dos recrutas fortaleceu as críticas sobre a política da Primeira República. (Atividade: CL10)

**BEIRED, Denise Aparecida Figueiredo Clausen.** *Mulheres: militância e ideal feminino nas fileiras do PCB.* Em um período marcado por intensa repressão policial aos grupos de esquerda (1930-1950), as mulheres foram tendo na cena política brasileira uma crescente e significativa presença. Inserida neste contexto, esta comunicação tem como objetivo analisar a participação feminina no Partido Comunista Brasileiro. Através das representações femininas encontradas em jornais da época (imprensa comunista), pretende-se entender a construção idealizada pelos comunistas em relação ao trabalho das mulheres nas atividades do Partido e a utilização da figura da mulher como um importante veículo de propaganda comunista. (Atividade: CL43)

**BEIRED, José Luís Bendicho.** *Os caminhos cruzados da arte e da política em Plínio Salgado e Leopoldo Lugones.* A crise internacional do liberalismo desatada pela Primeira Guerra Mundial coincidiu com o questionamento da ordem liberal na América Latina a partir de posições nacionalistas e de extrema-direita. Boa parte dos intelectuais do Brasil e da Argentina foram especialmente influenciados pela sensibilidade fascista da conjuntura entre-guerras, fato que marcou tanto suas obras como impeliu-os à intervenção no cenário político. O modernista brasileiro Plínio Salgado e o poeta e escritor argentino Leopoldo Lugones foram duas figuras que traduziram, cada qual à sua maneira, aquela nova sensibilidade para os seus respectivos países. Ambos são paradigmáticos da forma como os intelectuais engajaram-se à ação política no Brasil e na Argentina, onde exerceram liderança ideológica, cultural e política. O nosso objetivo consiste em discutir comparativamente a trajetória desses dois intelectuais, refletindo sobre a particularidade de suas idéias e de sua participação política, bem como a relação entre produção artística e engajamento político. (Atividade: CL31)

**BELARMINO, Adriana.** *O historiador e os novos desafios.* No final da década de 80 e durante a década de 90 surgiu no Brasil grande número de instituições culturais de iniciativa privada. Elas trouxeram diferentes propostas de atuação, e se mostraram um campo de trabalho fértil para o profissional da área de humanas, principalmente para o historiador. Nessa nova realidade o historiador precisou rever sua formação e atuação. O Itaú Cultural foi criado em 1987, através de uma iniciativa pioneira do Banco Itaú, que utilizando as Leis de Mecenato e de Incen-

tivo à Cultura apresentou um projeto de Bancos de Dados Informatizados com imagens digitalizadas. O primeiro módulo desenvolvido foi o de Pintura no Brasil nos séculos XIX e XX. Esse trabalho foi basicamente desenvolvido por historiadores e artistas plásticos. Ainda hoje, o Itaú Cultural se apresenta como uma instituição que conta com vários historiadores em sua equipe. (Atividade: CC13)

**BELEBONI, Renata Cardoso.** *A representação de Jean-Pierre Vernant sobre a tragédia grega.* Na Grécia do século V a. C., a tragédia é um fenômeno que representa três dimensões: ela é indissolúvelmente social, estética e psicológica. Partindo desta assertiva, objetiva-se nesta comunicação analisar a representação que Jean-Pierre Vernant nos apresenta do trágico e de suas especificidades. Dois livros de Vernant, escritos em conjunto com Pierre Vidal-Naquet fornecerão subsídios para o desenvolvimento desta análise, a saber: *Mito e tragédia na Grécia Antiga*, volumes I e II. (Atividade: CC17)

**BELELI, Iara Aparecida.** *O discurso masculino nas relações afetivas.* Este trabalho propõe uma reflexão sobre os discursos do masculino nas relações afetivas rastreados, através de depoimentos de homens entre 40 e 50 anos, pertencentes a uma parcela da classe média paulista. O enfoque aqui pretendido se detém na crise da identidade masculina ante ao aparecimento da nova mulher. (Atividade: CC46)

**BENEVIDES, Aletusya de Araújo.** *Espaço virtual e comunicação: novas faces de uma sociabilidade moderna.* Este trabalho discute a noção de cidade, bem como o papel desta na sociedade contemporânea, concebendo enquanto um dos centros neurálgicos, uma tecnologia comunicacional que se pretende como entreposto das relações sociais. Uma das conclusões a que se pôde chegar, encontra-se na argumentação de que existem em paralelo, pelo menos duas formas de realidade presentes nas relações humanas, realidade atual e virtual. Enquanto manifestações da forma do homem perceber ao outro e ao mundo, são campos infinitos de possibilidades de análise. (Atividade: CL06)

**BENTES, Anna Christina.** *Narrativas orais da Amazônia: discurso e cognição.* Pretendo discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social do contar histórias. Tomando como base uma pesquisa anterior, enfocaré dez narrativas, procurando entender a partir desse corpus, de que maneira os narradores explicitam suas histórias a partir de explicações contraditórias sobre a realidade, ao mesmo tempo em que essas lições competem entre si, misturando-se, em happy-ends ou qualquer tipo de moral no final. Neste sentido, estas histórias, como parte de uma identidade coletiva, mostram que os grupos sociais internalizam e compartilham interesses conflitantes. Em outras palavras, a identidade social dos grupos não necessariamente apresentada como homogênea e sempre coerente, resulta, pelo contrário, de um contínuo processo de construção e desconstrução de crenças e conteúdos. (Atividade: CC66)

# XLVI SEMINÁRIO DO GEL

25 a 27 de junho de 1998

## PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

DIRETORIA DO GEL (1997-1999)

Presidente: Roberto Gomes Camacho

Vice-presidente: Erotilde Goreti Pezatti

Secretária: Marize M. Dall'Aglio Hattner

Tesoureira: Cristina Carneiro Rodrigues

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Alvaro Luiz Hattner

Anna Flora Brunelli

Cláudia Xatara

Luciani Ester Tenani

Maria Cristina Parreira da Silva

Maria Izabel de Oliveira Massoni

Nelson Luis Ramos

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Vera Massoni Xavier da Silva

Ingedore Grunfeld Villaça KOCH - Coordenadora  
 Anna Christina BENTES (UFPA/PG-UNICAMP)  
 Eliana Donaio RUIZ (UNIMEP/UNICAMP)  
 Maria José C. PETRI (UNIV. SÃO JUDAS TADEU/PG-UNICAMP)  
 Rosângela FRANCISCHINI (UFRN/PG-UNICAMP)

Objetiva-se nesta sessão, sob a perspectiva da Linguística Textual e da Análise da Conversação, discutir questões relativas à produção de textos escritos e falados, em diferentes situações de interlocução, a saber:

1. a produção de textos escritos na escola - análise de recursos lingüísticos empregados por crianças em fase de aquisição da escrita para o estabelecimento e a manutenção de personagens na narrativa; discussão de recursos utilizados pelos professores para interferir no processo de aquisição da escrita, via correção.
2. a produção de textos orais em situações de interação face a face: investigação de como se constrói a argumentação, através do par pergunta-resposta, em inquéritos judiciais; análise de recursos lingüísticos empregados pelos narradores para o estabelecimento e a manutenção de personagens em narrativas orais populares.

MOBILIZAÇÕES ENUNCIATIVAS

Luiz Gonzaga MARCHEZAN (UNESP-Araraquara) - Coordenador  
 Edna M. Fernandes dos Santos NASCIMENTO (UNESP-Araraquara)  
 Maria Célia de M. LEONEL (UNESP-Araraquara)  
 Renata M. F. Coelho MARCHEZAN (UNESP-Araraquara)  
 Vera L. R. ABRIATA (PG-UNESP-Araraquara)  
 Tiekio Y. MIYAZAKI (UNESP- São José do Rio Preto)

Com outros termos, encontram-se já presentes nas discussões dos clássicos acerca da enunciação que quem enuncia é um híbrido de enunciador e enunciatário e que a mensagem é produto do ato comunicativo. A enunciação como lugar de origem da projeção do verdadeiro e do falso é, igualmente, assunto de grande discussão nos Diálogos, de Platão. A mimese é capaz de tudo saber imitar, é astuta, constrói simulacros e foge da idéia, objetivo da fala reta do filósofo. Em tempos mais céticos como o nosso, a verdade é também negociada em sua enunciação e traduz-se em veridicção, em interdiscurso, em argumentação. Visão de mundo, opção teórica, justa, estimulante, se as forças argumentativas não fossem sujeitas à pulverização e aos desequilíbrios causados pelo poder econômico, institucional. A enunciação, negociada, definida por relações dialógicas, ordena (desordena) diferentes vozes contratuais ou polêmicas, cujo arranjo a análise do discurso explícita e explica à sociedade: já que a composição de vozes que a conversação, o diálogo textual, evidencia é, apenas, a de nível superficial. Explicação, cujo poder teórico esclarecedor e organizador (porém flexível) é gesto de resistência à pulverização e ao outro poder (econômico, institucional). Essas reflexões sobre a enunciação animam esta sessão de comunicações, que, elegendo como objeto o texto literário, ora salienta o encontro das forças dispersivas com as forças aglutinadoras, que caracteriza o fazer enunciativo; ora enfatiza o diálogo entre a linguagem literária e a linguagem formalizada, registrada, no dicionário e em expressões coloquiais, cristalizadas; ora descreve o metadiscurso, construído pela projeção da instância da enunciação no enunciado; ora examina o contraponto entre o mundo exterior e o mundo interior, para ressaltar que, embora não seja comum, este também pode referendar aquele.

Cláudia Helena Cerqueira MÁRMORA (PG-UNICAMP) - Coordenadora  
 Ana Paula Santana BORGES (PG-UNICAMP)  
 Cilene CAMPETELA (PG-UNICAMP)  
 Ana Maria SOUTO (PG-UNICAMP)

Esta Comunicação Coordenada pretende apresentar fundamentos do Projeto Integrado em Neurolingüística, o qual se desenvolve na continuidade da formação teórica, metodológica e clínica de um conjunto (diversificado) de alunos e pesquisadores que dele participam, com interesses comuns e particulares, tendo seus objetivos centrados em torno da elaboração de um banco e da explicitação de um conjunto de princípios protocolares para a avaliação do discurso verbal e não verbal de sujeitos cérebro-lesados. As propostas deste trabalho vem sendo desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos, caracterizado como um acompanhamento longitudinal a um grupo de sujeitos cérebro-lesados em virtude de seus comprometimentos neuropsicológicos e neurolingüísticos. O trabalho com a linguagem segundo uma perspectiva discursiva, requer a mobilização de vários mecanismos cognitivos envolvidos nos processos de significação alterados em sujeitos cérebro-lesados, ou seja, a linguagem, memória, atenção, percepção, atividade inferencial, gestos representativos, etc. Nos quadros de lesões neurológicas com Afasia, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento da linguagem prescinde de determinados recursos de produção e interpretação. Assim sendo, esta apresentação irá discutir os seguintes tópicos a fim de discutir a relação entre os aspectos teórico e metodológicos de nossa pesquisa.

-Linguagem e gesto- discussão da concepção de gesto e análise de sua dimensão simbólica no funcionamento da linguagem.

-Linguagem escrita- concepções de linguagem escrita na Afasiologia e o trabalho com a escrita e leitura discursivamente orientado.

-Transcrição fonética- inserção da transcrição fonética e prosódica em turnos considerados "ininteligíveis".

-Expressão teatral- o exercício teatral enquanto exercício de linguagem: introdução dos recursos teatrais nas atividades num Centro de Convivência de Afásicos.

A LEITURA DO TEXTO ANTIGO: VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM MANUSCRITOS

Heitor MEGALE (USP) - Coordenador  
 César Nardelli CAMBRAIA (USP)  
 João Antônio de SANTANA Neto (UFBA e UCSal)  
 Márcia GAMBOA (PG-USP)  
 Rita QUEIROZ (PG-USP)  
 Sílvio de Almeida TOLEDO Neto (PG-USP)  
 Teresa Leal Gonçalves PEREIRA (UFBA)

Esta Mesa Coordenada apresenta variação lingüística em manuscritos dos séculos XIII (ou princípios do XIV), XV e XVI por pesquisadores que estudam os seguintes textos: César Nardelli Cambraia: *Livro de Isaac*, códice CCLXX/461 BNL; Heitor Megale: *A Demanda do Santo Graal*, códice 2594 BNV; João Antônio de Santana Neto e Rita Queiroz: *O Castelo Perigoso*, códices CCLXXV/214 ANTT e CCLXXVII/199 ANTT; Márcia Gamboa: *Cancioneiro da Ajuda*; Sílvio de Almeida Toledo Neto: *Livro de José de Arimatéia*, códice 643 ANTT e Teresa Leal Gonçalves Pereira: *Livro de Marinharia*, códice 44340 BNP.

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

UNIVERSITÉ DE PARIS XIII

I SIMPOSIO INTERNACIONAL  
DE  
ANÁLISIS DEL DISCURSO

(Madrid, 20, 21 y 22 de abril de 1998)

RESÚMENES  
DE LAS  
COMUNICACIONES

that competing explanation  
the end. In this sense, the  
shared conflitant needs  
homogeneous and alw  
belief structures and c

comunicación presenta una mirada a los principales periódicos publicados en Brasil, en Portugal y en Galicia, en el año 1994, estableciendo diferenciaciones en los discursos y en las discusiones sobre asuntos filológicos o "parafilológicos".

### LA EVOLUCIÓN DEL SISTEMA DE NEXOS ADVERBIALES DEL ESPAÑOL: UN PROCESO CÍCLICO ENTRE PRAGMÁTICA Y SINTAXIS (EL CASO DE QUE)

(BATLLORI DILLET, Montse / SÁNCHEZ LANCIS, Carlos / SUÑER GRATAÇÓS, Avel·lina)

La evolución de los nexos de las oraciones adverbiales parece obedecer a un proceso cíclico sintaxis ↔ pragmática. Inicialmente, en latín clásico, el contenido semántico de los nexos adverbiales se hallaba formalizado de manera estricta en el componente sintáctico. Los cambios originados en latín vulgar, continuados a su vez en la primera mitad de la Edad Media, presentan una situación radicalmente distinta. El contenido semántico de los nexos no se formaliza mediante marcadores gramaticales, sino que unos pocos nexos universales y polisémicos permiten expresar la semantización de diversas implicaturas conversacionales. El paso del sistema medieval al del español actual sigue un proceso contrario al anterior: los contenidos que se dejaban en manos de una interpretación pragmática pasan a formalizarse de nuevo en un componente sintáctico mediante adverbios o preposiciones (*de, por, para, aún*, etc.). La lengua coloquial actual, por otra parte, muestra un nuevo proceso de formalización pragmática de los valores de algunos de estos nexos adverbiales. Proceso que puede observarse también en el aprendizaje infantil de los esquemas adverbiales.

En los últimos  
debemos interpr  
formas de repr  
Por otra parte  
ideología do  
una situaci  
problema  
Eco -un  
entre an  
La por  
espec

El caso de *que* es particularmente ilustrativo de este proceso. La conjunción *que* del español medieval fue el resultado de la evolución convergente de distintos étimos latinos: QUAM, QUID, QUOD, QUIA, entre otros. El *que* medieval asume, pues, una serie de valores adverbiales heredados de estos nexos latinos sin que ello suponga una pérdida de cohesión discursiva porque las relaciones adverbiales entre las oraciones podían interpretarse a partir de un componente pragmático, por ejemplo:

- Que* clamemos *merced*: oydos non seremos (Berceo, *Loores*, v. 185e): Concesiva
- Sobre un prado *pus* mi tiesta. / *que* nom fiziese mal la siesta: (*Raz. Amor*, vv. 33-34): Final
- Empezóla el *bispo* luego a increpar. / *que* avié fecha cosa por que devie lazdrar (Berceo, *Mil*, v. 548a-b): Causal

Podemos *entender e* dezir que compuso Nuestro Sennor las razones delos mandados e que ouo ell *autoridad e* el nombre dend. (Alfonso X, *Gral. Est.*): Completiva

El objetivo de nuestro **trabajo** es determinar cuáles son las marcas gramaticales (*consecutio temporum*, preposiciones, orden de palabras, etc.) **que** pueden suplirse con una implicatura en español medieval y cómo se reformulan en la sintaxis del español **actual** los distintos valores asociados al *que* medieval.

### ETUDE DU RAPPORT ENTRE LE TEXTE ET L'IMAGE DANS LE FILM D'INFORMATION TÉLÉVISÉ (BATTESTINI-DROUT, Anne)

Me thèse (en fin de *rédaction*) étudie le Film d'Information Télévisé -F.I.T.- diffusé dans les magazines d'information. Elle présente le F.I.T. **comme** une discursivité dont l'étude pose le problème de l'intrication sémantique entre le dit et le visible. Le sens **ne peut être** appréhendé comme une relation qui unierait un mot à une chose, le "contexte" d'emploi du mot, pris pour le moment dans une acception large, influe sur le sémantisme du F.I.T. Pour autant, ce contexte nest pas un simple conditionnement à la largue mais, par influence réciproque, le texte et l'image interagissent l'un sur l'autre pour constituer une forma de représentation verbo-visuelle du monde.

L'analyse des configurations linguistiques dont les valeurs sémantico-référentielles ne peuvent être validées sans le recours à l'image et/ou a l'énonciations caractérise les lieux de la corrélation entre le dit et le visible. Le sense ne saurait être appréhendé indépendamment du cadre instauré par le rapport entre l'énoncé et l'énonciation qui tisse un réseau de référence interne à chanque F.I.T. Il s'agit de décrire une forme de discursivité par ses conditions de réalisation et ses règles de fonctionnement discursives. L'examen des formes linguistiques du commentaire journalistique qui indexent l'image, c'est-à-dire les marques linguistiques qui désignent ostensiblement l'image pour moduler le sémantisme du commentaire en fonction de l'apport de l'image, souligne des régularités du mode de fonctionnement des mécanismes discursifs qui assurent la cohésion et la cohérence du F.I.T.

Mon travail aborde successivement les questions relatives aux modalités énonciatives, aux déterminations spatio-temporelles de l'articulation du texte et de l'image, à l'identification démonstrative d'un objet visible dans le cadre de l'image, aux références exophores dirigées vers un objet de l'image et au lien qui unit une anaphore linguistique et une identification démonstrative dans une référence couplée.

### BRAZILIAN ORAL NARRATIVES: A COGNITIVE APPROACH (BENTES DA SILVA, Anna Christina)

In the present paper, it will be in discussion how narrators construct and represent their social reality through storytelling. The oral narratives that will be analysed are part of the research project "The Imaginary in the Popular Oral Narrative Forms of Paraense Amazon", developed at the Federal University of Pará, since 1994. Ten narratives that are already published in three books are analysed. Considering social cognition as part of the public domain and discourse as a public enterprise built by many hands, my point is that narrators frequently construct stories in a way

al y en Galicia, en el  
ntos filológicos o

SO CÍCLICO  
lina)  
pragmática.  
de manera  
era mitad  
ormaliza  
resar la  
que un  
san a  
La  
de  
s

that competing explanations about reality are meshed together and there are no "happy -ends" or any kind of moral at the end. In this sense, these stories, as part of a collective identity, show that social groups have internalized and shared conflitant needs and interests. In other words, the social identity of groups is not necessarily presented as homogeneous and always coherent, but a result of a complex and continuous process of constructing/deconstructing belief structures and contents.

### ESTRATEGIAS TEXTUALES Y CONFIGURACIÓN DEL PÚBLICO TELEVISIVO (BERNÁRDEZ RODAL, Asunción)

En los últimos tiempos, estamos asistiendo a nuevas formas de representación del público en la televisión, que debemos interpretar como algo sintomático de fenómenos de cambio en la recepción que afecta no sólo a las simples formas de representación simbólica, sino a todo el aparato crítico que despliega la crítica sobre la recepción. Por otra parte, se ha extendido la imagen de un lector capaz de dominar el contenido de los mensajes, de subvertir la ideología dominante que se transmite a través de los medios. Esta idea redentora, parece haber instalado a la crítica en una situación de conformismo. Por otra parte, la idea de consumidor activo ha sido llevada demasiado lejos, y el problema sigue siendo el cómo conciliar la distancia que hay entre el lector modelo del que hace tantos años hablaba Eco -un lector inscrito en el texto- y el lector empírico, e intentar aclarar las formas de negociación y de estrategia entre ambos que presupone un acto de recepción. La ponencia se centrará en la representación simbólica de los públicos como aparentemente significativo dentro de los espectáculos televisivos.

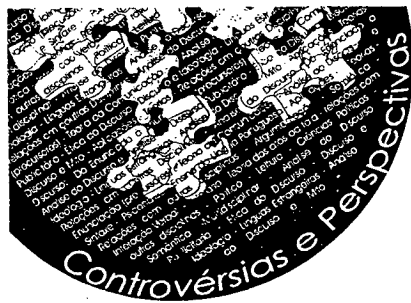
### BATALLAS DE IDENTIDADES: LA LÓGICA DISCURSIVA DE LA GUERRA ZAPATISTA EN CHIAPAS, MÉXICO

(BERRUECOS VILLALOBOS, M<sup>a</sup> de Lourdes / GÓMEZ DE MAS, M<sup>a</sup> Eugenia)

Las decisiones léxicas, sintácticas y textuales del Ejército Zapatista de Liberación Nacional lo asociaron con los orígenes y las gestas históricas de México, le dieron entrada como un emisor sincero a los foros nacionales y le adscribieron los principios de coordinación social altamente valorados. La identidad que así lo adquirió este ejército ha sido más importante que su capacidad militar, tanto para su supervivencia, como para el logro de sus objetivos sociales y políticos. El análisis que da cuenta de ello conlleva cuestionamientos a algunos de los fundamentos de la teoría del discurso, como la concepción dialógica de los actos de habla o la inconmensurabilidad entre las nociones de signo y enunciado. Las soluciones que se pueden vislumbrar para dichos problemas implican relaciones entre las identidades sociales y los discursos potencialmente útiles en otros campos.

### LA GRAMÁTICA Y LA SEMÁNTICA DE LA DISCRIMINACIÓN EN LA NOTICIA: UN CASO EN LA PRENSA VENEZOLANA (BOLÍVAR, Adriana)

Los estudios llevados a cabo en Europa por más de dos décadas sobre las relaciones entre los medios de comunicación y los grupos de minorías étnicas han mostrado la influencia negativa de la prensa, la cual se ha convertido en el principal "enemigo" de estas minorías (van Dijk 1991). La prensa ha contribuido a formar un patrón de opinión según el cual ciertos grupos étnicos minoritarios son percibidos como problemas y/o amenazas asociadas por lo general con el crimen, la violencia, el conflicto, y diversos tipos de desviaciones. En esta investigación me hago dos preguntas generales: primero, ¿sigue la prensa venezolana el patrón de opinión identificado en la prensa europea en cuanto a estrategias semánticas?; segundo, ¿cómo se expresa la discriminación en Venezuela en términos del uso particular de las cláusulas y de otras estructuras gramaticales menores para reportar la noticia. Utilizo como referencia teórica el análisis crítico del discurso (Fowler et al. 1983; van Dijk 1991, 1996; Fairclough 1992; Bolívar, 1996) y la gramática sistémica funcional (Halliday 2005). El Corpus está integrado por siete noticias escritas por dos periodistas durante cuatro días seguidos en el periódico *El Nacional* sobre disturbios en los que estuvieron involucrados comerciantes chinos. Se da atención al manejo de los tópicos preferidos, a la asignación de responsabilidades y a las estrategias de presentación. Se pone especial atención en la relación entre los tipos de estructuras gramaticales para reportar, los procesos verbales asociados y la atribución de la información. Los resultados indican que, a pesar de los intentos de ambos periodistas por no parecer racistas, las noticias muestran evidencia lingüística de discriminación, manifestada en el empleo de estrategias semánticas similares a las europeas, tales como la negación del racismo, la concesión aparente, la autopresentación positiva y la presentación negativa de las minorías. Se encuentra, además, que los periodistas hacen su uso preferido de ciertas estructuras para reportar la voz de la mayoría (la del periódico y de los periodistas) y otras para silenciar a las minorías (e.j. verbos de acción material y de dicción versus verbos de cognición). Se concluye que aunque aparentemente existen similitudes entre las formas de expresar la discriminación en Europa y en Venezuela en lo que corresponde a estrategias semánticas, es necesario profundizar más sobre la forma en que los medios de comunicación manipulan la interpretación de los significados con el empleo de la gramática, especialmente en el plano de la expresión del significado interpersonal, de modo que los analistas del discurso podamos contribuir de manera más eficiente a la toma de conciencia sobre la forma en que los grupos de mayor poder usan las palabras para perpetuar prejuicios e injusticias.



# SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO: CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

## PROGRAMA de COMUNICAÇÕES

### PROMOÇÃO:

*CURSO de Pós-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA FALE-UFMG*

*NÚCLEO de ANÁLISE do DISCURSO da FALE-UFMG*

*CENTRE d'ANALYSE du DISCOURS da UNIVERSIDADE de PARIS XIII*

### FINANCIAMENTO



As obras de Shakespeare, de Rudolf von Jhering e assim como obras de outros autores, que serão analisados durante a execução do projeto, constituem um vasto laboratório para a análise da relação existente entre a Literatura e o Direito, pois nelas se encontram impressas vozes distintas e conflitantes que caracterizam as várias classes sociais, profissões, nacionalidades, raças, religiões, idades, famílias e outros subgrupos, que constituem uma cultura e, conseqüentemente, a heteroglossia. Em meio à heteroglossia expressa, encontra-se a linguagem jurídica rica em representabilidade e contextualmente inter-relacionada às outras linguagens, em interação dialógica.

## Auditório 3 - L 2001

### **COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS**

Coordenador: *William Menezes (UFMG)*

#### **A CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO DE UM DISCURSO SINDICAL (1906)**

*Ana Zandwais (UFRGS)*

Este trabalho consiste de um estudo realizado, com base em pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, sobre as condições de formação de formações discursivas sindicais no país, a partir de um acontecimento discursivo: a realização do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906, momento histórico em que é fundada a Confederação Operária do Brasil (COB).

Tomamos como objeto de investigação Atas do Congresso Operário, contendo pautas formuladas pelos congressistas e encaminhamentos das pautas, por lideranças sindicais, em termos de resoluções nacionais que nortearam as posições da COB diante da fundação da entidade de classe.

Os resultados das análises colocam em evidência um processo dialético entre identidade de classe e entidade de classe, sendo que as posições contraditórias do Sujeito operário passam a diluir-se em benefício da legitimação de uma formação discursiva sindical, cuja representatividade deve abranger os discursos de trabalhadores brasileiros.

#### **VOZES DO MOVIMENTO ANARQUISTA: O CORO DA INSATISFAÇÃO**

*Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCAR)*

A Análise do Discurso francesa, ao trabalhar nas fronteiras entre as disciplinas, oferece-nos suporte teórico para a análise do espaço incerto onde a língua e a história encontram-se. Assim, com base em conceitos da AD, buscaremos, nesta comunicação, explorar a análise discursiva de textos da imprensa operária do início do século. Com essas análises procuramos recuperar a formação discursiva e ideológica do movimento anarquista no Brasil, bem como entrever a conversão da linguagem como instrumento de emancipação trabalhista.

#### **DISCURSO E RESISTÊNCIA: CONTANDO ESTÓRIAS NA AMAZÔNIA PARAENSE**

*Anna Christina Bentes (UFPA/UNICAMP)*

Este trabalho tem por objetivo discutir como o narrar estórias oralmente constitui-se numa prática de resistência cultural e política do homem da região amazônica. Analisarei narrativas orais que foram coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Orais da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará, desde 1994. Meu ponto de partida serão algumas afirmações de Van Dijk, em seu texto "Discourse and Cognition in Society" (1992). Neste trabalho, estarei discutindo justamente o nível que Van Dijk aponta como aquele dos diálogos institucionais, onde o sujeitos que dele participam e que pertencem aos grupos sociais de menor prestígio, não determinam o tempo, o lugar as circunstâncias e a audiência de tais discursos.

Se por um lado, estes sujeitos possuem um menor controle sobre os aspectos anteriormente citados, por outro, através da análise de uma narrativa, tentarei demonstrar que os temas nela presentes encontram-se em contínuo processo de elaboração por parte dos sujeitos destes discursos, elaboração esta que envolve toda uma remessa a outros discursos e a outras práticas sociais, sendo, portanto, difícil classificar este tipo de discurso como menos controlado, ou como mais passivo, capaz de basicamente reproduzir a(s) ideologia(s) dominante(s).

Universidade estadual de campinas  
Instituto de estudos da linguagem

caderno de resumos

III Seminário

*teses em andamento*

14 e 15 de outubro de 1997



**Reitor**

José Martins Filho

**Pró-Reitor de Pós-Graduação**

Carlos Alfredo Joly

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM****Diretor**

João Wanderley Geraldi

**Diretora Associada**

Raquel Salek Fiad

**Coordenador da Comissão de Pós-Graduação**

Sírio Possenti

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Lingüística**

Maria Fausta Pereira de Castro

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Letras na Área de Teoria Literária**

Paulo Elias Allane Franchetti

**Coordenadora da Subcomissão de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada**

Maria José Coracini

**Coordenadora do Setor de Publicações**

Lúcia Kopschitz X. Bastos

Equipe Editorial: J.A.Duek e Luís Santos

**Comissão Organizadora:**

Anna Christina Bentes da Silva

Carmem Lúcia Hernandes Agustini

Cláudia Marmora

Cláudia Wanderley Marinho

Frantomé B. Pacheco

Luciano Novaes Vidon

Marcos Antônio R. Fontanella

Valdemir Miotello

**ÍNDICE**

Adriana Paula Matias da Silva .....	13
Adriana Silene Vieira .....	48
Ana Cláudia Fidelis .....	33
Ana Lúcia Guedes-Pinto .....	37
Ana Paula Santana Borges .....	27
Anna Christina Bentes da Silva .....	25
Betezabete de Brito .....	26
Bruno Bohomoletz Dallari .....	40
Carla Maria Cunha .....	40
Celdon Fritzen .....	47
Claudia F. B. Leal .....	30
Cláudia Marmora .....	29
Cristiane Duarte .....	23
Cristiane Grando .....	34
Cristina Teixeira Vieira de Melo .....	22
Elenir Fedosse .....	28
Eliana Maria Severino Donoio Ruiz .....	21
Eliane Tejera Lisbôa .....	31
Élida P. Ferreira .....	5
Elisabete Pimentel .....	27
Émerson de Pictri .....	14
Erika Maria Parlato .....	16
Ernesto Sérgio Bertoldo .....	12
Frantomé B. Pacheco .....	26
Gláucia Vieira Cândido .....	38
Jacqueline R. Paiva .....	22
Joana Plaza Pinto .....	19
João Luís Garcia Rosa .....	44
Josalba Ramalho Vieira .....	8
Júlia Maria Costa de Almeida .....	19
Lauro José Siqueira Baldini .....	20
Lenita Rimoli Esteves .....	6
Luiz Arthur Pagani .....	41
Luiz Carlos Borges .....	35
Luli Hata .....	30
Márcio Renato Guimarães .....	42
Maria Angela Abbade Chimello Reynaldi .....	11
Maria Ceres Pereira .....	9
Maria Francisca Ribeiro de Araújo .....	38
Maria Onice Payer .....	36

Para Bakhtin (1992), toda comunicação verbal é um *diálogo*, sempre responde a alguma coisa, “refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.”. Um texto, neste sentido, sempre terá algumas marcas de interlocução. O uso que o candidato faz do que já foi dito na coletânea pode ser revelador do seu trabalho de leitura. Desta forma, será analisando as diferentes produções textuais dos candidatos que poderei fazer algumas hipóteses explicativas sobre os diferentes tipos de leitura realizados por eles.

### A RÉPLICA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ESCRITOR E DA LÍNGUA

VALDEMIR MIOTELLO (Doutorado em Linguística)

Orientador: Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

O trabalho desenvolvido pela escola na formação do sujeito que produz um texto é meu objeto de pesquisa no doutorado. Há momentos bem distintos na relação do aluno com as palavras escritas: um é o **momento da reprodução**, o outro é o **momento da produção**. Mesmo este último tem sido apontado como produzindo também discurso reprodutivo do discurso do professor/meio social. A reprodução é o lugar do não-sujeito. Parto da hipótese de que deve haver um processo intermediário que permite que o aluno se constitua enquanto escritor, fundando-se como **sujeito que exterioriza e produz um texto seu**, a partir de novas possibilidades de interações, **trazendo consigo a concretude de seu mundo e estabelecendo a ponte entre este e o mundo público, onde se defrontará com um uso novo da linguagem**. O *corpus* será um conjunto de cadernos de “anotações” em sala de aula, quando o aluno anota o que parece emanar da fala do professor, que, normalmente, impede a construção de outras compreensões do mundo. Os signos, dissociados das formas concretas de comunicação, podem fazer do produtor do texto um “alienus”, “hospedeiro” de discurso alheio. No entanto, há presença de heterogeneidade em sala de aula, e ela se dá em diferentes espaços e inter-relaciona diversos atores neste jogo escolar. O aluno, aparentemente passivo, vai produzindo a compreensão deste processo interlocutivo no caderno. O que ele anota? Que texto ele produz? Que representação faz ao produzir tal texto? Quem se constitui no seu interlocutor? Formalmente como se apresenta tal texto? Este texto funciona para quê? À primeira vista, ele deveria estar sintonizado com o discurso de seu interlocutor, mas uma visada em qualquer caderno de tarefa demonstra que, na trajetória do professor para o aluno, o discurso se transforma de *monológico* em *dialógico*, pela atribuição de outros sentidos ao que ouve. Afora os recados, telefones de amigos, datas de festas, frases feitas, compromissos, canções, além de estrelas, corações, beijos de batom, riscos... Parece-me que aqui está presente um ponto significativo que Bakhtin chama de “*compreensão responsiva ativa*”, e garante que “*toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor*”. Instaura-se, então, a *réplica*, que supera a *cultura do silêncio*, logo testada por

uma expressão exterior. É o momento da *práxis social*, quando sua interlocução vai se confrontando com outras posições, e estabelecendo a construção de um sujeito no espaço social, com “*projetos de dizer*” e com “*excedentes de visão*”. Mas... ainda tenho mais perguntas que respostas.

## SESSÃO 8

### RELATO VS. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA AQUISIÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTAÇÃO?

PASCOALINA BAILON DE OLIVEIRA (Doutorado em Linguística)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro

No campo da Linguística, os estudos sobre narrativas em geral e mais especificamente sobre aquisição de relatos revelam, ainda que subliminarmente, uma concepção representacionista segundo a qual o relato, ao contrário das narrativas ficcionais, resulta de uma leitura objetiva do mundo exterior. Ou seja, de acordo com essa visão, é possível as palavras representarem objetivamente objetos, estados, eventos. Nós, no entanto, apoiadas em uma proposta não subjetivista de aquisição de linguagem, o *sociointeracionismo* (De Lemos, 1992, 1995; Pereira de Castro, 1994, 1995, entre outros), bem como em estudos não lingüísticos sobre a narrativa, trabalhamos com a hipótese de impossibilidade dessa divisão que opõe relato e ficção. Diante disso, procuramos explorar em dados produzidos por crianças de 1ª a 3ª série aspectos que confirmem tal impossibilidade. Nesse momento do trabalho, a nossa atenção está voltada principalmente para as questões que os dados levantam no que se refere à dêixis, à configuração temporal e à perspectiva.

### NARRATIVAS ORAIS: CONSTRUINDO O OBJETO

ANNA CHRISTINA BENTES DA SILVA (Doutorado em Linguística)

Orientadora: Profa. Dra. Ingedore Koch

Nesta comunicação pretendo apresentar algumas reflexões feitas ao longo do semestre anterior sobre as narrativas orais populares coletadas no estado do Pará, mais especificamente, em Belém. Uma primeira reflexão diz respeito a problematização de uma das funções propostas no modelo de Labov e Waletzky (1967), a saber, a função avaliativa. A segunda reflexão diz respeito à presença, nas narrativas, de um

metadiscorso do locutor. (Maingueneau, 1989). Uma terceira reflexão trata de considerar as narrativas, principalmente considerando os temas nelas presentes, como apresentando uma função de deslocar a ordem do discurso dominante (Certeau, 1994). Estas reflexões foram apresentadas ao longo do semestre em três diferentes congressos e entendo que, a partir de uma discussão sobre estes fatos lingüísticos e discursivos, aparentemente isolados, mas que me chamaram atenção, talvez possa ser melhor explicitado e articulado o referencial teórico que embasa as análises e também se possa melhor delimitar a problemática da tese.

### CONSTRUÇÕES DATIVAS EM IKPENG (KARÍB)

**FRANTOMÉ B. PACHECO (Doutorado em Lingüística)**

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

A comunicação visa apresentar uma análise das construções dativas na língua Ikpeng, falada por uma comunidade de aproximadamente duzentas e quinze pessoas que habitam a parte central do Parque Indígena do Xingu-MT. Discutiremos o papel desse tipo de construção na organização sentencial, contrastando sua função com as funções sintáticas nucleares. A análise que nos propomos fazer é de cunho tipológico funcional.

### PROCESSO GENÉTICO DO POEMA II DE ZILA MAMEDE

**BETEIZABETE DE BRITO (Doutorado em Lingüística)**

Orientadora: Profa. Dra. Ingedore G. Villaça Koch

Pretende-se nesta comunicação apontar alguns elementos, marcas lingüístico-textuais e discursivas, como "*vestígios pontuais de fixação de momentos genéticos*", a partir da análise dos manuscritos do Poema II, do livro "*A Herança*" de Zila Mamede.

Além das fases escriturais, que demonstram o percurso percorrido pela poeta para alcançar seus objetivos, buscou-se identificar as bases polifônicas constitutivas deste discurso poético.

**ELISABETE PIMENTEL (Mestrado em Lingüística)**

Orientador: Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

A dissertação de mestrado, em andamento, tem como objetivo analisar livros de histórias, produzidos por alunos de 7º série, buscando as diferentes relações estabelecidas com as histórias de leitura e com as imagens do mundo letrado.

Esta análise é conduzida por duas questões básicas: como a interdiscursividade e a intertextualidade são articuladas na produção escrita? Que correlações são estabelecidas com o gênero narrativo literário e com outros gêneros, que fizeram parte das experiências destes sujeitos?

Parto de uma concepção de sujeito que, embora sofra as injunções sociais, históricas, ideológicas, reage sobre elas pela e na linguagem. Como ser social interage com o outro - seu interlocutor, presente ou não, único ou não - e com outros discursos. Para esta concepção, adoto o conceito de "dialogia" de Bakhtin e suas reflexões sobre os gêneros do discurso já que neles estão presentes tanto a noção de condições de produção, que toma o discurso em relação à exterioridade, como a assunção de um sujeito que se constitui na interação.

## SESSÃO 9

### O LUGAR DA LINGUAGEM ESCRITA NA AFASIOLOGIA

**ANA PAULA SANTANA BORGES (Mestrado em Lingüística)**

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Morato

O estudo da escrita e da leitura nas afasias têm sido deixado à margem na literatura neuropsicológica e neurolingüística. A linguagem escrita tem sido vista como um simulacro da linguagem oral, de uma forma descritiva e normativa, sem que as semelhanças e diferenças entre elas fossem discutidas ou esclarecidas. Isso ocorre devido ao posto de observação que se tem tomado até então: a visão funcionalista e modularista da realidade lingüístico-cognitiva, o formalismo lingüístico, a visão tradicional da escrita como representação da oralidade, a superposição da linguagem oral sobre a escrita como atividades divergentes.

Numa breve revisão bibliográfica, vemos que no campo da neuropsicologia podemos encontrar uma relação empírica que se estabelece entre a oralidade e a escrita no cérebro humano. O que temos, em Lingüística, por outro lado, diz respeito a uma relação estreita entre estas duas modalidades de linguagem. Já na literatura

**2º Coloquio Latinoamericano  
de Analistas del Discurso**



***Resúmenes de  
Comunicaciones***

presente fortalecendo-o como o dono da voz.

027

Bein, Roberto

**La dialéctica entre el contrapunto y el bel canto: aspectos del discurso oficial sobre la enseñanza de lenguas extranjeras.**

A fines de 1996, en un seminario ad hoc el Ministerio de Cultura y Educación de la Nación presentó a los responsables de profesorado cuatro trabajos con lineamientos para la enseñanza de lenguas extranjeras en la EGB y el Ciclo Polimodal e instó a los presentes a que los evaluarán y formularán sus críticas al respecto por escrito. En contra de lo que los más escépticos pronosticaban, en un trabajo posterior el Ministerio respondió, fundamentando sus opciones, a todas las críticas que se le hicieron llegar. En esas respuestas, el carácter de la argumentación, el lugar en que se colocaba el saber e incluso la tipografía permiten mostrar cómo la polifonía participativa se volvió acompañamiento de la voz dominante. Sin embargo, en una tercera etapa el discurso oficial se modificó levemente en el sentido de los cuestionamientos refutados por las respuestas anteriores. En esta ponencia se intentará mostrar cómo se conjugan entonces, discurso y factores de poder extralingüísticos en estos textos político-lingüísticos.

028

Bentes, Anna Christina

**Discurso e Resistência: contando estórias na Amazônia Paraense**

Este trabalho tem por objetivo discutir como o narrar estórias oralmente constitui-se em uma prática de resistência cultural e política do homem da região amazônica. Analisarei narrativas orais que foram coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Orais da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará-Brasil, desde 1994. Minha perspectiva de análise está baseada em van Dijk (1992:02-03) que define *social power* como "uma propriedade de relações intergrupais, isto é, em termos do controle exercido por (membros de) um grupo ou instituição sobre as ações de (membros de) outro grupo" e que define *dominação* como "um abuso do poder social, como um desvio de padrões ou normas de interação, no interesse de grupos mais poderosos, resultando em várias formas de desigualdade social".

Pretendo demonstrar através da análise das estruturas discursivas presentes

em 05 narrativas orais que apesar de os grupos menos poderosos sempre encontrarem-se em uma situação de dominação social, estes grupos constroem discursivamente estratégias de resistência aos padrões de discurso e comunicação dominantes.

**Bibliografia**

Van Dijk, T. A (1992) "Discourse and Cognition in Society". (mimeo.)

029

Berardi Drudi, Leda

**Políticas públicas en salud: discurso gubernamental**

Considerando que la salud es un derecho humano esencial para el buen funcionamiento de una sociedad y que Chile ocupa uno de los lugares más altos a nivel mundial en el consumo de fármacos, nos propusimos analizar los discursos gubernamentales acerca de la salud con el fin de determinar cómo se plantean los principios que orientan las políticas públicas en salud.

**Objetivo general**

1. Determinar la información explícita e implícita utilizada para argumentar acerca de las políticas públicas en salud.

**Objetivo específico**

1. Determinar los tópicos y las estrategias discursivas utilizadas para argumentar acerca de la salud.

**Antecedentes teóricos y metodológicos**

Los antecedentes teórico-metodológicos derivan fundamentalmente de Bolívar 1992a, 1992b, 1994 y 1995; Brown y Yule 1983; van Dijk 1984, 1995 y 1996; Verón 1987; Grice 1975 y Austin 1962.

**Metodología**

Con las categoría de análisis se construyó una matriz de recolección de datos que permitiera recoger y procesar los datos.

La muestra estuvo conformada por textos escritos.

030

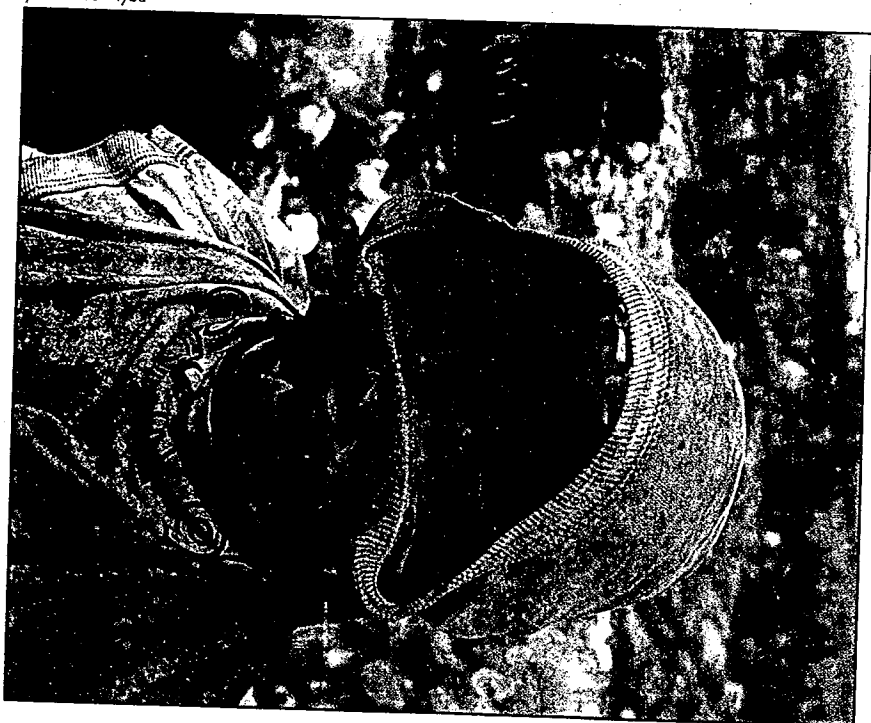
Berenguer, Josefa A.; Nicolas, Mónica M. T.; Nicolas, Patricia de Videla

**Fundación de San Juan de la Frontera en el discurso de actos escolares**

Esta comunicación se inscribe en el marco de un proyecto de investigación que se propone delinear el espectro de cargas semánticas que conllevan *San Juan /lo sanjuanino* en distintas situaciones y ámbitos de la vida cultural. El

# 11º COLE

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL



**A voz e a letra  
dos excluídos**

15 a 18 de julho de 1997  
Campinas — SP

10. 46. Título: *Leia pra mim: um olhar sobre o processo de leitura*  
Autora: Esméria de Lourdes Saveli (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Neste trabalho a leitura é tomada como estratégia que estimula a imaginação, aumenta a capacidade de atenção, contribui para o desenvolvimento emocional e comunica as texturas e a riqueza da língua. A comunicação trata de um projeto específico de leitura desenvolvido em sala de aula por professores de 1ª a 4ª séries numa escola pública.

10. 47. Título: *A construção de macroestrutura do texto por alunos de 5ª série*  
Autora: Angela Cristina Albertini Cassin (EEPSG Monsenhor Dr. Arthur Ricci - Itupeva, SP)

Esta comunicação apresenta trabalho de pesquisa com alunos de 5ª série com o objetivo de verificar a construção de macroestrutura do texto. Após os alunos lerem um texto várias vezes, escrevem o resumo sem consultar o texto lido. O resumo, produto da leitura, indica a competência discursiva do aluno, que, ao realizar a redução semântica, está conseguindo avaliar informações e construindo a estrutura global do texto. O modelo de leitura utilizado foi o de Van Dijk e Kentch (1983), que consideram a interação autor-leitor e admitem que o leitor utiliza estratégias durante a leitura. A conclusão é que todos os alunos têm capacidade de realizar um resumo, embora alguns não consigam chegar às macroestruturas de nível superior. Os alunos que não obtêm este resultado, por falta de condições de desenvolver suas habilidades cognitivas, podem organizar melhor seu pensamento lógico se lhes for dada oportunidade de ensino de leitura adequado. Podemos observar esse processo no trabalho *A Construção da Leitura* (Terzi, 1995).

sala 10.3

10. 48. Título: *Currículo Integrado: capacitação de professores para ensino nas séries iniciais do 1º grau*  
Autoras: Maria Nadja Nunes Bittencourt, Tânia Regina Dantas e Édiva de Oliveira Sousa (UNEB - FAEBA)

Esta comunicação apresenta um subprojeto que enfatiza características de interdisciplinaridade nas áreas de alfabetização e conteúdos curriculares das séries iniciais. Considera a estreita articulação entre teoria e prática na práxis educativa e a indissociabilidade entre ensino,

pesquisa e extensão, mediante trabalho articulado de análise científica do contexto escolar em seus aspectos sócio-cultural, de reflexão da prática pedagógica dos professores municipais e da instrumentalização do corpo docente através da realização de oficinas pedagógicas, de cunho teórico-prático, de vivência e de atividades que propiciaram a dinamização da prática pedagógica e a avaliação processual numa perspectiva emancipatória de ação, reflexão e ação educativa.

10. 49. Título: *A formação dos professores de Língua Portuguesa e os currículos de 1º grau*

Autora: Anna Christina Bentes da Silva (Universidade Federal do Pará)

Esta comunicação faz uma análise crítica dos conteúdos das áreas de Língua Portuguesa e de Lingüística presente nos currículos das licenciaturas em Letras de quatro grandes universidades: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal do Paraná. A escolha das universidades não pretendeu ser exaustiva, mas sim estabelecer uma amostra das diferenças e das semelhanças encontradas em universidades de tradições e histórias bem distintas. A análise apresenta os conteúdos e a bibliografia presentes nas disciplinas de Língua Portuguesa e Lingüística e discute se estes conteúdos de fato podem contribuir para satisfação das exigências atualmente feitas aos profissionais de ensino da área de Letras: articulação e aplicação do conhecimento de diferentes subáreas da Lingüística, tais como a Pragmática, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso. Estas exigências podem ser visualizadas nas propostas curriculares da área de Língua Portuguesa dos estados em questão e também nos documentos do Ministério da Educação e do Desporto que tratam dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

10. 50. Título: *Correção de redações escolares*  
Autora: Eliane Maria Severino Donaio Ruiz (IEL - UNICAMP)

Analisando redações de 1º e 2º graus corrigidas por professores que trabalham com reescrita, observamos certa relação entre os problemas apresentados pelos textos e as estratégias de correção utilizadas. Quando o problema é de natureza tipicamente microestrutural, de fácil identificação na superfície textual, o professor usa o próprio corpo do texto para solucioná-lo ou indicá-lo ao aluno e a margem para classificá-lo através de um código metalingüístico que faz referência ao seu tipo. Neste caso, os símbolos empregados são precisos e o código se revela objetivo. Já quando o problema é relativo à organiza-

XLV Seminário



Grupo de  
Estudos  
Linguísticos  
do Estado de  
São Paulo

IEL/UNICAMP  
22 a 24/05/97



UNICAMP

PRP / FAEP

CAMPINAS (SP)

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

fenômeno em questão. para isso, foram analisadas duas conversações que fazem parte do banco de dados ora em organização por Ataliba Teixeira de Castilho. é um estudo de base empírico-indutiva, uma vez que parte de realizações de fato ocorridas, em que prevalece a análise qualitativa dos dados.

## 6 A REPETIÇÃO COMO RECURSO ARGUMENTATIVO NO DISCURSO POLÍTICO

23-14 IEL-13:30

Maria Teresa Tedesco Vilardo ABREU (PG - UFRJ)

Genericamente, repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Vários estudos, entretanto, têm postulado que a repetição contribui para a sintaxe e organização discursiva, fazendo parte do processo de edição. Assim, a repetição se realiza de maneira ordenada e sistemática com formas e posições muito variadas, exercendo funções tanto textuais como discursivas, sendo um dos mecanismos mais salientes na produção, condução e compreensão do texto dialogado. Koch (1993) coloca que tradicionalmente a repetição tem sido avaliada de forma negativa, pois as pessoas que escrevem ou falam de maneira *redundante* ou repetitiva são criticadas. no entanto, os estudos mostram que a repetição na conversa cotidiana, em palavras ou discussões - interação verbal, é uma forma básica de estruturação do discurso. Os parceiros não só repetem suas palavras no interior de um evento de fala, como também repetem-nas com seus ritmos e até mesmo os enunciados completos de seus interlocutores. Neste sentido, Marcuschi (1990) defende a tese de que a repetição é um forte mecanismo de composição de texto. Desta forma, interessada no estudo da repetição, focalizo, neste trabalho, as funções discursivas da repetição no discurso político em nível argumentativo, a saber: reafirmação, contraste e contestação. para sua realização, utilizo como corpus o debate entre presidentiáveis, veiculado na televisão em dezembro de 1993, visto que as falas destinam um espaço à explicação e/ou interpretação de idéias com objetivo de influenciar, procurando convencer o ouvinte, sobretudo, o telespectador para que possa, efetivamente, fazer suas escolhas políticas", ou para, até mesmo, marcar as divergências de ponto de vista entre os debatedores.

## 7 DOS CHISTES DITOS TENDENCIOSOS, NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

23-14 IEL-14:00

Paulo Roberto ALMEIDA (PG - UNICAMP)

Cada sociedade é formada por um conjunto de instituições que tem suas práticas, seus valores próprios, seus significados, suas demandas. E, ao mesmo tempo em que definem seus valores, seus significados, as instituições definem também suas permissões e proibições. Cada instituição tem seu discurso, uma determinada maneira de ver, definir e lidar com a realidade e os discursos articulados pelos sujeitos estão vinculados às formações discursivas em que estão inseridas as instituições e os sujeitos interpelados pelas formações ideológicas constitutivas das instituições. Há na sociedade princípios de exclusão e rarefação dos discursos veiculados. Política, religião e racismo constituem, ainda hoje, temas restritivos e constritivos na circulação dos discursos, regiões em que são impostas regra, de forma a não permitir que todos tenham acesso a eles se não atenderem a certas exigências ou se não estiverem qualificados para tanto. Dentro da perspectiva de investigação e análise sobre a natureza, técnicas e características dos discursos manipulados pelo sujeito falante, retomados de outros discursos (os discursos nunca são novos), que possibilitam a superação dos obstáculos impostos pela proibição e repressão - discursos humorísticos, por exemplo - Freud destaca os chistes verbais como enunciados discursivos em que se diz tudo aquilo que é controlado, proibido pelas instituições. Dessa forma, a liberação para obtenção do prazer, a "violação" das instituições e das verdades estabelecidas, constituem para o autor características fundamentais dos chistes verbais ditos "tendenciosos". Explorando conceitos da Análise do Discurso e, enfatizando o trabalho do sujeito no processo de (re)construção de enunciados discursivos, o presente trabalho apresenta, dentro do tema política, alguns exemplos de chistes a partir dos quais se procederá a uma análise de técnicas de construção, das "deformações" produzidas pelo sujeito falante a partir de outros discursos, estratégias e mecanismos lingüísticos que possibilitaram a construção dos efeitos de sentido dentro do processo discursivo.

8

## EFEITOS IMAGINÁRIOS DO DISCURSO ALTERNATIVO

23-14 IEL-14:30

Suênia ALMEIDA (Embrapa-RR)

A crítica ao modelo de desenvolvimento rural disseminado e patrocinado pelo Estado nas últimas décadas, com ênfase na modernização através da Revolução verde, vem sendo incorporado ao discurso de diversas instituições e principalmente, das ONGs. Estas, por sua vez procuram propor um novo enfoque para o desenvolvimento rural inserido no contexto da alternatividade. no intuito de compreender o modo como se dão os efeitos de sentidos na construção do imaginário social necessário para institucionalização de um novo projeto para a agricultura, qual seja, o da agricultura alternativa e em particular, o enfoque dado a extensão rural, buscamos realizar uma leitura do discurso de uma ONG, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa. Partindo da perspectiva da escola francesa de Análise de Discurso tomamos como material de análise textos produzidos por essa entidade, tais como os Folhetos técnicos, a série Agricultores na pesquisa e documentos institucionais de circulação externa, os quais tematizam as relações entre técnicos e agricultores na atividade extensionista, buscando via imaginário social compreender o que lhe confere significação hoje. Através da fundação de uma discursividade, pudemos perceber o conflito entre as dimensões instituída e instituinte do imaginário que fazem referência à prática extensionista e que participam desse discurso, produzindo efeitos de sentidos através do silenciamento da voz do agricultor, da imagem de pequeno produtor pobre em recursos, do técnico como "agente de mudança" e da eliminação da pobreza através da tecnologia (agroecológica) evidenciando, assim, a repetição do imaginário partilhado pela prática extensionista historicamente instaurados. da análise do imaginário social, pudemos compreender a construção do efeito de Repetição como eterno retorno, o que vem dando a esse discurso uma determinada direção de sentido sendo o discurso ecológico o que lhe dá sustentação.

## 9 ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DO METADISCURSO DO LOCUTOR NAS NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE

22-Telão IEL-15:30

Anna Christina BENTES (UFPA)

O presente trabalho pretende apontar algumas manifestações do metadiscorso do locutor em narrativas orais da Amazônia Paraense que fazem parte do corpus do programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará. Tratarei aqui deste fenômeno enunciativo do ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente baseando-me em Maingueneau (1989:93-95), para quem o metadiscorso não pode ser visto de um ponto de vista ingênuo, ou seja, apenas como um "conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor", mas, principalmente, como "um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referências", que permite "descobrir os pontos sensíveis no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscorso". as narrativas orais apresentam quase sempre enunciados do seguinte tipo:

- "Essa é verdade, aliás todas são verdade que eu vou contar, né?"
- "Existe. Isso, eu não sei agora como é que é, mas antes, quando eu me entendi, eu via tudo isso."
- "É, isso acontece."

Para Maingueneau, uma das rubricas ou possíveis classificações operatórias dessas glosas que acompanham o locutor é a de confirmação, ou seja, o locutor quer reafirmar a verdade do que está dizendo ("o que estou dizendo é exatamente o que estou dizendo") ou do que acabou de dizer. ao longo deste trabalho, discutirei como, através destas falas, o locutor tenta delimitar um território próprio em relação ao discurso enunciado, ou, como melhor diria Maingueneau, "em lugar de receber sua identidade deste discurso, ele parece construí-la, ao tomar distância, instaurando ele mesmo as fronteiras pertinentes" (1989:95).

GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

# **XLIV SEMINÁRIO**

## **PROGRAMAÇÃO E RESUMOS**



Grupo de Estudos  
Lingüísticos  
Est. de São Paulo

UNITAU

TAUBATÉ, 23 a 25 de maio de 1996



**UNIVERSIDADE  
DE TAUBATÉ**

colaborar para essa discussão, apresentando uma análise do funcionamento desse marcador, através da qual foram determinados seus cotextos, seu escopo e suas funções, numa situação específica de interação em sala de aula. Para essa análise, tomamos categorias do modelo de ROULET (1985, 1991 e 1985) e o conceito de memória discursiva de BERRENDONNER (1983). Os resultados mostram que o marcador foi utilizado tanto em trocas conflitivas quanto não-conflitivas, junto a atos principais, argumentativos e justificativos e com referência a proposições explícitas ou implícitas, mas sempre como um modo de apagar e/ou adicionar informação armazenada na memória discursiva do locutor2, marcando etapas de transformação do estado de informação, nas quais o locutor1, passa a saber que o locutor2 tem ou não tem o conhecimento e/ou assentimento necessários à continuação do discurso, abrindo-se então espaço para essa continuação ou para a abertura de negociação.

25-I-10:00

### ENTRE SILÊNCIOS E VOZES: OS SENTIDOS DO DIZER/NÃO-DIZER

15

Fernanda ROMBINO (PUC/SP)  
Patrícia Prado CALHETA (PUC/SP)  
Simone Regina Blanco CAVALLIERI (PUC/SP)

O presente trabalho tem como objetivo investigar, à luz de perspectivas conversacionais/enunciativas, as possíveis contribuições teóricas relacionadas a um procedimento clínico terapêutico, a saber a entrevista fonoaudiológica. Na figura dos participantes podem ser contempladas diferentes possibilidades de "dizer", "não-dizer" e de silenciar, tais "vozes" (Bakhtin, 1929) se (des)encontram na trama que envolve também a voz institucional (que se refere a instituição a qual pertence a terapeuta).

Diante disso, torna-se importante também observar os múltiplos sentidos que o silêncio assume nos diferentes discursos entendendo-o enquanto constitutivo da própria relação que se estabelece entre os participantes da entrevista em questão. Feitas tais considerações, buscaremos na Análise da Conversação (Marcuschi, 1991; Souza e Silva, 1995a, 1995b), bem como na Teoria da Enunciação (Benveniste, 1968; Bakhtin, 1929), noções teóricas que iluminem a análise dos dados.

A entrevista em estudo foi realizada no início de 1995, em uma instituição-escola sem fins lucrativos e prestadora de serviços à população carente da região. Nesta entrevista estão envolvidas questões familiares (relação paciente-pais, paciente-irmãos e outros), questões sobre o desenvolvimento motor da criança (relacionados a problemas de parto, idade em que engatinhou, andou, sustentou a cabeça e outros), alimentação, escolarização, contando ainda com questões voltadas ao pagamento simbólico feito pela mãe para manter a instituição em funcionamento.

Centraremos, então, nosso olhar na investigação dos mecanismos conversacionais utilizados pelos participantes na tentativa de compreender a trama entre vozes e silêncios, bem como entendê-los enquanto reveladores de recursos discursivos que anunciam os lugares da enunciação.

A partir das contribuições teóricas dos autores acima citados, os dados nos indicam que durante todo o decorrer da entrevista há, além da trama de vozes e silêncios, a trama (em seu sentido ficcional) que envolve o "saber o que dizer"; "como dizer" e "porque dizer".

24-I-16:30

### ANALISANDO NARRATIVAS ORAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE

16

Anna Christina Bentes da SILVA (Universidade Federal do Pará)

Neste trabalho analisarei narrativas orais da Amazônia Paraense coletadas pelo Programa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará.

Segundo Gulich & Quasthoff (1985), discutir a função da narrativa em uma determinada situação significa levar em conta (i) que a narrativa não têm uma função intrínseca baseada em informações semânticas; ao contrário, na situação interacional, o narrador e o ouvinte atribuem uma ou mais funções à narrativa; (ii) que estrutura e função não devem ser vistas como categorias mutuamente excludentes, mas sim como categorias que se interrelacionam e que esta interrelação deve ser explicitada.

O conjunto de narrativas que utilizarei como corpus deste trabalho apresenta um forte caráter institucional: um estudante universitário, falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor que lhe conte uma estória para fins de registro e análise. Apesar de toda a tentativa de fazer com que as narrativas ocorram da maneira mais espontâneas possível, não se pode deixar de levar em conta que não se trata aqui, pelo menos na grande maioria das situações, de uma interação simétrica, onde todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas sim de uma interação assimétrica, onde apenas um dos interlocutores detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade.

Este trabalho tem por objetivo discutir como a interação mais simétrica e o conhecimento partilhado pelos interlocutores presentes em algumas narrativas do corpus pode regular a forma, o estilo e a própria função das narrativas.

24-I-17:30

### DISCURSO FEMININO E MASCULINO: UMA PERSPECTIVA IDEOLÓGICA

17

Joyce Elaine de ALMEIDA (Graduação / UEL)

Este trabalho tem como interesse **identificar**, descrever e analisar a ideologia que subjaz ao discurso oral de falantes rurais, coletado durante a **pesquisa** para compor o Atlas Lingüístico do Paraná. Trata-se da análise de narrativas de experiência **pessoal** registradas em situações de entrevista estruturada junto a informantes rurais paranaenses, nas **quais** buscamos verificar a manifestação ideológica: como ela se apresenta, de que recursos lingüísticos **se serviram** para enunciá-la e que posição ela ocupa dentro da evolução.

Em especial, neste estudo, **procuraremos** apresentar uma oposição entre o posicionamento ideológico feminino e o masculino, visto que **analisaremos** dois discursos pertencentes a cônjuges que compartilham uma mesma experiência vivida: a **perda de três filhos**. Nosso objetivo, portanto, é apresentar atitudes e manifestações ideológicas distintas **de forma** que tais distinções resultam dos papéis estereotipados da posição masculina e da posição feminina **dentro** da sociedade.

**Enfocaremos** a linguagem sob os **conceitos** da lingüística da enunciação, dessa forma, muito **mais** que um objeto de comunicação a linguagem **constitui-se** num veículo de troca de experiências entre falante e ouvinte. Nessa mesma linha de **pensamento**, trataremos da linguagem enquanto discurso - objeto sócio - lingüístico - sob a perspectiva **van dijckiana**, na qual o discurso do falante deixa transparecer a ideologia do grupo a que ele pertence. Os grupos a **que nos** referimos neste estudo serão não só o feminino e o masculino, mas também o grupo das camadas **pobres** da sociedade, dada a posição social que ocupam, nossos informantes.

Pretendemos não só apresentar **as formações** ideológicas que se identificam e nas formações discursivas constituintes do corpus, mas também **agir** solidariamente com os produtores desse discurso, denunciando seus anseios, suas dificuldades e sua **riqueza** ideológica não valorizados socialmente.

24-G-17:30

### AS MODULAÇÕES DA PERSONAGEM PELO NARRADOR

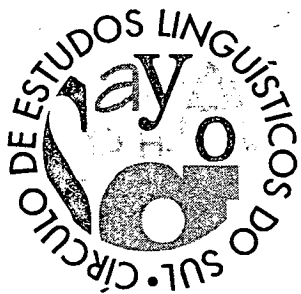
18

Lourdes Kaminski ALVES (Mestrado - UEL/PR - bolsista-CAPES)

Para além da sua primordial função de mediador da história contada, o narrador projeta intrusões, afluindo uma subjetividade que traduz posicionamentos ideológicos e afetivos com inegáveis repercussões pragmáticas e semânticas.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo preliminar sobre a capacidade de modular as personagens, presente no narrador. O universo diegético é configurado pelo narrador através de signos e códigos que se traduzem pela utilização de índices, percebidos num nível superior de descrição e análise na interpretação global da história. (Barthes 1976: 31)

Os índices têm significados implícitos e freqüentemente são decifrados a nível de detecção dos valores conotativos de certos lexemas ou expressões que no contexto diegético funcionam conotativamente,



**CELSUL**

Circulo de Estudos  
Linguísticos do Sul

**RESUMOS**

yo

P

O

Hj

Campus Trindade - Caixa Postal 476  
Florianópolis-SC - CEP 88040-970  
FONES: (048) 231-9293 / 231-9581  
FAX: (482) 34-4069

### **A assimilação na fala infantil: uma abordagem autosegmental**

Ana Ruth Moresco Miranda.  
Pós-graduanda. PUC/RS

As assimilações, fenômenos muito freqüentes nas línguas do mundo, vêm sendo, nos últimos anos, largamente estudadas e explicadas sob a luz da teoria fonológica autosegmental. Este modelo teórico também pode mostrar-se adequado para explanar as assimilações encontradas nos dados de aquisição de 84 crianças com idade entre 2 anos e 3 anos e 10 meses, falantes de português brasileiro. Os resultados mostram que o modelo autosegmental proposto por Clements e Hume (1993,1995) pode dar conta dos casos de assimilações de ponto de consoante, que são as de tipo mais freqüente nos dados pesquisados, sem que a Condição de Boa-formação (Goldsmith 1976), a qual proíbe o cruzamento de linhas em um mesmo plano, seja desrespeitada. Foram analisados, também, casos de assimilação que envolvem o traço [nasal] porque a freqüência destes mostrou-se significativa. Estes casos puderam ser facilmente explanados através da adoção do modelo já referido somado à proposta de Wetzels (1995), segundo a qual o traço [-nasal] não existe.

### **Na prática a teoria é outra**

Angela Mari Gusso  
Pós-graduanda. Universidade Federal do Paraná

Nos últimos anos surgiram diversas propostas pedagógicas de alfabetização elaboradas a partir de uma concepção interacionista de linguagem: porém, dados empíricos confirmam a existência de conflitos entre embasamento teórico e prática em sala de aula, resultando em contradições entre o objeto de estudo que se pretendia construir e aquele construído através de estratégias adotadas.

Uma hipótese que pode ser levantada para explicar essa contradição entre teoria e prática é que ela resulta da fragilidade no entendimento da teoria geral de Bakhtin, consequência de leituras simplificadas e/ou distorcidas de seus fundamentos teóricos.

Para que o ensino da escrita possa sofrer um redirecionamento efetivo, faz-se necessário compreender o conceito de *signo* formulado por esse autor, pois há diferença qualitativa entre um ensino no qual a escrita é concebida como *signo* e aquele em que essa atividade é entendida, ainda, como ensino de um *sinal*. É nessa direção que se orienta o trabalho.

### **Problematizando o conceito de narrativa**

Anna Cristina Bentes da Silva.  
Professora. Universidade Federal do Pará

O presente trabalho pretende problematizar a dicotomia proposta por Gulich & Quasthoff (1986) no que diz respeito à diferença entre o conceito de narrativa e o conceito de relato. Para tanto, pretendemos trabalhar com o *corpus* de narrativas orais coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense" (UFPa). A partir de exemplos desse *corpus*, podemos perceber que os locutores da narrativa atribuem a noção de "estórias" a diferentes eventos discursivos, que não se enquadram nos mais freqüentemente adotados critérios lingüísticos para a caracterização de uma narrativa. Assim, propomos que a categoria relato seja um dos tipos de narrativa.

### **Realização variável do sujeito e grau de conexão discursiva na fala de Florianópolis**

Avani de Oliveira/Gessilene Silveira  
Pós-graduandas. Universidade Federal de Santa Catarina

Dada a importância do contexto discursivo para a sociolingüística, é proposta aqui a análise da realização variável dos sujeitos de P1 e P3 singulares, dos *corpora* do VARSUL através do VARBRUL-25s (Pintzki 1988 e 1992), com informantes de ambos os sexos, da faixa etária: 15-

25 e m  
variáve  
questã  
seguind  
codifica  
A anál  
GC. M  
em 8 ta  
Na din  
amostr  
de Flor

Dificul  
alfabet  
Bernad  
Pós-gra

O fato  
identifi  
básica:  
tônicas  
a corre  
letrados  
iletrado

Const  
Brigite  
Gradua

Const  
estrutu  
evidênc  
evidênc  
Florian  
Esquer  
são des  
o mais  
próprio  
sendo e  
elemen

Um mo  
Clara Z  
Gradua

Norman  
discurs  
ilustraç  
Essa ap  
assunto  
texto co

**I Congresso Internacional da Associação Brasileira  
de Linguística**

**RESUMOS**

Conferências, Mesas-Redondas e Comunicações

Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras

Salvador, Bahia, Brasil, 11 a 16 de setembro  
1994

Os resultados obtidos indicam que: 1) diálogo entre grupos sociais em confronto propiciando o conflito entre os valores eclesiásticos e os valores de uma sociedade burguesa em ascensão; 2) o conflito entre os valores do século XIX e os valores de um possível e atual leitor; 3) o tema honestidade está hierarquizado em conflito com os valores materiais da burguesia (=riqueza); 4) a situação de controle e de direcionamento formalizada no texto indicam o suspense como forma de ocultamento da subjetividade do autor.

Conclui-se que a produção de sentidos exige a contextualização de diferentes situações de produção discursiva.

**SILVA, Anna Christina Bentes da (UFPA).** *Mecanismos discursivos de construção dos editoriais de jornal.*

A presente comunicação tem por objetivo postular que os editoriais de jornal se constituem discursivamente através de dois mecanismos básicos, a saber, a crítica genérica e a crítica específica/desautorização da fala do outro, sendo estas as principais formas de estabelecimento de relações entre o discurso jornalístico e as outras formações discursivas. Para tanto decidi trabalhar com quatro grandes jornais brasileiros: O Globo, O Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Neste trabalho, assume-se a concepção de que a forma de constituição de um discurso ocorre basicamente a partir de um "trabalho sobre outros discursos" (Maingueneau, 1989:120).

O mecanismo da crítica genérica não se refere ao fato de a imprensa não apresentar críticas mais pontuais com relação aos temas por ela abordados, mas ao fato de que, ao fazer uma determinada crítica, o faz produzindo um efeito de indiferenciação para a direção dessa crítica: ela sempre pode servir a todos indiscriminadamente. Este mecanismo pode ocorrer de duas maneiras: através da presença das "noções difusas", de que já a Retórica Clássica apontou os efeitos discursivos. A crítica específica é um mecanismo que se funda sobre a necessidade de o jornal impor a sua formação ideológica através do distanciamento que estabelece com relação ao discurso do outro que se inscreva em uma formação ideológica antagônica à daquele que enuncia. Isto ocorre basicamente através da seleção dos temas de que tratam os editoriais.

**SILVA, Emanuel Messias Cardoso da (PUC-SP).** *Intertextualidade e leitura.*

Objetivamos, com este trabalho, apresentar um estudo sobre as formas explícitas e implícitas de presentificação da intertextualidade em textos escritos em língua portuguesa. As marcas intertextuais redimensionam o processo de leitura, por tornar o entendimento de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes. A tentativa de verificar a maneira como a intertextualidade é manifestada justifica-se na medida em que o texto enunciado apresenta diferentes possibilidades de leitura e de interpretação, respectivamente associados ao procedimento adotado e aos sentidos construídos. A partir de um procedimento teórico-prático, serão apresentadas leituras de textos que evidenciam marcas intertextuais, explícita e implicitamente, analisadas à luz de pressupostos teóricos da Teoria da Enunciação, da Lingüística Textual e da Análise do Discurso.

**SILVA, Telma Domingues da (UNICAMP).** *Preservação e desenvolvimento: um novo sentido para ecologia.*

A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa - para a qual existe uma relação orgânica constitutiva entre linguagem e exterioridade -, pretende pensar os deslocamentos de sentido que se fazem pela inclusão da questão ecológica nas relações econômicas e políticas dominantes. Este deslocamento produz (e é produzido por) novas relações de sentido entre os enunciados e as posições de sujeito que constituem as designações *ecologia*, *desenvolvimento/desenvolvimento sustentável* e *preservação*, *exploração/exploração racional*.

**SILVA, Vera Lúcia Paredes P. (UFRJ).** *Problemas na categorização de tipos de discurso.*

Análises lingüísticas recentes sobre variados fenômenos têm apontado a **necessidade** de levar em conta os diferentes tipos de texto. Por exemplo, na área da sociolingüística variacionista diversos autores têm procurado trabalhar com essa variável. Assim também os que se dedicam ao estudo das relações entre fala e escrita, para quem estabelecer diferenças entre gêneros de discurso ou tipos de textos é indispensável.

No entanto, até o momento não se dispõe de uma caracterização tipológica satisfatória. Excetuando-se a narrativa, esta suficientemente caracterizada no âmbito da lingüística, ou ainda a argumentação, também já objeto de revisões recentes, que dizer da organização interna dos textos expositivos, descritivos, exortativos, por exemplo? E até que ponto se pode dizer que se encontrem tipos "puros"?

Este trabalho pretende trazer subsídios a essa discussão, com base na análise de um corpus de cartas pessoais de escritores da literatura brasileira contemporânea. O exame desse material permitiu rever classificações tradicionais, colocando em questão o próprio conceito de gênero "epistolar" e mostrando a **necessidade** de criar categorias novas.

Além disso, algumas questões de ordem metodológica merecem ser consideradas, a saber: como delimitar a unidade de análise, uma vez que não se está lidando nem com orações isoladas nem com o texto como um todo? Como resolver situações de imbricamento e possíveis superposições de tipos de texto?

A análise realizada justifica a proposta de trabalhar-se com dois critérios, um de base formal e outro de natureza funcional, na tentativa de estabelecer uma tipologia de cartas pessoais.

**SILVEIRA, Elisabeth (UERJ).** *Relevância discursiva: figura/fundo & transitividade, novos caminhos.*

Hopper (1970) caracterizou, inicialmente, a relevância como uma forma de organização do discurso, definida pelo estabelecimento de planos distintos de sua estruturação, na qual um dos planos será salientado em relação aos demais. Chamou de **Foreground - Figura** as cláusulas que reproduzem o eixo dêitico-temporal em que os fatos se deram. Denominou **Background - Fundo** as cláusulas que dão suporte e comentam o que está sendo relatado pelas cláusulas-Figura. Segundo Hopper, cada um destes planos é determinado, lingüisticamente, por marcas semântico-pragmáticas que vão caracterizar os planos da Figura e do Fundo.

Dando continuidade a estes estudos, Hopper & Thompson (1980) postularam a transitividade como uma propriedade lingüística, constituída por um complexo de 10 parâmetros que referenciam diferentes facetas da transferência da ação de um agente para um objeto e que vão determinar o grau de relevância de uma cláusula.

# 7º COLE



## CADERNO DE RESUMOS

**SESSÕES DE COMUNICAÇÃO**

**GRUPOS DE ESTUDO**

**CAMPINAS - 8, 9 e 10 de setembro  
1989**

apoio:



**FAPESP**

**INEP**

**CNPq**

43-08-15-01

### LEITURA E ALFABETIZAÇÃO

Luiz Carlos Cagliari  
UNICAMP - IEL - DL

Alguns alfabetizados apresentam problemas serios, porque ter hipóteses não verdadeiras a respeito da escrita e da leitura. Analisando o que dizem e o que escrever, o professor poderá saber quais são as dificuldades específicas desses alunos e, conseqüentemente, ensiná-los de maneira adequada. Da análise do sistema de escrita que usamos e do que fazem os alunos ao tentarem se alfabetizar, é possível fazer um levantamento do que constitui o conhecimento básico que leva uma pessoa a aprender a ler e a escrever.

44-08-15-02

"O Processo de alfabetização em Classes Especiais: um direito e uma realidade possível"

LILIANA M.R. FAGUNDES e CLARISSA P. COELHO - FACED/UFRGS.

Este projeto se desenvolve em Porto Alegre R.S. como decorrência de um trabalho realizado em 1988. Envolve 3 classes especiais de escolas públicas, visando o engajamento das professoras titulares dessas turmas nas atividades de aprendizagem da língua escrita. Além das reuniões com as professoras, onde são discutidos princípios teóricos, atividades e materiais de ensino, a equipe de pesquisa trabalha com os alunos das classes especiais, em suas salas de aula. Temos constatado a necessidade de oportunizar o desenvolvimento do pensamento simbólico a partir da realidade vivida; utilização da fala como forma de expressar o pensamento e não só para acompanhar ou desencadear ações; reflexão sobre as palavras enquanto significantes e significados; ação e reflexão sobre a língua escrita em seus aspectos conceitual e convencional; e ruptura do pacto entre crianças e professoras: não pode aprender e não pode ensinar. Os resultados tem sido animadores.

45-08-15-03

"Alfabetizar-se ... Vale a pena?"

ALLGAYER, Renita & ARMELLINI, Neusa Junqueira

Pesquisa participante, que vem sendo desenvolvida por professores e alunos da Faculdade de Educação da UFRGS, com adultos e adolescentes, em duas vilas da periferia urbana de Porto Alegre e com servidores da Universidade no período de 88/89. A intenção básica é direcionada à compreensão do processo de aprendizagem da leitura e da escrita do adulto não alfabetizado. A proposta político-pedagógica inspira-se na Teoria cognitivista-interacionista de Piaget, nos estudos de alfabetização de Emilia Ferreiro e na concepção educacional de Paulo Freire. Neste momento, vislumbram-se tendências que apontam para a possibilidade de o adulto alfabetizado aprender a ler e a escrever, desde que consiga superar as dificuldades inerentes a sua situação, a descrença nas suas possibilidades de aprender, se sinta gratificado pelos avanços obtidos, vincule a aprendizagem à função social em seu viver e este se transforme em ato prazeroso. A atividade integra-se ao "Projeto de Desenvolvimento Educacional Integrado em Zonas Desfavorecidas ou Limitrofes do Brasil" financiado pela OEA e à Programação da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.

46-08-16-01

TÉCNICAS DE ESCRITA & PROCESSOS DE ESCRITA

Anna Christina Bentes da Silva - UFSC/UNICAMP

Este é um trabalho exploratório sobre a concepção de escrita em que se baseiam os autores, Magda Soares e Edson Nascimento, em seu "Manual de Técnica de Redação, ao formularem suas regras de "articulações linguísticas como técnica de Pensamento" para a produção de um determinado tipo de texto, a dissertação.

A principal questão que norteou o trabalho foi se, de fato, um manual de técnica de redação pode vir a proporcionar quando dos seus exercícios, uma escrita significativa.

Os pontos analisados foram: como são tratadas as questões do planejamento da redação, da revisão da redação e da dicotomia forma & conteúdo.

A partir da análise desses pontos, já é possível se concluir que essas práticas de instrução enfatizam o produto final (o texto) sem aprofundar o estudo do processo de composição.

Trabalho apresentado no II Congresso  
Nacional da ABRALIN - (1999)

NARRATIVAS ORAIS E COGNIÇÃO SOCIAL: PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DA  
REALIDADE SÓCIO-CULTURAL EM NARRATIVAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Anna Christina Bentes (UNICAMP/UFGA)

Antes de iniciar a análise de algumas narrativas, deveremos fazer algumas considerações a respeito da natureza deste *corpus* e a respeito de quais os objetivos ao tentar construir o objeto sobre o qual irei me debruçar. Segundo De Certeau, para o historiador, assim como para o etnólogo, um estudo da chamada "cultura popular" deve ter como objetivo "fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser" (1993:79).

Neste artigo, o autor nos alerta para o fato de que "o saber sobre esta cultura permanece ligado a um poder que o autoriza". Ou seja, o autor nos diz que "se os procedimentos científicos não são inocentes, se seus objetivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve admitir uma função que lhe é concedida por uma sociedade: ocultar o que ele pretende mostrar" (1993:58). Com relação aos estudos sobre a cultura popular, o autor afirma que o nascimento destes estudos está ligado à censura social de seu objeto. Foi uma repressão política (a eliminação dos livros julgados subversivos ou imorais, em 1852, na França) que deu origem a uma curiosidade científica: em 30 de novembro de 1852, o ministro da polícia geral nomeou uma comissão permanente para o exame desses livros. Ainda segundo o autor, "é exatamente no momento em que o *colportage* (literatura veiculada por meio dos livreiros ambulantes) é perseguido energicamente, que as pessoas cultas se debruçam deleitosamente sobre os livros ou os conteúdos populares" (1993:58).

O resultado da descoberta desse novo campo deve-se a Charles Nisard, secretário dessa comissão, que publica, em 1854, a primeira *Histoire des livres populaires et de la littérature de colportage*. Podemos compreender o tipo de espírito científico que motivou a empreitada pelo depoimento de Nisard, no prefácio de sua primeira edição:

"Eu avaliava que se, no interesse das pessoas facilmente influenciáveis, como os operários ou habitantes do campo, a Comissão não devia deixar de proibir três quartos desses livros de *colportage*, essa proibição não dizia respeito àqueles que estavam a salvo das leituras perniciosas, isto é, os eruditos, os bibliófilos, os colecionadores e até mesmo simples curiosos da literatura excêntrica. Julguei portanto ser meu dever fazer algo que seria agradável a uns e outros ao reunir todos esses livrinhos sob um único ponto de vista e salvá-los todos do naufrágio no qual estavam sujeitos a perecer quando isolados" (Nisard, apud De Certeau, 1993).

Assim, é possível perceber que a noção de povo é aquela em que ele é considerado uma "criança", que deveria ser protegida de leituras perniciosas, leituras estas que poderiam levá-lo a práticas prejudiciais a eles mesmos e ao sistema.

Vinte e cinco anos mais tarde, a cultura popular, segundo o autor, passa a despertar um interesse inverso do da censura. Passa a ser vista como um lugar de integração racionalizada, definindo-se assim, como um patrimônio que possui uma dupla configuração: histórica (a interpolação de temas garante uma comunidade histórica) e geográfica (sua generalização no espaço atesta a coesão desta).

De Certeau ainda nos alerta para uma outra questão: onde colocar "o autenticamente popular?" Segundo o autor, "uns verão nele o tesouro oculto de uma tradição oral, fonte "primitiva" e "natural", que deságua na literatura escrita". A história literária encontraria aí sua "origem" natural. Outros vêem um movimento inverso, de uma literatura de elite que "degradou-se" em "cultura popular", elaborada por letrados especializados, mas que possuiria uma função transitória de despertar no povo uma necessidade de saber e de felicidade. Para o autor, essa obsessão sobre a questão da origem, onde uma "genialidade primitiva" seria incessantemente adaptada pela literatura, devendo ser incessantemente preservada e reencontrada, a fascinação pelo objeto perdido, revelam uma impossibilidade, por parte da cultura erudita de hoje, de reencontrar a coerência de uma totalidade cultural. E como não conseguimos falar deste objeto sem fazer com que ele não mais exista, como nos abismamos com a nossa própria temporalidade e reconhecemos as incertezas quanto às fronteiras do domínio popular, nos impusemos, durante muito tempo, uma função social repressiva em relação à cultura popular.

De Certeau então nos pergunta: "onde estamos nós, a não ser na cultura erudita? Ou, se desejarmos: a cultura popular existe em outro lugar que não no ato que a suprime?" (1993:80). Para estas perguntas, o autor nos diz que o papel dos historiadores é o de nos "desalojar de

uma pretensa condição de puros espectadores ao nos manifestar a presença, por toda a parte, de mecanismos sociais de seleção, de crítica, de repressão, mostrando-nos que é sempre a violência que funda um saber” (1993:81).

Este trabalho pretende discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social ao contarem estórias. As narrativas orais que serão analisadas constituem o *corpus* do programa de pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Orais da Amazônia Paraense” desenvolvido na Universidade Federal do Pará desde 1993 e coordenado pelos professores Maria do Socorro Galvão Simões e Christophe Golder. O programa tem como objetivo de coletar e analisar estórias que circulam em nosso meio. O programa é constituído por projetos que são desenvolvidos em diferentes áreas: literatura, educação, comunicação lingüística e antropologia. O corpus se constitui de mais de 2.500 narrativas, sendo que 1.700 destas foram coletadas em Belém, capital do Pará.

Sem dúvida nenhuma, podemos ter um outro olhar sobre o nosso *corpus*, constituído por narrativas de matizes diversos. As estórias vão desde estórias sobre o folclore da Amazônia (boto, iara, matinta-pereira, cobra grande), passando por estórias que podem ser classificadas como da ordem do maravilhoso e do fantástico (estórias de reis, princesas e rainhas, de fantasmas e de milagres), por fábulas, até as experiências do cotidiano (perigos que passaram, fatos engraçados, etc...)

No entanto, as categorias acima mencionadas não podem ser sumariamente aplicadas. Elas não recobrem a circulação de sentidos, que, em geral, encontram-se invertendo as relações de força, garantindo uma vitória momentânea a todos aqueles que querem desfazer-se da ordem estabelecida. Vejamos uma dessas estórias:

“Um cidadão... ele era médico... aí passou-se pra uma cidade onde tinha rei... aí ele disse... escreveu na porta dele... doutor mais sabido que o rei ... diz que o médico era Cosme e Damião... era gêmeo ... se parecia demais um com o outro ... ah... um só fazia beber cachaça ... só bebia cachaça... só cachaça... só cachaça... aí o outro doutor vivia na profissão dele... aí ele escreveu um letrado doutor mais sabido que o rei... aí o rei ficou muito sabido... descobriu...muito doído com aquilo mandou chamar o doutor.... médico por que o senhor escreveu na frente da sua casa doutor mais sabido que o rei? Ah... porque eu sou mais sabido que o senhor... bom se você diz que é mais sabido do que eu vai me responder três perguntas.... quais são elas?... aí ele disse... qual é o meu valor? quantos quilos pesa a lua e o que eu tenho no pensar? ... ele não podia responder de jeito nenhum mas aí ele começou .... leu os livros todos dele... todos .... e nada .... não encontrou nada... aí quando um dia o irmão dele chegou lá... ele estava triste pensando na

vida... que ia morrer mesmo ia morrer porque não acertava... aí perguntou... mano o que é que tu tens? ... é que eu escrevi essas letras aí doutor mais sabido que o rei e o rei mandou me chamar... fez três perguntas que eu vou ter de responder .... quais são elas? ... ah, tu não dás jeito ... não eu dou... não ... é o seguinte... perguntou pra mim qual era o meu... o valor dele... o que ele tinha no pensar e quantos quilos a Lua pesa... e o que eu vou responder?... ah não... disse ... ah não... deixa comigo.... já estava com umas quatro na cara ... e o quê que tu queres? ... eu quero o seguinte... manda cortar o meu cabelo... fazer a minha barba ... me dá um terno teu ... o anelão de médico.... e nada mais... só isso... assim fez ... mandou cortar o cabelo dele e ajeitou tudo direitinho... aí quando foi o dia marcado .... ele veio... o que tu precisas mais? ... oitocentos réis ... aí pegou e saiu... quando chegou na igreja perguntou tem cristo? ... aí o sacristão disse ... tem cristo... disse... quanto é que custa um cristo? .... um cristo custa um cruzado... então me dá um cristo ... aí pegou o cristo pagou meteu no bolso aí foi-se embora.... aí chegou na mercearia e disse tem cachaça? ... tem ... põe uma cachaça pra mim... duzentos réis de cachaça... aí foi embora... chegou lá... a tribuna estava feita... rei todo mundo estava lá o promotor... o advogado... estava tudo ... aí o rei olhou pra ele que tal? Veio disposto a ... a responder às perguntas minhas? Ele falou... vim... olha lá... não vai errar... não eu não erro não pode perguntar.... aí ele disse .... qual é o meu valor? ... ah o senhor vale duzentos réis ... ele disse ... eu valer duzentos réis? por quê? ... um dinheiro insignificante desses! Ele foi disse... ah é só isso e nada mais porque Cristo que é superior ao senhor milhões de vezes... eu comprei por um cruzado e você não vale a metade de Cristo... aí todo mundo aplaudiu ... bateram palmas... ele disse ... quantos quilos a Lua pesa?... ele disse... a lua pesa 35 libras e meia. Se o senhor duvida que não é, arrie ela e vamos à balança... ele podia arriar a lua?... de maneira nenhuma... né? ele disse ... e o que eu tenho no pensar?... O que tem no pensar é os seguinte que o senhor está pensando que está falando com o doutro e está falando com o irmão dele... aí ganhou a parada e foi embora... (Rubens Martinho Nascimento).

Retomando a fala de De Certeau sobre os objetivos que devemos ter ao abordar a cultura popular, posso dizer que, neste trabalho, pretendo apresentar algumas formas como as narrativas deste *corpus* driblam os contratos sociais, desfazem os jogos que estariam montados pelo outro, através do que autor chama “uma atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um espaço próprio, devem desembaraçar-se de uma rede de forças e de representações estabelecidas” (1994:79).

Nesta narrativa, muitos são os estereótipos re-elaborados, reconfigurados, fazendo aparecer outras funções e outros sentidos. Estas re-configurações, estas re-elaborações somente podem ser feitas se compreendermos as narrativas como um lugar que revela as práticas cotidianas invertendo as relações de força e garantindo ao oprimido a vitória em um espaço maravilhoso, utópico. Na narrativa em questão, este espaço utópico é mobilizado pelo enunciado “passou-se pra uma cidade onde tinha rei”. Não faremos aqui um levantamento exaustivo, mas apontaremos algumas estratégias aqui desenvolvidas para indicar como estes setores da sociedade podem ser representados de maneira positiva:

a) a construção, por parte do locutor, de um personagem principal inicialmente ambíguo, mas que depois revela-se um duplo, com imagens construídas de forma a indicar papéis sociais

contrários: uma, a do doutor, detentora de um determinado *status quo* na sociedade; outra, a do alcólatra, com pouco ou quase nenhum prestígio social;

- b) a reversibilidade dos papéis e do status de cada um quando uma situação-limite (ameaça de morte) se apresenta: o personagem mais prestigiado socialmente, revela-se dependente das inteligentes estratégias elaboradas pelo outro personagem (de quem não se espera isto) para dar solução à situação apresentada;
- c) o relato detalhado das estratégias desenvolvidas pelo personagem menos prestigiado socialmente para dar cabo do problema: comparação do rei com uma autoridade maior (no caso, Cristo); além disso, o trabalho feito com a ambiguidade da representação de Cristo; o oferecimento de uma resposta possível, em nosso sistema de referências, sobre o peso de determinada matéria, devolvendo a responsabilidade de comprovação (tarefa mais difícil) para o formulador da pergunta; o trabalho explícito com a linguagem a partir da pergunta "o que eu tenho no pensar?", transformando o substantivo "pensar" em verbo, possibilitando, assim, uma delimitação de seu escopo, e, como consequência, uma resposta que favorece o indagado.

Não é possível fazer saber estas estratégias sem nos darmos conta de que apontam para uma memória, para um determinado universo discursivo mobilizado tão concentradamente pelo enunciado "aí passou-se para uma cidade onde tinha rei..". Mas não podemos dizer que é apenas isto. As narrativas traduzem uma situação de aproximação de dimensões qualitativamente heterogêneas, que não são apenas oposições de contrariedade contradição, mas que permitem justapor, em um mesmo quadro, ordens diferentes: os reinos distantes (na remessa a um rei com o poder de vida ou de morte sobre seus súditos), a catolicidade (na remessa a Cosme e Damião, e à imagem de Cristo), a economia digamos assim, confusa de um determinado país (com suas históricas trocas de nomes da moeda nacional, réis & cruzado).

No entanto, não podemos afirmar que esta memória possui uma organização já feita de antemão, que estaria pronta para ser agenciada, proporcionando encaixes perfeitos. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece, somente se instala num encontro fortuito, no outro. Segundo De Certeau, "sua mobilização é indissociável de uma alteração. Mais ainda, sua força de intervenção seria obtida através de sua própria capacidade de ser alterada - deslocada, móvel, sem lugar fixo. (1994:162)

Assim, podemos compreender estas práticas de linguagem (as narrativas) como fazeres que estão indissociavelmente ligados a uma memória tocada pelas circunstâncias, que autoriza (torna possíveis) uma inversão, uma mudança de ordem ou de lugar, uma passagem a algo diferente.

Não gostaríamos de aqui estar fazendo o que De Certeau afirma que fazem as análises científicas contemporâneas, que inscrevem a memória nos seus "quadros sociais", transformando a mutação moderna do tempo em espaço controlável, reconduzindo o tempo, este fugitivo, à normalidade de um sistema observável e legível (1994:165).

Ao contrário, gostaríamos de estar aqui oportunizando espaços para fazer ouvir no dito aquilo que é marcado de diferente pelo ato de dizê-lo aqui e agora, sempre admirando as habilidades astuciosas do contador.

Dora

Blatylta@uol.com.br.

erudito / popular → interdiálogo.

Alexandro Portelli → Estudos de Oralidade.

Musica Calhva → Pellack

→ a questão da transgressão (análise piaget) {  
de ~~certeza~~ }  
Danton

→ a relação cf a medicina / conto de loda  
Bauze Azul

a) homem contínuo à sociedade

b) continuidade da vida / distorção no processo /  
Eros / Psique / Pandora / Eros

c) final feliz / heróica rebelião / heroína com  
um "loda" trágico. (Ver Danton aqui /  
a questão dos contos como pescadelo)

d) serpente que seduz por despertar a curiosidade  
e o desejo / castigo / morte.

Trabalho apresentado no III Colóquio  
Latinoamericano de Estudios del  
Discurso - (1999)

## ALGUNS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS

Anna Christina BENTES DA SILVA (Universidade Federal do Pará)

### ABSTRACT:

KEY WORDS: oral narrative, reference, cognition

Este trabalho pretende apresentar alguns processos de referenciação em narrativas orais populares coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará, desde 1994. Com relação a forma como as narrativas foram coletadas, houve uma orientação geral para os pesquisadores do programa (alunos do curso de Letras que eram bolsistas dos diferentes projetos ou alunos do curso de Letras que voluntariamente trabalhavam na coleta dos dados) de que eles deveriam começar gravando dados pessoais do informante, antes do pedido de "agora me conte uma estória". A participação do entrevistador foi orientada para ser a menor possível. No que diz respeito aos informantes destas narrativas, o programa teve como princípio para recolha de material não limitar a figura do informante. Sendo assim, temos narrativas coletadas em diferentes faixas etárias (jovens, adultos e idosos) em diferentes grupos sociais e em/de diferentes regiões. As narrativas aqui apresentadas versam, em sua maioria, sobre temas que poderíamos genericamente chamar de "fantásticos": estórias sobre aparições, sobre transformações de homens em animais e/ou fenômenos da natureza, estórias sobre mitos da região.

Koch (1998) discute a questão da referenciação textual enquanto estratégia cognitivo-interacional, examinando os processos cognitivos interativos postos em ação. Concebido como uma atividade discursiva por Koch (1998) e Marcuschi (1997), o processo de referenciação, ou seja, a reativação de referentes no texto, é realizada através das seguintes estratégias:

- a) estratégia da descrição definida (uso de expressões nominais definidas)
- b) estratégia da nominalização (uso de formas nominalizadas)
- c) estratégia da associação (uso de anáforas nominais associativas)
- d) estratégia da pronominalização
- e) estratégia de uso de expressões nominais indefinidas

f) estratégia de denominação reportada

Neste trabalho, estaremos discutindo as estratégias de (i) descrição definida, (ii) de nominalização, (iii) de uso de expressões nominais indefinidas e (iv) pronominalização na apresentação dos referentes textuais responsáveis pelo deflagramento da complicação das narrativas. Vejamos o exemplo abaixo:

(1) B: ... aí de repente veio **uma pessoa** atrás dele correndo ei fulano espera aí ele corria ei fulano espera aí ele corria ei fulano ... aí ele não parava no que ele cansava e parou que ele olhou para trás ... **essa figura** que vinha atrás dele não tinha rosto né ... era **uma pessoa** que tinha o corpo e a parte de trás da cabeça ... e **não tinha o rosto parte da frente era aquilo oco** né ... isso eu ouvi contarem também aqui em Belém essa essa coisa (Informante: Graça Santana)

Nesta narrativa, o referente é primeiramente apresentado por uma expressão nominal indefinida (uma pessoa), sendo em seguida retomado através da estratégia de <sup>descrição definida</sup> nominalização por nome genérico (essa figura) e novamente retomado pelo uso anafórico da mesma expressão nominal indefinida inicial (uma pessoa). A oscilação entre o uso de uma e outra estratégia pelo locutor desta narrativa pode apontar para uma certa opacidade na construção da imagem do referente, efeito este que combina com a representação cognitiva publicamente partilhada pelos interlocutores sobre o objeto do discurso: uma entidade sobrenatural ou fantasmagórica. Vejamos um outro exemplo:

(2) B: ... quando nós chegemo próximo duma praça ... que tem (1.60) duma igreja de São Benedito ele ouviu uma zuada pra dentro de um quintal assim como quem tá (2.0) **um:: troço ... um bicho** roendu um osso ... **uma coisa forte** ... a noite era calma a gente parou ... ele pediu pra gente para nós paramus ... quando a gente viu foi quando **aquele porco ... muito grande** (1.60) pulou de dentro do / daquele buraco ... saiu peos meio da /das estacas do do quintal e atravessou na nossa frente (1.80) ele **pegou o remo** que ele tinha deu no meio na costa deste bicho que partiu o remo no meio ... e ele falou para nós que **era o lobisomem ... porque era um bicho tão grande** ... que a gente nunca tinha visto daquele /daquele tamanho **um porco daquele tamanho** ... que lá num tinha ... então nosso pai falava pra gente ... quando a gente se lembrava disso ele sempre contava falava pra gente que **aquilo era um lobisomem ... um porco** ... que se/ que se virava num bicho que se ~~chamava~~ lobisomem. (Informante: José Lisboa de Avis, 63 anos)

No caso desta narrativa, a apresentação do referente também acontece por meio de uma expressão nominal indefinida (um troço), sendo que o referente continua sendo retomado a seguir por mais duas expressões nominais indefinidas (um bicho, uma coisa forte); em seguida, a retomada do referente acontece por meio da estratégia de nominalização (aquele porco, o lobisomem)

musalim@unifran.br

MARIA DAS DORES CAPITÃO VIGÁRIO MARCII

RUA ONOFRE PEREIRA DE MATOS 330

✓ EDI. BLUMENAU APTD 501 - 79.820-130

JOUKAODS - MS.

961.3498

Salão Internacional do Livro de São Paulo 99

Seminário: O Texto na Escola

**Curso: A produção de textos narrativos: algumas propostas de elaboração de material didático**

**Professora Responsável: Anna Christina Bentes da Silva**

**Período: 26 e 27 de abril de 1999**

**Texto de base: "Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino"**  
(Bernard SCHNEUWLY e Joaquim DOLZ)

## I. Alguns pressupostos teóricos

### 1.1 A noção de linguagem como uma prática social

Para que se possa considerar a linguagem como uma prática social, precisamos ter em mente que as interpretações feitas pelos agentes da situação são essenciais; estas interpretações dependem:

- ①
- a) da identidade social dos atores;
  - b) das representações que eles têm dos usos possíveis da linguagem e das funções que os atores privilegiam de acordo com sua trajetória.

Estudar o funcionamento linguístico como práticas sociais significa, então, analisar as diferenças e variações em função de sistemas de categorizações sociais à disposição dos sujeitos observados.

### 1.2 A noção de atividade de linguagem

Dentre as diferentes atividades humanas, a atividade de linguagem funciona como uma interface entre o sujeito e o meio e responde a um motivo geral de representação-comunicação. Uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos (um texto, no sentido geral que nós damos a este termo enquanto unidade linguística). Toda ação de linguagem implica diversas capacidades da parte do sujeito: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-cognitivas.

## II. Gêneros de Linguagem

Os gêneros podem ser considerados como ferramentas que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. Os locutores reconhecem sempre um evento comunicativo, uma prática de linguagem como instância de um gênero. Este funciona como um modelo comum, como uma representação integrante que determina um horizonte de espera para os membros de uma comunidade confrontados às mesmas práticas de linguagem.

Para definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem, três dimensões parecem essenciais:

- ②
- a) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis através dele;

- 2
- b) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes ao gênero;
  - c) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e tipos discursivos que formam sua estrutura.

Do ponto de vista da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado como uma mega-ferramenta que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes.

### 1.1. Os gêneros na escola

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera, em que o gênero não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem.

No espaço escolar, o aluno necessariamente encontra-se ~~em~~ no espaço do “como se”, em que o gênero funda uma prática que é, em parte, fictícia, uma vez que ela é instaurada com fins de aprendizagem.

Há pelo menos três maneiras de abordar o ensino da escrita e da palavra:

- a) o desaparecimento da comunicação: nesta tradição, o gênero torna-se uma pura forma lingüística cujo objetivo é seu domínio, sendo vistos como isentos de qualquer pressão comunicativa. Seqüências relativamente estereotipadas (descrição-narração-dissertação) balizam o avanço através das séries escolares, às quais se juntam, em certas conjunturas, a resenha, o resumo, o diálogo. A origem complexa destes gêneros escolares guias, tanto literários, como retóricos, não podem aqui ser discutidas. No entanto, podemos afirmar que estes gêneros são autênticos produtos culturais da escola, elaborados para desenvolver e avaliar progressiva e sistematicamente as capacidades de escrita dos alunos. Nesta abordagem, os gêneros têm uma forma que não depende das práticas sociais. Eles não são formas historicamente variáveis, de resolução de problemas comunicativos complexos que implicam uma referência a realidades em função de situações comunicativas mutáveis, mas modelos socialmente valorizados de representação do real.
- b) a escola como lugar de comunicação: a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se assim em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas. Isto produz forçosamente gêneros novos, uma forma toda nova de comunicação que produz as formas lingüísticas que a possibilitam (texto livre, conferência, correspondência escolar, jornal de classe, romances coletivos, poemas individuais). Assim, o gênero nasce naturalmente da situação.
- c) a negação da escola como lugar específico de comunicação: neste terceiro tipo de tradição, é como se os gêneros que funcionam nas práticas de linguagem pudessem entrar tais na escola, como se houvesse continuidade absoluta entre o exterior da escola e seu interior.

Trata-se de levar o aluno ao domínio do gênero exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência. Assim, estas últimas constituem senão uma norma a atingir de imediato, ao menos um ideal que permanece como alvo. Decorre daí que textos autênticos do gênero considerado entram tais e quais na escola. Uma vez dentro desta, trata-se de (re-) criar situações que devem reproduzir as das práticas de linguagem de referência, com uma preocupação de diversificação claramente marcada.

#### Pontos fortes

- a)
- necessidade de criações de objetos escolares para um ensino aprendizagem eficaz;
  - pensamento em progressão
- b)
- leva muito em conta a particularidade das situações escolares e a utilização destas;
  - importância do sentido da escrita
  - tônica na autonomia dos processos de aprendizagem nestas situações
- c)
- evidencia as contribuições das práticas de referência;
  - importância do sentido da escrita;
  - insistência na dimensão comunicativa e na variedade de situações.

#### Pontos fracos

- a)
- progressão como processo linear, do simples para o mais complexo definido pelo objeto escrito;
  - abordagem puramente representacional, não comunicativa.
- b)
- não leva em conta explicitamente e não utiliza modelos externos;
  - não modelização das formas linguísticas, portanto, ausência de ensino
- c)
- negação da particularidade das situações escolares como lugar de comunicação que transforma as práticas de referência;
  - ausência de reflexão sobre a progressão e o desenvolvimento.

### III. Em direção a uma revisão dos gêneros escolares

Para que se possa fazer uma reavaliação das diferentes abordagens discutidas, é preciso que tome consciência do papel central dos gêneros como objeto e ferramenta de trabalho para o desenvolvimento da linguagem. Neste trabalho, é preciso que se leve em conta que:

- a) toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa objetivos precisos de aprendizagem: (i) aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, apreciá-lo, para melhor compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela; (ii) desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Isso implica numa **transformação**, ao menos parcial, do gênero para que estes objetivos sejam atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões, etc.
- b) na escola, todo gênero sofre necessariamente uma transformação, ou seja, ele é, particularmente, gênero a aprender, ao mesmo tempo em que permanece como gênero para comunicar.

Trata-se pois de pôr os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação que sejam o mais próximas possíveis de verdadeira situações de comunicação, que tenham um sentido para eles a fim de melhor dominá-las como realmente o são, sabendo o tempo todo que os objetivos visados são (também!) outros.

O gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, variação esta que é construída numa dinâmica de ensino/aprendizagem, para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é precisamente este.

Na elaboração de modelos didáticos de gêneros, pode-se teorizar três momentos em forte interação e em perpétuo movimento, que serão descritos como a aplicação de três princípios ao trabalho didático:

- a) princípio da legitimidade (referência aos conhecimentos teóricos ou aos de *experts*);
- b) princípio da pertinência (referência às capacidades dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino e aprendizagem);
- c) princípio de solidarização (junção coerente do conjunto de conhecimentos em função dos objetivos visados).

#### **IV. A questão do texto narrativo**

**Texto base:** “Seis passeios pelos bosques da ficção” (Umberto Eco - Companhia das Letras)

Para o autor, “bosque” é uma metáfora para o texto narrativo, não só para o texto dos contos de fada, mas para qualquer texto narrativo. Usando uma metáfora criada por Jorge Luis Borges, o autor afirma que um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas tão definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.

Num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo. Na verdade, essa obrigação de optar existe até mesmo na frase individual - pelo menos sempre que esta contém um verbo transitivo. Quando a pessoa que fala esta prestes a concluir uma frase, nós como leitores ou ouvintes fazemos uma aposta (embora inconscientemente): prevemos sua escolha ou nos perguntamos qual será sua escolha (pelo menos no caso de frases de impacto como “Ontem à noite no campo santo do presbitério eu vi...”).

Às vezes, o narrador quer nos deixar livres para imaginarmos a continuação da história; ou às vezes, o narrador pode frustrar nossas expectativas enquanto leitores. (estratégias)

Para o autor, a narrativa de vanguarda tentou criar leitores que esperam ter inteira liberdade de escolha em relação ao livro que estão lendo. E essa liberdade é possível precisamente porque - graças a uma tradição milenar, que abrange narrativas que vão desde os mitos primitivos até o moderno romance policial - os leitores se dispõem a fazer suas escolhas no bosque da narrativa, acreditando que algumas delas serão mais sensatas que outras.

##### 4.1. Os conceitos de leitor-modelo e de autor-modelo

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. Ele é uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Um texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-

modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável.

Um aspecto fundamental para que a relação entre autor e leitor chegue a um bom termo é o fato de que ambos precisam observar as regras do jogo. Para o autor, já que um bosque é criado para todos, não posso procurar nele fatos e sentimentos que só a mim dizem respeito. Se assim proceder, estarei, segundo Eco, utilizando-me do texto e não interpretando-o. Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isto com frequência, porém o devaneio não é uma coisa pública. Leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivéssemos em nosso jardim particular. Cabe, portanto, observar as regras do jogo, e o leitor-modelo é alguém que está ansioso para jogar.

Quem determina as regras do jogo e as limitações? Em outras palavras, quem constrói o leitor-modelo? O “autor”, dirão de imediato os pequenos ouvintes. Mas Eco não se interessa pelo autor empírico, mas pela instância discursiva que ele define como uma “estratégia narrativa”, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo. Para Eco, o autor-modelo não é necessariamente uma voz gloriosa, uma estratégia sublime: autor-modelo atua e se revela até no mais píffio dos romances pornográficos para nos dizer que as descrições apresentadas devem constituir um estímulo para nossa imaginação e para nossas reações físicas.

Um exemplo: “Considere, por exemplo, as atividades a que chamamos “jogos”: estou falando de jogos de tabuleiro, de jogos de cartas, de jogos de bola, de jogos olímpicos, e assim por diante. O que é comum a todos eles? - Não diga: “Deve haver algo em comum, pois do contrário não se chamariam “jogos” - mas, olhe e veja se existe alguma coisa comum a todos. - Pois se olhar para eles, você não verá algo comum a todos, mas similaridades, parentescos e toda uma série deles.” (Investigações Filosóficas, Ludwig Wittgenstein).

Nessa passagem, os pronomes pessoais não indicam uma personagem empírica, um leitor empírico; são apenas estratégias textuais, concebidas como uma forma de atrativo, como no início de um diálogo. A intervenção de um sujeito falante é simultânea à criação de um leitor-modelo que sabe dar continuidade ao jogo da investigação da natureza dos jogos; e a disposição intelectual deste leitor (até a necessidade de brincar com o tema dos jogos) é determinada somente pelo tipo de passos interpretativos que a voz lhe pede para dar: olhar, ver, considerar, estabelecer relações e semelhanças. Da mesma forma, o autor não passa de uma estratégia textual que é capaz de estabelecer correlações semânticas e que pede para ser imitada: quando diz “estou falando”, essa voz nos convida a um consenso, para que a palavra “jogo” seja aceita para designar jogos de tabuleiro, jogos de cartas, e assim por diante. Entretanto, essa voz não define a palavra “jogo”; ao contrário, pede que nós a definamos ou reconheçamos que só é possível defini-la satisfatoriamente em termos de semelhança de famílias.

Nesse texto, Wittgenstein é apenas um estilo-filosófico e seu leitor modelo é apenas a vontade e a capacidade de adaptar-se a tal estilo, contribuindo para torná-lo possível. Para Eco, o autor-modelo e o leitor-modelo são entidades que se tornam claras uma para a outra somente no processo de leitura, de modo que uma cria a outra, sendo que isso é verdadeiro não apenas em relação aos textos narrativos, como em relação a qualquer tipo de texto.

## 4.2. Ficção & Não-Ficção

Segundo Eco, a norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional que Coleridge chamou de “suspensão da crença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma estória imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente *finje* dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e  *fingimos* que o que é narrado aconteceu.

Para o autor, o verdadeiro atrativo de qualquer ficção, verbal ou visual, reside no fato de ele nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la à sério.

No entanto, isto não significa uma total negação da realidade. Ao contrário, o autor afirma que temos que admitir que para os impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com o nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Na verdade, espera-se que os autores não só tomem o mundo real por pano de fundo de sua história, como ainda intervenham constantemente para informar aos leitores os vários aspectos do mundo real que talvez desconheçam.\*

Isso significa dizer que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra. E, com efeito, aqui há uma enorme variedade - formas como a fábula, por exemplo, a todo instante nos levam a aceitar correções em nosso conhecimento do mundo real. No entanto, devemos entender que tudo aquilo que o texto não diferencia explicitamente do que existe no mundo real corresponde às leis e condições do mundo real.

Na verdade, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém, são, com efeito, “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre. Como não podemos ultrapassar suas fronteiras, somos levados a explorá-lo em profundidade.

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido a uma infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro sobre o mundo.

Essa é a função consoladora da narrativa - a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana.

## V. Alguns textos narrativos

B: ... quando nós chegemo próximo duma praça ... que tem (1.60) duma igreja de São Benedito ele ouviu uma zuada pra dentro de um quintal assim como quem tá (2.0) **um:: troço** ... **um bicho** roendu um osso ... **uma coisa forte** ... a noite era calma a gente parou ... ele pediu pra gente para nós paramus ... quando a gente viu foi quando **aquele porco** ... **muito**

**grande** (1.60) pulou de dentro do / daquele buraco ... saiu pelos meio da /das estacas do do quintal e atravessou na nossa frente (1.80) ele pegou o remo que ele tinha deu no meio na costa deste bicho que partiu o remo no meio ... e ele falou para nós que **era o lobisomem ...** porque **era um bicho tão grande ...** que a gente nunca tinha visto daquele /daquele tamanho **um porco** daquele tamanho ... que lá num tinha ... então nosso pai falava pra gente ... quando a gente se lembrava disso ele sempre contava falava pra gente que **aquilo era um lobisomem ... um porco ...** que se/ que se virava num bicho que se chamava lobisomem. (José Lisboa de Avis, 63 anos)

B: ... contam também ... que tinha uma parteira .. que ela era chamada pra assistir com as mulheres que iam ganhar crianças ... quando foi uma tarde ... a filha dela ... ela morava sozinha coma filha dela ... quando foi uma tarde ... a filha dela saiu já seis horas disse ... mamãe a senhora nem sabe a senhora vai sair ... já vem gente ali lhe chamar ... vinha uma canoa que vinha bamburrada ... vinham remando... aí chegou na beira do rio ... aí parou ... aí saiu **aquela rapaz louro ... alto ... bonito ...** aí foi direto pra casa da velhinha que era parteira ... aí chegou e disse ... olha eu vim lhe buscar... pra senhora assistir minha esposa que ela não está passando bem ... e ela ela não recusava ... ela ia mesmo com todo mundo que vinha chamar ... ela ia mesmo podia ser a hora que fosse né?... aí ela disse está muito bem ... aí pegou a maletinha dela e chegou embarcou na canoa ... quando foi em alto rio ele disse feche o olho ... aí ela fechou olho ... aí ele disse feche o olho ... aí ela fechou o olho ... aí ele disse pode abrir ... quando ela abriu onde ela estava **era só boto** e a bota lá pra ganhar nenem ... aí disse olhe ... a senhora veio aqui pra assitir com essa bota ... não vai lhe acontecer nada ... na hora que a senhora desocupar nós vamos lhe levar no mesmo ponto ... aí tudo bem fez o parto ... botaram a velha na canoa e vieram deixar em casa. (Hermita O de Noronha)

B: Agora eu vou contar outra história. Essa é verdade. Aliás, todas são verdade o que eu vou contar, né? Era um rapaz que ele ... aliás, era uma moça, que gostava de rapaz. Então ele só aparecia na casa dela tarde da noite, assim dez, onze horas. Era a hora que ele aparecia para conversar com ela. Mas ... esse pessoal pobrezinho do interior, naquelas casinhas distantes da cidade, e ele... ela ficava muito bem, mas ela prestou atenção que toda a vez que morria uma criança nesse lugar, ele sumia, não ia visitar ela, né? E quando foi um dia, como sempre nesses lugares tem uns que são curiosos, né? Começa falar as coisas: “o fulano vira bicho”, aquelas coisas. E acontece que ele não virava bicho, comia as crianças. Ela pegou e foi observando ele. Um dia, morreu uma criança lá perto e ele falou que ele não ia na casa dela porque ele tinha uns compromissos. Ela ficou quieta e foi observá-lo, e a viagem dele era só pro cemitério, só pro cemitério. E ela seguiu ele. Quando ela chegou assim era meia-noite, ela entrou dentro do cemitério. Ela ficou com o irmão fora, né, assim, observando...Ele entrou, levou aquilo de cavar - enxada - e mais outro negócio de cavar com a terra e cavou. Tirou a criança ... Aí corta as pernas, os braços, tudinho, e estava comendo. Nesse momento, ele se transformou num bicho., sabe, num bicho. Transformou-se num bicho que comia as crianças. Aí estava comendo tudinho e ela veio de lá correndo para casa né? Aí ficou em casa aguardando a chegada dele. Aí, ele enterrou lá. Depois veio embora. Quando foi no dia seguinte, ele foi na casa dela. Aí, ela falou pra ele que não queria mais namorar com ele porque ele estava comendo as crianças que morria. Ele comia, né? Ela tinha visto. Aí, ele se revoltou contra ela. Ele já queria era matar ela, esgoelar, assim, todinha. Aí correu a mãe, ela, né? Correu. Nesse momento ele se transformou num bicho, né? Ainda pegou, ficou no dente dele. Horrível. Quando o dente dele estava na saia, ela correu e se livrou dele Quando foi no dia

seguinte, né, ele desapareceu. Foi embora, virado naquele bicho. Mas ela viu que era ele que tinha virado bicho. Aí, quando, no dia seguinte, que ele apareceu, ela foi ... Pediu assim:

- Mostra aqui tua boca.

Estava enfiado um fiapo de saia dela no dente dele. Aí ela pegou e disse que não queria mais namorar com ele. Ele, dormindo, com a boca aberta, com os dentes pra fora, com os fiapos do vestido dela pra fora. Aí, por um descontrole, a família toda ficou com medo dele. Queria matar, fazer acontecer. Acabar por aqui mesmo. Não sei mais o resto, mas foi verdade, isso sim!

Com uns tempos, ele voltou, procurou a dita moça e casou com ela. Depois de casados, eles continuaram morando assim, distante da cidade do interior. Aí, ela ficou gestante do primeiro filho e ela sempre com medo dele. Tinha um medo. Ela não gostava de ficar só, viajar com ele pra ir pescar, que eles pescavam à noite. Ela tinha medo. Ficava em casa e ele ia só. Não ia pescar com ele. Ela tinha medo dele. Quando foi do primeiro filho que ela ficou gestante, fez, pegou, deu muita pancada nela para ela perder o filho. De fato, ela perdeu. Estava com três meses - a criança - quando ela perdeu o filho. Ele pegou .... Aí, abriu a barriga, tratou - parece que estava tratando de um peixe - de uma coisa assim, sabe? Tratou, botou dentro de uma vasilha, botou sal ... tudinho. Foi fazer churrasco do filho. Comeu o filho assado. Espetou ... Aí... Bem ... Pronto! Primeiro, ela ficou horrorizada. Queria deixar ele, mas não podia deixar, jurava que ia matar, fazer qualquer coisa com ela, né? Ela saiu gestante novamente. Tornou a comer o filho. Fazia a mesma coisa: matava e tratava tudinho... Saia comendo. Os três filhos que ela teve - todos três - ele comeu. (Informante: Dona Raiz)

B: um cidadão... ele era médico... aí passou-se pra uma cidade onde tinha rei... aí ele disse... escreveu na porta dele... doutor mais sabido que o rei ... diz que o médico era Cosme e Damião... era gêmeo ... se parecia demais um com o outro ... ah... um só fazia beber cachaça ... só bebia cachaça... só cachaça... só cachaça... aí o outro doutor vivia na profissão dele... aí ele escreveu um letreiro doutor mais sabido que o rei... aí o rei ficou muito sabido... descobriu... muito doído com aquilo mandou chamar o doutor... médico por que o senhor escreveu na frente da sua casa doutor mais sabido que o rei? Ah... porque eu sou mais sabido que o senhor... bom se você diz que é mais sabido do que eu vai me responder três perguntas... quais são elas?... aí ele disse... qual é o meu valor? quantos quilos pesa a lua e o que eu tenho no pensar? ... ele não podia responder de jeito nenhum mas aí ele começou .... leu os livros todos dele... todos .... e nada .... não encontrou nada... aí quando um dia o irmão dele chegou lá... ele estava triste pensando na vida... que ia morrer mesmo ia morrer porque não acertava... aí perguntou... mano o que é que tu tens? ... é que eu escrevi essas letras aí doutor mais sabido que o rei e o rei mandou me chamar... fez três perguntas que eu vou ter de responder .... quais são elas? ... ah, tu não dás jeito ... não eu dou... não ... é o seguinte... perguntou pra mim qual era o meu... o valor dele... o que ele tinha no pensar e quantos quilos a Lua pesa... e o que eu vou responder?... ah não... disse ... ah não... deixa comigo... já estava com umas quatro na cara ... e o quê que tu queres? ... eu quero o seguinte... manda cortar o meu cabelo... fazer a minha barba ... me dá um terno teu ... o anelão de médico... e nada mais... só isso... assim fez ... mandou cortar o cabelo dele e ajeitou tudo direitinho... aí quando foi o dia marcado .... ele veio... o que tu precisas mais? ... oitocentos réis ... aí pegou e saiu... quando chegou na igreja perguntou tem cristo? ... aí o sacristão disse ... tem cristo... disse... quanto é que custa um cristo? ... um cristo custa um cruzado... então me dá um cristo ... aí pegou o cristo pagou meteu no bolso aí foi-se embora... aí chegou na mercearia e disse tem cachaça? ... tem ... põe uma cachaça pra mim... duzentos réis de cachaça... aí foi embora... chegou lá... a tribuna estava feita... rei todo mundo estava lá o promotor... o advogado...

estava tudo ... aí o rei olhou pra ele que tal? Veio disposto a ... a responder às perguntas minhas? Ele falou... vim... olha lá... não vai errar... não eu não erro não pode perguntar.... aí ele disse .... qual é o meu valor? ... ah o senhor vale duzentos réis ... ele disse ... eu valer duzentos réis? por quê? ... um dinheiro insignificante desses! Ele foi disse... ah é só isso e nada mais porque Cristo que é superior ao senhor milhões de vezes... eu comprei por um cruzado e você não vale a metade de Cristo... aí todo mundo aplaudiu ... bateram palmas... ele disse ... quantos quilos a Lua pesa?... ele disse... a lua pesa 35 libras e meia. Se o senhor duvida que não é, arrie ela e vamos à balança... ele podia arriar a lua?... de maneira nenhuma... né? ele disse ... e o que eu tenho no pensar?... O que tem no pensar é os seguinte que o senhor está pensando que está falando com o doutro e está falando com o irmão dele... aí ganhou a parada e foi embora... (Rubens Martinho Nascimento).

autor modelo → vai se enquadrar dependendo - gêneros

narativo

estratégias

Chafe: diferenças entre oral e escrito //

oral //

Halliday → 87 escrito → quadro.  
falco → filme

palco

escrito

↑  
gêneros; vão se  
localizando ao  
longo deste contínuo.

Textos → origem: oral

modalidade em si não são  
importantes.

Continuum  $\begin{matrix} + \\ \text{oralidade} \\ + \\ \text{materialidade} \end{matrix}$  → som e escrito

→  $\begin{matrix} + \\ \text{proximidade} \\ + \end{matrix}$  / distância / máximo de distância

→  $\begin{matrix} + \\ \text{envolvimento} \\ + \end{matrix}$  /  $\begin{matrix} - \\ \text{envolvimento} \\ - \end{matrix}$

Marcuschi { conservação dominante / acordo híntico / falante vai  
ficar q o outro / p outro tem chance de  
intervir "backchannel"  
Suspensão da simetria

Trabalho apresentado no XIV Encontro  
Regional de História - Sujeito na  
História: práticas e representações - (1998)

## Narrativas Oraís da Amazônia: discurso e cognição

Anna Christina Bentes da Silva (UNICAMP/ UFPA)

Este trabalho pretende discutir o modo como os narradores constroem e representam a realidade social ao contarem estórias. As narrativas orais que serão analisadas constituem o *corpus* do programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense" desenvolvido na Universidade Federal do Pará desde 1993 e coordenado pelos professores Maria do Socorro Galvão Simões e Christophe Golder. O programa tem como objetivo de coletar e analisar estórias que circulam em nosso meio. O programa é constituído por projetos que são desenvolvidos em diferentes áreas: literatura, educação, comunicação lingüística e antropologia. O corpus se constitui de mais de 2.500 narrativas, sendo que 1.700 destas foram coletadas em Belém, capital do Pará.

Com relação à forma como as narrativas foram coletadas, houve uma orientação geral para que os estudantes universitários que participaram da coleta: eles deveriam começar gravando informações pessoais sobre o narrador, como idade, grau de educação, local e data de nascimento, profissão, e outros dados que se fizessem relevantes. No primeiro contato com o informante, os estudantes não mostravam os gravadores. O processo interacional deveria começar com a apresentação dos estudantes ao futuro informante e ao seu grupo social. Depois disto, o estudante deveria justificar seu interesse em gravar as estórias. Somente

então ele começaria gravando as informações acima citadas. A participação do pesquisador deveria ser bastante discreta, falando o mínimo, gravando o máximo. Com relação ao tipo de informante, o programa teve como princípio não limitar a figura do informante. Neste sentido, tivemos narrativas coletadas com pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, à diferentes faixas etárias e regiões.

É importante enfatizar que o *corpus* foi construído dentro de uma situação comunicativa que apresenta um forte caráter institucional: um estudante universitário (que foi treinado para desempenhar tal tarefa), falando em nome de um determinado grupo de pesquisadores de uma instituição de ensino superior, solicita a um interlocutor (previamente avaliado como um bom "contador de estórias, uma espécie de memória viva da comunidade) que lhe conte uma estória para ser registrada e analisada. Apesar de todas as tentativas em fazer com que a enunciação das narrativas ocorresse da maneira mais informal possível, não se pode deixar de considerar que a situação em questão não é simétrica, ou seja, não é uma situação em que todos possuem o mesmo direito à fala, mas uma situação assimétrica, onde apenas um interlocutor tem o poder de "dar a palavra" a uma outra pessoa.

Por último, gostaria de ressaltar que assim como há uma heterogeneidade no que diz respeito à forma como as narrativas se apresentam, há também uma grande variedade de temas presentes no *corpus*, que, numa observação rápida, vão desde estórias sobre o folclore da Amazônia (boto, iara, matinta-pereira, cobra grande), passando por estórias que podem ser classificadas como da ordem do maravilhoso e do fantástico (estórias de reis, princesas e rainhas, de fantasmas e de milagres),

por fábulas, até as experiências do cotidiano (perigos que passaram, fatos engraçados, etc...)

Nas narrativas que estarei analisando, tenho observado que os narradores freqüentemente constroem estórias de forma a apresentar explicações conflitantes sobre a realidade. Estas explicações estariam "competindo" entre si. Como consequência disto, algumas narrativas não apresentariam nenhum tipo de "moral" ao final, ou, quando estas estão presentes, tendem a possuir um efeito discursivo mais fraco. Neste sentido, as estórias demonstram que os grupos sociais internalizam e compartilham interesses e necessidades conflitantes.

Bruner (1986, 1990) afirma que "em contraste com todo o nosso vasto conhecimento sobre como a ciência e o conhecimento racional funcionam, sabemos muito pouco, em qualquer sentido formal, sobre como contar/elaborar boas estórias". Para ele, provavelmente, uma das razões para isto acontecer é o fato de que a narrativa deve construir dois territórios simultaneamente: um é o território da ação (agente, objetivos ou intenção, situação, instrumento), ou seja, as situações e as ações dos protagonistas; o outro é o território da consciência (aqueles domínios envolvidos na ação, o saber, o sentir, o pensar), ou seja, o estado mental dos protagonistas.

Retomando Greimas, Bruner enfatiza o fato de que um traço irredutível da narrativa é que esta ocorre simultaneamente no plano da ação e no plano da subjetividade dos protagonistas. O que daria à estória sua unidade é a maneira como estado, personagens e consciência interagem para construir uma estrutura que tem um começo, um desenvolvimento e um final. Para melhor explicitar sua visão de narrativa, Bruner propõe que consideremos as reflexões de Iser sobre a narrativa.

Narrativa [ Vários momentos do sentido (os sentidos)  
Conto polifônico (Bakhtin) (Symbolic)  
O espaço da HETEROGENEIDADE ]  
de Orfan / práticas evolutivas / práticas discursivas / PEXTO - Sociedade / poder do sujeito

Para este último autor, a estrutura dos textos possui uma “dupla-face”: um aspecto verbal, que define a reação e que evita que esta seja arbitrária e um aspecto afetivo, que é pré-estruturado por uma linguagem do texto. Mas esta pré-estrutura seria indeterminada e os textos ficcionais seriam indeterminados por natureza. Neste sentido, ainda segundo Iser, um texto literário seria um ato de fala no seguinte sentido: é um texto que tem a intenção de iniciar e guiar uma procura por sentidos dentro de um spectrum de sentidos possíveis. Assim, os textos literários iniciam “performances” de sentidos, ou seja, mais atualizam do que realmente “formulam” sentidos por si mesmos.

Para que possamos melhor compreender como existe um contínuo processo de construção/desconstrução/reconstrução dos sentidos nas narrativas orais da Amazônia paraense, é preciso que, por último, recuperemos três outros traços do discurso que para Bruner, são fundamentais: o primeiro é a detonação da pressuposição, a criação de significados implícitos, mais do que de significados explícitos; o segundo é o que ele chama de subjetivação, ou seja, a percepção da realidade não através de um olhar onisciente que vê uma realidade atemporal, mas através do filtro da consciência dos protagonistas da estória; o terceiro é a perspectiva múltipla, vendo o mundo não unívocamente, mas simultaneamente, através de um conjunto de prismas, cada um deles capturando alguma parte dele.

Em minhas considerações sobre as narrativas orais que apresentarei, tentarei considerar tanto as observações de Bruner sobre alguns traços constitutivos mais gerais do discurso, como as colocações de Iser sobre a narrativa como um ato de fala. As narrativas que de agora em diante serão objeto de análise ou já encontram-

se publicadas em um dos três livros, ou estão apenas transcritas. Darei exemplos de histórias que categorizei como "narrativas de transformação". Nestas histórias o foco está em uma personagem que se transforma em um animal ou em uma entidade fantástica ou folclórica. A principal temática deste tipo de narrativa é a descoberta da capacidade de uma determinada pessoa de se transformar em alguma outra coisa. A pessoa é em geral um ser humano e também uma outra entidade. Na maioria dos casos, esta transformação é a razão das atitudes ou ações estranhas e/ou inaceitáveis. Estas personagens tanto podem ser homens como mulheres.

(1) "Agora eu vou contar outra história. Essa é verdade. Aliás, todas são verdade oque eu vou contar, né? Era um rapaz que ele ... aliás, era uma moça, que gostava de rapaz. Então ele só aparecia na casa dela tarde da noite, assim dez, onze horas. Era a hora que ele aparecia para conversar com ela. Mas ... esse pessoal pobrezinho do interior, naquelas casinhas distantes da cidade, e ele... ela ficava muito bem, mas ela prestou atenção que toda a vez que morria uma criança nesse lugar, ele sumia, não ia visitar ela, né? E quando foi um dia, como sempre nesses lugares tem uns que são curiosos, né? Começa falar as coisas: "o fulano vira bicho", aquelas coisas. E acontece que ele não virava bicho, comia as crianças. Ela pegou e foi observando ele. Um dia, morreu uma criança lá perto e ele falou que ele não ia na casa dela porque ele tinha uns compromissos. Ela ficou quieta e foi observá-lo, e a viagem dele era só pro cemitério, só pro cemitério. E ela seguiu ele. Quando ela chegou assim era meia-noite, ela entrou dentro do cemitério. Ela ficou com o irmão fora, né, assim, observando...Ele entrou, levou aquilo de cavar - enxada - e mais outro negócio de cavar com a terra e cavou. Tirou a criança ... Aí corta as pernas, os braços, tudinho, e estava comendo. Nesse momento, ele se transformou num bicho., sabe, num bicho. Transformou-se num bicho que comia as crianças. Aí estava comendo tudinho e ela veio de lá correndo para casa né? Aí ficou em casa aguardando a chegada dele. Aí, ele enterrou lá. Depois veio embora. Quando foi no dia seguinte, ele foi na casa dela. Aí, ela falou pra ele que não queria mais namorar com ele porque ele estava comendo as crianças que morria. Ele comia, né? Ela tinha visto. Aí, ele se revoltou contra ela. Ele já queria era matar ela, esgoelar, assim, todinha. Aí correu a mãe, ela, né? Correu. Nesse momento ele se transformou num bicho, né? Ainda pegou, ficou no dente dele. Horrível. Quando o dente dele

estava na saia, ela correu e se livrou dele Quando foi no dia seguinte, né, ele desapareceu. Foi embora, virado naquele bicho. Mas ela viu que era ele que tinha virado bicho. Aí, quando, no dia seguinte, que ele apareceu, ela foi ... Pediu assim:

- Mostra aqui tua boca.

Estava enfiado um fiapo de saia dela no dente dele. Aí ela pegou e disse que não queria mais namorar com ele. Ele, dormindo, com a boca aberta, com os dentes pra fora, com os fiapos do vestido dela pra fora. Aí, por um descontrole, a família toda ficou com medo dele. Queria matar, fazer acontecer. Acabar por aqui mesmo. Não sei mais o resto, mas foi verdade, isso sim.!

Com uns tempos, ele voltou, procurou a dita moça e casou com ela. Depois de casados, eles continuaram morando assim, distante da cidade do interior. Aí, ela ficou gestante do primeiro filho e ela sempre com medo dele. Tinha um medo. Ela não gostava de ficar só, viajar com ele pra ir pescar, que eles pescavam à noite. Ela tinha medo. Ficava em casa e ele ia só. Não ia pescar com ele. Ela tinha medo dele. Quando foi do primeiro filho que ela ficou gestante, fez, pegou, deu muita pancada nela para ela perder o filho. De fato, ela perdeu. Estava com três meses - a criança - quando ela perdeu o filho. Ele pegou .... Aí, abriu a barriga, tratou - parece que estava tratando de um peixe - de uma coisa assim, sabe? Tratou, botou dentro de uma vasilha, botou sal ... tudinho. Foi fazer churrasco do filho. Comeu o filho assado. Espetou ... Aí.... Bem ... Pronto! Primeiro, ela ficou horrorizada. Queria deixar ele, mas não podia deixar, jurava que ia matar, fazer qualquer coisa com ela, né? Ela saiu gestante novamente. Tornou a comer o filho. Fazia a mesma coisa: matava e tratava tudinho... Saia comendo. Os três filhos que ela teve - todos três - ele comeu. (Informante: Dona Raiz)

Em primeiro lugar, da forma como se encontra construída, esta narrativa oral se assemelha bastante, pelos critérios textuais estabelecidos por Iser, com uma narrativa literária. Ela nos coloca no caminho para a busca dos possíveis sentidos que ela atualiza. Os temas presentes nesta estória específica, que foi narrada no contexto institucional apresentado anteriormente, não me parecem passíveis de serem classificados como meras reproduções de conteúdos definidos pelo grupo social dominante (no sentido de Van Dijk, 1992). Também não se parecem constituir

em temas pouco controlados pelo sujeito do discurso, numa perspectiva da AD francesa. Esta narrativa mais parece abrir espaços, nos termos de De Certeau (1994), para ações narrativas, que criariam um “campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes”. Neste sentido, acontece, na construção desta narrativa, tanto no sentido que Iser propõe, como no sentido em que De Certeau propõe, uma “performance” de sentidos, um jogo entre discursos aceitos e os absolutamente postos à margem na narrativa quando se trata da personagem feminina: se por um lado, sua reação frente às ações do homem com que se relaciona é de medo, repulsa e negação, comportamentos estes necessariamente esperados em nossa sociedade, por outro lado, acontece de ela se casar com este homem, mesmo sabendo que ele come crianças e, mesmo depois de ele ter comido seus próprios filhos, continuar com ele.

Para que possamos explicar como isto é possível, ou seja, como é possível que se produza uma boa história, nos termos de Bruner, devemos retomar a sua fala sobre os três traços fundamentais do discurso. Há muito mais sentidos implicitados neste texto do que sentidos explicitados. Quem é este homem? O que faz? Onde vive? E esta mulher? O que faz e onde vive? Em que bicho este homem se transformou? Como pôde a protagonista, depois de tudo o que presenciou e vivenciou, ainda casar-se com este homem? Quanto tempo se passou para que isto acontecesse? Além disso, há uma grande presença de uma realidade subjetivizada, no sentido de Bruner: o narrador coloca em cena os protagonistas e nós passamos a ver a realidade representada pela narrativa apenas ou principalmente através de seus olhos. Parafraseando Bruner, quando fala do mito da caverna de Platão, somos colocados de frente apenas para sombras de eventos aos quais nunca teremos

acesso diretamente. E mais: esta realidade nos é apresentada por múltiplas perspectivas, nos termos de Bruner, ou por múltiplas vozes, nos termos de Bakhtin: ora o homem/animal da estória é punido pela não aceitação de suas práticas por seus pares, ora ele é aceito novamente pela mulher (e, conseqüentemente pelo grupo social ao qual ela pertence) , com quem ele estabelece uma relação matrimonial. Se ela se casa, é porque o aceita e o ama (pressupostos de nossa sociedade), mas ao mesmo tempo, também o teme (em função de suas práticas). Nesta enunciação, a prática do canibalismo não sofre uma sanção social mais definitiva (prisão, exílio ou pena de morte). O que ocorre é uma elaboração de pontos de fuga do discurso dominante (que neste caso específico poderia ser representado nos termos de Van Dijk pelos relatos jornalísticos, por filmes ou pelo discurso científico sobre tais práticas), ao enunciar o que enuncia, ao ser esta a enunciação e não outra, ao ser enunciado por um determinado sujeito, que desloca para um contexto institucional narrativas que estariam atualmente confinadas a ordem do privado (De Certeau, 1994).

É interessante observar que muitas das narrativas presentes neste corpus este é um processo recorrente e sistemático: a construção/desconstrução/reconstrução de conteúdos e crenças. Pode-se dizer que este processo é socio-cognitivamente partilhado já que não acontece em apenas uma estória, mas em um universo grande das narrativas de programa. Talvez, como diz De Certeau, o relato seja realmente "uma delinqüência em reserva, mantida, ela mesma, deslocada, no entanto, compatível, nas sociedades tradicionais, com uma ordem firmemente estabelecida, mas suficientemente flexível, para deixar proliferar essa mobilidade contestadora, desrespeitadora dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora, que se

estende das formas microbianas na narração cotidiana até as manifestações carnavalescas" (1994:216)

Ou ainda, para finalizar, tentar ver o ato de narrar como Bruner: servindo para render o excepcional ao que pode ser compreendido.

Exigência da Ordem → espaço / realidade crônica do ponto de  
vista perspectivo / fenomenológico

→ espaço armônico de o acontecimento fantástico  
e / ou maravilhoso

→ espaço → ser humano de imaginações fantas-  
ticas (Benjamin)

→ espaço <sup>finco</sup> do imaginário / tridimensional

→ Paul Zumthor: monhos e suas migrações

Narrativa na  
modernidade

Narrativa → absorvem algo da realidade em qd são narradas

Relatos // narrativa // Conjuga todas as mesmas  
relações socio-culturais  
diferentes [antropológico] //  
Diz-se Pauline.

Referência é destituída de qualquer objetividade

Narrativa e ficção e história. Memória, Ideograma, História  
fato / ficção → Ben Shneiderman  
domínio / realidade

Interpretação na psicanálise → sempre alusiva.

relato de experiência → memória / inconsciente.  
↳ leitura / interpretações

leitura em  
contexto  
cultural //

foco → des

narrativa tradicional → importante papel na aquisição de memória  
subjetivamente

Beth Kondell // - dimensões de método

Confinar a Verossimilhança  
Índice

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID  
I INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON DISCOURSE ANALYSIS  
APRIL, 20-22, 1998

**BRAZILIAN ORAL NARRATIVES: A COGNITIVE APPROACH**

Anna Christina BENTES da SILVA (UFPA/UNICAMP- Brazil)  
e.mail: anna@iel.unicamp.br

1. **Hunting/Fishing stories** - In these stories, during hunting or fishing activities, the characters go through some kind of frightening or surprising experience. Generally speaking, their reaction can be of two types: facing the danger/the unexpected or running away from it. But sometimes, the characters are also obliged to be in contact (more than they wanted) with another mysterious/fantastic reality. In some of these stories, there seems to be that the end is just like an anti-climax: the danger that frightens the characters suddenly disappears and the story ends. Related to these hunting/fishing stories, it is also discussed the relation that men establish with nature and with religious and cultural traditions. In two volumes, many can be classified as belonging to this setting: eighteen stories.
  
1. 1. **Hunting queers** - A man was invited by a friend to go hunting queers early in the evening. They prepared an aircraft and stood there waiting. Round midnight, they heard a noise that frightened them. The noise stopped and they remained there waiting in silence. The noise came over again. As they were very frightened, they waited in silence until the noise stopped and then decided to leave. When they were on their way home, they shot a big bird called "inambu". They took it home with them. One of the men concluded that he would not go hunting at night any more because he did not want to experience that fear again. Before that fact, he did not believe in ghosts, but after that hunting, he was really convinced that those kind of things were real; but he wondered why they were more frequent in the forest than in any other place. (Abaetetuba)
  
2. 1. **Fishing "botos"** - One night, a man called Francisco went fishing. It was a beautiful night, with a very clear moon. He was there waiting, thinking about his hungry kids that were at home. No fish at all. Only "botos". The "botos" passed around him. He was really upset with them because they keep the fishes away when they are around. The man then decided to catch a "boto" with an arpoon. He threw the arpoon and it got a big boto. But the "boto" ran away in the river with the arpoon on his back. The man thought that he was really not lucky that day because he had not caught the boto and had also lost his arpoon. He decided to stay a little more, waiting to see if a big fish would appear. Half an hour later he had wounded the "boto", another boat pointed out in the middle of the river, away from his boat. The man was very surprised to see another boat at that hour in the river. When the boat came closer, he saw that only one man was inside it. The man in the boat then said hello and asked if Francisco had wounded a friend of him. He said that he had not did that to a person, but that he had wounded a "boto". The mysterious man in the boat said that the "boto" was the friend he was talking about. He also said that the "boto" was going to die if Francisco did not help to take away that arpoon from his back. Francisco agreed to go with the man to save the "boto". After he had tied his boat to a tree, Francisco entered the man's boat and they went in the direction of the middle of the river. Suddenly, they stopped and the man told Francisco to close his eyes and to keep them closed until he ordered him to open them. Francisco felt that he was drowning in the water, but he did not feel it. When he opened his eyes, he saw that he was in a strange place. He knew that he was under the river, but it was as if he were outside, everything was okay, he was breathing and could walk. It was a beautiful place, with many fishes around, big ones, small ones. They went walking until the place where the "boto" was. He was laying down with the arpoon on his back and there was the doctor, a "tracajá" (a kind of river turtle), trying to help him. The doctor said that he could not take away the arpoon. Francisco then said that he had come to help. He went closer to the "boto" and made a short cut with his knife near where the arpoon was. Then he pulled it away. After that, the "boto" started to get better. As everything was solved, they went back to the top of the river. Francisco, the man/boto and the doctor/tracajá. Francisco got into his boat and promised them not to hurt any "boto" anymore. He also said that he was going to respect the "botos" more than he already did before. But Francisco was paying attention to the doctor/tracajá. When the doctor/tracajá offered his hand to shake, Francisco pulled him to his boat and said: "I'm sorry, doctor, but I did not fish anything, so you're going with me and you'll be our dinner. And that night, he and his family ate the doctor/tracajá. (Santarém)

2. **Transformations** - In these stories, the focus is on a character which turns into an animal or a fantastic/folk being. The aim of the story is the discovery of that specific person's capacity of turning herself into something else. The person is a human being and also another entity. In the majority of the cases, this transformation is the reason for the person's not acceptable or strange attitudes and actions. These characters can be both men or women. In two volumes, I found eleven stories that can be part of this classification.
2. 1. The Ogre - This story takes place in one little town, where a girl starts dating a strange man. He only visits her late in the evening and disappears when it happens to die any child in the city. Many people began to comment that he turned into an animal. One day, a child died in the city and the man told the girl that he was not going to see her that evening because he had some problems to solve. She decides to follow him secretly to see where he was going. She saw that he went to the cemetery. When he arrived there, he went to the grave of the child that had died and started to dig. He took out the dead child from the grave, cut her into pieces and started to eat her. At that very moment, he turned himself into an animal and ate the child. He covered the grave and went away. Very frightened, the girl went home and waited for him. Next day, when he appeared at her house, she said she did not want to see him any more because he ate children. At that moment, he tried to kill her, turning himself into an animal again, but she escaped from him and he went away. Some time after, he came back, looking for her and they ended marrying each other. But she was always afraid of him. Then, she got pregnant. When her pregnancy was around three months, he beat her. She lost the child and he ate his own kid. After that, she got pregnant two more times. In both of them, he ate the babies. (Belém)
- 2.2. The Turkey - This story happened to the narrator's grandfather whose name was André. The story was told him by his father and he tells it nowadays. This man called André was at his kitchen when he and his family saw that a turkey came flying and sat on a place outside the house where they used to store the medicine plants. The turkey used to come around, making a mess with the plants, throwing them out and making a lot of noise. It was round six that day and when the turkey started making his usual mess, André went to pick up his gun and then shot the turkey. The shot was in the turkey's ass. He flew away, fell down, leaving lots of blood on the floor, flew away again and nobody saw it anymore. Some days later, André was sent a message that a friend of his was not very well. Then, André went to visit him and discovered that his friend was with a shot in his ass, exactly like the one he had done to the turkey. So, he now knew that his friend was a turkey, he turned to one, perhaps because he had done something wrong in the past like beating his mother or father or having sex with his mother or daughter. (Abaetetuba)
3. **Life-stories** - I decided to classify these stories as "life-stories" because their setting is the daily, common life. There are many settings like that: the things you have to do when someone in your family dies, the Carnival period, a father staying at home while the family goes to church, a woman staying at home with the children while his husband is at work, a man doing a favor to his son, a boy going to pick up some lemons on a tree for his mom. What is interesting about these stories is that the fantastic, if we can use this term to classify the world where the deads can live side by side the alive, for example, comes in a so strong and unexpected way that it causes a strange feeling when you get in contact with it..
3. 1. The "Fut" - It was Carnival. On Saturday, a man said to his wife that he was going to have fun during the Carnival. She told him: "don't go". The man did not obey her and went away. He dressed himself as the devil, with horns, tail and everything. He danced Saturday, Sunday, Monday, Tuesday. He danced all days, having a lot of fun. His wife waited for him all those nights, but he did not appear. On Wednesday morning, she listened someone knocking on the door. When she opened the door, she got very frightened because she saw that big black animal, with horns and a tail. She believed that it was the devil (the "fut") at her door. She went inside the house, got a gun and shot the "fut". The neighbors came to see what was happening and she said that she had killed the "fut" because he had come to his door. When they took his clothes off, it was his husband and he was dead. She started screaming that she had killed her husband, asking for help. She did not go to jail. The story ends with the narrator's opinion about it: the man's death was a punishment for the fact that he had been with the devil in his body, dancing during all Carnival days.

Trabalho apresentado no I Simpósio  
Internacional sobre Análise de Discurso:  
Contronâncias e perspectivas - (1997)

## Discurso e Resistência: contando histórias na Amazônia Paraense

Anna Christina BENTES (Universidade Federal do Pará - Brasil)  
Modalidade de apresentação: comunicação

Este trabalho tem por objetivo discutir como o narrar histórias oralmente constitui-se em uma prática de resistência cultural e política do homem da região amazônica. Analisarei narrativas orais que foram coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará- Brasil, desde 1994.

Minha perspectiva de análise está baseada em van Dijk (1992:02-03) que define *social power* como "uma propriedade de relações intergrupais, isto é, em termos do controle exercido por (membros de) um grupo ou instituição sobre as ações de (membros de) outro grupo" e que define *dominação* como "um abuso do poder social, como um desvio de padrões ou normas de interação, no interesse de grupos mais poderosos, resultando em várias formas de desigualdade social".

Pretendo demonstrar através da análise das estruturas discursivas presentes em 05 narrativas orais que apesar de os grupos menos poderosos sempre encontrarem-se em uma situação de dominação social, estes grupos constroem discursivamente estratégias de resistência aos padrões de discurso e comunicação dominantes.

### Bibliografia

Van Dijk. T. A (1992) "Discourse and Cognition in Society". (mimeo.)

## Discurso e Resistência: contando histórias na Amazônia Paraense

Anna Christina BENTES (Universidade Federal do Pará - Brasil)  
Modalidade de apresentação: comunicação

Este trabalho tem por objetivo discutir como o narrar histórias oralmente constitui-se em uma prática de resistência cultural e política do homem da região amazônica. Analisarei narrativas orais que foram coletadas pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense", desenvolvido na Universidade Federal do Pará- Brasil, desde 1994.

Antes de iniciar o trabalho, farei algumas considerações sobre o corpus. O programa de pesquisa acima citado foi criado em 1993, pelos professores Maria do Perpétuo Socorro G. Simões e Christophe Golder, ambos professores da Universidade Federal do Pará, com o objetivo de "recolher e analisar as histórias que circulam entre nosso povo: lendas, contos, anedotas, etc..." e também preservar e difundir o acervo constituído. O programa é composto por projetos que se desenvolvem em diferentes áreas do conhecimento: literatura, educação, comunicação, lingüística e antropologia. No período de 1994 a 1995, coordenei um projeto de pesquisa dentro do programa

que tinha por objetivo formar um banco de dados para a área de lingüística a partir do material coletado. Atualmente, o corpus do programa está constituído por mais de 2.500 narrativas, sendo que destas, 1.700 são narrativas recolhidas em Belém, capital do estado do Pará.

Com relação à forma como as narrativas foram coletadas, houve uma orientação geral para os pesquisadores do programa (alunos do curso de Letras que eram bolsistas dos diferentes projetos ou alunos do curso de Letras que voluntariamente trabalhavam na coleta de dados) de que eles deveriam começar gravando dados pessoais do informante, antes do período de “agora me conte uma estória”. No primeiro momento de contato com o informante, os pesquisadores não colocavam seus gravadores à postos. O processo interacional iniciava-se com a apresentação do pesquisador ao informante e ao seu grupo social por um membro do próprio grupo. Em seguida, o pesquisador justificava seu interesse em registrar as estórias e iniciava a gravação pela entrevista com o informante, coletando basicamente as seguintes informações: idade, profissão, grau de escolaridade e lugar(es) onde nasceu e/ou morou, religião. Apesar de os pesquisadores terem sido orientados para gravarem sempre a entrevista que deveria anteceder a narrativa, nem sempre isto foi feito. Algumas vezes, estes diálogos assimétricos eram gravados; outras vezes, o pesquisador ligava o gravador apenas no momento em que o informante iniciava a estória propriamente. A participação do entrevistador foi orientada para ser a menor possível. Ele é considerado como um “coletador de narrativas, do que se conclui que deve falar o mínimo e ouvir (gravar)” o máximo”. No que diz respeito aos informantes destas narrativas, o programa sempre teve como princípio para a recolha do material “não limitar a figura do informante”. Sendo assim, temos narrativas coletadas em diferentes faixas etárias (jovens, adultos e idosos), em diferentes grupos sociais e em/de diferentes regiões.

É importante ressaltar que este corpus é construído em uma situação comunicativa que apresenta um forte caráter institucional: um estudante universitário (que foi submetido a um determinado treinamento para executar tal tarefa), falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor (já previamente avaliado por membros do grupo social ao qual pertence como um bom contador de estórias e/ou como uma espécie de “memória viva” dos acontecimentos) que lhe conte uma estória para fins de registro e análise. Apesar de toda a tentativa de fazer com que as enunciações das narrativas ocorram da maneira mais espontânea possível, não podemos deixar de levar em conta que não se trata aqui, pelo menos na grande maioria das situações, de uma interação simétrica, onde todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas sim de uma interação assimétrica, onde apenas um dos interlocutores detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade (Koch, 1992:70-71).

Por último, gostaria de ressaltar que assim como há uma heterogeneidade no que diz respeito à forma como as narrativas se apresentam, há também uma grande variedade de temas presentes no corpus que, numa observação rápida, vão desde estórias sobre os mitos da Amazônia (boto, iara, matinta-pereira, cobra-grande), passando por estórias que podem ser classificadas como da ordem do maravilhoso e do fantástico (estórias de reis, princesas e rainhas, estórias de fantasmas (visagens) e de milagres), por fábulas (estórias sobre animais), até as experiências do cotidiano (estórias sobre os perigos que passaram, sobre fatos engraçados...).

Meu ponto de partida serão algumas afirmações de Van Dijk, em seu texto "Discourse and Cognition in Society" (1992). Inicialmente, me interessa trazer para este trabalho as noções de *social power* e de *dominação*. Para Van Dijk (1992:3) *social power* pode ser definido como "uma propriedade de relações intergrupais, isto é, em termos do controle exercido por (membros de) um grupo ou instituição sobre as ações de (membros de) outro grupo" e define *dominação* como "um abuso do poder social, como um desvio de padrões ou normas de interação, no interesse de grupos mais poderosos, resultando em várias formas de desigualdade social". O autor afirma que a análise crítica do discurso deve desenvolver seus trabalhos de forma a mostrar que a dominação é reproduzida não só reforçando-se o acesso privilegiado aos recursos sociais, isto é, pela discriminação, mas também legitimando-se tal acesso ou através de formas do tipo "mind control", entendidas como formas de manipulação da mente, ou através de outros tipos de procura de aceitação ou cumplicidade entre o grupo dominado, ou mais geralmente através da produção do consentimento (ou aceitação) e do consenso.

Prosseguindo em sua argumentação, Van Dijk assume que os grupos dominantes ou as elites têm (e podem ser definidas por isso) um acesso especial a uma maior variedade de discursos públicos do que os grupos menos poderosos. Para ele, as elites têm um acesso mais ativo e melhor controlado aos discursos políticos, ao discurso da mídia, ao discurso escolar ou ao discurso judiciário. Isto significaria que as elites têm mais chances de ter acesso as mentes dos outros, podendo, assim, exercer o seu poder de persuasão. Os grupos menos poderosos, na concepção de Van Dijk, têm um acesso mais ativo apenas em conversações cotidianas com membros da família, amigos ou colegas, um acesso menos controlado a diálogos institucionais (a saber, em sua interação com médicos, professores ou funcionários públicos) e um acesso largamente passivo a discursos públicos, tais como os dos meios de comunicação. Para o autor, a reprodução da dominação na sociedade contemporânea realiza-se através da manutenção e da legitimação de tal desigualdade nos padrões de acesso ao discurso e à comunicação e assim, à mente pública: quem é permitido ou obrigado a falar ou ouvir, com quem, como, sobre o que, quando e com que conseqüências.

Neste trabalho, estarei discutindo justamente o nível que Van Dijk aponta como aquele dos diálogos institucionais, onde os sujeitos que dele participam e que pertencem aos grupos sociais de menor prestígio, não determinam o tempo, o lugar, as circunstâncias e a audiência de tais discursos.

Se por um lado, estes sujeitos possuem um menor controle sobre os aspectos anteriormente citados, por outro, através da análise de uma narrativa, tentarei demonstrar que os temas nela presentes encontram-se em contínuo processo de elaboração por parte dos sujeitos destes discursos, elaboração esta que envolve toda uma remessa a outros discursos e a outras práticas sociais, sendo, portanto, difícil classificar este tipo de discurso como menos controlado, ou como mais passivo, capaz de basicamente reproduzir a(s) ideologia(s) dominante(s). É exatamente aqui que se encontra o ponto principal do trabalho que desenvolverei a partir de agora: contar histórias, histórias de “superstições” ou “fantasmagóricas”, em um contexto institucional, se constitui em um lugar de resistência, lugar este que pode oferecer “a possibilidade de esconder ricos silêncios e desfiar histórias sem palavras, ou antes, por sua capacidade de criar em todas as partes adegas e celeiros, as lendas (lendas) locais (legenda: aquilo que se deve ler, mas também aquilo que se pode ler) que permitem saídas, idas e vindas, meios de sair e de entrar, e portanto, espaços de habitabilidade”. (Certeau, 1994:187)

Contarei brevemente uma história para que possamos então perceber como os sujeitos podem mover-se, criando, de fato possibilidades de dizer que não estavam previstas nos esquemas de dominação.

O título da narrativa é “O Ogre”. Esta narrativa foi selecionada para fazer parte da publicação “Belém conta”, que reuniu 36 narrativas e 23 recriações. Tanto a informante, quanto a pesquisadora da narrativa em questão eram mulheres.

A história se passa em uma cidade do interior, onde uma moça começa a namorar com um rapaz um pouco estranho, que só a visita tarde da noite e que desaparece quando acontece de morrer alguma criança na cidade. Muitas pessoas começaram a comentar que ele se transformava em bicho. Um dia, morreu uma criança na cidade e o rapaz disse para a moça que não poderia vê-la naquele dia porque tinha uns compromissos. Ela então resolveu seguir o rapaz para ver aonde ele ia e ele encaminhou-se para o cemitério. Chegando lá, foi para a sepultura da criança que tinha morrido e cavou. De lá de dentro da cova, retirou a criança morta, a cortou em pedaços e comeu. Nesse momento, ele se transformou em bicho e comeu a criança toda. Fechou a cova e se foi. A moça, com medo, foi embora para casa e ficou aguardando por ele. No outro dia, ela disse a ele que não queria mais namorá-lo porque ele comia criancinhas. Ele tentou matá-la e neste momento, ele transformou-se em um bicho novamente. Ela conseguiu escapar dele e ele foi embora. Tempos depois, ele voltou e a procurou e eles acabaram se casando. Mas ela sempre teve medo dele. Então, ela ficou grávida e quando estava com três meses de gravidez,

ele a espancou. Ela perdeu o filho e ele comeu a criança. Ele comeu a criança assada. Depois disso, ela engravidou mais duas vezes e, em cada uma das duas vezes, ele comeu a criança. Assim, terminou a estória.

Os temas presentes nesta estória específica, que foi narrada no contexto institucional apresentado anteriormente (entrevistador & informante), não me parecem ser passíveis de serem classificados como meras reproduções de conteúdos pré-definidos pelo grupo social dominante. Também não parecem se constituir em temas pouco controlados pelo sujeito do discurso.

Deve ficar claro aqui que não assumirei uma perspectiva psicologizante sobre o sujeito, considerado ingenuamente como a origem ou fonte dos sentidos do seu próprio discurso. No entanto, assumirei que os sujeitos históricos praticam, novamente nos termos de Certeau, (1994:201) “ações narrativas”, abrindo “um espaço de legitimidade a ações efetivas,” criando “um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes”

Na narrativa acima citada, assim como em muitas outras que constituem este corpus, tematizar a possibilidade da prática do canibalismo por um ser humano necessariamente institui um certo campo de estranhamento, uma fala que é compreendida, mas que “escapa à dominação de uma determinada economia sócio-cultural, a organização de uma razão, (...) ao controle de uma consciência esclarecida” (Op. cit. 1994:252).

Mas, ao mesmo tempo em que aponta para possíveis práticas sociais delinqüentes, simultaneamente e imediatamente, mobiliza-se na narrativa uma ação discursiva civilizadora, quando o homem, nos momentos em que come as crianças, mesmo seus próprios filhos, é apresentado como um animal, um bicho, enfim.

E, ao mesmo tempo em que é apresentado como um ser basicamente movido por seu instinto animal, também configura-se como um cidadão comum, com uma profissão (pescador) e com relações familiares estáveis (casado).

Assim, também acontece este jogo entre os discursos aceitos e os absolutamente postos à margem na narrativa quando se trata da personagem feminina: se por um lado sua reação frente às ações do homem com que se relaciona é de medo, repulsa e negação, comportamentos estes necessariamente esperados em nossa sociedade, por outro lado acontece de ela casar com este homem (mesmo sabendo que ele come crianças, fato testemunhado por ela quando o segue até o cemitério) e, mesmo depois de ele ter comido seus próprios filhos, continuar com ele.

Estas seriam as “idas e vindas” das quais Certeau fala: ao mesmo tempo em que percursos de estabilidade são construídos, quando ocorre uma espécie de “aceitação” das práticas tematizadas, uma espécie de inserção da lenda/legenda no universo dominante, já que nesta enunciação por exemplo, a prática do canibalismo não sofre uma sanção social mais definitiva (prisão, exílio ou pena de morte), ao mesmo tempo, ocorre a elaboração de pontos de fuga do discurso

dominante (que neste caso específico, segundo os critérios de Van Dijk, poderia ser representado pelos relatos jornalísticos de crimes desta natureza de fato acontecidos em diversas partes do mundo ou mesmo por filmes sobre este assunto ou ainda sobre o discurso científico sobre tais práticas), ao enunciar o que enuncia, ao ser esta a enunciação e não outra, ao ser enunciado por um determinado sujeito, que desloca para um contexto institucional narrativas que estariam atualmente confinadas a ordem do privado.

Para Certeau, “o relato é uma delinqüência em reserva, mantida, ela mesma, deslocada, no entanto, compatível, nas sociedades tradicionais (antigas ou medievais, etc...) com uma ordem firmemente estabelecida, mas suficientemente flexível para deixar proliferar essa mobilidade contestadora, desrespeitadora dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora, que se estende das formas microbianas na narração cotidiana até as manifestações carnavalescas”(1994:216).

#### BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, M. de. (1994) **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2ª. edição.

DIJK, T. A van (1994). “Discourse and Cognition.” (mimeo)

KOCH, I.G.V. (1992). **A Interação pela Linguagem.** São Paulo, Contexto.

SIMÕES, M.P.S. & GOLDER, C. (1995). **Belém Conta.** Belém, Pará, Cejup; Universidade Federal do Pará.

1995: Trabalho apresentado no I Encontro  
do Núcleo de Estudos Linguísticos  
do Sul (CELSUL) - (1995)

### **Problematizando o conceito de narrativa** Anna Christina Bentes da Silva (UFPA)

Este trabalho foi elaborado a partir do nosso interesse em analisar as narrativas coletadas desde 1993, pelo programa de pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense", que vem sendo desenvolvido atualmente na Universidade Federal do Pará, sob a coordenação dos professores Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Christophe Golder. O programa foi criado em 1993 com o objetivo de "recolher e analisar as estórias que circulam entre nosso povo: lendas, contos, anedotas, etc.." e também "preservar e difundir o acervo constituído".

O programa é composto por projetos que se desenvolvem em diferentes áreas do conhecimento: literatura, educação, comunicação, lingüística e antropologia. Desde 1994, coordenamos um projeto de pesquisa dentro do programa que tem por objetivo formar um banco de dados para a área de lingüística a partir do material coletado. Atualmente, o corpus do programa está constituído por mais de 2.500 narrativas, sendo que 950 já estão transcritas.

Com relação à forma como as narrativas foram coletadas, houve uma orientação geral para os pesquisadores do programa (alunos do curso de Letras que eram bolsistas dos diferentes projetos ou alunos do curso de Letras que voluntariamente trabalhavam na coleta dos dados) de que eles deveriam começar gravando dados pessoais do informante, antes do pedido de "agora me conte uma estória". No primeiro momento de contato com o informante, os pesquisadores não colocavam seus gravadores à postos. O processo interacional iniciava-se com a apresentação do pesquisador ao informante e ao seu grupo social por um membro do próprio grupo. Em seguida, o pesquisador justificava seu interesse em registrar as estórias e iniciava a gravação pela entrevista com o informante, coletando basicamente as seguintes informações: idade, profissão, grau de escolaridade e lugar(es) onde nasceu e/ou morou, religião. Apesar de os pesquisadores terem sido orientados para gravarem sempre a entrevista que deveria anteceder a narrativa, nem sempre isto foi feito. Algumas vezes, estes diálogos assimétricos eram gravados; outras vezes, o pesquisador ligava o gravador apenas no momento em que o informante iniciava a estória propriamente dita. A participação do entrevistador foi orientada para ser a menor possível. Ele é considerado como um "coletador de narrativas, do que se conclui que deve falar o mínimo e ouvir (gravar) o máximo". No que diz respeito aos informantes destas narrativas, o programa sempre teve como princípio para a recolha de material "não limitar a figura do informante". Sendo assim, temos narrativas coletadas em diferentes faixas etárias (jovens, adultos e idosos), em diferentes grupos sociais e em/de diferentes regiões.

É importante ressaltar que este corpus é construído em uma situação comunicativa que apresenta um forte caráter institucional: um estudante universitário (que foi submetido a um determinado treinamento para executar tal tarefa), falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor (já previamente avaliado por membros do grupo social ao qual pertence como um bom contador de estórias e/ou como uma espécie de "memória viva" dos acontecimentos) que lhe conte uma estória para

fins de registro e análise. Apesar de toda a tentativa de fazer com que as enunciações das narrativas ocorram da maneira mais espontânea possível, não podemos deixar de levar em conta que não se trata aqui, pelo menos na grande maioria das situações, de uma *interação simétrica*, onde todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas sim de uma *interação assimétrica*, onde apenas um dos interlocutores detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade (Koch, 1992:70-71). Transcreveremos agora um exemplo de como a narrativa é construída “à quatro mãos”, apesar das fortes restrições à uma situação comunicativa mais descontraída:

- (3) D - (...) agora ... a gente quer melhor ... né ....quer uma de terror né  
 A - [ aquela seu Zé ...  
 B - [ olha  
 A - da senhora do do do cemitério  
 B - é:::(2.10) é::: quando eu morava no interior ... a minha mãe (1.60) sempre via negócio de de de ... de visage (1.60) e ... morreu uma senhora lá próximo ... o nome da senhora era (1.60)  
 C - mãe d'água  
 B - mãe d'água (1.70) e:::depois que ela morreu ... apareceu depois de um mês ou dois mês apareceu um um gritadô ... que gritava a NOite ... (deixa eu vê) ... e::: uma das noite ele passou gritando prum lugar ... chamado Taperinha ... passava por dentro de Quatipuru ... ia até Taperinha ... na volta (1.80) ele veio gritando quando chegou bem próximo da nossa casa ... ela tava acordada umas duas horas da madrugada (1.70) ela ... ouviu bem quando aquele tropé vinha ... fazendo ... assim como quem vem pisando ... forte (1.60) quando chegou bem  
 D - [ plôc plôc plôc plôc]  
 B - [ do lado da nossa casa ... ele ... aquele ... aquela visage (1.60) assim (parece que) trazia um PEso ... e arreou ... bem na porta da nossa casa que a rua passa bem próxima ... ela tava acordada ... ela esp/esprou pelo buraco da chave ... ( ) o cachorro começou a latir ... no quintal ... aí aquele aquele aquela visage pegou novamente aquele caixão ... botou no ombro ... e saiu direto pro cemitério ... nos moramos bem próximo do cemitério ... e deu mais um grito (1.70) aí ninguém nu/ela não viu mais nada ... depois disso...

(Pesquisador: Ana Francisca Informante: José Lisboa de Avis)

Tomaremos estas narrativas mais adiante para levantarmos problemas com relação a alguns conceitos que serão mencionados mais adiante. Por último, gostaria de ressaltar que assim como há uma heterogeneidade no que diz respeito à forma como as narrativas se apresentam, há também uma grande variedade de temas presentes no corpus que, numa observação rápida, vão desde estórias sobre os mitos da Amazônia (boto, iara, matintapereira, cobra-grande...), passando por estórias que podem ser classificadas como da ordem do maravilhoso e do fantástico (estórias de reis, princesas e rainhas, estórias de fantasmas (“visagens”) e de milagres), por fábulas (estórias sobre animais), até as experiências do cotidiano (estórias sobre os perigos que passaram, sobre fatos engraçados...).

A partir de agora, apresentaremos algumas das principais perspectivas teóricas que desenvolvem estudos sobre narrativa, e depois, passaremos à problematização de alguns critérios básicos de definição do que seja uma narrativa

Segundo Gulich & Quasthoff, “contar estórias tem sido visto como uma habilidade semiótica geral que não está confinada a uma época histórica particular, a um contexto situacional ou comunicativo particular ou a um meio particular. Como resultado, os objetos da Análise da Narrativa podem ser textos tradicionais, modernos ou textos conversacionais

cotidianos, textos orais ou escritos e também histórias sem linguagem, como aquelas que usam símbolos visuais ou figuras” (1985:169).

Antes de apresentarmos as principais perspectivas teóricas que vêm desenvolvendo estudos na área de Análise da Narrativa, pretendemos referir brevemente ao que Karen Worcman (1993) apresenta como o *enfoque cultural* que molda a concepção do que seja uma narrativa ou história. Para a autora, “a função das histórias, assim como sua forma de organização e interpretação dos fenômenos naturais vai derivar da concepção que cada grupo tem do que é processo histórico” (1993:15). Baseada em alguns estudos<sup>1</sup>, apresenta uma classificação sugerindo uma sistematização das formas através das quais os grupos sociais armam sua interpretação do que vem a ser um processo histórico. Assim, as formas narrativas podem ser consideradas como pertencendo basicamente a dois grandes grupos: *o espacial* e *o temporal*: as histórias do tipo *espacial* apresentam um “esquema no qual os eventos são ordenados de maneira coexistente” e as histórias do tipo *temporal* apresentam um “esquema no qual os eventos são ordenados de maneira seqüencial” (1993:15). A autora, no entanto, ressalta que (i) as culturas não se caracterizam por se apropriarem de uma só concepção de processo histórico, ou seja, misturam as diversas concepções de tempo e de história, privilegiando uma ou outra tendência; (ii) um de seus objetivos foi o de sugerir “algumas variações” de maneira a “demonstrar que não existe uma única forma de se conceber uma história” (Worcman, 1993:19).

É interessante observar que no corpus com o qual trabalhamos, estas variações na forma dos sentidos atribuídos à palavra “estória” revelam estas diferentes concepções do processo histórico. Nos dois exemplo abaixo, veremos que a mesma informante, em um primeiro momento, narra uma seqüência de eventos organizados seqüencialmente, cronologicamente, e, logo em seguida, concebe também como “estória” uma enumeração dos fatos que considera relevantes de serem mencionados:

- (a) B - Outra vez foi também um rapaz .. é nos contou que vinha andando lá do jogo ali na Curuzu né vinha correndo ... aí já era tarde nessa época aí os ônibus não tinham a mesma facilidade que tem hoje né ... aí de repente veio uma pessoa atrás dele correndo ei fulano espera aí ele corria ei fulano ... aí ele não parava no que ele cansava e parou que ele olhou para trás ... essa figura que vinha atrás dele não tinha rosto né ... era uma pessoa que tinha o corpo e a parte de trás da cabeça ... e não tinha o rosto parte da frente era aquilo oco né isso eu ouvi contarem também aqui em Belém essa essa coisa
- (b) B - Outra coisa que eu também ouvi falar né do fogo né ... do fogo é::: que aparece né em vários lugares da praia né inclu / se alguém não mexer com ele ele não avança são bolas de fogo que passam ... na praia de um lado para o outro né o pescador já viu é ... senhoras já viram né também ... vários é então várias bolas de fogo e eles me falaram que eles não mexem com ninguém só corre atrás das pessoas e só fica assim ... no lado das pessoas ... não pertuba nada...

(Pesquisador: Lúcia Santana Informante: Graça Santana)

Do ponto de vista lingüístico, mais especificamente, do ponto de vista da Lingüística Textual, há duas grandes linhas de interesse na abordagem dos textos narrativos: de um lado, os estudos de fenômenos lingüísticos pontuais, tais como tempo verbal, conectivos e marcadores de discurso ou sentenças iniciadoras de textos<sup>2</sup>; de um outro lado, os estudos

direcionados para teorias e metodologias que incluem modelos estruturais designados para analisar narrativas inteiras dentro do quadro teórico dos estudos de gramática textual<sup>3</sup>. Gulich & Quasthoff (1985:170-172) baseadas em uma ampla bibliografia, apresentam os mais frequentes critérios para a definição de uma narrativa:

1. Uma narrativa se refere a uma série de ações ou eventos reais ou ficcionais que ocorrem em um passado relativo ao tempo da narração<sup>4</sup>, ou seja, uma estória é um evento singular que pode ser especificado em relação a determinado um tempo e a um determinado lugar<sup>5</sup>;
2. O curso da ação ou eventos que constituem uma estória contém algum tipo de transformação ou mudança, ou seja, uma estória deve trazer em seu conteúdo algum elemento que a faça reportável<sup>6</sup>;
3. Os participantes envolvidos nas ações e eventos relatados são animados, normalmente humanos (se os participantes não são humanos, como por exemplo em fábulas ou contos de fadas, eles possuem qualidades humanas e agem como humanos);
4. Narrativas são especificadas por certas características formais. Entre estas características formais está uma específica macroestrutura que se manifesta lingüisticamente de uma determinada forma; outros tipos de marcas formais são os tempos verbais e mecanismos particulares de conexão<sup>7</sup>;
5. No caso de narrativas conversacionais, quatro características formais estão presentes: mecanismos avaliativos e expressivos; discurso direto, presente histórico e um alto grau de detalhamento; uma característica semântica própria das narrativas conversacionais é o fato de o narrador ser identificado com um dos participantes do episódio<sup>8</sup> (agente, paciente, observador...).

Labov & Waletzky (1967) consideram que uma narrativa é uma técnica verbal para recapitular experiências, na qual a seqüência dos eventos narrados deve reproduzir a seqüência dos eventos supostamente ocorridos. Para os autores, as narrativas orais de experiências pessoais são produzidas sem planejamento prévio, apresentando uma estrutura simplificada e uma unidade mínima que se compõe de duas cláusulas narrativas ligadas por uma junção temporal, onde uma inversão na ordem das cláusulas implica em uma inversão da compreensão semântica da ordem dos eventos narrados.

Nos textos de 1985 e 1986, Gulich & Quasthoff reforçam a necessidade na mudança do objeto da análise da narrativa: ao invés de estudar as narrativas como um produto acabado, formulam a proposta de tomar como objeto de análise o próprio processo de produção da narrativa, já que esta passa a ser considerada parte integral do processo interacional. Para os autores, descrever a narrativa como um processo interacional significa, em primeiro lugar, tentar analisá-la como uma atividade para a qual tanto o narrador como ouvinte contribuem. Em segundo lugar, uma abordagem interativa vê a narrativa no seu contexto interacional mais amplo; isto é, se faz necessário perguntar qual é a função da narrativa em uma determinada situação.

Isto significa levar em conta (i) que a narrativa não tem uma função intrínseca baseada em informações semânticas; ao contrário, na situação interacional, o narrador e o ouvinte atribuem uma ou mais funções à narrativa; (ii) que estrutura e função não devem ser vistas

como categorias mutuamente excludentes; ao contrário, a interrelação entre estrutura e função deve ser explicitada. Finalmente, as autoras afirmam que as postulações feitas estão baseadas em uma orientação interacional, em uma perspectiva linguístico-discursiva que, no entanto, também leva em consideração aspectos cognitivos tais como o planejamento e o processamento de uma narrativa<sup>9</sup>.

A primeira questão a ser abordada no que diz respeito as diferenças entre os modelos apresentados é o próprio conceito de narrativa. No modelo de Labov e Waletzky, a narrativa é concebida como uma seqüência de eventos cronologicamente ordenados. Gulich & Quasthoff, no entanto, admitem que os tipos de relações que podem ser estabelecidos nos esquemas narrativos são culturalmente determinados. Além disso, se para Labov e Waletzky a seqüência dos eventos narrados deve corresponder estritamente a seqüência dos eventos inferidos, no modelo proposto por Quasthoff & Nikolaus, uma diferenciação em três níveis é apresentada: a) as ações no tempo de ocorrência da estória; b) a estória cognitiva (a re/construção cognitiva de parte dos eventos reais que constituem a estória); c) as atividades de contar estórias. Sendo assim, o princípio da correspondência estrita entre fato narrado e fato acontecido é quebrado.

Além dos eventos discursivos acima transcritos, a amostra que constituímos para a elaboração deste ~~projeto~~<sup>trabalho</sup> apresenta muitos outros, como o exemplo (3), onde não está explicitada a sequenciação dos eventos no tempo, ou seja, não se estabelece uma dependência temporal explícita entre eles. No entanto, o falante classifica este seu macro-ato de fala como uma estória ("isso é uma estória", "é uma estória", "essa é uma estória antiga"<sup>10</sup>) Observando o processo de produção destes eventos discursivos, percebemos que o falante, antes ou depois de ter narrado uma estória propriamente dita, segundo os critérios mais gerais apontados nas pp. 2 e 3, pode enunciar uma série de eventos que considera reportáveis, ocorridos em um tempo passado em relação ao tempo da enunciação, mas sem estabelecer nenhuma relação temporal entre eles. Os eventos relatados são apenas coexistentes.

Isto nos leva a questionar o primeiro grande critério para que, do ponto de vista linguístico, consideremos um texto como pertencendo ao tipo narrativo: o estabelecimento, a nível textual, de uma dependência temporal entre os eventos relatados. Apesar de Quasthoff & Nikolaus (1982:20) afirmarem que os esquemas narrativos são determinados culturalmente, em estudos posteriores (Gulich & Quasthoff, 1986: 223) estabelecem uma distinção formal entre *enunciado*, *relato* e *narrativa*. Para a discussão que estamos apresentando, importa a diferença que as autoras estabelecem entre os dois últimos: *relatos* são unidades de discurso que representam um evento passado como um todo da perspectiva do presente. O *relato*, ao invés de "atomizar" os eventos (presença de um maior grau de detalhamento, como ocorre nas narrativas), apresenta um resumo daquilo que ocorreu; ao invés de trazer o discurso direto (uma das principais características das narrativas), trás o discurso indireto como principal marca formal. Assim, poderíamos, então, classificar o exemplo (2) como um relato, já que este não apresenta, pelo menos explicitamente, relações de dependência temporal entre os enunciados e também apresenta predominantemente o uso do discurso indireto. As autoras deixam claro que este tipo de padrão discursivo não pode ser considerado como

uma narrativa, mas não deixam claro qual a relação que pode ou deve estabelecer-se entre isto que elas chamam de diferentes “classes de atividades verbais”. Em outras palavras: o relato, tal como foi definido, deve ou não ser objeto da análise de narrativas? O relato pode ser considerado um tipo de narrativa?

Para que não deixemos de lado uma boa parte do corpus, procuraremos responder afirmativamente a esta pergunta. Para tanto, apresentaremos agora uma outra classificação proposta por Perroni (1992), em seu trabalho sobre o desenvolvimento do discurso narrativo na criança. Segundo a autora, “durante o processo de análise das narrativas encontradas, (...) surgiu a necessidade de caracterizar diferentes tipos de narrativas” (1992:71). Embora a classificação proposta pela autora seja uma classificação de base semântica e não-formal, ela nos aponta a possibilidade de propormos uma tipologia para as narrativas presentes no corpus: não teríamos apenas uma estrutura ideal de narrativa, que poderia ter atualizações lingüísticas que se aproximariam mais ou menos do esquema narrativo ideal; preferimos propor uma tipologia das formas narrativas como um *continuum* de configurações, que iria de uma estrutura ideal (poderíamos tomar o modelo laboviano para este lugar), até, por exemplo, estruturas mais fragmentadas, em que a relação temporal entre os eventos reportados não estivesse explicitada. A referência a um evento ocorrido em um tempo anterior ao da enunciação seria a propriedade que deveria estar presente em todos os tipos.

Este conjunto de configurações não teria um caráter estático, mas poderia ter o que Perroni (1992:126) chama de “mobilidade combinatória”. O relato, como Gulich & Quasthoff (1986) propõem, poderia ser uma dessas configurações. Além disso, apesar de estarem, por assim dizer, “à disposição” do falante, estocadas em sua memória social, estas configurações só poderiam ser verbalizadas e/ou compreendidas enquanto configurações pertencentes ao tipo narrativo no próprio ato de enunciação. É o ato de enunciação em si, com todas as suas determinações, que vai definir se uma determinada produção lingüística pertence ou não ao tipo narrativo

Sendo assim, o que caracteriza o exemplo (3) como pertencendo ao tipo narrativo é o fato de, em primeiro lugar, se referir a um evento ocorrido no passado: um fogo que apareceu na praia e que corria atrás das pessoas<sup>11</sup>. Além disso, a situação comunicativa, como definida na p. 10, define não só o tipo de interação, mas também o tipo do discurso que o informante deve enunciar. Poderia ser que o informante não estivesse cooperando e estivesse tentando “enganar” o entrevistador, mas isto não parece ser o que ocorre, dado que há a presença de marcas formais características das narrativas (verbos no perfeito: “ouvi falar”, “o pescador viu”, “as senhoras viram”; o uso do discurso indireto: “e eles me falaram que ...”) e dado também que também há a enunciação, antes e depois do exemplo mencionado, de textos que apresentam a maioria das características formais e semânticas que definem uma narrativa.

Gostariamos de problematizar agora a noção de reportabilidade. Tanto no modelo laboviano, quanto nas propostas apresentadas por Gulich, Nikolaus e Quasthoff (1985, 1986), a noção de reportabilidade dos episódios narrados apresenta-se sempre ligada a um caráter inesperado ou não-usual dos acontecimentos. Apesar de os últimos autores

ênfâtizarem a necessidade de julgar a reportabilidade do episódio narrado com relação a situação comunicativa em si, isto não parece ser suficiente para analisar situações em que os interlocutores, já compartilham não só o saber com relação aos possíveis temas a serem narrados (no caso, já se espera que algumas estórias possam ser sobre os mitos da Amazônia), mas também já compartilham dos conflitos e das possíveis formas de resolução destes conflitos. O que parece ser importante aqui é o próprio ato de narrar em si e por si.

Isto acontece também acontece no caso da situação em que narramos estórias para as crianças antes de elas dormirem ou em outro momento de seu cotidiano. Muitas vezes, a própria criança pede que lhe seja narrada “aquela do ...”, que ela já conhece do início ao fim. Neste caso, uma das explicações pode ser a que Perroni, (1992:74) aponta: as estórias apresentam um forte princípio estruturador (no sentido amplo de conflito/resolução). Assim, as crianças poderiam a começar a lidar com a resolução de problemas e, nesse caso, o ato de contar estórias parece ter uma função educativa.

No caso de contextos em que esta mesma situação se repete com adultos<sup>12</sup>, parece possível postular que, nestes casos, os participantes, além de estabelecerem a interação com um objetivo informacional, também desejam reforçar as situações comunicativas em que o ritual de narrar estórias oralmente seja cumprido (como se o locutor inaugurasse este ato dizendo o seguinte enunciado “âgora, prestem atenção, eu vou narrar uma estória”) e repetido. Assim, o ato de narrar faria parte de uma atitude de valorização da tradiçâo oral por parte dos interlocutores neste tipo de interaçâo.

## **Bibliografia**

GÜLICH, E. & QUASTHOFF, U. M. (1986), “Story-telling in Conversation: Cognitive and Interactive Aspects”, *Poetics*, vol 15: 217-241, North-Holland, Elsevier Science Publishers B V.

GÜLICH, E. & QUASTHOFF U. M. (1985), “Narrative Analysis”, *Handbook of Discourse Analysis*, vol. 2: 169-197, London, Academic Press.

KOCH, I. G. V (1992), *A Interaçâo pela Linguagem*, São Paulo, Contexto.

LABOV, W. (1972), “The Transformation of Experience in Narrative Syntax”, *Language in the inner city: Studies in the Black English Vernacular*, pp. 354 - 396. Philadelphia. PA: University of Pennsylvania Press.

LABOV, W. & WALETZKY, J. (1967), “Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience”, *Essays on the verbal and visual arts*, 12-44, Seattle/London, University of Washington Press.

PERRONI, M. C. (1992), *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo, Martins Fontes.

QUASTHOFF, U. M. & NIKOLAUS (1982), "What Makes a Good Story? Towards the Production of Conversational Narratives", *Discourse Processes*, pp. 16-28, Amsterdam, North Holland Publishing Company.

WORCMAN, K. (1993), *Modelos de Narrativa: Avaliação, Análise e Aplicação em Histórias de Imigrantes*, Dissertação de Mestrado, UFRJ.

---

<sup>1</sup>Em sua dissertação, a autora discute a seguinte bibliografia: Eliade (1969), Lee (1949, 1973) e Szamozi (1988).

<sup>2</sup>As autoras indicam a seguinte bibliografia a respeito dessas abordagens: Weinrich, 1971; Gulich, 1970; Rychner, 1970, 1971; Stempel, 1964, 1971; Harweg, 1968.

<sup>3</sup>As autoras indicam a seguinte bibliografia a respeito dessas abordagens: Labov e Waletzky, 1967; Van Dijk, 1972.

<sup>4</sup>Ver Van Dijk, 1972.

<sup>5</sup>No que diz respeito a esta última restrição, as autoras afirmam que esta não se aplica a bibliografias, crônicas ou novelas.

<sup>6</sup>Ver Van Dijk, 1972; Labov, 1972.

<sup>7</sup>As autoras indicam a seguinte bibliografia sobre estas questões: Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972; Weinrich, 1971.

<sup>8</sup>Ver Gulich & Quasthoff, 1985.

<sup>9</sup>Ver Gulich & Quasthoff, 1985, p. 176.

<sup>10</sup>Ver anexo 1

<sup>11</sup>Note-se bem que a partir do exemplo acima mencionado, produzimos um enunciado sintaticamente organizado na fórmula A e B; a nossa compreensão do texto como um todo, resumida nesta organização sintática, não só está determinada culturalmente, mas também foi construída a partir da própria organização seqüencial do texto; no entanto, apesar de estar organizada de maneira a mostrar a dependência temporal entre a primeira e a segunda cláusula, isto não parece ser uma característica em si da narrativa, como foi problematizado na parte 2 deste projeto.

<sup>12</sup>No exemplo (5), em que um dos interlocutores (D), escolhe o tema, e outro (A) define qual estória o narrador deve contar e que estaria dentro do tema proposto por (D), não nos parece que apenas o episódio (com seu grau de reportabilidade) seja predominantemente importante nesta situação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PROGRAMA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS  
ORAIS POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE.

PROJETO: AS FORMAS NARRATIVAS ORAIS POPULARES  
DA AMAZÔNIA PARAENSE: A CONSTRUÇÃO DE UM BANCO DE DADOS  
PARA ÁREA DE LINGÜÍSTICA.

PROFESSORAS RESPONSÁVEIS:

Anna Christina Bentes da Silva (Mestre em Linguística)  
Telma de Carvalho Lobo (Doutora em Filologia Românica)

## 1. INTRODUÇÃO

O programa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense" iniciou-se em março de 1993 com o objetivo mais geral de registrar, confrontar e recuperar as narrativas populares e a presença do imaginário e suas manifestações na vida do amazônico paraense. A coleta de dados teve início em agosto de 1993 e o corpus se constitui atualmente de 2.740 narrativas transcritas. Em função deste número elevado de texto coletados pretendemos, a princípio, para a área de Linguística, organizar uma amostra representativa do material. Em seguida, deve-se proceder a transcrição segundo o modelo da Análise da Conversação e a informatização dos textos que constituirão a amostra.

## 2. JUSTIFICATIVA

A construção de um banco de dados representativo da fala urbana e rural paraense tornou-se uma necessidade imperiosa, dada a carência de informações no que diz respeito a forma e ao funcionamento das variedades lingüísticas presentes na região. Apesar de já terem sido realizados estudos sobre alguns aspectos das variedades regionais (Miranda: 1968, Vieira: 1983, Nina: 1991, e Trindade: 1992), a fala desta região ainda não foi devidamente documentada a ponto de permitir uma abordagem mais geral e sistemática da modalidade oral em seus diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo.

Embora o corpus a ser organizado e analisado seja formado basicamente por narrativas, que constituem apenas uma das formas de manifestação da oralidade, acreditamos que, pela própria complexidade e diversidade destas formas narrativas, seja possível proceder diferentes tipos de análises lingüística, como por exemplo, a análise sintática sob diferentes pontos de vista teóricos.

Além disso, a importância deste sub-projeto justifica-se também pela necessidade de a região amazônica integrar-se ao banco de dados lingüísticos nacional que está sendo organizado pelo Departamento de Língua Portuguesa e de Lingüística da Universidade Estadual de São Paulo (USP) e que pretende se constituir em uma rede informatizada de dados lingüísticos, aos quais teriam acesso pesquisadores da Área de Lingüística e outras áreas da ciência. Deve se destacar ainda que este será um trabalho pioneiro de documentação do português falado na Região Norte.

Nesse sentido, esperamos com este sub-projeto ampliar e solidificar a formação de recursos humanos e contribuir para o desenvolvimento de linhas de pesquisa na área de Lingüística.

Por último, os resultados deste trabalho deverão ser apresentados na forma de artigos e de trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e divulgados em encontros nacionais e congressos de profissionais da área de Letras e de outras áreas afins. Pretendemos também publicar as melhores produções em revistas e periódicos científicos.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Geral**

- Construir um banco de dados para área de Lingüística a partir do corpus do programa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense".

#### **3.2 Específicos**

- Organizar o corpus do Programa (narrativas gravadas em Belém);
- Selecionar textos que constituirão o banco de dados;
- Proceder a transcrições dos textos selecionados com base no modelo proposto pela Análise Conversacional;
- Informatizar os textos selecionados e transcritos.

### **4. METODOLOGIA**

Em um primeiro momento, deveremos organizar o corpus do programa de uma maneira mais geral. Para que possamos construir uma amostra representativa a partir do conjunto de narrativas que constituem o corpus do programa, se faz necessário que tenhamos informações mais precisas sobre este universo. Sendo assim, deveremos seguir os seguintes passos para executar o levantamento dessas informações:

#### **1. Separação e quantificação do material recolhido:**

Narrativas x Não-Narrativas (adivinhações, estórias copiadas mas não gravadas)

2. Levantamento de caráter sócio-lingüístico sobre cada bairro em que foram gravadas as narrativas:

2.1 Quantificação do número de informantes por bairro;

2.2 Separação das narrativas produzidas por pessoas que moram no bairro há pelo menos cinco anos daquelas que apenas foram gravadas naquele bairro.

3. Organização das narrativas a partir dos seguintes critérios:

a) tamanho/duração da narrativa;

b) grau de interferência do entrevistador;

c) tema

Em um segundo momento, devemos selecionar os textos para a composição do banco de dados levando em consideração três critérios básicos: a) tamanho do texto; b) maior ou menor interferência do entrevistador no momento da produção dos textos (critérios formais); e c) temas explorados nos textos (critérios semânticos).

Estes critérios foram formulados a partir de uma observação superficial dos dados: o critério tamanho do texto parece bastante relevante porque quando é pedido ao informante que relate algum tipo de acontecimento julgado por ele importante de ser mencionado, ele pode ter duas atitudes: ou contar uma estória só, de dez minutos de duração, correspondendo aproximadamente a duas páginas de transcrição, ou contar uma estória longa, correspondendo a uma hora de gravação, o que resulta em no mínimo em 06 (seis) páginas de transcrição. Este fator, o tempo de duração de uma estória pode se constituir em um elemento de grande importância para as análises e a sistematização dos dados.

O critério de maior ou menor interferência do entrevistador no momento da produção do texto também parece ser uma marca formal relevante porque dependendo do grau de interferência do entrevistador, o texto pode apresentar variações no que diz respeito à sua natureza interativa, com uma maior ou menor possibilidade de monitoração, por parte do entrevistador, da produção textual oral do entrevistado.

Os temas presentes nos textos também se constituem em um critério importante para a organização dos dados. A partir de um contato superficial com os dados, foi observado que os informantes, ao serem indagados sobre a possibilidade de narrarem uma estória, podem narrar fatos de natureza bastante diversa: narrativas folclóricas, experiências do cotidiano, narrativas de caráter humorístico, etc.. Cruzando este critério com as variáveis sócio-lingüísticas de idade, sexo, classe social e grau de escolaridade, talvez seja possível determinar quais os temas mais genericamente preferidos pelos informantes.

Pretendemos compor o banco de dados com 30% do número total das narrativas orais gravadas na cidade de Belém, o que corresponde a aproximadamente 800 narrativas.

Em um terceiro momento, procederemos a transcrição segundo o modelo proposto pela Análise da Conversação, que considera importantes de serem marcados fenômenos típicos da oralidade, tais como a silabação das palavras, as pausas (breves ou longas), a imitação da prosódia do outro ou de sua própria prosódia, superposição de vozes, prolongamento de vogais, truncamentos, comentários descritivos do transcritor, etc.

Pretendemos que nesta fase cada bolsista transcreva 15 narrativas por mês, totalizando 90 narrativas transcritas por bolsista ao final do projeto.

Por último, deveremos proceder a informatização das transcrições realizadas, utilizando basicamente o editor de textos Word for Windows, versão 6.0. Nesta fase, os bolsistas deveram digitar pelos menos 40 narrativas por mês.

## 5. CRONOGRAMA

### Agosto

Leituras orientadas da bibliografia obrigatória visando à preparação dos bolsistas para a transcrição e seleção dos textos.

### Setembro/Outubro

Organização geral do corpus do programa.

### Novembro a Abril

Seleção e transcrição das narrativas que constituirão o banco de dados.

### Maió/Junho

Informatização das narrativas selecionadas para o banco de dados.

### Julho

Elaboração de relatório final sistematizando as observações feitas sobre as narrativas ao longo de 11 meses em contato com o corpus.

## 6. ORÇAMENTO

### 6.1 Material de Consumo

- Papel Chamex	5 resmas
- Disquetes p/ computador	4 caixas
- Papel Almaco	5 resmas
- Papel A4	5 resmas
- Formulário contínuo	2 caixas (3.000 fls. cada)
- Canetas	2 dúzias
- Corretor fluido	8 unidades
- Fitas Cassete	10 caixas (60 min.)
- Lápis	2 dúzias
- Borrachas	8 unidades

- Clips	8 caixas
- Etiquetas	8 cartelas
- Cola Polar	8 unidades
- Grampos	8 caixas
- Pastas de arquivo	25 unidades

Valor aproximado: R\$ 800,00

### 6.2 Material Permanente

- Grampeador	2 unidades
- Furador	1 unidade
- Gravador tipo repórter	3 unidades
- Gravador profissional (Sony)	4 unidades

Valor aproximado: R\$ 1.500,00

### 6.3 Outros Elementos de Despesa

- Passagens aéreas (Belém-São Paulo-Belém)	2 passagens
- Hospedagem	06 dias
- Pagamento de consultoria	48 horas

Valor aproximado: R\$ 2.500,00

VALOR TOTAL: R\$ 4.800,00

## 7. BIBLIOGRAFIA

ATALIBA, A.T. (org. 1990) Gramática do Português Falado. Volume I: a ordem. Campinas: Editora da Unicamp.

BAKHTIN, M. (1986) Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo. Hucitec.

BEAUGRANDE, Robert & COLBY, Benjamim (1979) Narrative Models of Action and Interaction. *Cognitive Science*, 3, 43-66.

BROWN G. & YULE G. (1987) Discourse Analysis. Cambridge, Cambridge University Press.

CHAFE, Wallace (1980) The Pear Stories: Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects Narrative of Production. New Jersey, Ablex Publishing Corporation.

- DIONÍSIO, A. P. (1992) A Interação nas Narrativas Oraís. Dissertação de Mestrado Apresentada a Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- FAVERO, L.L. & KOCH, I. G. V. (1988) Linguística Textual: introdução. São Paulo, Cortez Editora.
- GRICE, H. P. (1982) "Lógica e Conversação": In: DASCAL, Marcelo. Fundamentos Metodológicos da Linguística. Campinas, Ed. do Org., IV.
- GULICH, E. & QUASTHOFF, Uta M. (1985) "Narrative Analysis". In: VAN DIJK, Teun. Handbook of Discourse Analysis. London, Academic Press, IV, 169-197.
- ILARI, R. (org. 1992) Gramática do Português Falado. Volume II: Níveis de Análise Linguística. Campinas, Editora da Unicamp.
- KOCH, I. G. V. (1987) Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez Editora.
- KOCH, I. G. V. (1992) A Inter-Ação pela Linguagem. São Paulo, Editora Contexto.
- LABOV, William (1972a.) Sociolinguistic Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William & Waletzky, Joshua (1967) "Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience". In: Essays on the Verbal and Visual Arts. Seattle, University of Washington Press.
- LABOV, William (1972) "The Transformation of Experience in Narrative Syntax". In: Language in the Inner City. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) Análise da Conversação. São Paulo, Ática.
- MIRANDA, V. C. de (1968) Glossário Paraense. Belém, Universidade Federal do Pará.
- OSAKABE, H. (1979) Argumentação e Discurso Político. São Paulo, Kairos.
- POSSENTI, S. (1988) Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo. Martins Fontes.
- TARALLO, F. (1986) A Pesquisa Sociolinguística. São Paulo, Ática.